



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

KARINE MOURA DE FARIAS BORGES

**A PEDAGOGIA TERAPÊUTICA DE JOÃO DOS SANTOS E AS
CONTRIBUIÇÕES DE MARIA AMÁLIA BORGES DE MEDEIROS - CAMINHOS
DE LUTA, AFETO E CONQUISTAS**

FORTALEZA

2022

KARINE MOURA DE FARIAS BORGES

A PEDAGOGIA TERAPÊUTICA DE JOÃO DOS SANTOS E AS CONTRIBUIÇÕES DE
MARIA AMÁLIA BORGES DE MEDEIROS - CAMINHOS DE LUTA, AFETO E
CONQUISTAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em educação. Área de concentração: Educação brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Botelho Albuquerque

FORTALEZA-CE

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- B732p Borges, Karine Moura de Farias.
A pedagogia terapêutica de João dos Santos e as contribuições de Maria Amália Borges de Medeiros-
caminhos de luta, afeto e conquistas / Karine Moura de Farias Borges. – 2022.
187 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação
em Educação, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. Luiz Botelho Albuquerque.
1. João dos Santos. 2. Maria Amália Borges. 3. Pedagogia Terapêutica. 4. Afeto. 5. Psicanálise. I.
Título.

CDD 370

KARINE MOURA DE FARIAS BORGES

A PEDAGOGIA TERAPÊUTICA DE JOÃO DOS SANTOS E AS CONTRIBUIÇÕES DE
MARIA AMÁLIA BORGES DE MEDEIROS - CAMINHOS DE LUTA, AFETO E
CONQUISTAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em educação. Área de concentração: Educação brasileira.

Aprovada em: 11 / 07 / 2022 .

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luis Botelho Albuquerque
Universidade Federal do Ceará - (UFC)

Profa. Dra. Eliane Dayse Pontes Furtado.
Universidade Federal do Ceará - (UFC)

Profa. Dra. Ana Cláudia Uchôa Araújo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - (IFCE)

Profa. Dra. Cassandra Ribeiro Joye
Universidade federal do Ceará - (UFC)

Profa. Dra. Elisângela André da Silva Costa
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - (UNILAB)

A todas as crianças do mundo, que seja-lhes preservado o direito à educação.

À Maria Amália Borges, João dos Santos e a todos os educadores e profissionais que acreditam na força da educação baseada no afeto e no respeito às diferenças.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Aos meus pais e irmãos, por me incentivarem e acreditarem no meu potencial, por todas as horas dedicadas de carinho, apoio e de ensinamentos sobre a importância de sonhar e acreditar na realização dos sonhos para uma vida feliz.

Ao companheiro de vida Daniel, por toda a parceria, o apoio e compreensão nesse caminho de realização da tese.

Às minhas crianças amadas, Daniel e Lara, por me proporcionarem a descoberta do amor incondicional e sua força que atravessa todos os conhecimentos de forma avassaladora, nos mostrando o que há além das nuances do racional. Por vocês continuo buscando uma educação que torne o mundo melhor.

À minha Tia Raimunda Moura Lima (Tibinha), com quem aprendi como a educação e a força na busca dos sonhos, são capazes de fazer a diferença.

Ao professor Dr. Luiz Botelho, por sua generosidade e acolhida que foram essenciais para a conclusão dessa tese. Suas palavras serenas de incentivo foram decisivas para recuperar o ânimo e concluir a processo de escrita.

À professora Dra. Ana Claudia Uchoa, mulher incrível, competente e educadora exemplar, as suas experiências relatadas de forma carinhosa e suas orientações trouxeram um olhar de muitas possibilidades que se abriram e me fizeram continuar.

À professora Dra. Cassandra Ribeiro Joye, muito grata por sua generosidade e contribuição na nossa banca de defesa.

À professora Dra. Elisangela André, uma talentosa profissional, sensível e poética, sempre disposta a compartilhar seus conhecimentos, sua genialidade com a escrita de uma forma carinhosa. O reencontro com você foi fundamental para ter coragem de colocar meu coração no trabalho através da minha experiência e dos meus valores que você já conhecia e me incentivou carinhosamente a me lembrar.

À professora Dra. Eliane Daise, por toda a sua contribuição desde a minha formação acadêmica durante o mestrado, e que mais uma vez foi fundamental para a conclusão dessa tese. Sinto-me presenteada por ter a oportunidade de contar com as observações de quem foi pioneira nas incursões internacionais para a pesquisa e reuniu uma valiosa bagagem de conhecimentos sobre a educação.

À professora Dra. Suzana Maria Capelo Borges, que é exemplo de mulher, mãe, psicóloga e educadora. Obrigada por segurar na minha mão em todos os momentos, sem seu apoio e incentivo não teria sido capaz de concluir esse processo.

Ao professor Hermínio Borges Neto, que assim como os educadores mencionados nessa tese construiu um legado valioso na UFC, o laboratório de Pesquisas Multimeios, que é resultado de seu pensamento moderno e sua habilidade de reunir pessoas em torno de um projeto grandioso de educação e inclusão digital como elo de conhecimento e mudanças de paradigmas da educação presencial e a distância.

Ao querido amigo e mestre Olivenor Chaves, que é um excelente mestre da vida e da pesquisa. Obrigada por suas orientações e ajuda em encontrar os caminhos de expressar as ideias através da História Oral e da linguagem que fala da alma e do respeito por toda a experiência narrada. O seu conhecimento e sua forma de ensinar é uma fonte de enriquecimento e mudança da forma como ensinar história em todo o vale do Jaguaribe. A Fafidam - Uece tem o privilégio de contar com seu trabalho.

À professora Dra. Patrícia Holanda, por ter me proporcionado o conhecimento das ideias de João dos Santos e Maria Amália Borges através das suas publicações e orientações de pesquisas sobre a Pedagogia Terapêutica e por sua contribuição na divulgação dessas ideias no Brasil.

Ao professor Dr. Gisafran Jucá, mestre sensível, exemplo de professor que com sua bondade e serenidade nos trouxe tantos ensinamentos sobre a pesquisa qualitativa, a forma de trabalhar de forma interdisciplinar e tantas outras paixões que compartilha durante suas aulas maravilhosas.

À professora Dra. Socorro Lucena, por seus incentivos e orientações antes da vinda para Montreal.

Ao professor Luis Grijó dos Santos, por sua gentileza e disponibilidade de compartilhar as ideias de seu pai João dos Santos, que devem continuar a ganhar o mundo e poder ser fonte de inspiração para muitos profissionais. Por sua presença e atenção na organização e incentivo que foram indispensáveis para a realização das entrevistas em Lisboa.

À professora Dra. Lis de Maria, que esteve presente por ocasião da pesquisa de campo em Lisboa e durante a trajetória do doutorado compartilhando seus conhecimentos e orientações de pesquisadora e educadora sensível às experiências inovadoras de educação.

Às queridas Ângela e Monalisa, por todo o carinho e apoio de infraestrutura através do laboratório Multimeios. O profissionalismo e a competência de vocês fazem a diferença, obrigada!

À Lara Saldanha, querida amiga, também tesouro do Laboratório de Pesquisas Multimeios. Por todo o seu apoio nas questões tecnológicas, sua amizade, e prontidão para ajudar sempre.

À Daniele Xavier, que esteve junto na execução do curso Introdução às ideias de João dos Santos. Sua calma e paciência são valiosas expressões de cuidado.

À Jéssica Castro, por toda a gentileza e apoio.

À querida Silvia Sales, companheira de doutorado, de partilha e de muitos desafios, que bom poder ter te encontrado nesse caminho.

À querida amiga Alda Margarete, por todo o apoio e incentivo durante a trajetória desse doutorado.

À amiga Regiane Araújo, grata pelo companheirismo, incentivo e o apoio na pesquisa de campo em Lisboa e nas descobertas da Pedagogia Terapêutica.

À Maria de Jesus de Araújo Ribeiro, grata por sua amizade, seu carinho e apoio em todos os momentos. Com você aprendi a importância da luta por uma educação Infantil de qualidade, como direito de todas as crianças do mundo. Seus ensinamentos me tornaram uma profissional mais sensível e atenta a causa das crianças.

À Rita Florentino, por todo o apoio em todas os momentos de dificuldades e por todos os ensinamentos ao longo da vida. Suas bênçãos me guiam em todos os caminhos sempre.

À Carolina Oliveira Serpa agradeço seu apoio na revisão e escrita das entrevistas. Sua amizade e seu incentivo me ajudaram muito nesse processo de escrita.

Aos amigos do Canadá, que vibraram com todas as minhas conquistas e me apoiaram em todos os desafios. Por todos os momentos de escuta e alegria que me presenteiam com sua amizade.

Às amigas Alesandra, Juliana, Kelma, Roberta e Vivianne por estarem sempre presentes, apoiando e torcendo pelo meu sucesso.

À Isabel Pereira, que com sua história de vida, de mulher, educadora que acredita no direito das crianças a aprenderem a pensar e questionar. Seu exemplo nos ensinou bastante, obrigada por compartilhar sua linda história.

À Isabel Beirão, por sua disponibilidade e gentileza em nos guiar pelo Colégio Eduardo Claparède nos fez entender a grandiosidade da Pedagogia Terapêutica e sua luta por uma educação especializada de qualidade.

À Isabel Vaz de Pereira, que nos demonstrou sua paixão por seu projeto de trabalho que ajudou e ajuda muitas crianças. Grata por sua receptividade e gentileza que nos encantou.

À Manuela Cruz, educadora que através da arte e da sensibilidade empenhou projetos maravilhosos. Sua serenidade e cuidado em nos receber em sua residência e nos contar sobre seu trabalho e sua vida nos marcou enormemente e nos fez continuar nessa jornada.

À Maria Eugénia de Carvalho e Branco, simpatia e vibração a definem. Agradeço pelas caminhadas através das ruas de Lisboa enquanto me explicava sobre a história da cidade dos filósofos, dos Santos e de João dos Santos, seu querido objeto de estudo que se também me cativou com sua genialidade.

À prof. Dra. Paula Santos Lobo, educadora admirável. Obrigada por sua receptividade em nos apresentar o Jardim Infantil Pestalozzi, essa escola alegre, viva, e cheia de registros que remetiam as memórias de seu pai o Joao dos Santos e o alcance da Pedagogia Terapêutica para a educação de crianças.

Ao professor João Costa, pela acolhida e gentileza em compartilhar as experiências ao lado de João dos Santos e por nos receber com tanto carinho em sua residência em Portugal.

À toda a equipe do Colégio Eduardo Claparède em Lisboa que nos abriu suas portas e compartilhou seu excelente trabalho.

COMO SE EDUCA

Educa-se com o sentir e não com a inteligência.

Só se educa inteligentemente se se educa pelo coração e com Amor.

De amor pelas crianças só são capazes aqueles que amam a criança que neles habita (SANTOS, 1991, p. 308).

RESUMO

A presente tese objetivou compreender as bases teórico-metodológicas que permearam as ideias de João dos Santos, médico, psicanalista e educador português, assim como a circulação de suas ideias em diferentes contextos e temporalidades. Sua teoria tem uma sólida base na Psicanálise e influências da Psicologia Genética, além da Psicopedagogia, cuja convergência representa mais do que um postulado teórico ao se alimentar de uma compreensão ética e humanista do ser humano. Partiu da seguinte questão-problema: qual o legado construído por João dos Santos, e as contribuições de Maria Amália Borges para a inovação teórico-metodológica dos processos de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, das práticas pedagógicas? Ancorou-se nos pressupostos metodológicos da História Oral, através da realização de entrevistas em um contexto relacional entre pesquisadora e entrevistadas, seguida da transcrição literal dos conteúdos de cada uma das entrevistas realizadas com educadoras, colaboradoras e importantes agentes para a divulgação e aprofundamento da obra de João dos Santos. A pesquisa empírica buscou colher conteúdos acerca das experiências vividas por João dos Santos em Portugal e na França, especialmente na cidade de Paris, assim como fazer um inventário da extensão do seu legado na cidade de Montreal, no Canadá, na pessoa de Maria Amália Borges. Em Portugal, especificamente na cidade de Lisboa, utilizamos a metodologia de entrevistas semiestruturadas com familiares, especialistas e colaboradoras de João dos Santos, onde pudemos conhecer lugares por onde João dos Santos trabalhava, transitava, especialmente nas instituições por ele foram fundadas, como o Jardim Infantil Pestalozzi, em 1955, e o Colégio Eduardo Claparède, em 1954. O estudo parte, especialmente, dos seguintes autores: João dos Santos (1982, 1991, 2013, 2014, 2016, 2017), Maria Eugênia Carvalho e Branco (2013, 2010), Paula Santos Lobo (1994, 2016), Manuela Cruz (1994, 2016), Patrícia Holanda (2016, 2017, 2018, 2019), Maria Isabel Vieira Pereira (1989, 2013, 2014), Maria Amália Borges de Medeiros (1970, 1975, 1977). O estudo revela que a Pedagogia Terapêutica trouxe imensas inovações para a educação de crianças e que a parceria entre Maria Amália Borges e João dos Santos baseadas nas concepções modernas de criança, de mundo, e de educação deixou um legado que nos torna capaz de ainda sonhar com uma educação que incida na formação do sujeito de uma forma cuidadosa e afetiva.

Palavras-chave: João dos Santos; Maria Amália Borges; pedagogia terapêutica; afeto, psicanálise.

ABSTRACT

This thesis aimed to understand the theoretical and methodological bases that permeated the ideas of João dos Santos, Portuguese physician, psychoanalyst, and educator, as well as the circulation of his ideas in different contexts and temporalities. His theory has a solid base in Psychoanalysis and influences from Genetic Psychology, as well as from Psychopedagogy, whose convergence represents more than a theoretical postulate as it feeds on an ethical and humanistic understanding of the human being. It started from the following question-problem: what is the legacy built by João dos Santos and the contributions of Maria Amália Borges for the theoretical and methodological innovation of the teaching and learning processes and, consequently, of the pedagogical practices? It was based on the methodological assumptions of Oral History, through interviews conducted in a relational context between researcher and interviewees, followed by the literal transcription of the contents of each of the interviews conducted with educators, collaborators and important agents for the dissemination and deepening of João dos Santos' work. The empirical research sought to gather contents about João dos Santos' experiences in Portugal and France, especially in the city of Paris, as well as to make an inventory of the extension of his legacy in the city of Montreal, Canada, in the person of Maria Amália Borges. In Portugal, specifically in the city of Lisbon, we used the methodology of semi-structured interviews with João dos Santos' family members, specialists, and collaborators, where we could get to know the places where João dos Santos worked and traveled, especially in the institutions he founded, such as the Pestalozzi Kindergarten, in 1955, and the Eduardo Claparède School, in 1954. The study starts, especially, from the following authors: João dos Santos (1982, 1991, 2013, 2014, 2016, 2017), Maria Eugênia Carvalho e Branco (2013, 2010), Paula Santos Lobo (1994, 2016), Manuela Cruz (1994, 2016), Patrícia Holanda (2016, 2017, 2018, 2019), Maria Isabel Vieira Pereira (1989, 2013, 2014), Maria Amália Borges de Medeiros (1970, 1975, 1977). The study reveals that Therapeutic Pedagogy brought immense innovations to the education of children and that the partnership between Maria Amália Borges and João dos Santos, based on modern conceptions of the child, of the world, and of education, left a legacy that makes us able to still dream of an education that focuses on the formation of the subject in a caring and affective way.

Keywords: João dos Santos; Maria Amália Borges; therapeutic pedagogy, affection; psychoanalysis.

RÉSUMÉ

Cette thèse visait à comprendre les bases théoriques et méthodologiques qui ont influencé les idées de João dos Santos, médecin, psychanalyste et éducateur portugais, ainsi que la circulation de ses idées dans différents contextes et temporalités. Sa théorie a une base solide dans la psychanalyse et des influences de la psychologie génétique, en plus de la psychopédagogie, dont la convergence représente plus qu'un postulat théorique car elle se nourrit d'une compréhension éthique et humaniste de l'être humain. L'enquête est partie de la question problématique suivante: quel est l'héritage construit par João dos Santos et les contributions de Maria Amália Borges pour l'innovation théorique et méthodologique des processus d'enseignement et d'apprentissage et, par conséquent, des pratiques pédagogiques? La recherche a été ancrée dans les hypothèses méthodologiques de l'histoire orale, à travers des entretiens dans un contexte relationnel entre chercheur et personnes interrogées, éducateurs, collaborateurs et agents importants pour la diffusion et l'approfondissement du travail de João dos Santos et Maria Amália Borges. La recherche empirique visait à recueillir du contenu sur les expériences vécues par João dos Santos au Portugal et en France dans la ville de Paris, ainsi qu'à faire un inventaire de l'étendue de son héritage dans la ville de Montréal, au Canada, dans la personne de Maria Amália Borges. Au Portugal, dans la ville de Lisbonne, nous avons réalisé une partie de notre méthodologie de recherche à travers des entretiens avec des membres de la famille, des spécialistes et des collaborateurs de João dos Santos. Au cours de notre séjour dans la capitale historique portugaise, nous avons pu découvrir les lieux importants pour la pédagogie thérapeutique comme, le Jardin de l'enfant Pestalozzi (1955) et L'école Eduardo Claparède (1954). Comme références bibliographiques, nous nous sommes basés notre étude, en particulier chez les auteurs suivants : João dos Santos (1982, 1991, 2013, 2014, 2016, 2017) Maria Eugênia Carvalho e Branco (2013, 2010), Paula Santos Lobo (1994, 2016), Manuela Cruz (1994, 2016), Patrícia Holanda (2016, 2017, 2018, 2019), Maria Isabel Vieira Pereira (1989, 2013, 2014), Maria Amália Borges de Medeiros (1970, 1975, 1977). Entre autres résultats, notre étude nous a fait comprendre que la Pédagogie Thérapeutique apportait d'immenses innovations à l'éducation des enfants. La contribution et le partenariat entre Maria Amália Borges et João dos Santos basés sur des conceptions modernes des enfants, du monde, de l'éducation nous ont laissé un héritage qui nous rend capables de rêver encore d'une éducation qui se concentre sur la formation du sujet dans une attention et de manière affective.

Mots Clés: pédagogie thérapeutique; João dos Santos; psychanalyse; affect; Maria Amália Borges.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Muro que rodeava o jardim central da Escola Jardim Infantil Pestalozzi	46
Figura 2- Regras de comportamento e para a utilização da Escola Jardim Infantil Pestalozzi	47
Figura 3- Sala da direção da Escola Jardim Infantil Pestalozzi	48
Figura 4- Estátua de João dos Santos, localizada no Jardim das Amoreiras	51
Figura 5- Momentos de João dos Santos, em 1948, no Jardim de Luxemburgo, Paris	82
Figura 6- André Berge e João dos Santos no Seminário Higiene Mental na Escola	102
Figura 7- Visita ao Colégio Eduardo Claparède	138
Figura 8- Artes de crianças do Colégio Eduardo Claparède	139
Figura 9- Maria Amália Borges de Medeiros	149
Figura 10- Casa que pertenceu a Maria Amália Borges, localizada em Lisboa, onde funcionou a “Escolinha”	152
Figura 11- Carta de Maria Amália Borges à João dos Santos enviada de Paris em maio de 1955.....	157
Figura 12- Texto utilizado no Centro Infantil Helen Keller	160
Figura 13- Livros exibidos por Manuela Cruz em sua residência durante a entrevista em maio de 2018.....	163
Figura 14- Exemplar da Tese em Homenagem à Maria Amália Borges, localizada na Biblioteca Da Université de Montreal, 2019, Canadá	175
Figura 15 – Texto de Maria Amália no jornal <i>Le Devoir</i> de Montreal.....	175

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	32
2.1	Pesquisa Qualitativa, a ampliação da experiência em si	32
2.2	A perspectiva da Educação Comparada e a Mobilidade da pesquisa	33
2.3	A História Oral como recurso de conhecimento da realidade	36
2.4	A Pedagogia Terapêutica nas vozes das nossas entrevistadas	41
2.4.1	<i>Paula Santos Lobo</i>	42
2.4.2	<i>Maria Eugénia Carvalho e Branco</i>	50
2.4.3	<i>Maria Manuela Cruz</i>	52
2.4.4	<i>Maria Isabel Vieira Pereira</i>	53
2.4.5	<i>Maria Isabel Vaz Pereira</i>	55
3	JOÃO DOS SANTOS: O HOMEM, O MÉDICO E O HUMANISTA PORTUGUÊS	58
3.1	O Homem João dos Santos- as influências teóricas e políticas na criação da Pedagogia Terapêutica	58
3.1.1	<i>As influências da Psicanálise na vida e no trabalho de João dos Santos dentro de uma nova perspectiva na Saúde e na Educação em Portugal</i>	70
3.2	O Médico João dos Santos- vivências como médico psiquiatra de hospitais públicos	83
3.3	O Humanista João dos Santos – o republicano, democrata e leitor da subjetividade humana	85
4	A PEDAGOGIA TERAPÊUTICA EM AÇÃO	105
4.1	Educação, saúde mental e cidadania: horizontes da Pedagogia Terapêutica	105
4.2	Inovações através da educação e da arte em tempos de repressão na cidade de Lisboa	117
4.3	A contemporaneidade das ideias de João dos Santos	136
5	A PARCERIA ENTRE JOÃO DOS SANTOS E MARIA AMÁLIA BORGES	147
5.1	A educadora Maria Amália Borges	147
5.2	A perseguição do regime salazarista e a emigração para Montreal	165
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	176
	REFERÊNCIAS	184

1 INTRODUÇÃO

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”
(FREIRE, 1987, p. 78).

Esta pesquisa, realizada no âmbito do Doutorado em Educação, intitulada *A Pedagogia Terapêutica de João Dos Santos e as Contribuições de Maria Amália Borges de Medeiros - Caminhos de Luta, Afeto e Conquistas*, surge a partir do interesse nas relações estabelecidas entre a criança, o professor e os profissionais no campo da educação, reiterando que seus efeitos são de extrema relevância para o desenvolvimento humano, para a identidade do profissional e, por conseguinte, para a sociedade. O trabalho de estudo e pesquisa realizado no doutorado foi dedicado ao estudo das contribuições e inovações da Pedagogia Terapêutica desenvolvida por João dos Santos, suas incursões e especialmente a parceria entre eles que me acrescentou enormemente tanto como profissional, mas, sobretudo, como pessoa.

Em toda minha trajetória de vida deparei-me com as consequências e a importância do investimento afetivo para um bom desempenho na vida. Fui particularmente uma criança muito investida de afeto, carinho, cresci com as atribuições de ser “inteligente” e estudiosa. Esse investimento, por parte dos meus pais, parentes e professores, foi marcante tanto para guiar os meus caminhos quanto para me fazer aprender e conseguir enfrentar os desafios nos diferentes espaços de aprendizagem.

Nasci em Fortaleza, mas tive a infância marcada por muitas experiências em Horizonte, onde tenho raízes e muitas memórias de afeto. Uma pequena cidade do interior localizada na região metropolitana de Fortaleza, na qual nasceram meus pais. Quando iniciei o percurso escolar, em 1980, carregava uma bagagem adquirida nos espaços familiares, entre a cidade e as vivências no interior, que fizeram parte da minha infância e, assim, fui construindo meus saberes nos espaços que eram valorizados e obtendo destaque e êxito, porque estava frequentemente no foco pelos aspectos positivos. Fui me tornando uma garota, quieta, comportada, solícita e era constantemente recompensada, socialmente e psicologicamente, por isso.

Aprendi a ler, a realizar as quatro operações e fui me destacando na escola. Meus pais optaram por residir em Fortaleza para poder proporcionar aos quatro filhos uma educação melhor e toda a família poder estudar em boas escolas, apesar das dificuldades financeiras. Assim, comecei a trilhar um caminho que hoje posso olhar e chamar de exitoso, caminho esse

que me influenciou a optar pela profissão de psicóloga, na qual havia a possibilidade de ajudar pessoas, que se tornaria uma realidade futura.

Ao longo da graduação em Psicologia na Universidade Federal do Ceará, fui me deparando com os significados e as razões ocultas dos comportamentos humanos e as consequências deles. Essas descobertas faziam parte dos conhecimentos adquiridos sobre as grandes teorias psicológicas e os fenômenos psíquicos que eram desvendados a cada ano de estudo, através de grandes professores e de suas boas aulas.

Seguindo essa trajetória, fui naturalmente encaminhando-me para atuar na área da Psicologia Educacional, pois ainda que obtivesse afeto e incentivo havia em mim grande empatia com aqueles que eram alijados em seus processos de aprendizagem, ainda na infância. Com eles me solidarizava e lembro-me de minha preocupação com meus colegas que apresentavam dificuldades para aprender.

Em seguida, durante a adolescência pude ter a experiência de ser professora particular de alunos com dificuldades escolares, o que me aproximou mais uma vez desse cenário, e acentuou minha inclinação de trabalhar com as dificuldades de aprendizagem pela vontade de apoiar e de entender a origem dessas dificuldades e saber como aconteciam esses processos.

Posteriormente, durante todo o curso de Psicologia tive mais uma experiência docente como professora de inglês do turno noturno de escolas municipais da cidade de Horizonte, para em seguida, começar a trabalhar como integrante da Equipe Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Horizonte, o que possibilitou mais uma vez uma nova aproximação com as crianças de escolas públicas, espaço no qual atuei profissionalmente, durante vários anos.

Sempre me senti sensibilizada com as adversidades encontradas na realidade da educação pública no Ceará. Observava que se apresentava para as crianças um ambiente, por vezes, árido, de não proximidade e de pouco afeto, o qual também, por vezes, parecia não existir nas próprias famílias de onde elas vinham, tão necessário para a formação do autoconceito, da autoestima e da aprendizagem.

Essa busca de tornar a escola um lugar de afeto e respeito ocupou o lugar de meus interesses no trabalho e de pesquisa, quando ingressei no Mestrado em Educação e tive como objetivo de estudo avaliar a influência que as dificuldades de leitura poderiam ocasionar ao autoconceito de crianças de uma escola pública.

Por ocasião da escrita de minha dissertação¹, analisamos a qualidade do autoconceito de crianças com dificuldades no aprendizado da leitura, convivendo em sala de aula com colegas que já sabiam ler e com metas de alfabetização bem definidas. Isso nos motivou a buscar compreender o campo das relações de crianças, alunos de uma escola pública de Horizonte, cidade da zona metropolitana de Fortaleza, na qual tenho raízes familiares e afetivas.

As crianças, oriundas de famílias em situação econômica vulnerável, eram rotuladas e responsabilizadas por suas próprias dificuldades de leitura e criavam, assim, uma visão negativa de si mesmas, baixo autoconceito, que se agravava com as intervenções inadequadas por parte dos professores, de profissionais da escola e até mesmo no contexto familiar.

Em algumas dessas crianças foi possível identificar marcas indeléveis que atrapalhavam ou impediam o êxito nas atividades, tanto na escola como em outras circunstâncias da vida cotidiana. Concluímos, portanto, em nosso estudo dissertativo, através de observação, participação nas atividades de sala de aula e análise de desenhos das crianças através de seus conteúdos projetivos, que a abordagem das dificuldades de leitura pelos professores, profissionais e colegas leitores no ambiente escolar deixava marcas de baixa autoestima e sentimentos de exclusão, que eram expressos de forma marcante em seus registros gráficos e no conteúdo de seus discursos, que se constituíam de rótulos negativos e sentimentos de fracasso.

Em acréscimo, pude perceber, nessa ocasião, que existia o fato dessas crianças serem rotuladas de forma negativa direta e, por vezes, de forma indireta, através de gestos ou exclusão das rotinas escolares, como nos critérios de separação dos grupos de trabalho em classe, para os quais as crianças não leitoras não eram prontamente escolhidas. Notava ainda certa rejeição dos colegas que tinham domínio da leitura e escrita, boas notas ou já conseguiam manter satisfatoriamente bom comportamento e/ou um aprendizado convencional, para os colegas que não conseguiam permanecer no mesmo patamar. Outra fonte de exemplo danoso eram as comparações por parte dos profissionais que trabalhavam cotidianamente na escola e iam elegendo os melhores alunos e rechaçando aqueles que não se destacavam.

¹ BORGES, Karine Moura de Farias. **Dificuldades de Leitura e autoconceito Infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, 2008.

Essas ações, assim compreendemos, iam minando a segurança desses alunos e fortalecendo sentimentos negativos de si mesmos e faziam reduzir as possibilidades de formarem um bom autoconceito, pois deixavam marcas e causavam sofrimento. Esses estigmas provocavam desinteresse pelo estudo, pela escola e transtornavam a vida daquelas crianças.

Esses sentimentos de menos-valia ultrapassavam os muros da escola, de seus ambientes familiares, de suas vivências, porque alimentavam sentimentos de inferioridade e isolamento social, que, por sua vez, se traduziam em comportamentos violentos, nas ocorrências de *bullying* e outras atitudes trágicas no ambiente escolar, como eu mesma pude observar.

Os constantes desentendimentos com os colegas de classe e os rótulos repetidos aos alunos considerados fracos, pouco atentos, preguiçosos ou danados, eram referenciados pelos próprios professores através de notas baixas nas disciplinas e nas avaliações, que consideravam apenas o desempenho cognitivo como aspecto avaliador.

Muitas vezes, tratava-se de um efeito dominó que se iniciava na própria família considerando-os desinteressados, malcomportados ou pouco inteligentes. Tivemos essa percepção ao aprofundar os estudos e ter mais experiências de trabalho, percebendo que esses rótulos ou estigmas marcavam indelevelmente a existência das crianças a eles expostas e as distanciavam do prazer e interesse pelo aprender, do desejo de estar na escola e de participar das atividades escolares.

Nas incursões profissionais e pessoais, mãe de duas crianças, já me ocorria grande preocupação com o destino e a educação oferecida aos alunos nas escolas e, ao atuar como professora na Universidade Estadual do Ceará- UECE, no curso de Pedagogia, e em cursos de licenciatura e formação de profissionais em áreas como a Física, a Biologia, a Matemática, a Química ou Letras, a todo o momento percebia os desafios de despertar nos alunos a importância de olhar para as crianças e conhecer a sua origem, histórias de vida, suas relações familiares e sociais, presentes no desafio de ensinar e aprender, de perceber como o outro percebe e de podermos oferecer a melhor interação e educação ao utilizar teorias que toquem o humano, que agreguem ensinamentos, mas que respeitem o ser integral, a essência de cada um, o que sempre foi uma busca para quem ensina e ao mesmo tempo aprende.

O primeiro contato e acesso que tive com a Pedagogia Terapêutica de João dos Santos se deu através da leitura do livro *Pedagogia Terapêutica - Diálogos e Estudos Luso-*

Brasileiros sobre João dos Santos (HOLANDA, 2016), resultado do Estágio Pós-Doutoral da referida professora ², cujo conteúdo inspirou-a a organizar e promover o curso “Introdução ao Pensamento de João dos Santos: Estudos sobre a Pedagogia Terapêutica”,³ em parceria com o Laboratório de Pesquisa Multimeios,⁴ do qual participei como tutora.

A atividade de tutoria no referido curso possibilitou iniciar um trabalho de aprofundamento do pensamento do médico, psicanalista e pedagogo João dos Santos, cuja teoria se acha assentada no afeto e no cuidado com a subjetivação da criança. Desta maneira, o estudo das ideias pedagógicas e psicológicas desenvolvidas por Santos me encantou e passou a ser matéria de meu interesse e, portanto, deste estudo.

Porém, à medida que realizava as leituras para ter um maior conhecimento sobre essa teoria, surgia em muitos textos, trechos, relatos e depoimentos, a importante e firme presença de Maria Amália Borges, companheira de ideais, trabalhos conjuntos e afinidade intelectual com João dos Santos, sempre citada como uma mulher corajosa, firme, inovadora, coerente com suas próprias convicções e que, juntamente com ele, havia participado da criação e elaboração de vários centros de atendimento às crianças com dificuldades em Lisboa.

Assim, logo que tomei conhecimento sobre a Pedagogia Terapêutica de João dos Santos, compreendi que suas ideias inovadoras vinham ao encontro do que sempre havia buscado encontrar na educação e realizar em minhas vivências enquanto mulher, mãe, psicóloga e educadora, pois, ao me deparar com essa teoria, passei a visualizar possibilidades práticas de educar, vê-la como forte aliada na promoção do ajustamento cognitivo e afetivo que, por vezes, realmente não existe no ambiente de origem da criança ou em sua escola. Essa ausência não se explica através de um único fator, mas por uma gama de fatores, de ordem individual, social e psicológica.

Fosse na docência cotidiana ou em outros espaços profissionais, quando conseguia despertar reflexões sobre o equilíbrio entre técnica e afeto, percebia o real significado da nossa função e atuação, por ser psicóloga e ter consciência acerca da importância de se ver a criança com todas as suas possibilidades e potencialidades.

² Patrícia Helena Carvalho Holanda. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, vinculada à linha de Pesquisa História e Educação Comparada.

³ Seu objetivo consistiu em qualificar profissionais e alunos da graduação e pós-graduação das áreas de educação e saúde do Ceará-Brasil-Portugal para um melhor atendimento à infância em seu processo cognitivo-afetivo e social de escolarização, com carga horária de 160 horas distribuídas ao longo de dez meses no ano de 2016.

⁴ Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Ceará – UFC, em parceria com Instituto Federal do Ceará e o Laboratório de Pesquisas Multimeios- UFC.

Diante do interesse pelas problemáticas que envolvem os processos educacionais da criança, cuja complexidade reverbera nas práticas pedagógicas e nos procedimentos voltados à aprendizagem, elegi como objeto de tese de doutoramento em Educação a Pedagogia Terapêutica, por compreender que essa teoria se acha inteiramente ligada às possibilidades de superação das dificuldades nos processos de ensino-aprendizagem das crianças e, sobretudo, de desenvolvimento de suas potencialidades.

Para nós⁵, essa teoria representa múltiplas possibilidades de tocar afetuosamente o outro e deixá-lo percorrer seus próprios caminhos de forma prazerosa e livre, que se/quando experimentado, deixam registros potentes que se tornam uma fonte de resistência e resiliência frente aos desafios da vida.

Talvez isso ocorresse porque o olhar aguçado de João dos Santos para as entrelinhas do discurso, para as especificidades da pessoa humana e pela vontade de fazer algo significativo e diferenciado em prol das crianças nos encantou. E mais ainda, porque nós ainda acreditávamos no potencial terapêutico da educação, já explícito no título de sua teoria, a Pedagogia Terapêutica.

Trilhando esse caminho, discutimos os pressupostos da Pedagogia Terapêutica por dar ênfase a múltiplas inovações didático-pedagógicas, ainda que tenham sido desenvolvidas entre as décadas de 1940 e 1950 do século passado, mas que ainda hoje essa teoria e suas inovações mantêm todo o frescor, o vigor e a originalidade, em termos educacionais.

Conhecer essa pedagogia alicerçada nas modernas concepções de infância, tendo a criança como centro de todo processo educativo, que era influenciada e fortemente galgada nas teorias psicológicas que propunham o desenvolvimento da criança como um processo (Piaget, Wallon), cujas práticas respeitavam as diferenças e tinham empatia com as dificuldades, e se correlacionavam aos pressupostos destacados por Carl Rogers, na Educação Centrada na Pessoa.

Observamos, ainda, que a teoria propunha a existência de conteúdos que advinham da porção interiorizada e internalizada a nível inconsciente e sabiamente desenvolvida por Sigmund Freud. Em meio à percepção de todas essas nítidas influências, pudemos sentir que finalmente havíamos encontrado um suporte teórico que vinha exatamente a suprir a falta de referenciais que percebiam a pessoa humana em todas as suas nuances.

⁵ Após expor as experiências subjetivas que levaram à escolha dessa tese, a partir desse momento, utilizamos uma voz coletiva, a 1ª pessoa do plural, uma vez que consideramos que uma pesquisa não se desenvolve sozinha. Foram muitas mãos e mentes envolvidas nessa pesquisa que deixou de ser *minha* e passou a ser *nossa* no âmbito do programa de Pós-graduação em Educação da FACED- UFC.

No âmbito da pedagogia, podemos afiançar que a Pedagogia Terapêutica já apresentava características extremamente inovadoras para o período no qual foi criada e desenvolvida. José Carlos Libâneo (2011, 2018) também alertava para a necessidade de pensar e praticar uma pedagogia viva e aliada a sociedade moderna, dita do conhecimento, a qual devia se desprender da visão pedagógica clássica na qual o único objeto da pedagogia seria o ensino de crianças.

Assim como na concepção de Libâneo, muitas décadas atrás, João dos Santos e Maria Amália Borges já alertavam para a responsabilidade social da educação, mais ainda para a sua função intrinsecamente ligada à saúde mental, vista como prevenção de problemas educacionais e como elemento potente no auxílio, tratamento e administração das problemáticas de desenvolvimento tanto de ordem física, afetiva ou emocional, que ocasionavam impactos na educação.

A Pedagogia Terapêutica foi pensada, criada e desenvolvida por João dos Santos, e, embora fosse contextualizada para a sociedade portuguesa e fosse também sensível a uma perspectiva integral de desenvolvimento e destacasse a importância da autonomia e da relação emocional dos sujeitos envolvidos nos processos educativos, pouco a pouco, foi se universalizando, em razão de sua visão holística acerca dos indivíduos e pela compreensão sistêmica das dificuldades.

Tivemos, também, durante a realização do trabalho de tese, a ventura de poder conhecer e entrevistar algumas de suas parceiras de trabalho, inclusive sua filha, e sentimos um prazer genuíno em ouvir seus relatos cheios de conhecimento e admiração pelo homem afetuoso, sensível e inspirador que semeou em todas elas, segundo suas memórias, o espírito de luta em prol de uma educação mais justa e afetiva. João dos Santos iniciou-as nas descobertas e na interpretação dos sinais e dos comportamentos manifestos pelas crianças, na busca das raízes dos problemas e de superação das dificuldades.

Outro aspecto a destacar na Pedagogia Terapêutica tem sido a importância dada ao trabalho em equipe, interdisciplinar e transdisciplinar, que proporciona compartilhar teorias, conteúdos e experiências, respeitando, porém, os saberes específicos de cada profissional e cada área de atuação, para possibilitar uma rede de apoio aos indivíduos. E ainda vale destacar a importância de um ambiente de trabalho propício e no qual os profissionais possam atuar juntos e colaborar de forma complementar ao trabalho e a intervenção do outro, o que vislumbra um resultado comum, que é o desenvolvimento saudável e pleno dos sujeitos.

No que se refere à perspectiva de trabalho inter e transdisciplinar, a Pedagogia Terapêutica está fundamentada no respeito às diferenças, no acesso democrático à educação e na crença de que todas as crianças, quaisquer que sejam elas ou qualquer que sejam seus problemas, deverão ser prioridade nas ações da sociedade e, para tanto, devem ser acolhidas, amadas e respeitadas, em suas condições de vida e de aprendizagem.

Nosso estudo aborda também a contribuição da educadora e psicóloga Maria Amália Borges de Medeiros, amiga e colaboradora de João dos Santos que contribuiu e partilhou, ativa e historicamente, com seu trabalho e a divulgação dessas ideias inovadoras, tendo por base princípios de liberdade e de partilha de ideais educacionais. Maria Amália utilizava metodologias ativas pelas influências das ideias humanistas da Psicologia e da Educação, em especial do teórico Celestin Freinet, em quem essa educadora buscava inspiração, pois estudava e divulgava suas ideias, sendo, por isso, considerada uma precursora na aplicação dessa teoria e de seus métodos educacionais em Portugal e ainda possibilitou a formação de novos educadores e replicadores.

O encontro teórico dessas duas pessoas especiais possibilitou a criação de várias instituições dedicadas à educação de crianças com várias tipologias e dificuldades e produziu metodologias de trabalho e de atendimento, cujos ensinamentos excederam o aspecto profissional, pois proporcionaram àqueles que os acompanharam uma história forjada no afeto, nas lutas e nos ideais de educação. Se olharmos os perfis dos dois educadores, Maria Amália Borges e João dos Santos, podemos identificar características semelhantes, como o sentido de humanidade, de empatia pelas pessoas que passavam por situações de sofrimento, de exclusão e, sobretudo, pelas crianças e adolescentes que ambos julgavam ser prioridade para as políticas de Estado, na atenção permanente e nos cuidados cotidianos.

Segundo nossas pesquisas, fundamentadas nas entrevistas realizadas, a aproximação entre os dois deu-se através de amigos comuns, do mesmo ciclo de amizades, que se encontravam e discutiam ideias sobre como trabalhar, resistir e lutar por um governo democrático em Portugal, pois naquela época as pessoas com ideias diferentes das tradicionais praticadas pela ditadura salazarista eram sumariamente excluídas e condenadas ao ostracismo e ao afastamento de suas funções profissionais.

Em Lisboa, Maria Amália Borges já utilizava e demonstrava seu interesse e paixão pelas teorias modernas de educação e João dos Santos também já havia rompido com o ensino tradicional, tanto na medicina quanto na psiquiatria, observando a existência dos conteúdos que advinham da porção interior internalizada, inconsciente ou não, do ego racional desenvolvida por Freud. Em meio à percepção de todas essas influências pudemos

sentir que finalmente havíamos encontrado um suporte teórico que vinha exatamente a suprir a falta de um referencial que concebia a pessoa em todas as suas nuances.

Embora tivessem uma visão aproximada sobre a educação e a sociedade, em relação a um trabalho conjunto entre esses dois teóricos, João dos Santos trazia a sua experiência como médico, psicanalista e educador e, também por ser muito fluente, e por ser inspirado em ideias e concepções humanistas da modernidade, se encarregava da organização e da interlocução entre as instituições por eles criadas. Maria Amália Borges, por sua vez, realizava a parte prática e metodológica mais direcionada às questões pedagógicas estratégicas e cotidianas do ensino e do acompanhamento das intervenções terapêuticas dirigidas às crianças. Ambos realizavam conjuntamente formações nessas instituições que eram destinadas aos profissionais que com eles trabalhavam, que foram lembradas por nossas entrevistadas, como ricas fontes de humanização e aprendizado.

Pudemos encontrar nas descrições do Centro Infantil Helen Keller referências a essa parceria complementar entre João dos Santos e Maria Amália Borges, como retrata o texto publicado por João dos Santos, no qual registra manchetes de um jornal da época que descrevia a importância do trabalho desenvolvido pelo Centro Helen Keller, onde os dois trabalhavam.

Participante valioso na fundação do Centro Helen Keller (com Henrique Moutinho no plano da oftalmologia e com D. Maria Amália Borges no plano pedagógico), o dr. João dos Santos pôde assistir, passo a passo, ao desenvolvimento ao desenvolvimento harmonioso de uma instituição cuja originalidade e cujo nível teórico ultrapassam o que é habitual em estabelecimentos deste gênero, tanto em Portugal, como no estrangeiro (SANTOS, 2014, p. 626).

A originalidade de suas ideias e o destaque dessa atuação está presente nos relatos sobre as transformações que existiram nos processos de ensino e aprendizagem das crianças portuguesas que participaram das incursões desses dois educadores, ao lado de uma extensa equipe de profissionais. Tivemos o privilégio de conhecer algumas participantes desse grupo de profissionais, que serão por nós aqui apresentadas através dos registros sonoros das entrevistas realizadas individualmente em Lisboa, nossas entrevistadas percorreram juntas um longo caminho histórico, construído através de conflitos, buscas, lutas e afetos.

Assim, essa pesquisa foi se constituindo enquanto buscávamos retratar os fundamentos das ideias originadas no trabalho de João dos Santos e Maria Amália Borges, através das memórias das educadoras entrevistadas e, mais além, de todos aqueles que até

hoje seguem valorizando e trabalhando em busca de perenizar o que foi realizado em Portugal, nesse período.

Procuramos, ainda, verificar a circulação de ideias que constituíram e fundamentaram a formação da Pedagogia Terapêutica, através das experiências vivenciais e laborais de Joao dos Santos durante sua estadia em Paris (1946-1950) e de Maria Amália Borges em Montreal no Canadá, que ainda seguem sendo compartilhadas por muitos profissionais da educação, especialmente pelos professores portugueses.

Desde então, a Pedagogia Terapêutica tem sido a base filosófica de práticas e ações delineadas através de projetos que marcaram a história educacional de Portugal e continua atualmente sendo aplicada em instituições de apoio à criança e ao adolescente buscando desenvolver todas as suas potencialidades e possibilidades, através de três pressupostos; a educação, o trabalho especializado e a atenção interdisciplinar, ensejando o pleno exercício da cidadania.

Essa teoria visa, ademais, alicerçar as bases para se alcançar um modelo de educação que, efetivamente, esteja voltado ao desenvolvimento pleno dos sujeitos. Desta forma, acreditamos que, através de condutas afetivas e respeitadas, poderemos traçar caminhos em solos mais firmes e seguros, que venham a favorecer os processos de aprendizagem e desenvolvimento dos sujeitos, especialmente das crianças.

Outras fontes de consulta e pesquisa foram os trabalhos realizados por Moura (2017),⁶ em sua tese de doutorado, que trabalhou sobre a relação entre o afeto e a cognição envolvendo os contextos escolares e familiares de adolescentes; e Araújo⁷ (2020), que se debruçou sobre a dimensão estética da Pedagogia Terapêutica e a ligação histórica entre a Escola de Artes do Rio de Janeiro e a artista Cecília Menano, importante referência educacional de Portugal no trabalho e no ensino com a arte na infância. Ela também integrou o grupo de profissionais que trabalharam ao lado de João dos Santos, e das professoras que foram por nós entrevistadas na pesquisa de campo.

Cecília Menano, artista e professora de artes portuguesa, desenvolveu técnicas de pintura em alto-relevo com crianças cegas, adotadas pelo grupo de profissionais que integrava e seguia os ensinamentos e princípios da Pedagogia Terapêutica e suas ideias. Esse trabalho foi destacado por Araújo (2020) como grande destaque para a área da educação pela arte e foi

⁶ Tese de doutorado apresentada, em 2019, por Maíra Maia de Moura, com o título: As relações entre cognição e afeto, escola e família na sociabilidade e aprendizagem de adolescentes da atualidade: uma análise à luz da Pedagogia Terapêutica de João dos Santos.

⁷ Tese de doutorado, defendida em 2020, apresentada por Regiane Rodrigues Araújo, que abordou como tema central a dimensão estética na pedagogia terapêutica em João dos Santos e Cecília Menano.

realizado no Centro Helen Keller com as crianças que eram cegas, tendo também a profícua participação de Maria Amália Borges na concepção das ideias e formas de atuação, assim como das educadoras Manuela Cruz e Isabel Pereira, que foram duas de nossas educadoras entrevistadas nessa pesquisa.

O contato com a Pedagogia Terapêutica e as ideias de João dos Santos e Maria Amália Borges aumentou nosso interesse em pesquisar as ideias do referido médico e educador português, porque sua obra focaliza uma visão original sobre a criança, vista como um ser delicado, sutil, capaz de se relacionar e se comunicar com as pessoas e com o mundo de diferentes maneiras, razão pela qual o ensino deve voltar-se não apenas aos aspectos cognitivos, mas, também, para as linguagens do corpo, para o desenvolvimento da psicomotricidade e da palavra, como expressão do pensamento complexo que a criança já possui, levando-se em consideração, notadamente, a fase de desenvolvimento na qual se encontra e o que o ambiente pode lhe proporcionar.

Entendemos que a valorização dos processos de desenvolvimento que envolvem a saúde mental e a autonomia da criança irá favorecer a ela o acesso aos bens culturais, bem como o respeito às suas diferenças, incluindo os seus ritmos individuais. O respeito às suas características, sua família, sua cultura representam, pois, fundamentos de uma prática de educação voltada à emancipação dos sujeitos e ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades.

Compreendemos que, ao estabelecer uma interface entre a psicologia, a psicanálise e a educação estaremos colaborando para o desenvolvimento integral do sujeito, cujas vivências em sociedade poderão se refletir em práticas educacionais que contemplem as diferenças e compreendam a importância das experiências vividas nas relações cotidianas, consideradas caminhos para a aprendizagem. Acreditamos ser esse o desafio do trabalho interdisciplinar, porque nos convida a orquestrar papéis e desempenhá-los da melhor forma, tentando manter o equilíbrio tanto na vida pessoal, profissional, quanto social.

A linha de pesquisa História e Educação Comparada,⁸ através do estabelecimento de vínculos mais estreitos com as histórias da Educação no Brasil e em vários outros países com os quais reconhecem ligações históricas e culturais, nos pareceu, portanto, um caminho frutífero para compreender a circulação das ideias de João dos Santos, tendo por base a Pedagogia Terapêutica.

⁸ Linha de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC.

Como ponto de partida, formulamos a seguinte pergunta/problema: Qual o alcance do legado construído por João dos Santos, e as contribuições de Maria Amália Borges para a inovação teórico-metodológica dos processos de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, para as práticas pedagógicas?

A Pedagogia Terapêutica, como já foi demarcada por Holanda (2016, 2017, 2019), Branco (2013, 2010) e muitos outros autores, evocando as palavras de João dos Santos, possibilitou a construção de uma prática pautada em um conhecimento flexível, fluido, para além das técnicas de tratar e cuidar.

Essa postura profissional representa atitudes de acolhimento, ancorada nos conceitos da psicanálise, nos sentidos existenciais, nas experiências e nas emoções, buscando uma conexão entre os saberes de várias ciências, mas propondo também a conexão entre os diversos contextos de vida da criança, da família, da escola, de seus educadores e da sociedade como um todo. Esse movimento intelectual e humano tornou possível a junção desses saberes de forma harmônica, respeitosa e elegeu como objetivo a busca pela saúde, pela educação e pela felicidade da criança.

João dos Santos personifica e concretiza a ação, o diálogo entre múltiplas áreas do conhecimento para abrir caminhos para alcançar novas experiências educacionais voltadas à formação do sujeito em todos os aspectos: cognitivo, afetivo, psicológico e social.

Partindo desse princípio, nossa investigação refere-se às contribuições e ao alcance das práticas pedagógicas pautadas no trabalho e no legado construído por João dos Santos (1913-1987), e em parceria com Maria Amália Borges, por consideramos uma proposta que representa grandes inovações teórico-metodológicas acerca dos processos relacionados ao ensino e a aprendizagem.

Achamo-nos, assim, diante de um conjunto de experiências que nos faz pensar no quanto o trabalho intelecto-profissional de João dos Santos resultou do seu próprio percurso acadêmico, de médico psiquiatra, a psicanalista e a educador, assim como também, das férteis parcerias vivenciadas ao lado de seus contemporâneos, intelectuais portugueses e franceses que, ao longo de nossa narrativa, irão sendo pouco a pouco apresentados.

Para nós, profissionais que trabalhamos com os processos educacionais, as experiências e práticas de cuidado da criança realizadas por João dos Santos e Maria Amália Borges, através da Pedagogia Terapêutica, reúnem ensinamentos e visões de extrema relevância para a educação, a saúde mental e a pedagogia, especialmente no que se refere à articulação entre várias ciências como a psicologia, a saúde e a educação, congregando teorias que fomentam práticas interconectadas e integradas umas as outras.

Maria Eugénia Carvalho e Branco (2013)- uma de nossas entrevistadas- nomeia essa nova concepção de Paradigma da Conectividade, assim concebida, estabelecida e utilizada no trabalho a partir das discussões de grupo e experiências laborais desenvolvidas nas instituições criadas por Santos. Essa concepção se baseava na capacidade de perceber a criança em todos os aspectos; físico, educacional, familiar, emocional e afetivo, buscando sempre conectá-la ao seu meio ambiente e aos seus próprios processos de desenvolvimento.

A Conectividade, como João dos Santos ainda a compreendia, envolvia a noção que as coisas, pessoas, eventos e experiências se conectam para formar um todo, que compõe cada um de nós, seres humanos. Além disso, ele acreditava que as ideias e teorias científicas também deveriam se conectar e entrelaçar para melhor compreender a criança, a pessoa, suas problemáticas e formas de cuidá-las.

Compreendemos que nenhum conhecimento é estanque e se esgota nele mesmo, nenhum sintoma pode ser avaliado sem que sejam observadas as implicações e injunções desse sintoma, em que situação ele ocorre, daí a noção da conectividade, que exige a compreensão que devemos ter do ser humano. Por ser um visionário, ter muita experiência e ter consciência que o ser humano é esse somatório de influências e idiossincrasias, João dos Santos acreditava que os eventos, fenômenos e situações que ocorriam as pessoas, estavam sempre conectados e só bastava encontrarmos e puxarmos o fio dessa meada.

Essa forma particular e sistemática de pensar e agir, que via a conexão dessa criança com todas as suas dimensões de desenvolvimento, esteve presente em todas as experiências de trabalho de João dos Santos, como nos explica ainda Branco: “Ele articulava de forma rigorosa e em sistema, saberes, técnicas, práticas, serviços e instituições para que em inter-relação dinâmica, se promovesse e protegesse o que chamou de problemática da criança” (BRANCO, 2013, p. 136).

As experiências desenvolvidas nas instituições em Lisboa, com destaque para o Centro Infantil Helen Keller que esteve sobre a direção de Maria Amália Borges, evidenciam uma prática de educação assentada na interdisciplinaridade com vistas à aceitação incondicional do sujeito, permeada pelo afeto e que possibilitava o desenvolvimento pleno de suas capacidades para viver em sociedade.

Ele ainda nos surpreende, quando ao longo de sua vida e de seu trabalho foi capaz de privilegiar simples ideias e por conseguir reunir em diferentes projetos, como a Casa da Praia, o Colégio Eduardo Claparède, o Centro Infantil Helen Keller e outras instituições, uma rede de profissionais dispostos a fazer um trabalho interdisciplinar e, estarem, ainda, empenhados a estudar e aprofundar os conhecimentos, especialmente sobre a psicanálise, com

vistas a terem uma melhor compreensão dos comportamentos das crianças que demandavam maior atenção profissional.

Ele recebeu também influência da psicanálise, que enquanto abordagem psicológica representou, desde o seu surgimento, uma completa quebra de paradigmas sobre a história do pensamento ocidental, ao considerar a influência de processos inconscientes no comportamento humano. Em termos de metodologia, essa teoria também se tornou alvo de críticas por sua rigidez de conceitos e pela dificuldade de ser compartilhada e seu acesso ser estendido a um público maior, daí alguns críticos considerarem a psicanálise uma abordagem “elitista”, como destacou Mauco (1968), em uma publicação sobre a educação e a psicanálise.

Atualmente, a sociedade neoliberal contemporânea, amplamente marcada pelo individualismo e a ênfase na performance e na velocidade das experiências, assim como a fragilidade das relações, tem causado inúmeros impactos sociais e éticos. Nesse âmbito, a educação continua sendo acrescida dos desafios de se olhar cada vez mais a perspectiva integral do ser humano, o que requer um cuidado equilibrado entre diferentes aspectos do desenvolvimento em relação às diferentes fases da vida, como propõe Wallon. E em relação à saúde mental, os desafios também se avolumam.

Podemos observar, nos dias atuais, uma elevada prevalência de adoecimento psíquico que vem ocorrendo de maneira cada vez mais precocemente, e percebemos que essa situação é agravada também pelo preconceito destinado às condições desfavoráveis de vida e de desenvolvimento. Como a educação é atravessada por esses problemas, visto que é inserida e influenciada pelas condições sociais de vida, é imperioso termos uma cosmovisão.

Em educação, o pensamento reducionista, que defende a especificidade e a realidade das situações de diferença, tendo por consequências disputas de saberes, que são comuns ainda hoje, possui raízes na tendência à adoção de uma linha de pensamento e de concepções em detrimento de outras formas de pensamento. Essa é uma característica humana, ao aplicar sobre os fenômenos e as novas ideias, um olhar reducionista, que tem sido responsável por graves retrocessos e atrasos na sociedade.

Esse conflito ocupa os espaços educativos e em muitas ocasiões atrapalha a utilização e o desenvolvimento de estratégias inovadoras que poderiam viabilizar o sucesso de alguns projetos em educação, que se fundamentam na especificidade das problemáticas dos sujeitos, e podem, portanto, fomentar mudanças e autonomia. Esse movimento de desconfiança e resistência, sobretudo política, aconteceu com grandes pensadores no curso da história e não foi diferente com a Pedagogia Terapêutica.

João dos Santos, seguindo um caminho diferenciado do que se fazia à sua época, por ter uma mente ampla e aberta à modernidade, conquistava públicos e profissionais através de seus ensinamentos e exemplos, que se apoiavam em eventos e experiências cotidianas e, assim, despertava o interesse e cativava as pessoas que se identificavam com suas ideias, conhecimentos e métodos de trabalho.

De modo cuidadoso e entusiasta, como lembram as educadoras entrevistadas nesta pesquisa, João dos Santos conseguiu reunir pessoas que se juntaram a ele em ousados projetos de educação e de prevenção à saúde mental. Ao liderar esse grupo de referência, conseguiram realizar um trabalho diversificado ao criar instituições, que contribuíram e ainda hoje continuam contribuindo, pois várias delas ainda existem em Lisboa, para a educação de crianças e adolescentes, oferecendo diferentes caminhos para a realização de aprendizagens significativas, não apenas para suas vidas, mas também para as necessárias vivências em sociedade.

Por todas essas implicações, elegemos como objetivo geral da pesquisa analisar a contribuição da Pedagogia Terapêutica de João dos Santos para as práticas didático-pedagógicas e para os processos de ensino-aprendizagem. Como objetivos específicos da pesquisa destacamos: analisar a contribuição de Maria Amália Borges de Medeiros na constituição da Pedagogia Terapêutica de João dos Santos e na criação de instituições e espaços educativos em Lisboa; aprofundar os estudos sobre a Pedagogia Terapêutica em seus fundamentos teórico-práticos; compreender a importância da ampliação e circulação das ideias pedagógicas de João dos Santos em Portugal, a partir de suas vivências em Paris no período de 1946 a 1950; Identificar os contributos de Maria Amália Borges à Pedagogia Terapêutica de João dos Santos, tomando como referências os pontos de aproximação entre a atuação profissional, política, filosófica, ideológica e ética desses dois educadores.

Na apresentação do trabalho de tese, na primeira seção, realizamos uma introdução sobre a temática de pesquisa e apresentamos nossas motivações, informações, inquietações e discussões, relacionadas à pessoa de João dos Santos, como médico, pedagogo e teórico, que despertara em nós um verdadeiro fascínio e encantamento. Como esse ser humano conseguira ter uma visão tão avançada para a sua época? Apresentamos a importância da Pedagogia Terapêutica enquanto teoria e prática psicopedagógica facilitadora da integração, aceitação e evolução da criança com dificuldades de aprendizagem e apresentamos ainda os referenciais que nos serviram de suporte teórico durante a preparação, confecção e realização da tese de doutorado. Finalmente, nos debruçamos sobre a história e as ideias de Maria Amália Borges de Medeiros que, assim como João dos Santos, foi uma

mulher de lutas e ideais que representavam o desejo de liberdade para aprender tanto nos profissionais quanto nas crianças.

Na segunda seção apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados na realização da pesquisa empírica e os referentes teórico-metodológicos necessários aos caminhos e (des)caminhos percorridos durante o trabalho de confecção da tese e da pesquisa de campo. Fazemos também uma pequena apresentação das professoras por nós entrevistadas, em maio de 2018, na cidade portuguesa Lisboa, que cordialmente nos receberam para a realização de entrevistas semiestruturadas, realizadas em horários e locais, que foram a elas convenientes. Fomos levadas para conhecer e visitar as instituições por eles fundadas e compartilhamos experiências de vida com todas essas mulheres que tiveram tanta importância na história de João dos Santos, de Maria Amália Borges e na constituição da Pedagogia Terapêutica. Relatamos as visitas das instituições por eles criadas, espaço de resistência e de luta do grupo de educadores que ousaram sonhar com uma educação que respeitasse subjetividades e propiciasse liberdade e felicidade a todos.

A terceira seção encontra-se dividido em subseções: na primeira, fizemos uma apresentação do Homem João dos Santos- professor, médico psiquiatra, psicanalista e educador e as influências do movimento da Escola Nova e a formação em Psicanálise, lapidada no período em que viveu em Paris para seu trabalho e a elaboração da Pedagogia Terapêutica; na segunda, tratamos do Médico João dos Santos e as vivências e experiências no trabalho como médico psiquiatra de hospitais públicos, a ligação pessoal com a psiquiatria infantil e a psicanálise; na terceira, procuramos mostrar o Humanista João Santos como um homem consciente, presente e à frente do seu tempo ao considerar a pessoa humana de forma integral, holística e sua importância histórica para a educação e a psiquiatria de Portugal.

No quarto segmento da tese apresentamos, baseadas, sobretudo nos relatos de memória colhidos a partir da metodologia da História Oral, as bases teóricas e práticas da Pedagogia Terapêutica. Para isto, essa seção foi dividida em três subseções: na primeira, apresentamos a educação, a saúde mental e a cidadania como eixos orientadores da Pedagogia Terapêutica; na segunda, fazemos uma narrativa das novas experiências educacionais construídas na cidade de Lisboa após o retorno de João dos Santos da capital francesa, no ano de 1950; na terceira, abordaremos a contemporaneidade das ideias de João dos Santos.

Na quinta seção, realizamos, com grande emoção, a apresentação da histórica parceria entre João dos Santos e Maria Amália Borges, através dos relatos das nossas entrevistadas e dos documentos e registros por nós descobertos e encontrados durante a fase da pesquisa empírica. Destacamos a importante trajetória desses dois ícones da Pedagogia

Terapêutica e o quanto marcaram positivamente a educação em Portugal e como suas ideias e projetos permanecem ainda hoje importantes e necessários. Essa seção foi dividida em duas subseções: na primeira, buscamos apresentar parte do percurso profissional da educadora Maria Amália Borges, seus anseios e suas experiências de vida, enquanto, na segunda, damos destaque à experiência vivida por Maria Amália Borges no Canadá, especialmente na cidade de Montreal, onde atualmente nos encontramos e vivemos.

Na sexta seção, apresentamos as considerações finais do trabalho de tese que intentou apresentar e contextualizar as inovações da Pedagogia Terapêutica e os processos de ensino e aprendizagem, que tem por fundamentação essa teoria. Deparamo-nos com as experiências educacionais e práticas filosóficas, políticas e sociais que uniu várias pessoas e ideias e nos deixaram um legado a ser revisitado, compartilhado e explorado como contribuição para a educação e a vida em uma perspectiva integral. A Pedagogia Terapêutica de João dos Santos e Maria Amália Borges permanece viva em cada pessoa que cruzou seus caminhos e compartilharam de sua dedicação, afeto e apreço pela vida, pela pessoa e pela educação. Suas ideias reverberam nos espaços de vida e aprendizado, onde houver crianças e adultos em relação de aprendizado e afetos, como esses educadores tentaram pôr em prática através de atitudes de amor e da compreensão de estarmos no mundo de forma plena.

Finalizamos o trabalho doutoral com os recursos bibliográficos acessados na realização dessa tese, que tiveram origem nas referências bibliográficas propostas no curso das disciplinas realizadas por ocasião do percurso acadêmico iniciado com a realização da presente tese. Sobre a História da Educação, recorreremos às ideias de Demerval Saviani (2007) e Moacir Gadotti (2003). De nosso percurso e trajetória profissional trazemos as referências das teorias psicogenéticas do desenvolvimento e dos autores centrais dessa perspectiva Piaget, Wallon, Vygotsky e Freud, com suas ideias relacionadas à educação e aos processos de ensino e aprendizagem. A pesquisa empírica fundamentou-se na História Oral, e referente à pesquisa interdisciplinar em Ciências Humanas, partimos das ideias de Dosse, Castells, Jucá (2003). Como tratou-se de uma pesquisa em três diferentes países mediante a busca pela circulação de ideias característica da Pedagogia Terapêutica e de seus atores, acessamos a bibliografia compartilhada por Holanda e ainda autores que tivemos a satisfação de conhecer e conversar, como João Costa e Maria Eugénia Carvalho e Branco, Manuela Cruz e Maria Isabel Pereira e Paula Taborda Duarte. Tivemos ainda acesso a livros antigos e que fizeram parte do acervo do próprio João dos Santos, através da generosidade de seus filhos, Paula dos Santos, nossa entrevistada e, especialmente, de seu filho Luís Grijó dos Santos, que gentilmente disponibilizou livros originais, documentos e memórias sobre seu pai. Nossas entrevistadas

igualmente cederam materiais valiosos, registrados através de fotos e a nós doados, por ocasião da visita a Portugal.

Impossibilitada de viajar a França, por ocasião das intempéries causadas pela pandemia e toda uma problemática causada pelo *LockDow* e distanciamento social que dificultaram viagens e deslocamentos, ainda assim conseguimos realizar contato *on-line* com um grupo de pesquisa que nos sugeriram extensa bibliografia sobre a Escola Nova, conforme *e-mail* em anexo e *site* disponível na bibliografia. Um fator importante e facilitador desse contato foi a vivência no Laboratório Multimeios e a participação do curso de *Introdução à Vida de João dos Santos*, que nos possibilitou aprender os acessos às bibliotecas virtuais no mundo todo como a *Bibliothèque Nationale em Paris*, na qual localizamos antigos textos de João dos Santos e de autores mencionados em suas referências e trabalhos como do Laboratoire de L'énfance de Paris. Esse percurso nos levou aos autores Groux, Gutierrez, Jaquet-Francilon, Mauco, Ohayon e Prost. O conjunto dessas publicações nos guiou no caminho das ideias da Escola Nova, e assim foi possível contextualizar as experiências e ligações teóricas de Maria Amália Borges e João dos Santos em Paris, conjunto de ideias e referenciais teóricos que pode ser observado nas experiências da Pedagogia Terapêutica. Sobre Maria Amália Borges, obtivemos referências através de *site* da internet e da pesquisa de sua Tese de Doutorado, localizada na biblioteca da *Université de Montreal*. Através de consultas ao acervo digital de bibliotecas no Canadá tivemos acesso a publicações da psicóloga na cidade de Montreal, através de publicações em jornais que registraram a história e a atuação de Maria Amália Borges nesse país.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

“[...] não se escreve um artigo sem uma certa emoção; sem que se nos deparem um conjunto de ideias relativas às circunstâncias do momento que passa” (SANTOS, 2016, p. 213).

A presente seção apresenta as opções metodológicas adotadas para responder aos objetivos traçados para essa tese. Tratamos dos caminhos da Pedagogia Terapêutica de João dos Santos, das repercussões de suas ideias assim como da história e relevância da parceria entre o médico, psicanalista e educador e Maria Amália Borges de Medeiros. Apresentaremos, assim, as ideias que apoiam a pesquisa, alicerçadas nas teorias de aprendizagem e do desenvolvimento, situando-se em ideias da Psicologia e da Educação. Apresentaremos, ainda que brevemente, nossas entrevistadas assim como os caminhos traçados para a realização das entrevistas semiestruturadas na cidade de Lisboa. Apresentamos ainda nessa seção nossa mobilidade geográfica e metodológica com as modificações e adaptações necessárias a realização do trabalho de tese através dos períodos de estadia no Brasil, em Portugal e em Montreal, no Canadá.

2.1 Pesquisa Qualitativa, a ampliação da experiência em si

A construção do percurso metodológico dessa tese pressupõe uma compreensão da pesquisa como um processo que emerge da própria natureza humana (GALTHIER, 2003). No contexto da pesquisa social (BURR, 1995; CORBIÈRE, 2014; FORTIN, 2016), a metodologia é entendida como conhecimento construído criticamente a partir dos caminhos do processo científico, que analisa e questiona seus limites e possibilidades. Partimos dos princípios segundo os quais todo o processo de realização da investigação representa a identidade do investigador e reflete os seus compromissos e os seus valores na sociedade. É preciso estar atento a esses aspectos para realizar um trabalho científico de qualidade, capaz de colaborar com a sociedade.

A pesquisa qualitativa caracteriza-se como uma abordagem interpretativa e compreensiva dos fenômenos, buscando seus significados e finalidades. Essa metodologia baseia-se numa perspectiva epistemológica em que o conhecimento resulta de processos

dinâmicos que fluem dialeticamente. Do ponto de vista metodológico, os fenômenos são considerados em função do contexto em que são investigados; tanto a objetividade quanto a subjetividade são consideradas, sendo que a intersubjetividade se configura como a melhor posição possível do pesquisador diante do conhecimento e de seu objeto de investigação.

Adentrar no campo de estudos proporcionado através da opção metodológica que nos possibilita a perspectiva de comparar experiências que aconteceram e acontecem em diferentes lugares do mundo, em diferentes tempos históricos sem, no entanto, perder a característica particular de cada uma delas, muito colaborou para a realização dessa pesquisa.

2.2 A perspectiva da Educação Comparada e a Mobilidade da pesquisa

A visão da Educação Comparada que nos foi proporcionada pelo seguimento e acompanhamentos dos estudos e pesquisas realizados na linha História e Educação Comparada permitiram a ampliação de nosso olhar de pesquisadora para a complexidade da relação entre a educação e a subjetividade.

Compreender o surgimento da História Comparada, através do aprofundamento de seus teóricos, como Dosse (2003), Amado (2006), nos auxiliou no amadurecimento do olhar para a investigação do nosso objeto de pesquisa, a Pedagogia Terapêutica, seu alcance, sua trajetória de circulação de ideias, movimento que nos foi possível compreender através do aprofundamento desse método de investigação, que se torna eficiente na compreensão de aspectos presentes nas memórias e acontecimentos em um determinado período definido, que circulam, sofrem influências e modificam as realidades em seus contextos de atuação.

Do ponto de vista metodológico, buscamos fazer um levantamento/coleta de conteúdos bibliográficos e empíricos. Estes últimos foram produzidos através de entrevistas semiestruturadas realizadas com cinco professoras portuguesas na cidade de Lisboa em maio de 2018, tomando como fundamentação metodológica a História Oral, para em seguida, fazermos o tratamento e a análise dos dados recolhidos como elementos instrumentais de construção da pesquisa.

Partimos de nosso objetivo, que foi buscar compreender as bases teórico-metodológicas presentes nas ideias de João dos Santos para, através dessa compreensão, analisar as contribuições, colaborações e o legado de sua teoria - a Pedagogia Terapêutica para os processos de ensino e aprendizagem.

Sendo assim, tomamos como ponto de partida o percurso de formação pessoal, profissional, bem como o trabalho por ele realizado em Lisboa, na cidade onde nasceu,

creceu e viveu. Destacamos também em seu percurso profissional e desenvolvimento da Pedagogia Terapêutica, a permanência em Paris, capital francesa, cidade na qual esse médico, psicanalista e educador permaneceu estudando e trabalhando durante quatro anos, entre os anos de 1946 e 1950. Ressaltamos que esse período em que viveu em Paris foi ocasionado por imposições tomadas pelo regime Salazarista que tornou pública uma proibição da atuação profissional de Joao dos Santos em Lisboa motivado por suas posições políticas e profissionais contrárias as ideias e ordens do governo.

Em Portugal, o período denominado de Estado Novo perdurou de 1933 a 1974. Entre os anos de 1933 e 1968, era chefe do governo português António de Oliveira Salazar, razão pela qual também se convencionou nomear esse período de salazarismo. No plano internacional, essa longa temporalidade foi marcada por grandes transformações, inclusive no campo educacional, que, de uma forma ou de outra, repercutiram em solo português, apesar de o regime salazarista procurar preservar uma auréola nacionalista e patriótica (ALVES, 2012).

A política educativa que prevaleceu no contexto do Estado Novo foi a da adequação desta à estrutura social que, em boa medida, procurava resistir aos imperativos da vida moderna. Era preciso, pois, moderar as aspirações de ascensão sociocultural dos segmentos mais pobres da sociedade portuguesa.

Posto isto, não resta sombra de dúvida que o sistema educacional, e de modo mais particular a escola, sofreu consequências no que concerne aos investimentos na quantidade e na qualidade de ensino. Mas, muito mais do que isto, buscava-se ideologizar os processos educacionais de modo a se buscar inviabilizar qualquer tipo de reivindicação ou reação ao poder instituído. Esse era o contexto vivenciado por João dos Santos e por Maria Amália Borges que enfrentaram, portanto, ostracismo e perseguições políticas como o cerceamento do direito de exercer suas atividades profissionais e investir em suas ideias sobre saúde e educação, que eram proibidas em Lisboa.

O que ocorria em Portugal em termos políticos e ideológicos era o desmantelamento das instituições republicanas pela instalação de uma ditadura em que a educação foi fragilizada, enfraquecida e brutalmente controlada através de inúmeros mecanismos de controle o que gerou um retrocesso em relação aos costumes e tradições.

Após um período de grande aprofundamento teórico sobre a bibliografia de João dos Santos nos deparamos também com elementos da história de vida da educadora Maria Amália Borges, ela que fora, importante parceira e colaboradora de João dos Santos, na criação e manutenção de várias instituições de ensino na cidade de Lisboa.

Maria Amália Borges carregou consigo essas experiências adquiridas com o trabalho ao lado de João dos Santos, ao cruzar o Atlântico para viver e trabalhar na cidade de Montreal e por outras cidades canadenses, onde passou a exercer atividades profissionais na *Université de Montreal*. Foi assim que ampliamos o recorte espacial de nossa pesquisa, incluindo no mapa da Pedagogia Terapêutica o Canadá, especialmente na cidade de Montreal. Assim como acontecera a João dos Santos, Maria Amália Borges foi perseguida por questões políticas e proibida oficialmente, na época da ditadura de Salazar, de exercer cargos e trabalhar em serviços públicos em Lisboa. Impossibilitada de trabalhar e viver em Portugal partiu para Montreal em 1963.

Nesta cidade, a educadora Maria Amália atuou de forma marcante deixando sua contribuição na história da educação canadense através da formação de inúmeros professores/as, assim como também no processo de organização do Projeto Educacional do Québec, região na qual Montreal se acha inserida como um importante centro urbano.

Dessa forma, podemos dizer que a metodologia encontrada nesta tese é o resultado dos caminhos aonde os desdobramentos da pesquisa foram nos levando, dos percursos vivenciados, muitas vezes, com inquietações, hesitações, mas sempre com a disposição de encontrar novos itinerários que nos fizessem enxergar possibilidades ao invés de certezas.

Foi assim que, nas trajetórias oferecidas pela chancela da História Oral, passamos a espreitar as histórias e as memórias colhidas nas narrativas de nossas entrevistadas por serem realizadas com pessoas amigas, admiradoras e colaboradoras que conviveram com João dos Santos, compreendendo que elas poderiam dizer quem foi esse homem, esse revolucionário médico e visionário educador e nos fazer trilhar os caminhos na construção da Pedagogia Terapêutica, buscando, ao mesmo tempo, delinear suas raízes teórico-metodológicas, suas conquistas, suas concepções inovadoras e seu legado para a educação e a prática médica em Portugal.

O inesperado foi também surgindo à medida que avançávamos na realização da pesquisa empírica, pois durante a entrevista com a professora Isabel Pereira e no decorrer das leituras e do aprofundamento teórico, nos deparamos com documentos inéditos sobre as experiências dessa educadora ao lado de João dos Santos e Maria Amália Borges, assim como também obtivemos dela uma importante informação que foi a existência da Tese de Doutorado de Maria Amália Borges, realizada e não terminada em virtude de seu falecimento, e que teria sido finalizada por algumas alunas e colaboradoras em Montreal, no Canadá.

Essas informações nos levaram à busca desse documento que seria importante, tanto para a história da Pedagogia Terapêutica quanto pelo conhecimento sobre a atuação de Maria Amália Borges no período em que viveu em Montreal, forçada pelo regime salazarista a procurar trabalho em outros lugares, que não Portugal, por estar impedida de exercer suas funções de professora e educadora.

Por essa razão, em agosto de 2018, viajamos para Montreal e nessa oportunidade procuramos realizar alguns contatos com pessoas que viveram à época e buscas em bibliotecas acadêmicas e, finalmente, conseguimos localizar a referida tese de Maria Amália Borges, que se tornou para nós uma importante fonte de pesquisa e sobre a qual nos debruçamos, além de dois livros de autoria da psicóloga e educadora e “O papel e a formação dos Professores” (1970) e “As três faces da Pedagogia” (1975).

2.3 A História Oral como recurso de conhecimento da realidade

Localizamos através de buscas em periódicos que circulavam na época em que a psicopedagoga viveu em Montreal dois textos publicados em periódicos, nos quais, Maria Amália Borges escreveu em defesa das ideias de educação tendo por fundamento as metodologias ativas e as bases da Escola Nova.

Como nos relembra Chartier (*apud* FERREIRA; AMADO, 2006), ao utilizar a metodologia da História Oral o pesquisador deverá estar ciente dos cuidados técnicos indispensáveis ao processo de produção do registro das memórias que pretende colher. Em nosso caso ainda, a opção de trabalhar com um tema que em sua natureza é biográfico, entendemos que essa escolha nos leva a pedir licença para apresentar uma percepção e através desse texto apresentamos apreensões que se juntam à visão aqui destacada com anseios e valores subjetivos.

Bourdieu (*apud* FERREIRA; AMADO, 2006) ressalta que a biografia não é exatamente a realidade, em sua natureza existe um lugar para o subjetivo e para a relação daqueles que são os personagens centrais, com o seu contexto, suas ideias e sua trajetória de vida. Nessa perspectiva nos aproximamos de João dos Santos e Maria Amália Borges. Apoiando-nos nas ideias sobre a História Oral que defendem a sua efetividade na aproximação da realidade, seguimos os relatos e lembranças das nossas entrevistadas. Foi-nos importante o destaque sobre essa abordagem como caminho de acesso à realidade de nossas entrevistadas. Como enfatizou Cruikshank,

Os relatos orais sobre o passado englobam explicitamente a experiência subjetiva. Isso já foi considerado uma limitação, mas hoje é reconhecido como uma das principais virtudes da história oral: fatos pinçados aqui e ali nas histórias de vida dão ensejo a percepções de como um modo de entender o passado é construído, processado e integrado à vida de uma pessoa (CRUIKSHANK *apud* FERREIRA; AMADO, 2006, p. 156).

Assim, procuramos sempre realizar as gravações dos discursos orais das pessoas entrevistadas nos cercando de todos os cuidados técnicos, desde a escolha e a preparação das questões que seriam propostas às nossas entrevistadas, avaliação e preparação do equipamento eletrônico a ser utilizado durante a gravação das narrativas orais e, até mesmo, cercando de isolamento e de cuidados, em virtude da ética necessária, e dos ambientes nos quais as entrevistas seriam realizadas.

Essas condições deveriam favorecer a exclusiva relação dialógica entre a pesquisadora e as pessoas entrevistadas. Após a realização de todas as entrevistas, iniciamos o processo de transcrição das falas das professoras com as quais conversamos respeitando todas as características do discurso oral produzido por cada uma das cinco entrevistadas.

Com vistas a nos manter alinhadas ao caminho metodológico traçado, dentre outras atitudes, indispensável se fez no trabalho com as fontes orais manter um diálogo com respeito e valorização da pessoa que se dispôs a participar como informante na pesquisa. Surpreendemo-nos com os sentimentos de cordialidade, simpatia e afeto de nossas entrevistadas, o que favoreceu muita confiança e bastante familiaridade entre as professoras e a pesquisadora.

Acreditamos que, para o bom desenvolvimento da entrevista, a relação dialógica entre os sujeitos carece ser presidida por sentimentos de confiança e muita empatia. Esse contexto amigável nos proporcionou uma aproximação privilegiada dessas mulheres, de suas memórias, de suas casas, seus locais de trabalho e suas vidas, além de incontáveis histórias sobre a Pedagogia Terapêutica, seu passado e seus desdobramentos.

Sensibilizada com a possibilidade de acessar de forma exímia e genuína tantas informações através da “fonte oral”, buscamos exercer o cuidado metodológico, a fim de não alterar de forma voluntária o percurso das memórias de nossas entrevistadas. Deixamo-nos guiar por suas trajetórias e subjetividades, compreendendo que seus relatos nos demonstravam a sua forma de apreender e apreciar a Pedagogia Terapêutica e toda a bagagem que reuniram ao fazer parte de sua construção. Nesse percurso apreendemos aquilo que nos apresentaram de novo e de interessante, sobre o que havíamos construído em nossos desejos e expectativas.

Como nos ensina Albuquerque Jr. (2007), o discurso oral não representa uma verdade incontestável do evento que fora lembrado, mas tão somente a ressignificação deste mesmo evento. De acordo com o autor a memória individual é um ponto de vista em um dado campo discursivo.

Nesse sentido, Portelli (*Apud* FERREIRA; AMADO, 2006) nos esclarece que a memória não se constitui em um depósito no qual poderemos buscar as informações de um dado passado/evento que queremos esmiuçar. A memória, portanto, nos remete para as fronteiras dos sentidos que os sujeitos atribuem ao passado por eles lembrado e, logo, ressignificados.

Postos esses enunciados teórico-metodológicos, lembramos ainda Albuquerque Jr. (2007) quando este nos orienta que é preciso “violar” as memórias para que seja possível “gestar” a História. Cada relato de memória foi, portanto, interpretado e analisado com base em muitas outras fontes empíricas, nos referentes teórico-metodológicos e, de maneira geral, nas referências bibliográficas nas quais a pesquisa foi apoiada.

Depois de realizado o registro dos relatos de memória, demos início ao processo de transcrição, na íntegra, dos conteúdos orais produzidos nas sessões de entrevistas individuais. Concluído todo o trabalho de transcrição, intentamos produzir um quadro temático dos conteúdos abordados por cada entrevistada, operando, em seguida, o cruzamento das temáticas recortadas das informações fornecidas por cada uma das cinco professoras, de modo a buscarmos identificar o que havia de regularidade e de singularidade nos relatos de memórias de cada uma delas. Nesse percurso fizemos alusão ainda às ideias de Heller (2016), em sua percepção sobre a história inserida no contexto do sujeito que nos traz uma percepção de suas relações e atuações no mundo.

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro, ou seja, o homem participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias (HELLER, 2020, p. 17).

Foi de muita riqueza e importância estarmos pessoalmente nos ambientes e contextos que integraram a história desses dois grandes educadores João dos Santos e Maria Amália Borges e, ainda, percebê-los e melhor conhecê-los através das lembranças e relatos de nossas entrevistadas. A partir deste desenho metodológico, acreditamos que foi possível apreender um grande e diversificado volume de informações que nos possibilitou, do ponto de

vista empírico, conceber o enredo da nossa tese de doutoramento, ou seja, a estrutura da mesma apresentada na composição dos capítulos que lhe dão corpo.

Mais do que resgatar, por assim dizer, as relações e vivências acadêmico-profissionais de João dos Santos, nosso intuito foi, também, extrair de cada uma das entrevistas realizadas os sentimentos presentes nos relatos e memórias das cinco pessoas que tivemos a oportunidade de entrevistar, assim como os significados que elas mesmas atribuíram às suas experiências, às suas vivências, principalmente àquelas compartilhadas com João dos Santos. Nossa intenção foi, portanto, pelos caminhos da sensibilidade, buscarmos descobrir pormenores cheios de significados para serem interpretados.

Esses sentimentos fizeram parte de nossa jornada e foram assegurados através da partilha de conhecimentos relacionados aos métodos e contextos de pesquisas que nos foram possibilitados por ocasião da participação nas discussões teóricas realizadas em nossa linha de pesquisa. Segundo o professor historiador Gisafran Jucá (2003),

Constata-se que o envolvimento do pesquisador com a Memória e a História trouxe à baila uma prova concreta do enriquecimento das modalidades de trabalhar a História, que não mais resulta da visão exclusiva do profissional a ela dedicado, mas o aproxima dos agentes do processo estudado, dividindo a co-autoria do que é produzido, pois a memória coletiva ou memória social torna mais dinâmicas as modalidades de compreender e interpretar os meandros das informações coletadas (JUCÁ, 2003, p. 35).

Diante do desafio inerente à administração do pouco tempo que marcou nossa estadia na cidade de Lisboa, fundamental nos foi à generosidade do Sr. Luis Grijó dos Santos, filho de João dos Santos, que se dedicou ao trabalho de contatar as pessoas com as quais tínhamos a intenção de realizar as entrevistas orais. Mediante o reduzido período que dispúnhamos para a permanência em Lisboa, uma semana, as entrevistas foram organizadas de acordo com a disponibilidade das entrevistadas nos turnos, manhã, tarde e noite, nos dias em que permanecemos na cidade portuguesa.

No curso da realização da pesquisa de campo sobre as inovações pedagógicas das ideias de João dos Santos, tivemos a grande oportunidade de conhecer e andar por Lisboa, onde pudemos melhor perceber e dimensionar as premissas de sua obra, considerando especialmente o percurso por ele vivenciado ao lado de tantas outras pessoas, até a elaboração e construção da Pedagogia Terapêutica.

Durante os dias em Lisboa, visitamos muitos lugares e conhecemos pessoas importantes, que se tornaram os construtores da história que provocou tantas mudanças para a

aceitação e a educação das crianças portuguesas. Essa teoria nos remete à importância de compreendê-las como sujeitos de efetivas possibilidades, pela construção de uma educação baseada nas emoções e no afeto, características preponderantes da Pedagogia Terapêutica.

Foram dias maravilhosos de descobertas e imersão nessa atmosfera, o que nos evidenciou aquilo que já fazíamos ideia, porque se tratava de uma construção teórica alicerçada no conhecimento interdisciplinar, no estudo, no afeto e na sensibilidade. Em cada narrativa proferida por nossas entrevistadas, íamos sendo apresentadas a traços da personalidade de João dos Santos que expressava, sobretudo, uma profunda delicadeza e um extremo cuidado com que ele envolvia as pessoas com as quais se relacionava.

Em termos profissionais, todas elas destacaram sua força e vontade de trabalhar em prol da criança, de modo a lhe possibilitar condições de uma vida plena. Em cada entrevista realizada, mais e mais íamos sendo envolvidas no âmbito das ideias e do trabalho que eram alicerçados, nas bases firmes dos afetos que nos faziam, também, e cada vez mais, desejar trabalhar com crianças para sentir de forma prazerosa, o que é educar.

As entrevistas tiveram formato individual e foram realizadas em diferentes espaços da cidade de Lisboa, respeitando sempre a conveniência e o horário escolhido por cada uma das educadoras que se disponibilizaram a conceder-nos as entrevistas, abrindo suas casas e seus corações para nos contar suas vivências e experiências de trabalho ao lado de João dos Santos.

Desde o primeiro instante, cada uma das entrevistadas nos recebeu de forma muito respeitosa e agradável, demonstrando profunda satisfação em poder contribuir com nossa pesquisa, pois as minhas questões lhes dariam oportunidade de falar sobre suas vivências com João dos Santos e suas experiências com a Pedagogia Terapêutica. Cada entrevista durou, em média, quatro horas, nas quais nossas entrevistadas através de suas narrativas traziam o passado vívido ao presente, através das memórias e histórias reveladas plenas de nuances e de vivas emoções.

Previamente, havíamos preparado um roteiro com questões abertas que deveriam nos servir de instrumental. Apesar de procurar seguir o roteiro de perguntas, as entrevistas foram se delineando independentemente do que havíamos programado, em virtude de nossas entrevistadas terem uma enorme quantidade de informações que foram brotando durante as conversas. Preferimos deixá-las falar livremente e deixar que essas memórias viessem à tona, emergissem do passado, carregadas de sentimentos e emoções, embora tenhamos mantido uma relação dialógica com nossas entrevistadas.

Ao nos prepararmos para as entrevistas, tivemos como ponto de partida um amplo conhecimento acerca das obras publicadas pelas educadoras com quem iríamos conversar que já davam relevo e grande ênfase à participação e ao envolvimento delas com as ideias e os projetos liderados por João dos Santos, o que facilitou sobremaneira nossas conversas e o diálogo pesquisadas-pesquisadora.

Embora possamos enxergar no conjunto das cinco entrevistas por nós realizadas uma dada regularidade discursiva, não é forçosa a compreensão de que cada uma se acha marcada pela singularidade, pela personalidade, pelos contornos da subjetividade expressada por cada entrevistada.

Como nos esclarece Pesavento (2007), no processo de desenvolvimento da pesquisa, é preciso estar atentos ao lugar da sensibilidade.

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos através da sua inserção no mundo social, na sua relação com o outro (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Foi, pois, com esse espírito que finalizamos a realização de nossa pesquisa empírica buscando conhecer na cidade de Lisboa os lugares de trabalho e de maior referência para João dos Santos e para o grupo de pessoas que, mais diretamente, com ele viveram, conviveram e trabalharam. As emoções e o afeto estiveram presentes em toda a trajetória, buscando identificar o novo através das perguntas imbuídas nas experiências, que nos ofereceram ideias sobre as trajetórias e as conquistas da Pedagogia Terapêutica.

2.4 A Pedagogia Terapêutica nas vozes das nossas entrevistadas

Na capital portuguesa, em meados do mês de maio de 2018, conseguimos manter contato e entrevistar Paula Santos Lobo, Maria Eugênia Carvalho e Branco, Maria Manuela Cruz, Maria Isabel Pereira e Isabel Vaz Pereira. A seguir, faremos uma breve apresentação em forma de narrativa, de cada uma das entrevistadas, assim como do contexto no qual cada entrevista foi realizada. Apresentaremos inicialmente Paula Santos.

2.4.1 Paula Santos Lobo

Na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018, fui recebida pela Educadora Paula Santos Lobo, filha de João dos Santos, nas dependências do Colégio Jardim Infantil Pestalozzi, no qual ocupa o cargo de Diretora. A referida escola, fundada em 1955, por Lucinda Atayala,⁹ em Lisboa, se destaca pela qualidade do trabalho voltado ao atendimento de crianças com necessidades educativas especiais em regime de inclusão.

Sendo assim, as crianças com necessidades particulares são inseridas em salas de aula regulares e seguem um currículo trabalhado pela escola, o qual prioriza experiências de pesquisa e práticas do cotidiano como métodos de aprendizagem, bem como a prática das artes e da cultura como forma de expressão individual e em grupo.

Paula Lobo nos informou que o Jardim Infantil Pestalozzi sempre se caracterizou como uma instituição moderna e inovadora para o seu tempo, possuindo os seguintes princípios: a prática de uma educação que vê o sujeito como partícipe central e ativo do processo de ensino e aprendizagem; o respeito aos diferentes ritmos e interesses de aprendizagem; a constituição de um ambiente escolar harmônico e democrático, que respeite todos os sujeitos envolvidos nos processos educativos (crianças, famílias, profissionais, professores).

A proposta pedagógica da escola é apresentada em seu website e contempla os nomes dos personagens que participaram da fundação e construção de uma forma especial e diferenciada de educar, iniciada por João dos Santos e Maria Amália Borges, dentre outros profissionais que ainda hoje continuam com essas práticas, procurando aprofundar os princípios teóricos da Pedagogia Terapêutica.

No conteúdo do próprio site é possível ainda encontrar um resumo dos fundamentos filosóficos, da história e da metodologia de trabalho da escola que comunica um conjunto de princípios e a direção para a qual a Pedagogia Terapêutica e os trabalhos desenvolvidos por João dos Santos, Maria Amália Borges e outros profissionais, construíam uma nova forma de educar que respeitavam as crianças em qualquer situação e buscavam desenvolver a autonomia e o gosto por aprender, através do caminho da arte.

⁹ Lucinda Atayala - Professora, educadora Infantil e participante do grupo que trabalhou e se inspirou nas ideias de João dos Santos e Maria Amália Borges, e que deu continuidade aos projetos e lutas por uma educação e respeito às diferenças, com o incentivo ao desenvolvimento das habilidades de cada criança através de vivências afetivas na escola.

No espaço dedicado às personalidades que foram influenciadores e fundadores da escola encontram-se as informações e referências sobre João dos Santos e Maria Amália Borges e sua relação com a escola bem como a influência de suas ideias para a escolha e elaboração dos métodos e a filosofia praticada. Sobre esses aspectos citamos um trecho da descrição do próprio site:

[...] O Homem precisa desenvolver plenamente a sua capacidade de iniciativa, de criação, de pesquisa, de solidariedade. Só assim ele poderá ser capaz de se adaptar, de intervir e também de transformar. Uma ação educativa bem conseguida dará ao adulto: a possibilidade de se auto-realizar e simultaneamente de formar uma consciência social atuante. No início dos anos '60 – face a uma Escola em que a passividade do aluno, associada à memorização ou à seleção das respostas desejadas ou esperadas pelo mestre era considerado modelo excelente – a síntese dos objetivos pedagógicos do Jardim-Infantil Pestalozzi era apresentada desta forma: «ESCOLA PARA A INDEPENDÊNCIA E PARA A RESPONSABILIDADE.» (Jardim Infantil Pestalozzi, online, s/p).

Inspirada nas ideias de João dos Santos, médico e pedagogo que motivou e mobilizou técnicos e pais através de seu saber e de sua arte para comunicar, entusiasmar e sonhar, Lucinda Atalaya convidou-o para a sua escola de Pedagogia centrada na comunicação e nas aprendizagens significativas. A escola procurava dialogar com os pais e com os educadores e situar-se nos caminhos da inovação, da influência do pensamento aberto e da ação democrática em educação.

A história do Jardim Infantil Pestalozzi, sua trajetória e atuação despertou nosso interesse por tratar-se de uma instituição que seguia os ideais de João dos Santos e atuava de modo a promover a educação significativa, a formação integral da criança e propunha realizar esses objetivos com um cuidado especial aos métodos de ensino e de aprendizagem, com a acolhida das crianças e de suas famílias.

Lucinda Atalaya partilhou ideias com personalidades significativas no panorama educativo do país, como João dos Santos e outros admiradores. Rui Grácio foi a figura mentora da linha pedagógica da escola; Maria Amália Borges foi a interlocutora nos métodos e práticas de ensino e Agostinho da Silva foi o mestre modelar para o grande objetivo da Educação – a humanização do Homem.¹⁰

Ao revisitarmos o histórico dessa escola nos deparamos com informações sobre o movimento de Educação Moderna vivido com dificuldades e como ato de resistência em

¹⁰ Site do Jardim Infantil Pestalozzi, endereço eletrônico: <https://www.jardiminfantilpestalozzi.pt>. Acesso em: 23 de agosto de 2018.

Lisboa, no período de Salazar. Como consta em sua história, a escola é uma das instituições na qual estiveram presentes profissionais da estirpe de Lucinda Atayala, sua fundadora e a própria Maria Amália Borges e Manuela Cruz, representantes da educação moderna em Portugal que teve influências do movimento Escola Nova, presente, portanto, nas bases teóricas da Pedagogia Terapêutica.

O movimento da Escola Nova nasceu no final do século XIX e integrou um grupo diversificado de pensadores¹¹ que buscaram melhor fundamentar as concepções de infância e educação, próprias do pensamento moderno, voltando-se para o universo da criança, seus interesses, suas formas de aprender. O referido movimento viveu seu período de expansão no contexto histórico entre guerras,¹² alcançando seu ápice no pós-Segunda Guerra Mundial, especialmente na França, Suíça e na Rússia.

A Escola Nova constituiu-se, portanto, em uma corrente revolucionária nas formas de pensar e conceber a educação e a sociedade. Em seus princípios, a Escola Nova acreditava ser possível, através da escola, formar cidadãos capazes de mudar a sociedade, demonstrando iniciativa na vivência cotidiana, associada a um senso de responsabilidade e solidariedade.

Para isto, a Escola Nova propagava um modelo de educação que fosse capaz de atender tanto aos melhores alunos quanto aqueles que apresentavam maiores graus de dificuldades. Essa proposta representava uma crítica ao modelo da escola tradicional que não proporcionava espaço para os que mais necessitavam, prejudicando, assim, seu desenvolvimento intelectual e, conseqüentemente, o progresso social, ao mesmo tempo em que enfatizava a desigualdade (GUTIERREZ; BESSE; PROST, 2012).

Ao contextualizarmos as experiências João dos Santos e Maria Amália Borges no campo da educação, podemos observar conexões marcantes com as ideias da Escola Nova, movimento que provocara na educação mundial uma brusca mudança de paradigma no que se refere à abordagem do conhecimento, dos métodos de ensino e dos princípios filosóficos que o originaram. Podemos acompanhar essas conexões à medida que tivemos a oportunidade de conhecer a prática das instituições que fizeram parte dessa história, como foi o da escola Jardim Infantil Pestalozzi.

¹¹ Determinados autores podem ser identificados como sendo referência, de maneira mais direta, do movimento Escola Nova, entre os quais podemos citar o neurologista e psicólogo suíço Edouard Claparède (1873-1940), o pedagogo francês Celestin Freinet (1896 - 1966), a pedagoga e médica italiana Maria Montessori (1870-1952) e o filósofo americano John Dewey (1859-1952).

¹² O Chamado período do entre guerras- contexto histórico marcado pelo fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e o início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Do ponto de vista de movimentos pedagógicos, seja antes, durante ou depois da ditadura, é o movimento da escola Nova, a ideia de oposição a uma escola dita tradicional, que está subjacente à própria designação do Jardim Infantil Pestalozzi. Tal como a República havia mostrado a sociedade burguesa tinha consciência de que necessitava de outra forma para a escola, para o lugar da criança nela, defendendo a escola e a cultura escolar como fontes de mudança social (PESSOA *apud* PINTASSILGO; ALVES, 2019, p. 343).

Chegamos à escola Jardim Infantil Pestalozzi no momento da entrada dos alunos e da acolhida dos profissionais e permanecemos durante toda a manhã acompanhando o desenrolar das atividades, nas quais pudemos perceber, em várias cenas/momentos, um projeto de educação realizado em clima de alegria e de harmonia. Caminhando pela escola, observamos que havia um jardim adaptado às crianças, um espaço de alegria e acesso às brincadeiras e a manifestação das artes, colorido e pleno de movimento e que podiam se expressar nessa instituição. Foi muito importante poder observar as rotinas da instituição que ainda hoje mantém ativo o legado de João dos Santos e Maria Amália Borges.

Tratava-se de um prédio composto por três andares, decorado com pinturas e desenhos realizados pelas crianças, o que lhe concedia uma aparência lúdica e alegre. Na área central, bem na entrada, havia um parque infantil e um espaço de areia com alguns brinquedos e muitas crianças correndo, gritando e conversando, em torno desse espaço e sob os olhares atentos de alguns professores.

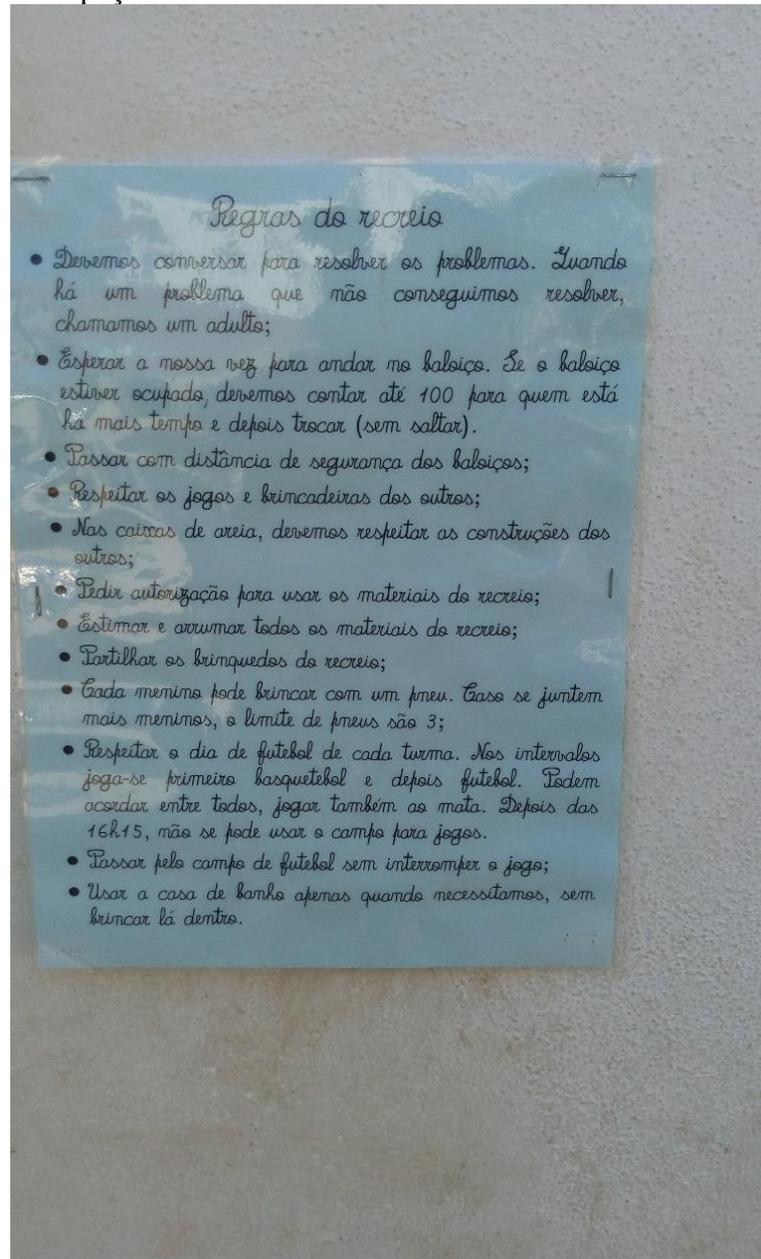
A figura a seguir mostra o muro que rodeava o jardim central da escola Jardim Infantil Pestalozzi. As regras do recreio que foram elaboradas junto com as crianças estavam expostas no muro e nesse local havia muitas crianças brincando.

Figura 1- Muro que rodeava o jardim central da escola Jardim Infantil Pestalozzi



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Figura 2– Regras de comportamentos e para a utilização do espaço



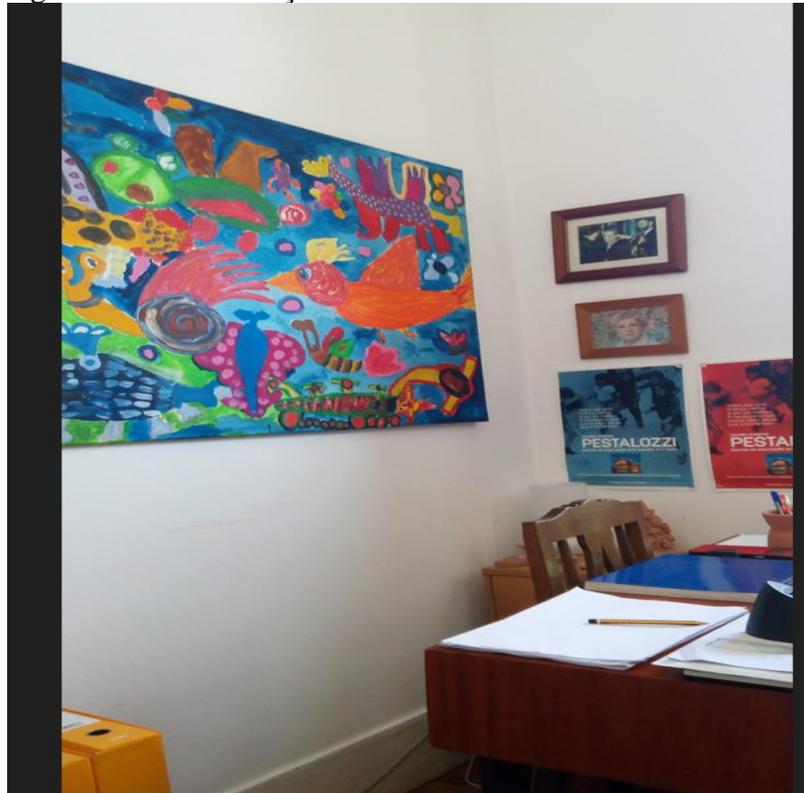
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

A área do parque era delimitada por muros enfeitados com pinturas infantis que descreviam as regras de convivência e os projetos que estavam sendo desenvolvidos, bem como a filosofia e os princípios educativos da escola. Nas paredes das salas e corredores vimos trabalhos de arte expostos, de pinturas e esculturas feitas com *papiêr marché* e outros com materiais reciclados. Muitas cores embelezavam o ambiente escolar, que transbordava de alegria.

Entramos no prédio pelo espaço de acolhida, no qual eram realizadas as refeições dos alunos. Os profissionais responsáveis pela alimentação das crianças, no momento da chegada delas, entregavam-nas seus lanches e, em seguida, subiam para as salas de aula, de acordo com a rotina preestabelecida.

Enquanto aguardávamos a professora Paula Santos Lobo, diretora da escola, filha de João dos Santos para a entrevista, ela foi solicitada por professores que a procuravam para conversar sobre acontecimentos daquela manhã. Assim, pudemos observar que havia um ambiente acolhedor e um bom diálogo entre ela e os profissionais da escola. Estes, em um clima de harmonia, se cumprimentavam com naturalidade e se organizavam para as suas atividades do dia.

Figura 3- Sala da direção da Escola Jardim Infantil Pestalozzi



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Podemos observar uma tela pintada por crianças exibindo todo o colorido que havia no espaço tendo a arte como fonte de aprendizagem. Ao lado, *posters* de Pestalozzi e fotografias da história do colégio.

Após a apresentação, Paula Santos nos descreveu como era o trabalho no Jardim Infantil Pestalozzi falando sobre alguns projetos e o desejo de ampliação futuros, relacionados à parte física e estrutural do prédio e ao atendimento das crianças.

[...] aqui é uma escola que trabalha com atendimento de crianças com transtornos de desenvolvimento. Um projeto que tínhamos era irmos para um espaço maior. O ideal é que tivéssemos um espaço coletivo no qual as crianças com problemas de aprendizagem estivessem nos grupos e ainda pudessem receber atendimento terapêutico especializado em grupo e individual. Isso seria o ideal, mas aqui não conseguimos fazer isso! Portanto, agrupamos algumas crianças que apresentam problemáticas semelhantes e as inserimos nos grupos de alunos das salas regulares. Elas estão inseridas nesses grupos, mas tem apoio individualizado, prestado por uma professora que é paga com os recursos da própria família das crianças.¹³

A descrição refere-se realmente à forma como a escola se caracterizava através da prática educacional de inclusão de crianças com problemas de aprendizagem e transtornos de desenvolvimento em salas de aula regulares. Essa forma de trabalho é também adotada no Brasil através das políticas de inclusão de crianças com condições particulares de aprendizagem e desenvolvimento na escola convencional. Sabemos que é uma realidade comum em outros lugares do mundo, embora se diferencie de acordo com as condições socioeconômicas e de trabalho de cada país.

No entanto, a política de inclusão educacional de crianças do Jardim Infantil Pestalozzi tem por cerne um corpus teórico identificado com os pressupostos da obra de João dos Santos, sobretudo no que diz respeito ao acolhimento de crianças com dificuldades de ordem emocional ou com deficiências específicas. Para Paula Lobo, esses alunos deveriam conviver em um ambiente educacional acolhedor e democrático, como qualquer criança com acesso ao ensino regular. Essas eram condições indispensáveis para se praticar uma pedagogia realmente terapêutica.

Segundo os princípios da teoria, a Pedagogia Terapêutica propõe que todas as crianças, incluindo aquelas com ritmos e características diferentes e com deficiências de ordem intelectual ou motora, são sujeitos capazes de desenvolver-se, aprender e participar livremente do processo educativo e essa compreensão deveria guiar as práticas e os projetos

¹³ Paula Santos Lobo, Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

das instituições educacionais. É por isso que, em meados do século XX, na cidade de Lisboa, essa era uma concepção absolutamente inusitada e inovadora.

Os conhecimentos acerca da Psicanálise foram usados e considerados como muito importantes para Paula Santos Lobo e continuam ainda hoje sendo utilizados no trabalho que ela realiza com a educação das crianças. A psicanálise influenciou toda a sua formação profissional, assim como também as obras de João dos Santos, seu pai, cuja história de trabalho e de vida influenciou a sua formação e de toda uma geração de profissionais em Portugal.

2.4.2 Maria Eugénia Carvalho e Branco

Conhecemos Maria Eugénia no centro comercial da cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018, no período da tarde. Nosso encontro foi na Livraria FNAC, na qual buscamos um espaço mais reservado para que pudéssemos conversar sossegadamente. Era uma agradável tarde de primavera.

Nessa oportunidade, Maria Eugénia acolheu-nos com muita simpatia e nos concedeu uma entrevista na qual falou-nos com muito entusiasmo sobre a vida e a obra de João dos Santos, cuja trajetória, em muitos aspectos, já fora por ela escriturada nas obras *João dos Santos - Saúde mental e Educação* (2010) e *A saúde Mental Infantil em Portugal: uma revolução de Futuro* (2013).

Em suas pesquisas, Maria Eugénia debruçou-se sobre os livros e trabalhos publicados de João dos Santos, e ainda sobre o espólio do psicanalista e educador, tendo conseguido catalogar vários textos que ainda se encontravam inéditos de sua fecunda lavra intelectual.

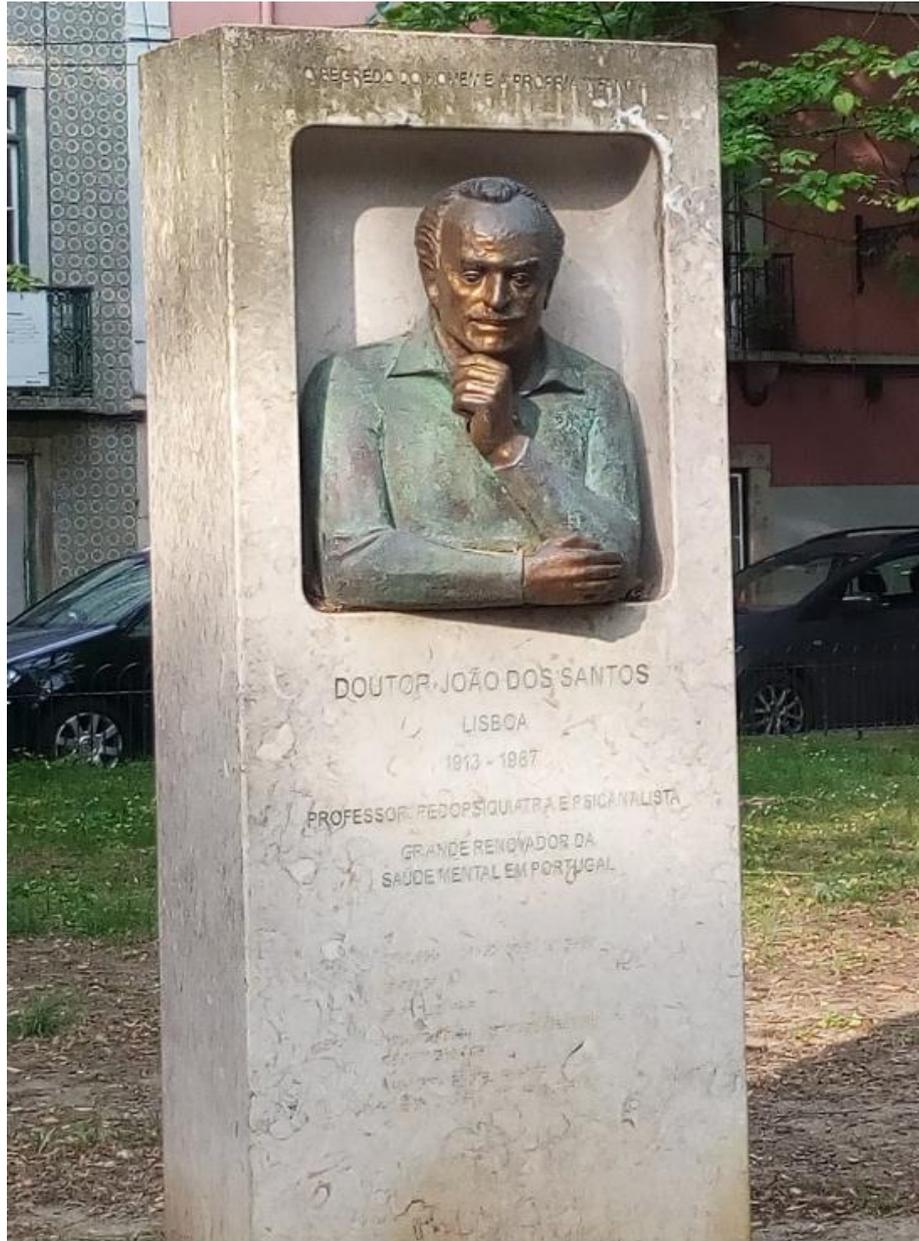
A agradável convivência com Maria Eugénia possibilitou-nos, ainda, visitar em sua companhia o célebre Jardim das Amoreiras, ao qual ela fez questão de conduzir-nos para conhecermos a beleza do espaço e, de maneira especial, sermos apresentadas a João dos Santos representado pela estátua que lhe confere memória, ao mesmo tempo em que transforma o Jardim das Amoreiras em lugar de visitação e de memórias.¹⁴

Enquanto caminhávamos no Jardim das Amoreiras, admirando a beleza do lugar, nossa interlocutora nos presenteou, ainda, com tantos outros ensinamentos sobre educação,

¹⁴ Expressão tomada de empréstimo a Pierre Nora. Cf. NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. In. **Projeto História**, n. 10, PUC - São Paulo: 1993.

filosofia, além, é claro, de historiar o desenvolvimento do trabalho que propôs uma mudança de paradigma na forma de pensar a Saúde Mental Infantil de Portugal, tendo sido ela própria, entre outros profissionais, um expoente desse movimento de vanguarda liderado por João dos Santos.

Figura 4- Estátua de João dos Santos, localizada no Jardim das Amoreiras¹⁵



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

¹⁵ Imagem da estátua de João dos Santos, localizada no Jardim das Amoreiras, registrada em maio de 2018, em Lisboa, Portugal.

Em sua narrativa, emoldurada por uma linguagem eloquente, clara e cheia de entusiasmo, falava-nos sobre as diversas contribuições de Santos para a psiquiatria infantil, para a educação, para a psicopedagogia e para a psicologia.

Maria Eugénia Carvalho e Branco licenciou-se em Filosofia e Teologia, respectivamente nos anos de 1972 e 1996, foi professora de psicologia e filosofia do Ensino Secundário em Lisboa, tendo atuado, também, como professora convidada na Faculdade de Teologia e na Universidade do Minho, ambas localizadas na cidade de Braga. Nesta última, realizou Mestrado e Doutorado em Educação.¹⁶ Em ambos os cursos, vinculados à área de conhecimento História da Educação, Maria Eugénia se aprofundou no estudo da biografia e das ideias de João dos Santos, personagem por quem demonstra ainda hoje profunda admiração. Assim como foi João dos Santos, Maria Eugénia é profunda admiradora da psicanálise e interessada pelas questões humanas. Uma pessoa muito interessante, muito culta e com sede de compartilhar suas memórias e conhecimentos.

2.4.3 Maria Manuela Cruz

Em uma tarde chuvosa e com uma brisa refrescante, no dia 21 de maio de 2018, a professora Manuela Cruz nos recebeu em sua residência, com muita ternura e atenção, recepcionando-nos com simpatia e alegria. Ao chegarmos, nos convidou para um chá servido em uma mesa arrumada com todo capricho e cuidado. Nas paredes de sua casa, em um prédio residencial próximo ao centro da cidade de Lisboa, pudemos encontrar diversas telas e pinturas de arte que mostram sua paixão pelos trabalhos artísticos.

Ao receber-nos ela apresentou, dentre as telas penduradas, alguns trabalhos de pintura produzidos por ela e por sua filha, referindo-se a esses quadros como sendo lembranças das experiências que viveu em instituições na cidade de Lisboa, ao lado de João dos Santos e Maria Amália Borges. A própria mesa e as cadeiras nas quais estávamos sentadas, segundo ela, foram presentes de Maria Amália Borges, de quem guarda muita saudade, ternura e admiração.

Maria Manuela Cruz, profissional e amiga de João dos Santos, foi muito importante para o desenvolvimento da Pedagogia Terapêutica, pois trabalhou como professora especializada no ensino de crianças com necessidades especiais e no ensino através da arte,

¹⁶ As presentes titulações constam na apresentação dos autores que colaboraram com o livro *Pedagogia Terapêutica – Diálogos e Estudos Luso-Brasileiros sobre João dos Santos (2016)*, organizado por Patrícia Helena Carvalho Holanda e Pedro Morato.

tendo participado também da fundação e do desenvolvimento do Centro Helen Keller ao lado de Maria Amália Borges, a quem se refere (assim como a João dos Santos) como amiga e guia profissional.

Em vista de sua proximidade intelectual e profissional, ela nos possibilitou inventariar um conjunto de informações preciosas acerca da trajetória de trabalho ao lado desse grupo e testemunhou a relevância da parceria entre Maria Amália Borges e João dos Santos no incurso desse trabalho excepcional de educação.

2.4.4 Maria Isabel Vieira Pereira

Encontramos Isabel Pereira em uma residência para idosos na cidade de Lisboa, onde ela nos explicou ser um espaço destinado especialmente para educadores idosos. Essas instituições são cada vez mais comuns em todo mundo e resultam de um fenômeno social motivado, dentre outros aspectos, pelo aumento significativo da expectativa de vida da população que, ao envelhecer, busca moradia em lugares que disponham de uma boa estrutura física e profissional capacitada para os acolher e, ainda, porque convivem e se agrupam com pessoas de idades semelhantes e que, muitas vezes, dispõem de interesses comuns.

Durante a entrevista, Isabel Pereira revelou alguns de seus hábitos cotidianos, como o de ler, estudar, escrever e sair para visitar bibliotecas e encontrar velhos amigos, pessoas que conheceu na escola em que era educadora e com as quais manteve laços, inclusive, com as famílias de alunos, cuja proximidade sua atuação profissional lhe proporcionou.

Ela nos recebeu em sua residência, em um espaço reservado no prédio, para que pudéssemos melhor realizar nossa entrevista. Isabel Pereira parecia muito emocionada com a possibilidade de falar sobre a experiência de trabalho ao lado de João dos Santos e Maria Amália Borges.

Esse encontro, assim como os demais, foi intermediado pelo Sr. Luiz Grijó, filho de João dos Santos, que com muita gentileza contatou-a e marcou uma hora para conversarmos. Uma curiosidade particular nos chamou a atenção: esse encontro foi adiado para o dia seguinte ao que lhe fora sugerido, pois, ela explicou posteriormente, queria se preparar para o grande momento. Logo no dia seguinte fomos recebidos por Isabel que nos tratou com muita cordialidade, esmero, capricho e atenção. Foi notória a satisfação e orgulho de recebermos, especialmente por estarmos acompanhada de Luis Grijó, filho de João dos Santos.

Revelando um estado de espírito absolutamente integrado a um sentido de vida que enxerga o ser e não o ter como condição de felicidade, Isabel Pereira lembrou um pouco de sua história pessoal para nos revelar o quanto João dos Santos e Maria Amália Borges impactaram positivamente em suas trajetórias de vida.

Ora, eu nasci na Galícia (Espanha) em uma cidade pequena, tinha uma educação rígida. Não quis ficar lá e saí em busca da minha felicidade! E graças a João dos Santos a encontrei. Devo a ele a alegria de viver feliz! Para mim, viver feliz sempre foi trabalhar pelo amor ao trabalho e não pelo dinheiro! **Nunca me vi esperando só o dinheiro por aquilo que fazia, mas ficava feliz em estar ao lado das crianças! Trabalhar com elas...** E, através de João dos Santos e Maria Amália Borges, consegui realizar isso!¹⁷

Idealista e dedicada, Isabel Pereira sentiu-se mobilizada a trabalhar com crianças e não visava ao dinheiro ou à outra recompensa financeira, mas, sobretudo pela felicidade de fazer o que gostava, fazer o que lhe dava prazer porque sentia que era presente na vida das crianças, que participava da sua educação e dos seus cuidados. E credita a João dos Santos e a Maria Amália Borges a possibilidade de realizar seus sonhos e ser feliz. Ela continua a lembrar partes de sua vida:

Fui muito criticada porque eu era a única filha mulher. Minha mãe estava doente e todos achavam que eu tinha que ficar lá! Para cuidar da mãe! Mas eu não quis, era diferente, queria estudar, conhecer o mundo, trabalhar! Então, já tinha trabalhado em casas particulares como preceptora de crianças e resolvi me especializar fazendo o curso (Jardineira da Infância). Tive que trabalhar muito e logo fui identificando o que eu mais gostava.¹⁸

Ela compartilha que imaginava sair de casa à procura de se especializar profissionalmente através dos estudos e, nessa época, essa atitude não era uma opção das mais tranquilas, sendo assim, ela teve que pagar um preço muito alto por suas escolhas, por deixar sua cidade natal, sua mãe doente e sua família.

Vivendo em um contexto histórico no qual imperava um modelo de família pautado nos valores e na tradição, na qual as figuras do pai e da mãe exerciam capilar autoridade sobre os filhos, podemos imaginar os desafios vivenciados por Isabel Pereira ao decidir, em plena década de 1930, sair da pequena cidade onde nascera, na região da Galícia,

¹⁷ Maria Isabel Pereira professora aposentada. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

¹⁸ Maria Isabel Pereira professora aposentada. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

na Espanha, para residir na cidade de Lisboa, capital de Portugal. Como a própria Isabel relatou-nos, como “única filha mulher”, a ela era destinada a obrigação de cuidar da família de origem, especialmente dos pais, além de casar-se para constituir uma nova família.

Isabel Pereira foi aluna de João dos Santos e de Maria Amália Borges no curso de Jardineiras de Infância da Associação dos Jardins – Escola João de Deus. Posteriormente, tornou-se professora atuante do Centro Infantil Helen Keller, instituição na qual estabeleceu um intercâmbio entre o trabalho que era realizado na instituição, sob a coordenação de Maria Amália Borges e a direção de João dos Santos, com as ideias e o trabalho de Céléstin Freinet, com quem Isabel Pereira realizou estágio. Esse estágio foi mencionado por ela como uma experiência inesquecível, que não só trouxe realizações para a própria Isabel como também para a amiga e Maria Amália, devido a sua grande admiração e curiosidade sobre a realização prática das ideias de Freinet.

Por ser amiga e profunda admiradora de João dos Santos, em sua entrevista, Isabel Pereira ressaltou a habilidade desse autor para relacionar-se e trabalhar harmonicamente com as pessoas. Demonstrou também grande apreço por Maria Amália Borges, lembrando sua amizade e seus incentivos para que Isabel se especializasse e aproveitasse oportunidades de crescimento, como o estágio que realizou na França.

2.4.5 Maria Isabel Vaz Pereira

Realizamos essa entrevista no Colégio Eduardo Claparède em Lisboa, onde a equipe nos recebeu em uma manhã de trabalho na qual estavam presentes as profissionais da direção do colégio; fomos apresentadas especialmente à psicóloga Isabel Beirão, que nos conduziu a uma visita por todas as salas e lugares da escola e nos falou sobre o seu funcionamento, a metodologia e tantas outras histórias sobre a rotina, o projeto e as pessoas atendidas no Colégio Eduardo Claparède. Ao longo dessa visita ela foi fazendo um resgate das ideias e da história da escola e a relação com João dos Santos.

Isabel Vaz Pereira conheceu João dos Santos ainda na adolescência por ocasião das articulações de um grupo de entusiastas em prol de mudanças nos serviços de atendimento público a crianças em Lisboa, entre os quais estavam sua mãe, Rosa Bemfeito, e Maria Amália Borges, que já trabalhava no colégio Eduardo Claparède.

Na ocasião da entrevista, Isabel Vaz Pereira compartilhou conosco suas experiências de trabalho, especialmente suas vivências no Colégio Eduardo Claparède, no qual segue dando continuidade ao trabalho desse grupo de entusiastas.

Nesse espaço educacional, o colégio Eduardo Claparède, Isabel Vaz trabalha ao lado de uma equipe interdisciplinar, da qual faz parte a psicóloga Isabel Beirão, que nos ciceroneou durante essa visita e nos presenteou com uma visita ao colégio, narrando com detalhes o trabalho realizado com a educação especial, através da inclusão de crianças e jovens com transtornos mentais em atividades socioculturais, objetivando avanços em seus processos cognitivos e educacionais para o desenvolvimento pleno de suas capacidades.

Para isto, toda a equipe de trabalho promove atividades utilizando a arte em uma perspectiva interdisciplinar e envolvendo o tratamento em si, o apoio às famílias e a socialização dessas crianças e adolescentes, sem deixá-las isoladas da convivência ampliada cultural e social.

Essa visita foi uma grande oportunidade para nós que pudemos acompanhar as rotinas cotidianas e as práticas educacionais que se inspiraram e ainda conservam os métodos e as ideias compartilhadas por João dos Santos e por Maria Amália Borges, como foi enfatizado por Isabel Beirão. Pudemos testemunhar *in loco* o trabalho edificante de cuidado e atenção dados às crianças com deficiências intelectuais e dificuldades emocionais que frequentam a escola.

De maneira ampla, podemos dizer que o percurso metodológico de construção da pesquisa obedeceu, ainda, ao processo de revisão bibliográfica da temática em estudo, com destaque especial para os seguintes autores/as: João dos Santos (1982, 1990, 1991, 2014, 2016, 2017), Maria Eugénia Carvalho e Branco (2000, 2013), Patrícia Holanda (2008, 2014, 2016, 2017, 2018), Juraci Cavalcante (2008, 2016), João Costa (2008), Paula Santos Lobo (1989, 1994), Manuela Cruz (1989, 1994, 2016), dentre outros. A partir de diferentes abordagens, todos os autores/as citados/as escreveram sobre a Pedagogia Terapêutica, seus fundamentos e desdobramentos através do tempo.

Nessa trajetória, destacamos os livros escritos por Maria Eugénia Carvalho Branco, Paula Santos Lobo e Manuela Cruz, por nos fornecerem uma análise bem mais aprofundada, acerca dos escritos de João dos Santos, ilustrada por suas experiências de vida que nos possibilitaram compreender a origem das bases teóricas eleitas por esse autor e que foram sendo enriquecidas ao longo de seu trabalho e de suas vivências.

Para a construção da pesquisa, partimos da hipótese de que as experiências vividas ainda em terras portuguesas, especialmente ao lado de Maria Amália Borges, entre os anos de 1950 e 1963, constituíram-se em uma importante experiência de trabalho de prática da educação com base na inclusão de crianças, mesmo que essa prática ainda não existisse nessa época. Esse intervalo de tempo (1950 a 1963) compreende o período entre o retorno de

João dos Santos a Portugal e a partida de Maria Amália Borges para o Canadá. Essas idas e vindas dos amigos e parceiros de trabalho aconteceram por ocasião das perseguições políticas do regime Salazar que impuseram a saída de Santos para Paris em 1946 e, posteriormente, de Borges para Montreal, no Canadá em 1963.

Em Paris, entre os anos de 1946 e 1950, João dos Santos conviveu com profissionais e teóricos da estirpe de Henri Wallon (1879-1962) e Serge Lebovici (1915-2000), entre outros extraordinários psicanalistas da segunda geração pós-Freud, com os quais pôde aperfeiçoar importantes referenciais teóricos que muito o ajudaram a balizar o trabalho por ele idealizado e, em parte, já realizado em Portugal, especialmente na cidade de Lisboa.

Considerando os resultados das pesquisas empreendidas, de cunho bibliográfico e empírico, para melhor operarmos a articulação entre a narrativa/descrição dos conteúdos pesquisados e a análise interpretativa dos dados pesquisados, optamos por fazer uma leitura qualitativa dos resultados. Para tal, buscamos apoio nos princípios da abordagem qualitativa segundo Bogdan e Biklen (1994), Quivy e Campenhoudt (1996) e Ludke; André (2012).

Quivy e Campenhoudt (1996) nos esclarecem que o processo de investigação representa “[...] algo que se procura, é um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceito como tal, com todas as hesitações, os desvios e as incertezas que isto implica”. A busca de ideias e práticas educativas que possuam como alicerce o afeto, o respeito e a possibilidade de manter um ambiente positivo e que possibilite, através da formação de sujeitos, a mudança de uma realidade predeterminada nos traz grande motivação, ao mesmo tempo em que passa a ser para nós desafiadora, pois se trata de uma utopia desejada.

Nesse sentido, não podemos deixar de pontuar que as ideias de João dos Santos nos despertam um profundo encantamento por traduzirem uma proposta que equilibra estudo, competência e afeto e nos fazem querer ver o aluno como sujeito enquanto um ser integral. Daí, no próximo segmento do trabalho, destacarmos quem foi esse homem, esse médico e grande humanista português.

3 JOÃO DOS SANTOS: O HOMEM, O MÉDICO E O HUMANISTA PORTUGUÊS

“O homem é um ser único. Cada criança nasce numa circunstância que desde sempre e para sempre, não foi nem jamais será repetida. Numa circunstância **ÚNICA**. Cada pessoa é no seu Ser é, em si própria, uma vivência, uma perspectiva e uma experiência inédita, porque a sua vivência é interioridade” (SANTOS, 1991, p. 316, grifo nosso).

Esta seção encontra-se dividida em três subseções: na primeira subseção, faremos uma apresentação do Homem João dos Santos- professor, médico psiquiatra, psicanalista e educador e as influências do movimento da Escola Nova e da formação em Psicanálise descoberta no período que viveu em Paris, para o seu trabalho e a elaboração da Pedagogia Terapêutica; na segunda subseção, trataremos do Médico João dos Santos e as vivências e experiências no trabalho como médico psiquiatra de hospitais públicos; na terceira subseção, procuraremos mostrar o Humanista João Santos como um homem consciente, presente e à frente do seu tempo por considerar a pessoa humana de forma integral, holística e de sua importância para a educação e a psiquiatria de Portugal, como modelo de orientação e intervenção para o exercício profissional nos campos da saúde e da educação.

3.1 O Homem João dos Santos- as influências teóricas e políticas na criação da Pedagogia Terapêutica

Antes de qualquer incursão, faz-se oportuno esclarecer que, na presente subseção, não temos nenhuma intenção de construir mais uma narrativa biográfica de João dos Santos, acreditamos, porém, que seja imperioso estabelecer alguns níveis de compreensão acerca da trajetória da vida de João dos Santos, sobretudo no que diz respeito à dimensão profissional.

Filho único de Augusto dos Santos e Justina de Jesus Figueiredo Santos, João dos Santos nasceu na cidade de Lisboa, Portugal, em 15 de setembro de 1913, e morreu em 16 de abril de 1987, com 73 anos, tendo vivido sua infância e adolescência cercado pelos familiares, entre eles primos, tios e tias, dos quais obteve carinho, cuidados e aprendizados que influenciaram, sem dúvida, na constituição de sua personalidade e, conseqüentemente, em sua visão de mundo e de sociedade.

Nascido, portanto, no seio de uma família simples, cujo pai exercia o ofício de alfaiate, João dos Santos, a exemplo de outros membros da família, também fora iniciado na arte da alfaiataria, porém, ainda jovem, revelando um espírito inquieto e desafiador, passou a praticar esportes náuticos.

Vivendo na cidade de Lisboa, durante a infância e a adolescência desfrutou do convívio da família com a qual aprendeu a cultivar o contato e o gosto pela natureza, pelos esportes, pela cultura, bem como pelo ato de cuidar dos mais pobres. Em seus livros, assim como de muitos autores que escreveram sobre a sua vida, encontramos a descrição das experiências vividas ao lado dos avós, dos pais, das tias, parentes e amigos, aos quais dedicou atenção, tomando-as como matéria de suas reflexões pessoais e teóricas.

O destaque das figuras familiares mais significativas na infância, as descrições detalhadas onde viveu e conviveu, a referência afetuosa das figuras carismáticas do seu meio, dão-nos a ideia de uma pessoa atenta, comunicante, que leu a vida e sobre ela escreveu e ensinou. Falou sobre a importância dos “objetos do Homem”, dos seus registros, dos seus instrumentos e da Obra que cada um faz de si mesmo. João dos Santos falou sobre a Ciência do Homem (DUARTE; CRUZ, 1994, p. 6).

No convívio familiar, João dos Santos aprendeu a compartilhar os ideais republicanos que levaram alguns tios, dentre outros familiares, ao exílio justamente por defenderem ideias e posturas democráticas e contrárias ao opressor regime político português que esteve sob a égide do ditador Salazar a partir de 1933 e durou quatro longas décadas. Durante esse período viveu-se em Portugal um clima de opressão, autoritarismos e desrespeito aos direitos humanos. Perseguiam-se, condenavam e torturavam os cidadãos que discordavam das ideias implícitas nas ações desse governo.

Em seus relatos de memórias, dentre as experiências marcantes da sua vida, João dos Santos recorda, por exemplo, da participação de seu pai na luta pela implantação da república, especialmente das constantes reuniões realizadas em sua casa, que eram bastante concorridas e marcadas por efervescentes debates políticos. Podemos inferir que toda essa sinergia de ideias, compartilhadas no ambiente familiar, contribuiu, sobremaneira, para que João dos Santos, ao longo de sua formação, congregasse uma série de princípios fundantes da sua personalidade, dos seus modos de sentir e pensar a si mesmo, pensar o outro em sua individualidade e necessidades, e, por extensão, pensar os sujeitos reunidos em sociedade.

Em todas as etapas de sua formação escolar e acadêmica encontram-se relatos do envolvimento em causas políticas que o tocavam e das quais participava com afinco. Maria Eugénia resgatou trechos do texto escrito em homenagem a João dos Santos, por Júlio Vidal,

sobre o qual o amigo compartilhou memórias da época que estudavam no Liceu Gil Vicente em Portugal.

Estivemos os dois implicados na “conjura” que levou o liceu à greve no dia da morte do presidente Antônio José de Almeida. Uma enorme deputação de estudantes com as batinas fechadas em sinal de luto incorporou-se no funeral, que constituiu uma grande manifestação. Acabado o funeral, lembro-me de descermos a Avenida de Almirante Reis aos “Vivas à República” e “Abaixos à Ditadura”, o que nos valeu, junto da esquadra da Rua do Benfornoso, termos de fugir da Polícia. Fizemos parte, como dirigentes, da Associação Acadêmica do Liceu e levamos à glória as finanças da Associação, pagando propinas a todos os colegas, cujos pais estavam presos ou hominizados por razões de ordem política (BRANCO, 2013, p. 42).

Essas memórias auxiliam a acompanhar o interesse e o envolvimento de João dos Santos em situações de organização política para resistir e lutar pela democracia em Lisboa. E ainda podemos reconhecer o apoio prestado às pessoas que compartilhavam de ideias de liberdade e democracia. Os eventos aqui narrados por Júlio Vidal nos fornecem um pouco da atmosfera vivida na juventude de João dos Santos, já que correspondem às memórias de quando estudavam no Liceu. Segundo o relato, já havia perseguição a organizações estudantis e se organizavam protestos e rede de apoio aos que eram punidos injustamente por lutar pela democracia.

Em um capítulo do livro *Pedagogia Terapêutica- Diálogos e Estudos Luso-Brasileiros sobre João dos Santos*, organizado pela professora Patrícia Holanda, Paula Santos Lobo, filha de João dos Santos, escreveu e deu destaque sobre o quanto a família era para seu pai uma instituição valorizada e inspiradora. Ao compartilhar suas memórias de infância e vivências ao lado do pai e os acontecimentos que a marcaram, a autora refere que a concepção de família estava presente no contexto de crescimento do pai pela percepção de cada núcleo familiar. Nesses escritos e em muitos outros, percebe-se a coesão familiar desfrutada por Santos, traço que ele reiterava em muitas publicações e partilhas. Ele e a esposa, Hermínia, tiveram quatro filhos, José, Paula, João e Luís, dois dos quais, Paula e Luís, nós conhecemos em Lisboa e foram pessoas importantes para a realização da pesquisa de campo.

O meu pai nasceu e viveu envolvido por uma comunidade familiar alargada, de muitos tios e tias e alguns primos. Cada núcleo familiar tinha a sua autonomia e características próprias, mas as ligações afetivas ou de cortesia entre eles desenvolviam-se como uma verdadeira malha (LOBO, 2016, p. 105 *apud* HOLANDA, 2016, p.105).

Paula Santos Lobo e Manuela Cruz (1994), no livro *João dos Santos – O Prazer de Existir* se propuseram a reunir lembranças familiares e íntimas de João dos Santos, assim como as experiências por ele vivenciadas e relatadas ao longo de sua trajetória pessoal e profissional. Para isto, elas se utilizaram de várias fontes, a exemplo dos próprios escritos de Santos, vazados de memórias, assim como por fotografias que ilustram contextos familiares e de trabalho, além de cartas de amigos, professores e parceiros de trabalho, diplomas, recortes de jornais e títulos recebidos. Trata-se, portanto, de uma importante fonte de pesquisa, uma miscelânea, repleta de conteúdos e memórias afetivas sobre a pessoa de João dos Santos.

Na infância do meu pai as relações mais próximas, além das que teve com os pais, foram com as tias maternas. As mulheres da família eram na generalidade mulheres de “genica”, trabalhadoras, não direi autoritárias, mas decididas e prontas a decidir. Os homens, vejo-os com uma autoridade que se impunha naturalmente e alguns, entre os quais o meu avô, distinguiam-se por uma filosofia de vida ligada à liberdade, à política, à cultura (LOBO, 2016, *apud* HOLANDA, 2016, p. 106).

Desde muito jovem, João dos Santos demonstrou ser sensível ao bem-estar social, à medida que revelava um interesse particular pelas causas sociopolíticas e pelas pessoas pobres e que não tinham acesso aos serviços convencionais de educação e saúde. Essas preferências revelavam seus valores ético-morais, cujas raízes encontravam-se fincadas no seio familiar, no qual sua formação humana e política fora sendo construída, em meio ao legado de lutas políticas em prol da democracia e da liberdade que sua família lhe transmitia. João dos Santos crescera, pois, entre gestos de apreço, afetos, virtudes, de autoridade e de ideais político-sociais.

O meu pai teve a sua volta mulheres com os pés na terra e os afetos nos gestos. Aos homens da família ligou-se pelo reconhecimento da bondade e da tolerância ou, na maior parte dos casos, pelo exemplo dos seus ideais sociais e políticos, de combatividade e de coragem (LOBO, 2016, p. 106).

Com essas palavras, Paula Santos reúne memórias e informações sobre seu pai e procura definir o homem que ele foi através das influências familiares que serviram como referências para o percurso de vida e de trabalho de João dos Santos. Essas afirmações, fincadas fortemente na força, nos afetos e ideais presentes no contexto familiar e que demonstram a vinculação com os papéis exercidos pelos familiares- a força e a determinação das mulheres e a bondade e combatividade dos homens- recebidos através de exemplos cotidianos e por eventos ocorridos na infância e que aparecem nos escritos de João dos

Santos, que foram influenciados por seu pai, Augusto Santos e herdados por seus filhos, que prosseguem ainda hoje tentando manter viva a história e o legado de seu pai.

O percurso profissional de João dos Santos, curiosamente, teve início como professor de Educação Física, trabalhando com as crianças dos bairros mais simples e pobres de Lisboa. Em sua atuação, defendia a Educação Física como importante recurso para o conhecimento do próprio corpo, por acreditar que ele integrava um campo de relações a ser priorizado em todos os ambientes da vida social, especialmente na escola. Como professor de educação física, Santos atuou em um projeto de educação com jovens de um ambiente socialmente desfavorecido de serviços e de oportunidades de educação e que tinha, como finalidade promover a prática de esportes em bairros pobres de Lisboa.

Suas ações como professor de educação física eram bem diferentes daquelas ações decididamente comuns que os professores de sua área faziam, daí ser considerado por seus colegas como um profissional ousado e diferente dos demais, haja vista sua disposição para se envolver com pessoas, com novas ideias e metodologias de trabalho igualmente inovadoras.

Apostei talvez em mim, como o meu pai e a minha mãe, cada um à sua maneira, e acho que ganhei a minha aposta de adolescente: - Tenho a consciência de ter desafiado muitos dos que me davam bons conselhos, enveredando pela aliciante carreira, quase subversiva, dos que se interessavam pela alegria de crianças (SANTOS, 1982, p. 11).

Ao referir-se ao projeto mencionado, João dos Santos destacou sua participação como uma oportunidade de convivência com as crianças de bairros pobres e, sobretudo, de poder sentir-se livre e movimentar-se. O gosto pelas atividades desportivas era para Santos uma fonte indispensável para a própria saúde mental e constituíra-se em sua vida em um hábito adquirido por influência de seu pai. E, assim ele defendia o seu interesse em trabalhar com crianças pobres, a partir de sua prática esportiva, como nos explica:

[...] Procurei cedo a distração do fazer de professor, no movimento lançado pelo jornal Os Sports nos anos 30, para a ginástica das crianças dos bairros pobres de Lisboa e assim pude andar e treinar com os meninos e meninas da Rua de S. João na Praça, ali no bairro popular de Alfama e em Bacarena, nos arredores de Lisboa (SANTOS, 1982, p. 11).

Operando uma mudança radical nos rumos de sua vida profissional, em 1931, ele iniciou uma formação em Medicina na cidade de Coimbra e, mais tarde, em 1933, continuou esse curso na Universidade de Lisboa, concluindo-o em 1939. Maria Eugénia Carvalho e Branco recorda vários aspectos desse período de sua formação acadêmica,

Em 1931, ingressa na Faculdade de Medicina de Coimbra. [...] Em 1933, João dos Santos prossegue o curso de medicina na Universidade de Lisboa. Termina-o em 1939. Durante o estágio hospitalar – tem a sorte de ter como professor Pulido Valente – inclina-se para as especialidades que lhe permitem estudar de modo particular a criança: pediatria e puericultura (BRANCO, 2013, p. 47 e 48).

Influenciado pelo professor Barahona Fernandes, do qual fora aluno, João dos Santos acabou por especializar-se em Psiquiatria e aprofundando-se na clínica psiquiátrica, passou a trabalhar no Hospital Júlio de Matos, na cidade de Lisboa, supervisionado por seu mestre e tutor. Através dessas experiências, João dos Santos passou a cuidar de crianças com problemas psiquiátricos, esquivando-se da visão organicista e sintomatológica que imperava à época.

Embora não tenhamos por objetivo fazer um estudo revisionista da bibliografia que aborda o legado de João dos Santos, faz-se imperioso evidenciar as referências que nos foram bastante caras para o desenvolvimento do presente estudo. As obras que serão abaixo mencionadas, entre muitas outras virtudes, contribuíram para a divulgação do pensamento e das experiências práticas de João dos Santos, as quais se traduzem na chamada Pedagogia Terapêutica.

Paula Santos Lobo e Manuela Cruz publicaram, no ano de 1994, *João dos Santos- O Prazer de Existir*, um livro foto-biográfico inspirado nas ideias, nos manuscritos e nas obras deixadas por João dos Santos. Essa fonte bibliográfica foi para nós de grande valia, pois permitiu-nos acompanhar, numa linha do tempo, a vida e os registros pessoais da infância, da adolescência, das reuniões em família, marcos importantes para a trajetória do autor, e apontados por ele mesmo em suas publicações.

A mesma fonte também nos permitiu apreciar as reações e percepções dos amigos, dos companheiros e as repercussões de alguns de seus feitos perante a sociedade na qual ele viveu, através da bagagem profissional e afetiva e de muitas memórias apresentadas por sua filha Paula e pela amiga Manuela Cruz, que nos auxiliaram na organização da linha do tempo e das trajetórias e realizações de João dos Santos.

Uma das maiores divulgadoras das ideias e trabalhos de João dos Santos é, sem dúvida, Maria Eugénia Carvalho e Branco (2010, 2013), que em sua dissertação de mestrado e em sua tese de doutorado, realizou um estudo detalhado do alicerce teórico que fundamentam as ideias de João dos Santos.

Através de um rico e minucioso trabalho, Branco nos concedeu uma profunda análise teórica e contextualização das ideias de João dos Santos, ressaltando a originalidade, a aplicabilidade e a importância crucial destas concepções para a sociedade através da atenção e

da criação de uma forma peculiar e eficiente de abordar as questões da psiquiatria da infância, inseridas nos contextos educacional e social que impactaram de forma profunda esse campo de trabalho em Lisboa.

No livro *João dos Santos: A Saúde mental Infantil em Portugal. Uma Revolução de Futuro*, publicado em 2013, Branco apresenta textos de João dos Santos que não foram publicados pelo autor, e realiza, através de sua competência como pesquisadora, historiadora e filósofa, as conexões teóricas que baseiam a vasta produção científica do autor.

Maria Eugénia Carvalho e Branco, autora do livro *João dos Santos: Saúde Mental e Educação* continua o minucioso trabalho de aprofundamento da pesquisa sobre as ideias de João dos Santos, acrescentando as informações reunidas sobre o autor e escritos que não faziam parte de seu espólio, por se encontrarem na propriedade de outras pessoas, como seus parceiros de trabalho, alunos, amigos e colaboradores, dentre os quais figuras importantes nas áreas da psicanálise, psiquiatria, educação e saúde em Lisboa. Esses livros e outras atividades de Maria Eugénia Carvalho e Branco seguem contribuindo para a ampla divulgação desse legado diante da sua importância para a educação e a saúde mental da criança.

O site *João dos Santos no Século XXI*¹⁹ constitui-se noutra importante fonte de conhecimento e pesquisa acerca da obra do referido autor. A criação do site, no ano de 2013, através do empenho de seus filhos Paula Santos Lobo e Luís Grijó dos Santos, representou uma nova ação que enseja a valorização e divulgação do legado deixado por seu pai, pois nesse site é possível ter acesso a um amplo conteúdo sobre sua obra, suas realizações, destacadas por parceiros de trabalho, admiradores e estudiosos.

No Brasil, a professora e pesquisadora Patrícia Holanda (2016), no livro *Pedagogia Terapêutica – Diálogos e Estudos Luso Brasileiros sobre João dos Santos*, também reuniu e apresentou importantes elementos da vida e da obra de João dos Santos. Entre outros objetivos da referida obra, podemos destacar o papel que a obra teve para a divulgação e a expansão das ideias de Santos em território brasileiro. Destacamos, ainda nessa direção, as pesquisas que vêm sendo realizadas no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação- UFC sobre João dos Santos, sobre a Pedagogia Terapêutica, e suas aplicações com extrema relevância e reconhecimento nacionais e internacionais. Assim, a Pedagogia Terapêutica vem rompendo barreiras de tempo e espaço, reafirmando sua atualidade e a pertinência de seus estudos.

¹⁹ **João dos Santos, médico psiquiatra, psicanalista, pedagogo.** Disponível em: <https://joaodossantos.net/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

A apreciação das publicações realizadas pelas autoras acima citadas, no sentido de demarcar o percurso trilhado por João dos Santos no campo de desenvolvimento das suas ideias e práticas profissionais, tendo por cerne seus estudos nas áreas da medicina psiquiátrica, da psicanálise e da educação, foi bastante rica e proveitosa.

Como assevera Maria Eugénia Branco (2013, 2010), a criança foi o tema central da vida e da obra de João dos Santos. Criança essa que representava, simbolicamente, ele mesmo, a própria criança João dos Santos, sobre a qual, utilizando suas próprias memórias, carregadas de sensibilidade, contou detalhadas histórias para exemplificar seus ensinamentos. No percurso de suas narrativas, Santos ia traçando caminhos povoados de ideias e reflexões que atraíam a atenção e encantavam demasiadamente seus leitores.

Maria Eugénia Branco ainda nos esclarece que o próprio “João dos Santos falou suficientemente sobre si. Não somente em uma obra prima, mas em toda a sua obra vincadamente autobiográfica” (BRANCO, 2013, p. 31).

De fato, em suas publicações podemos encontrar relatos que nos mostram a riqueza de suas experiências pessoais, ao mesmo tempo em que ilustram os construtos teóricos que ele próprio demarcara como base de seu pensamento e prática profissional.

Ele recorreu às suas próprias experiências para a construção da Pedagogia Terapêutica e essa característica nos presenteia com uma constante imersão em seus sentimentos e nos significados afetivos, que nos remetem a uma rica história de vida e de trabalho, tecida com muito afeto e muito afínco.

O próprio João dos Santos (1982) destaca que muitas das experiências por ele vividas foram fontes importantes para a sua formação como pessoa e como intelectual, capaz de transpor o campo das ideias, vivenciando-as, sobretudo, em suas experiências e práticas profissionais.

Ele, em seu discurso, revisitou com sabedoria os acontecimentos que demarcaram a sua própria infância, adolescência, a formação profissional e em suas narrativas acrescenta respeitáveis conceitos sobre a psicanálise, a educação, a saúde mental, o que nos vão fornecendo importantes referenciais teóricos sobre a criança, seus contextos de vida e suas possibilidades de evolução.

Os estudos teóricos e as experiências práticas de João dos Santos, ancoradas em ideias e propostas inovadoras no campo da saúde mental infantil, cujo compromisso político-social foi sempre alimentado por seu espírito sensível, o fizeram, também, um educador de minorias e formador de outros tantos profissionais, igualmente responsáveis pela promoção da saúde integral da criança.

Todo esse legado tem se constituído em objeto de estudo/pesquisas, cujos resultados se acham materializados em livros, artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, além, claro, da própria e extensa produção bibliográfica, produzida por ele ao longo de toda a sua vida.

Possuidor de uma formação interdisciplinar, João dos Santos foi um agente propulsor de muitas mudanças na forma de pensar a criança em seu processo de desenvolvimento, considerando, nesse sentido, a saúde física-mental e os aspectos que envolvem a formação educacional.

Em seu livro *A Caminho de uma Utopia: um Instituto da Criança* se percebe o espírito ousado e abrangente do educador João dos Santos (1982), ao pensar em uma rede de cuidados à infância, demonstrando uma ampla visão sobre os direitos da criança, sobre a responsabilidade social e as políticas de prevenção, algo inexistente no contexto da década de 1930.

Foi nesse clima para mim penoso de uma pedagogia pré-fabricada que surgiu a ideia da criação do Instituto da Criança. Foi uma luta árdua a de nos convencermos uns aos outros de que o Instituto era importante e sobretudo, de convencermos alguns de que não deveria ser um organismo centralizador de serviços já existentes, mas uma instituição de defesa dos Direitos da Criança, de captação do sentir da população e de diálogo com os Serviços Públicos e Associações privadas (SANTOS, 1982, p. 33).

Sensibilizado pelas atividades ao ar livre, pelas lembranças dos ambientes que viveu através das brincadeiras e dos esportes que acrescentaram à sua formação profissional a dimensão de apreço pela liberdade, João dos Santos pensava a criança a partir da liberdade de ser e experimentar. Tal concepção era, portanto, absolutamente contrária ao projeto de educação imposto pelo regime autoritário da época salazarista, como bem lembra Maria Eugénia Branco.

O grande interesse de João dos Santos era a saúde mental! Se forma em medicina em 1939 e depois já começa a estudar psiquiatria infantil, e já adulto em 1946, vai para Paris estudar Psicanálise. Ele tinha um profundo interesse em salvar as pessoas e, principalmente, as crianças. Tinha um pensamento que privilegiava a prevenção dos problemas psíquicos. Queria salvar não aquele que já estava “drogado” pelos remédios ou sendo tratado com choques elétricos, mas as crianças que para ele tinham toda a chance de não precisar disto. Ele tinha consciência da importância da prevenção; que podia fazer a diferença! João dos Santos tinha uma consciência da

perspectiva integral de todo ser humano. Existem textos dele em que ele dizia para as crianças meditarem!²⁰

Assim, vivendo em um período conturbado da vida política de Portugal, João dos Santos, como profissional engajado politicamente na sociedade de seu tempo, intervindo a partir dos alicerces teóricos da sua tripla formação acadêmica de educador, médico e psiquiatra, tornou-se um pensador crítico do contexto sociopolítico e educacional vivido em Portugal.

Pensando alternativas inovadoras, sobretudo no campo educacional, buscou aproximar a educação das teorias psicológicas, especialmente da psicanálise, propondo romper, assim, com as formas tradicionais de conceber e cuidar das crianças, principalmente das que apresentavam algum grau de dificuldade, independente da natureza. Assim, João dos Santos passou a ser conhecido e respeitado e a ganhar cada vez mais notoriedade pública, como nos informa Maria Eugénia Carvalho e Branco:

João dos Santos então vai para Paris e fica trabalhando no Laboratório de Biopsicologia da Criança. João dos Santos tinha muita notoriedade. Colecionava os jornais que noticiavam informações sobre ele e seus trabalhos, eles estão no final da minha tese, eu os mostrei! Nesses jornais é interessante observar que tinham notícias sobre nobres como a Rainha Elisabete, a Rainha da Bélgica, artistas, fatos importantes e eles dedicavam um espaço para João dos Santos, daí podemos lembrar a importância que ele e seu trabalho tinham na época! Cheguei a me dar conta que algumas vezes treze jornais por dia chegavam a noticiar as mesmas reuniões ou congressos de psiquiatras que eram a “nata” da psiquiatria em Portugal, como Almeida Lima, que tinha trabalhado com Egas Muniz mas sempre era dado o destaque à João dos Santos. Tenho um exemplo: nesse dia havia uma conferência onde estavam todos esses homens importantes, por exemplo Almeida Lima, o jornal citava: nesse dia estava esse, aquele, etc, mas destacava – João dos Santos disse isso...! Durante toda a vida de João dos Santos os jornalistas, bons jornalistas da época, deram toda a importância a João dos Santos!²¹

No ano de 1945, João dos Santos participou da assinatura de um manifesto político intitulado os “300 do Benfornoso”,²² que reivindicava eleições livres e o fim do

²⁰ Maria Eugénia Carvalho e Branco. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

²¹ Maria Eugénia Carvalho e Branco. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

²² “Os 300 do Benfornoso” foi o título concedido a uma ação pertencente ao Movimento de Unidade Democrática (MUD) que aconteceu em Lisboa no dia 08 de outubro de 1945. Neste evento estavam presentes cidadãos e outras personalidades que lutavam por liberdade e faziam oposição ao regime de Salazar. Foi produzido um relatório desta ocasião no qual havia um manifesto em prol de eleições livres em Portugal.

salazarismo.²³ Esse documento, assinado pelos participantes do referido movimento foi encaminhado às autoridades da época. Ao chegar ao conhecimento do governo, sua posição política contrária aos desmandos desse governo tornou-se declarada e formalizada, como ainda nos explica Maria Eugénia:

Veja, João dos Santos [...] vai ser impedido pelo regime de Salazar de entrar em qualquer hospital público. Àquela altura, João dos Santos tinha inimigos no governo que tinham medo dele. Porque só ele sofreu essa sanção! Pois na lista dos 300 Bem Formosos havia uma porção de pessoas, advogados, escritores, jornalistas. Por que quê só o João dos Santos foi punido? Porque ele já tinha uma história, era um homem de esquerda, vinha de uma família de esquerda. Os primos já tinham sido obrigados a emigrar para Cabo Verde.²⁴

Dentre os participantes do Movimento de Unidade Democrática- MUD, que tinham os mesmos ideais políticos e sociais e participaram desse encontro em outubro de 1946, João dos Santos foi o único que sofreu punições mais sérias e definidas, pois logo após o evento foi demitido do cargo de 1º Médico Assistente do Hospital Júlio de Matos e impedido de entrar em qualquer hospital público de Lisboa, através de um despacho formal do Subsecretário de Estado, emitido em 22 de janeiro de 1946.

Marcado pelo controle e a proibição de práticas de ensino e o acesso a determinados conhecimentos, por exemplo, a psicanálise, que, para os integrantes do governo, incentivava a transgressão, a liberdade e a oposição ao regime de Salazar. Assim, como no contexto político vivido por Portugal, outras ditaduras do mesmo período, isto é, na primeira metade do século XX, também impuseram fortes censuras a disseminação de determinadas correntes de pensamento. Embora João dos Santos tenha revelado em muitas de suas declarações como não sendo pertencente a nenhum partido político, ele mesmo despertava nos governantes filiados à ditadura salazarista, a necessidade de persegui-lo em razão do forte apelo que as suas ideias e ações exerciam ou poderiam exercer no seio da sociedade portuguesa. Como ressaltou Maria Eugénia, Santos tinha origem e valores que o definiam como um homem de posições ligadas a correntes políticas de esquerda, notadamente contrárias ao regime imposto por Salazar.

Contudo, apesar de se posicionar contra o regime ditatorial, João dos Santos, com sua competência e personalidade popular, soube angariar muitas amizades fundamentadas no

²³ Regime ditatorial que perdurou em Portugal entre os anos de 1933 a 1974, o qual teve como principal referência política António de Oliveira Salazar, que se manteve no poder no período de 1933 a 1968.

²⁴ Maria Eugénia Carvalho e Branco. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

respeito e na admiração que as pessoas tinham por ele, a exemplo de Barahona Fernandes, diretor do Hospital Júlio de Matos na cidade de Lisboa, o qual chegou a desafiar as ordens recebidas do governo português ao declarar seu apoio e solidariedade a João dos Santos, como recorda Maria Eugénia, nossa entrevistada:

Quando João dos Santos é proibido de trabalhar nos hospitais públicos ele diz, no meu hospital ele vai entrar sempre! Mas João dos Santos não queria criar problemas ao amigo e decide ir para Paris. Portanto, quem vai defender João dos Santos? Aqui eu faço um elogio a Barahona Fernandes, ele era psiquiatra e diretor do Hospital, um homem do regime Salazar, mas era um homem muito bom e inteligente. Era muito corajoso e vivia com a família no Hospital Júlio de Matos.²⁵

Logo em seguida, a força do regime ditatorial cai sobre ele através de um despacho formal do Subsecretário de Estado, emitido em 22 de janeiro de 1946, no qual João dos Santos foi proibido de exercer suas atividades como médico e primeiro assistente no Hospital Júlio de Matos e impedido de exercer cargos públicos em Lisboa, sendo também impedido de entrar em qualquer hospital português.

Diante dessa arbitrariedade, Barahona Fernandes, professor e amigo, procurou defendê-lo. Mas, diante da grande contenda política e com receio de prejudicar seu mestre no campo da psiquiatria, Santos resolveu sair de Portugal, numa espécie de autoexílio, tendo como destino a cidade de Paris, na França, na qual viveu entre os anos de 1946 e 1950, uma profícua temporada de estudos e trabalho.

Em Paris, João dos Santos viveu durante quatro anos (1946-1950), e lá esteve acompanhado de sua esposa, e em sua história podem ser resgatados registros do fortalecimento dos laços de amizade com outros portugueses que estiveram na cidade ocasionalmente, por razões de trabalho ou estudo. O fato é que esta estadia marcou fortemente a vida de Joao dos Santos.

Ao chegar, ele aproximou-se de pessoas importantes, destacando Henri Wallon e outros importantes psicanalistas. Mais uma vez merece destaque a competência de João dos Santos e sua habilidade de se relacionar e sua dedicação que pode ser reconhecida pelos laços que ali estabeleceu e que perduraram ao longo de toda a sua vida, como podemos observar através dos registros compartilhados posteriormente por Manuela Cruz e Paula Santos, e

²⁵ Maria Eugénia Carvalho e Branco. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

Maria Eugénia Carvalho e Branco, em seus livros e publicações sobre as histórias de vida de João dos Santos, bem como através do próprio acervo do autor.

3.1.1 As influências da Psicanálise na vida e no trabalho de João dos Santos dentro de uma nova perspectiva na Saúde e na Educação em Portugal

Um aspecto importante que podemos destacar na história do movimento Escola Nova que acabamos de discutir, diz respeito à utilização da psicanálise em diversas instituições de educação. Essa nova experiência no campo da educação teve início na cidade de Paris, por volta de 1930, sendo a mesma replicada em várias outras partes do mundo por meio das ações de escolarização e desenvolvimento propostas por instituições que tratavam a educação a partir da atenção médico-pedagógica.

Tendo por base os princípios escolanovistas, o médico e psicanalista francês André Berge (1902-1995) tornou-se importante figura na utilização e articulação entre a psicanálise e a educação. É possível constatar também que, assim como fizera André Berge, João dos Santos tomou para si como prática de trabalho, relacionar a psicanálise e a educação.²⁶

Deste modo, podemos observar que ao longo dos anos e no desenvolvimento de seus trabalhos, a psicanálise apresenta-se para João dos Santos como o fio condutor das intervenções no meio educativo.²⁷ Esse aspecto pode ser claramente percebido no conteúdo das publicações que documentam essa teoria e as experiências da Pedagogia Terapêutica.

Durante o regime salazarista português, marcado pelo controle e proibição de práticas de ensino e acesso a determinados conhecimentos, a psicanálise, por exemplo, foi banida pelos integrantes desse governo porque poderia incentivar a transgressão e a oposição ao regime. Assim como no contexto político vivido por Portugal, outras ditaduras no mesmo período, na primeira metade do século XX, também impuseram fortes censuras à disseminação de determinadas correntes de pensamento, como relembra Maria Eugénia Carvalho e Branco:

²⁶ O livro *A Higiene Mental na Escola* (1990 2ed.) foi escrito por André Berge e João dos Santos.

²⁷ *Ensaio Sobre Educação I - A criança quem é?* 1991; *Ensaio sobre Educação II – O falar das Letras*, 1983; *A caminho de uma Utopia: um Instituto da criança*, 1982; *A casa da praia: o psicanalista na escola*, 2017; *A Neurose de Angústia*, 2013.

Um fato muito importante, quando Salazar àquela época consultou Barahona Fernandes sobre a entrada da psicanálise em Portugal, ele respondeu que não! Então, a psicanálise não tinha entrado em Portugal, assim como na Rússia! A psicanálise não entra na Rússia, no regime comunista, assim como nas instituições fechadas. Nas igrejas mais fechadas a psicanálise não é bem aceita. !²⁸

Portanto, foi nesse contexto sociopolítico e educacional que João dos Santos viveu e atuou como médico psiquiatra e como educador antes de ir morar em Paris no ano de 1946. Ele agia livremente e segundo suas próprias concepções e convicções e, já nessa época, apresentava em seus trabalhos em Lisboa uma atuação cidadã e profissional que provocava mudanças e ansiava por inovações.

De acordo com Maria Eugénia Branco (2013), João dos Santos, assim como Sigmund Freud, utilizou suas experiências pessoais na construção e na divulgação da Psicanálise em Portugal, se tornando um dos primeiros psicanalistas portugueses e membro fundador da Sociedade Portuguesa de Psicanálise.

Assim, sua atuação se estendeu aos diversos contextos de atendimento terapêutico-educativo da criança, pois, além da clínica psicanalítica, Santos procurou construir frentes democráticas em favor do atendimento à criança, baseado nos pilares do respeito à individualidade, na ênfase da relação entre profissional e criança, e no planejamento e orientação de intervenções pautadas nos conceitos da psicanálise.

A psicanálise freudiana possibilitou um grande avanço na compreensão do sofrimento psíquico e dos processos psíquicos humanos que podem, a partir dela, ser analisados mais profundamente, pois, do emaranhado do inconsciente a que estamos sujeitos sem que sequer saibamos, trazer à tona à consciência os conteúdos ansiogênicos, através dos métodos psicanalíticos, traz ao ser humano o sentimento de libertação por oferecer novas possibilidades de ação e atuação, ao livrar a pessoa de suas limitações, traumas e lacunas psicológicas, permitindo que ela possa viver feliz e em paz consigo mesma. Maria Eugénia Carvalho e Branco explica que era exatamente a possibilidade de libertação que impedia que a psicanálise fosse aceita e adotada à época do salazarismo nas instituições portuguesas.

A psicanálise liberta, dá horizontes, e, por isso, não é bem aceita nas instituições. As instituições têm medo de homens livres. O mundo tem medo de homens livres. E o que as igrejas e as instituições fazem? Proíbem as pessoas de ler qualquer coisa! Era

²⁸ Maria Eugénia Carvalho e Branco. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

tudo muito vigiado e proibido. Hoje em dia ainda é assim, as pessoas livres não são bem-vistas por que os controladores não gostam de pensamentos diferente.²⁹

Além da utilização da psicanálise e da contextualização das produções de João dos Santos no campo da educação, podemos observar conexões marcantes com as ideias da Escola Nova, movimento que provocara na educação mundial uma brusca mudança de paradigma no que se refere à abordagem do conhecimento, dos métodos de ensino e dos princípios filosóficos que o originaram.

Nessa terra fértil de novas perspectivas e abordagens, Santos foi sedimentando de várias maneiras, ações que se baseavam nos princípios do referido movimento, pois durante toda a sua trajetória profissional defendeu uma educação com afeto, competência e responsabilidade que privilegiasse a criança e seu universo: “A base de toda a educação é a livre experiência, sem a qual não é possível chegar à utilização dos vários instrumentos da linguagem que permitem a aprendizagem do racional” (SANTOS, 2016, p. 109).

Assim, João dos Santos passou a ser conhecido e respeitado em Portugal e a ganhar cada vez mais notoriedade pública e admiração entre seus pares, participando de congressos, jornadas científicas e ultrapassando as barreiras geográficas portuguesas tornando-se conhecido em muitos países da Europa e da América Latina.

Cheguei a me dar conta que algumas vezes, 13 jornais por dia chegavam a noticiar as mesmas reuniões ou congressos de psiquiatras que eram a “nata” da psiquiatria em Portugal, como Almeida Lima, que tinha trabalhado com Egas Muniz e sempre era dado o destaque à João dos Santos. Tenho um exemplo: nesse dia havia uma conferência onde estavam todos esses homens importantes, por exemplo Almeida Lima, o jornal citava: nesse dia estava esse, aquele, etc, mas destacava – João dos Santos disse isso...! Durante toda a vida de João dos Santos os jornalistas, bons jornalistas da época, deram toda a importância a João dos Santos.³⁰

Maria Eugénia julga que, embora João dos Santos tenha sido conhecido e se tornado um cidadão do mundo, sua fama e notoriedade nunca chegaram a lhe fazer justiça, pois sua capacidade, integridade, sabedoria, firmeza de caráter e inteligência sempre foram maiores e sua teoria e métodos de trabalhos jamais foram divulgados suficientemente, como seria o esperado.

²⁹ Maria Eugénia Carvalho e Branco. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

³⁰ Maria Eugénia Carvalho e Branco. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

No período compreendido entre os anos de 1946 e 1950, João dos Santos viveu na cidade de Paris. A capital francesa, assim como o restante da Europa e dos Estados Unidos, vivenciava, no contexto pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945), uma época de grande efervescência cultural e científica como forma de superar os horrores da guerra.

Para Lobo e Cruz (1994), a vivência de João dos Santos na dinâmica cidade de Paris, apesar de imposta pela conjuntura política portuguesa marcada pelo regime salazarista, representou uma rica e proveitosa experiência individual e profissional. Paula Santos, sua filha, destacou que as razões que levaram seu pai a viver esse período em Paris foram puramente políticas e ideológicas e basicamente impostas pela necessidade de sobrevivência intelectual e profissional, por ter sido impedido de trabalhar em hospitais públicos durante o regime salazarista, do qual João dos Santos era um ferrenho opositor.

Paula lembra ainda que durante os quatro anos em que seu pai e sua mãe precisaram ausentar-se de Lisboa e fixar residência em Paris, ela e seu irmão José permaneceram na capital portuguesa vivendo com a avó Justina, mãe de João dos Santos. Ainda que tenha sido sofrida a ausência dos pais, Paula Santos ressalta as boas lembranças que possui da presença marcante da avó, reiterando sua admiração pelos ensinamentos e a educação que dela recebeu e, também, pela agradável convivência que ela e o irmão mantiveram com a avó nesse período.

As riquezas culturais e artísticas da capital francesa, de meados do século XX, tornaram-se referências e memórias importantes para João dos Santos. Naquele período, em Paris, grandes intelectuais e artistas integravam a cena social e cultural parisiense da qual João dos Santos e sua esposa puderam usufruir no período de 1946 a 1950. Embora sofresse com a saudade de sua pátria, de sua casa, de seus filhos, o casal Santos pôde se beneficiar do “banho de cultura” pela imersão na arte e na cultura características de Paris.

Paula Santos ressaltou na entrevista que as experiências profissionais e intelectuais vividas por seu pai em Paris nesse período, de 1946 e 1950, foram muito frutíferas, pois embora ele fosse levado por motivos políticos ao autoexílio na capital francesa, esse fato lhe rendeu perdas, causadas pelo afastamento da família e de seu país, mas também lhe trouxe muitos ganhos, em razão de Paris ser o grande centro cultural e científico da Europa, como ela mesma nos explica. “A ida para França foi muito importante, embora tenha sido por motivos políticos, também por ele ter ficado impedido de trabalhar em

Portugal. Mas foi assim muito rica, porque Paris naquela altura era um ideal... Um centro vivo, cultural e científico”.³¹

Para Maria Eugénia Carvalho e Branco, o ponto de partida da experiência em Paris foi uma carta que Henri Wallon (1879-1962) enviou a João dos Santos, na qual formula um expresso convite para que ele fosse morar em Paris - “Basta você dizer que aceita e eu providencio tudo!” – o que demonstra que Wallon já conhecia, através de referências comuns, o trabalho e a atuação de João dos Santos, possivelmente através de outros profissionais portugueses, como Barahona Fernandes e Vitor Fontes, que já eram pessoas internacionalmente conhecidas.

Assim, atendendo a esse convite, João dos Santos teve, na capital francesa, a oportunidade de manter contato mais direto com muitos intelectuais do porte de Serge Lebovici (1915-2000), André Berge (1902-1995), e logicamente Henri Wallon, dentre outros que lá viviam a essa época. De Wallon se tornou amigo e seu colaborador no Laboratório de Biopsicologia da Criança.

No laboratório de Biopsicologia da Criança sob a coordenação de Wallon, nos quatro anos em que esteve na França, João dos Santos pôde participar das pesquisas desenvolvidas no Laboratório de Psicobiologia da Criança que era destinado às crianças que apresentavam problemas de adaptação ao sistema educativo do pós-guerra, como ele mesmo claramente nos aponta:

Henri Wallon foi o mestre que me acolheu em seu Laboratório de Biopsicologia de Paris, quando um ministro de Salazar me pôs na rua e me proibiu a entrada, mesmo que de passagem, nos hospitais portugueses. Tomei gosto por este tipo de atividades marginais e como contarei adiante, despendi boa parte de minha vida paraprofissional a tentar resolver, no plano coletivo, algumas das necessidades mais prementes do sofrimento infantil (SANTOS, 1982, p. 12).

Em Paris, ao trabalhar nesse importante centro de pesquisa, João dos Santos conhece outros grupos que tinham como referência a prática da Psicanálise, o que fez com que estabelecesse outro ponto de inflexão para a sua formação e vida profissional. Ele então começa a estudar e se insere nas experiências e pesquisas, cuja fundamentação e aprofundamento tinham por base a psicanálise freudiana, por acreditar que essa experiência em Paris lhe daria venturosas oportunidades de continuar desenvolvendo suas ideias e seus projetos, mas agora a partir de novos fluxos de convivência intelectual e aportes teóricos.

³¹ Paula Santos Lobo. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Foi durante a estadia em Paris, portanto, que João dos Santos compartilhou e ampliou seus conhecimentos de médico psiquiatra e de educador com Henri Wallon, que também era médico e estudioso da infância no campo da Psicologia. Os dois mantiveram uma amizade profunda e realizaram estudos e trabalhos pautados sempre na busca de compreender o desenvolvimento humano, suas aflições e particularidades. Desse proveitoso convívio, Santos pôde, mais diretamente, fundamentar sua visão acerca da estreita relação entre afetividade, aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo da criança.

O trabalho no Laboratório de Biopsicologia da Criança, sob a supervisão de Wallon, aproximou-o de intelectuais como André Berge e Serge Lebovici. Nessa época, a psicanálise também ganhava foco no contexto científico em Paris, tendo sido André Berge o fundador do primeiro Centro Educacional de Paris, o renomado Centro Claude Bernard, cuja missão era a de implementar as contribuições e formas de intervenção próprias da Psicanálise na área da Educação.

Durante nossa conversa, indagamos a Paula Santos se João dos Santos já mantinha contato com Henri Wallon antes da sua ida para Paris, mas ela acredita que não havia uma convivência anterior.

[...] estás a me fazer perguntas de que não sou capaz de responder! Mas acho bom que as faças (risos)! O que penso que aconteceu foi que meu pai ficou sem trabalho e resolveu pedir a alguém que chegasse ao Wallon. Wallon era um homem ligado ao partido comunista, não sei se militante, mas pelo menos era um homem de esquerda e pode ter sido essa ligação, não só científica, mas também de apoiar uma pessoa que vinha de um país onde tinha o fascismo e que precisava de apoio. Portanto, penso que não havia contato antes, além do conhecimento da obra dele.³²

Por estar desempregado devido à perseguição fascista salazarista por sua militância política, por ser de esquerda e estar sem perspectivas, como acredita Paula Santos, Henri Wallon que era militante do partido comunista francês, sabendo de sua situação resolveu apoiá-lo convidando-o para uma temporada de estudos e trabalho em Paris, o que possibilitou muitas e ricas experiências conjuntas.

João dos Santos, através de suas formas de viver, pensar e trabalhar, formou parcerias muito importantes nesse período e ao mesmo tempo dedicou-se à psiquiatria infantil e ao estudo da psicanálise, pontos em comum com Wallon. Porém, no contexto de trabalho havia grupos e ações políticas nas instituições que se organizavam para trabalhar com a

³² Paula Santos Lobo. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

educação e a saúde de maneira diferente, pois procuravam torná-las mecanismos de resistência às práticas tradicionais e excludentes vigentes.

E, portanto, os contatos que ele teve com Wallon, que já era um investigador com muitas obras publicadas, foram muito importantes. Ele colaborou muito com Wallon, trabalhou muito com Wallon! Acho que tiveram especialmente dois pontos: a parte da psiquiatria infantil e a tal influência da psicanálise e da sua própria formação na psicanálise.³³

O grupo que se dedicava ao estudo e trabalho relacionado à psicanálise tinha como grande incentivador André Berge, que, no ano de 1945, tornou-se um dos pioneiros na criação dos Centros de Tratamento Psicopedagógicos em Paris, instituições que tinham por objetivo prestar apoio psicológico às crianças com manifestas dificuldades no ambiente escolar, utilizando como base os pressupostos da teoria psicanalítica.

Ao lado de George Mauco (1899-1988), André Berge foi também responsável pela direção desse Centro, fundado como anexo ao Colégio Claude-Bernard que recebeu a denominação de Centro Claude Bernard. Essa instituição foi considerada um exemplo de implantação da Escola Nova no sistema de ensino oficial francês e tornou-se uma das instituições pioneiras na tentativa de aproximação entre a psicanálise e a educação.

No livro “A Higiene Mental na Escola”, João dos Santos (1990) enfatiza sua admiração pelo amigo e psicanalista André Berge que, para ele, fora o responsável por inserir a psicanálise no contexto educacional, desenvolvendo no ambiente escolar, um trabalho que envolvia a participação de profissionais de diferentes especialidades, além de ter criado, em Paris, a Escola de Pais.

Em 1947, João dos Santos trabalhou como pesquisador e investigador em Psicologia no *Centre National de La Recherche Scientifique*, cargo para o qual foi nomeado pelo governo francês através do diretor da instituição Georges Jameti. Desempenhando essa função que lhe foi designada, Santos participou de experiências que serviram como referências para a continuidade do trabalho que ele mesmo já desenvolvera em Portugal em prol da saúde mental das crianças. No entanto, em Paris, as práticas teóricas de base psicanalítica eram bem mais avançadas em relação ao que ele havia vivenciado em Portugal (BRANCO, 2010, 2013).

As experiências vividas em Paris por João dos Santos no período que lá viveu, entre 1946 e 1950, reafirmaram seu entusiasmo e a crença em valores como a liberdade e o

³³Paula Santos Lobo. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

respeito aos ritmos individuais, os quais lhes foram bastante caros como matéria de reflexão e atuação social, cujos resultados podem ser conhecidos em seu livro “A Caminho de uma Utopia”, publicado no ano de 1982.

Nessa obra, Santos oferece ao leitor uma agradável narrativa de suas experiências, ao mesmo tempo em que propõe uma rede de proteção à criança tecida pelos fios condutores de políticas e instituições que abrigassem a saúde integral da criança, razão pela qual defendia a relação entre saúde, educação e psicanálise. Através desta articulação poder-se-ia prevenir e, ao mesmo tempo, tratar os problemas relacionados à saúde mental.

Paula Santos, durante a entrevista a nós concedida, destacou ainda as influências teórico-metodológicas que ajudaram João dos Santos no balizamento da Pedagogia Terapêutica, ao destacar sobremaneira as contribuições de Wallon, Lebovici, Diatikine e Pierre Lupé, que com ele trabalharam e o influenciaram, como ela mesma lembra:

Ele foi (a Paris) para trabalhar com o Wallon e com Lebovici, que além de pedopsiquiatra era psicanalista. E ele foi um dos pioneiros da psicanálise em Paris, que trabalhava nesse hospital e foi lá onde ele começou a ter contato com a saúde mental e a pedopsiquiatria, que se fazia à essa altura em França. Os nomes de seus companheiros e influenciadores foram Lebovici, Diatikine, Pierre Lupé,.. Esses são os que mais me recordo.³⁴

Assim, merecem destaque as experiências realizadas por Serge Lebovici no campo da Pedopsiquiatria, uma especialidade psiquiátrica centrada na criança e em suas características particulares de desenvolvimento que se relacionavam com a saúde mental. A convivência com Lebovici e esse grupo despertou em João dos Santos a percepção da diferença do trabalho realizado por uma equipe embasada nas contribuições da psicanálise.

O contato com esses teóricos em Paris influenciou significativamente o pensamento e as ideias de João dos Santos, fazendo-o aprofundar seus conhecimentos em Psicanálise, estudando e submetendo-se a uma análise psicanalítica, o que o levou cada vez mais, a buscar relacionar a teoria psicanalítica à compreensão do desenvolvimento infantil e dos problemas que emergiam no cotidiano da escola.

Em sua concepção, esses elementos apresentavam uma raiz submersa, por vezes inconsciente, nas experiências fundantes para o desenvolvimento da personalidade e, segundo os pressupostos da psicanálise, tais experiências ocorriam no curso da vida da criança ao lado da família e em seguida dos adultos de referência que João dos Santos nomearia como família

³⁴ Paula Santos Lobo. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

“alargada”, formada pelos atores das instituições que estabeleceriam contato com a criança ao longo de seu crescimento, como a escola e outros instrumentos sociais.

Paula Santos enfatiza ainda que, além do trabalho com Henri Wallon no Laboratório de Biopsicologia da Criança, o trabalho com Lebovici, no 13eme, bairro em que se localizava a *Pitié-Salpêtrière*, o maior e mais antigo hospital de Paris, também influenciou João dos Santos de forma marcante, sobretudo em razão da formação a partir dos conceitos da psicanálise que, à época, vinha sendo expandida através do trabalho voltado para a saúde mental nessa cidade, Paris, como Paula recorda:

Essas experiências aí foram muito importantes, não só pelo trabalho em saúde mental que se fazia com as crianças, mas também pelo começo, a introdução... E não foi apenas a introdução na psicanálise! Foi da importância da formação psicanalítica no trabalho em saúde mental. Não é que eles não faziam psicanálise no serviço do estado! A questão em Paris é que a formação em psicanálise virou uma preparação aos técnicos que trabalhavam no serviço psiquiátrico, especialmente os médicos! A linha orientadora era muito influenciada por essa formação psicanalítica!³⁵

A importância da psicanálise para a saúde mental acarretou grande mudança de concepção que envolvia a formação psicanalítica por técnicos e médicos psiquiatras para o atendimento público, citada aqui por Paula Santos e que foi também destacada por Maria Eugénia Carvalho e Branco, na entrevista que nos concedeu. A psicanálise deixou de ser elitista, crítica feita a ela permanentemente, para ser incorporada ao trabalho diário em saúde mental.

Assim, alimentando nosso interesse investigativo acerca do período de estadia de João dos Santos em Paris, Maria Eugénia ressaltou o quanto essa experiência representou um importante marco divisor em sua vida e em seu trabalho: “Em Paris ele vai buscar tudo!”. De forma clara e gentil, ela respondeu cada pergunta por nós formulada, tendo sempre, um vasto campo de informações acerca dos projetos, das realizações e das conquistas de João dos Santos.

Para explicar a reunião de tantas pessoas intelectualmente privilegiadas, tantos teóricos famosos e conhecidos, como João de Santos, Wallon, Lebovici, Diatkine, dentre outros, Maria Eugénia se refere a esse período e a esse grupo de intelectuais e pesquisadores como um grupo de “homens iluminados” que conviveram e trabalharam na Paris de meados do século XX.

³⁵ Paula Santos Lobo. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Maria Eugénia discorre sobre esse grupo de “iluminados” referindo-se a Hegel, considerado por ela “o grande iluminista do Iluminismo”. Segundo nossa entrevistada, para o citado filósofo alemão, “não se sabe por que, mas há, em um determinado período, um grupo de iluminados que se junta!”.

Ela acredita que essa reunião de pensadores privilegiados foi um momento único na história do pensamento humano e foi justamente o que aconteceu em Paris quando João dos Santos conhece os maiores psicanalistas da Europa e junta-se a Wallon, Lebovici, Winnicott, Diatikine, Pierre Lupé, dentre outros, para constituir um grupo, cujo ambiente de convivência era sempre iluminado por ideias e experiências, cuja base teórica era a psicanálise.

A nata da psiquiatria e da psicanálise estava em Paris nessa época, ou se não estava lá, estava em contato com Paris naquele momento. Winnicott escreve para João dos Santos e ele escreve e conhece todos os maiores psicanalistas da Europa! É convidado para dar conferências na América, pois ele vai contatar com a nata da psiquiatria e da psicanálise da Europa! O que havia em Paris naquela época que hoje já não há mais? Não havia nenhum psicanalista que não fosse neurologista, psiquiatra ou pedopsiquiatra! A psicanálise estava aglutinada com a questão físico-química da história.³⁶

Postas em movimento, o alcance intelectual das ideias compartilhadas e tratadas por esse grupo de pesquisadores e profissionais da área da psiquiatria, da neurologia, da psicanálise e da educação fizera espargir para vários campos as bases de muitas “verdades” que as formas de pensar, propostas pela modernidade, haviam, por assim dizer, engessado várias áreas do conhecimento.

Foi assim que, no campo da educação e da saúde mental, os indivíduos considerados fora dos padrões normais de comportamento, independentemente de sua idade, raça ou dificuldade, acabavam por serem aprisionados em grades de preconceitos e exclusão, que iam ficando cada vez mais fortalecidas com o passar do tempo. Maria Eugénia explica como isso ocorreu:

João dos Santos chega em Paris em 1946 depois da guerra. Lá esses psicanalistas, psiquiatras, construíam um grande laboratório. O que faziam? Um grande laboratório de pedagogia aonde as crianças vinham sem pai, sem mãe, sem tios. Algumas crianças estavam nas ruas, mutiladas, sem braço, sem pernas! O que fazem os grandes psiquiatras da época, o Lebovici, o Diatkin? Vão para as ruas, educar as

³⁶ Maria Eugénia Carvalho e Branco, entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

crianças! Então, João dos Santos encontra em Paris o que já estava a buscar aqui em Lisboa, que era salvar as crianças da grande depressão.³⁷

No contexto de pós-guerra, a França assim como o resto da Europa, procurava recuperar-se dos prejuízos que esse nefasto período da história da humanidade ocasionou em escala mundial, especialmente nos aspectos políticos e econômicos, cujas sequelas se fizeram sentir em todas as esferas da vida em sociedade.

No entanto, apesar desse contexto de destruição, a sociedade, em especial esse grupo de pensadores, despertava para a necessidade de cuidar e assegurar ações destinadas aos jovens e as crianças que sobreviveram ao período da guerra, nos períodos tidos como fundamentais para o desenvolvimento infantil e juvenil. Para a psicanálise, os dois grupos, jovens e crianças, viviam em condições de grande vulnerabilidade emocional causada pela própria vulnerabilidade social a que foram relegados pela guerra.

Serge Lebovici e Donald Winnicott, citados acima no relato e nas memórias de Maria Eugénia, possuem honroso destaque na história da expansão da psicanálise na França, tendo sido ambos, de fundamental importância para o amadurecimento das ideias e dos projetos de trabalho levados a efeito por João dos Santos, em Lisboa.

As experiências vivenciadas por Santos na capital francesa foram, pois, basilares para o enriquecimento do seu desejo de tratar e modificar, de forma positiva, a vida das crianças que enfrentavam privações durante o crucial processo de desenvolvimento.

Um dos marcos na formação de João dos Santos como psicanalista está na relação que ele próprio desenvolveu com importantes psicanalistas que o influenciaram, a exemplo de Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981), com quem João dos Santos fez por pouco tempo um período de análise clínica, como Maria Eugénia conta na entrevista que a nós concedeu:

João dos Santos foi psicanalisado por Lacan, por pouco tempo, mas foi! E teve uma discórdia com ele porque ele fazia sessões curtas. Foi psicanalisado por grandes psicanalistas em Paris e depois de sua formação psicanalítica, voltava sempre a França para realizar sua análise e as supervisões.³⁸

Para ela, Maria Eugénia, um fato que chama muito a atenção diz respeito à capacidade de João dos Santos para questionar, inquirir e interpretar seus próprios processos

³⁷ Maria Eugénia Carvalho e Branco, entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

³⁸ Maria Eugénia Carvalho e Branco, entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

de vida e de experiências. Conforme ela mesma ressaltou em seu livro, ao resgatar a fala do médico e professor de João dos Santos, Barahona Fernandes que reiterou essa qualidade em João dos Santos, o que o transformou em seu supervisor médico. No entanto, Maria Eugenia constata e lamenta que João dos Santos seja ainda pouco estudado e divulgado:

Ainda há muito que se aprender e se explorar da teoria de João dos Santos, no campo da psicologia, psiquiatria, psicanálise. Não se trata somente da pedagogia, mas para além. Agora, com os estudos de Patrícia (Holanda) ele já está sendo melhor estudado, tem um melhor lugar, com os psicólogos! O que acontece é que ficou muito tempo, muito restrito aos pedagogos e pessoas que não aprofundavam seus estudos. Tinham muita vocação, mas não estudavam a fundo (BRANCO)!³⁹

Na próxima subseção, apresentamos as experiências desenvolvidas por João dos Santos no seu trabalho na cidade de Lisboa, que foram assentadas na relação entre a psiquiatria, a psicanálise e a educação. Essa tríade, que pautava a formação e o conhecimento interdisciplinar de João dos Santos, serviu de base teórico-metodológica para o que se convencionou chamar de Pedagogia Terapêutica.

³⁹ Maria Eugénia Carvalho e Branco. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

Figura 5- Momentos de João dos Santos, em 1948, no Jardim de Luxemburgo, Paris



Fonte: Duarte e Cruz (1994, p. 63).

3.2 O Médico João dos Santos- vivências como médico psiquiatra de hospitais públicos

Operando uma mudança radical nos rumos de sua vida profissional, em 1931, João dos Santos iniciou uma formação em Medicina na cidade de Coimbra e, mais tarde, em 1933, continuou esse curso na Universidade de Lisboa, concluindo-o em 1939, como Maria Eugenia Branco tão habilmente recorda em seu livro:

Em 1931, ingressa na Faculdade de Medicina de Coimbra. [...] Em 1933, João dos Santos prossegue o curso de medicina na Universidade de Lisboa. Termina-o em 1939. Durante o estágio hospitalar – tem a sorte de ter como professor Pulido Valente – inclina-se para as especialidades que lhe permitem estudar de modo particular a criança: pediatria e puericultura (BRANCO, 2013, p. 47 e 48).

Influenciado pelo médico e professor Barahona Fernandes, de quem fora aluno, João dos Santos acabou por especializar-se em Psiquiatria e aprofundando-se na clínica psiquiátrica, passou a trabalhar no Hospital Júlio de Matos, na cidade de Lisboa, supervisionado por seu mestre e tutor. Através dessas experiências, João dos Santos passou a cuidar de crianças com problemas psiquiátricos, esquivando-se da visão organicista e sintomatológica que imperava à época.

Por essa razão, fugindo do binômio saúde e doença, João dos Santos procurava demonstrar seu alinhamento a uma perspectiva mais holística e integral de saúde que envolvia, em cada pessoa, as embricadas dimensões de ordem física, emocional e subjetiva dos seres humanos, que muitas vezes não são devidamente identificadas por serem de ordem emocional, psicossomáticas.

A medicina resolveu, praticamente, o problema das doenças infecciosas e sabe bastante das doenças degenerativas. O que continua a ser um mistério é o das doenças cujo fator etiológico é de ordem emocional: as doenças psicossomáticas (LOBO; CRUZ, 1994, p. 51 *apud* SANTOS, 1983, p. 231).

Desse modo, Santos passou a realizar um trabalho diferenciado, contemplando essas três dimensões, ao mesmo tempo em que provocava reflexões acerca dos serviços oferecidos à população e a efetividade desses serviços para a satisfação das necessidades inerentes à situação daqueles que os buscavam.

A psiquiatria que propunha essa perspectiva psicodinâmica se diferenciava da tendência nosológica, a qual se detinha especificamente nos sintomas observados nos pacientes, e propunha como forma de tratamento a utilização de medicação, com o fim de solucionar as dificuldades aparentes demandadas pelos pacientes. Era, portanto, esse modelo de abordagem que se ensinava e praticava na psiquiatria em Portugal.

A abordagem do sintoma, a partir do olhar da psicodinâmica buscava, por sua vez, enxergar a criança que apresentava problemas de ordem psicológica, comportamental ou de outra natureza, considerando-o a partir de um processo que deveria envolver, no mesmo fluxo, o sintoma e a relação entre o profissional, a criança e a família.

Partindo, pois, desse pressuposto, João dos Santos, junto a outros profissionais e tendo por base a teoria psicanalista, passaram a realizar vivências no trabalho, com foco no desenvolvimento e a aprendizagem. As pesquisas realizadas o levavam a concluir que para se aproximar das problemáticas psiquiátricas infantis, fazia-se necessário voltar o olhar para os vínculos emocionais com os pais e toda a família da criança.

O interesse pela psicanálise inicia-se ainda durante a sua formação médica, quando João dos Santos chegou a realizar estágios supervisionados por importantes médicos psiquiatras em Portugal, sobre os quais ele nomeava seus mestres: Barahona Fernandes, professor e supervisor no Hospital Júlio de Matos e Vitor Fontes, que fora seu supervisor na especialização em psiquiatria geral no Hospital Miguel Bombarda.

Atuando como médico, psicanalista e educador na cidade de Lisboa em Portugal, João dos Santos alicerçou as bases de seu pensamento e de sua prática na valorização da escuta, do observar, do olhar cuidadoso e afetivo, visando à saúde mental das crianças e, de maneira ampla, dos indivíduos, ao mesmo tempo em que buscou dar ênfase à responsabilidade que a sociedade deve ter em relação aos cuidados e à educação das crianças, de modo a privilegiar a saúde, a aprendizagem e o desenvolvimento de suas potencialidades, em um ambiente social saudável e ajustado.

Como médico psiquiatra, João dos Santos encontrou na psicanálise freudiana uma abordagem que lhe passou a ser muito cara à compreensão que tinha do ser humano. Identificado, portanto, com a abordagem psicanalítica, Santos passou a estabelecer uma profícua conexão entre a psiquiatria, a psicanálise e a educação, demarcando, assim, um novo campo a partir do qual sua trajetória de vida e de trabalho sofreu forte influência, pois compreendia a importância da vivência do complexo de Édipo e a resolução da triangulação inerente ao desenvolvimento psicosexual humano, proposto por Freud como sendo um fator

primordial para a preparação da criança para a vivência da experiência escolar, de forma saudável.

Conforme nos esclarece Maria Eugénia Carvalho e Branco, João dos Santos foi responsável pela formação de toda uma geração de médicos em Lisboa. Em seus estudos, Branco (2010, 2013) já havia escriturado que as primeiras médicas pedopsiquiatras portuguesas e que tiveram Santos como professor enfatizavam que, antes de terem aulas com ele, nunca haviam ouvido falar da importância da primeira infância para a saúde mental das pessoas.

Essas profissionais médicas reiteravam que João dos Santos havia sido o médico e professor responsável pela sua formação e inserção aos conhecimentos sobre a importância da infância para todo o desenvolvimento e para o restante da vida humana, e que lhes dera a grande oportunidade de terem acesso a essa visão mais moderna e atualizada da infância, que ainda não havia em Portugal e que já existia à época na França e em outras partes da Europa, como Maria Eugénia bem lembra:

João dos Santos não foi só importante na pedagogia, ele foi muito importante para a psiquiatria e, sobretudo, para a pedopsiquiatria. Ele trouxe a formação voltada especialmente para a infância que não havia ainda em Lisboa. Ele foi formador de muitos psiquiatras para atuar na área da infância. Existe uma geração de grandes psiquiatras que deve a João dos Santos estudar as modernidades que havia naquela altura, já na França e na Europa ⁴⁰

João dos Santos era um homem contemporâneo a seu tempo e ao mesmo tempo era um visionário, um grande e inconformado inovador que desejava mudanças e brigava por melhores condições de trabalho e atendimento, que almejava transformar a medicina, a psiquiatria e a pedagogia em ações mais humanas e a serviço do povo mais humilde e necessitado.

3.3 O Humanista João dos Santos – o republicano, democrata e leitor da subjetividade humana

João dos Santos foi um homem lúcido, presente e à frente do seu tempo por considerar a pessoa humana de forma integral, holística, e ele teve grande importância para a

⁴⁰ Maria Eugénia Carvalho e Branco. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

educação e a psiquiatra de Portugal, sendo considerado um modelo de orientação e de intervenção no exercício profissional, em áreas como a saúde e a educação.

Paula Santos, que também é educadora, fala sobre as influências teóricas de João dos Santos, especialmente do período em que viveu em Paris, que envolvem a compreensão da importância do estudo e de uma adequada e fecunda formação teórica e profissional para tratar com a problemática da criança e das experiências que ela própria vivenciou como técnica e profissional de saúde mental e o conhecimento da psicanálise para seu trabalho e para o trabalho de seu pai.

[João dos Santos] saiu da linha da psiquiatria, do sintoma biologista, para a linha psicanalítica, como você pode ler em seu livro *O valor do sintoma*. Mas o que eu posso dizer com aquilo, o que sou capaz de expressar? Deixa eu ver... Quando se lê as coisas do meu pai, há muitas referências ao que ele aprendeu, ao que ele viu em Paris, não é? Isso vai se descobrindo... Mas ainda posso falar por mim, do que eu também vivi como técnica, porque também trabalhei em saúde mental e sou capaz de falar naturalmente sobre a Psicanálise, sem estar a pesquisar agora, mas a pesquisar em minha cabeça.⁴¹

Paula Santos também recorda o quanto seu pai prezava o estudo, a supervisão e o trabalho em equipe. Nessa direção, suas propostas eram acompanhadas de uma etapa de preparação prévia dos profissionais e de aprofundamento teórico das teorias do desenvolvimento da criança e dos conceitos psicanalíticos, a partir dos quais se buscava observar, cuidadosamente, os significados conscientes e inconscientes presentes no quadro de sintomas estabelecidos pelas demandas de cada criança.

Para muitos contemporâneos, João dos Santos possuía singular capacidade para “traduzir” os conteúdos teóricos para uma linguagem simples e direta, embora eles fossem marcados por uma densa profundidade teórica e filosófica. Desta forma, através de livros, artigos escritos em colunas de jornais, emissões radiofônicas e em outros meios de comunicação, seu discurso facilmente era absorvido por psiquiatras, médicos, educadores e especialistas que atuavam na área da infância e para o público em geral, para os quais ele desejava repassar temáticas voltadas à saúde física e mental e a educação da criança, com ou sem dificuldades.

Essa capacidade e grande sensibilidade de comunicar-se com as pessoas de uma forma autêntica e genuína conquistou muitos adeptos e colaboradores para o trabalho que

⁴¹ Paula Santos Lobo, Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

João de Santos desenvolvia. Ele conseguia empaticamente se colocar no lugar do interlocutor ou ouvinte e dizer aquilo que a pessoa estava precisando ouvir e saber.

Entretanto, foi na cidade de Paris que João dos Santos dedicou-se a um trabalho em que acreditava e, cercado-se de especialistas, pesquisadores e cientistas, sedimentou a sua formação teórico-prática que lhe permitiu redefinir as bases de seu pensamento e, conseqüentemente, de sua prática no campo da medicina, da psiquiatria e, sobretudo, da educação das crianças.

Estudioso da mente humana, mais particularmente do período da infância, ele buscou sempre vários ângulos de visão e de interpretação das problemáticas infantis através da adoção de novas metodologias de observação da criança, da análise psicopatológica, visando à prevenção e o tratamento quando este fosse necessário.

Muito humano e bastante tocado pela situação das crianças que sobreviveram aos horrores da Segunda Guerra Mundial, foi em Paris que João dos Santos dedicou-se a trabalhar com esses órfãos da guerra, jovens infratores que estavam aos cuidados de instituições de correção e tratamento de comportamentos julgados inadequados para o convívio social.

Essas instituições tinham por objetivo desenvolver ações que pudessem possibilitar a presença e a continuidade dessas crianças no sistema regular de ensino. Toda essa convivência junto aos órfãos e aos jovens infratores foi fundamental para que João dos Santos concebesse e desenvolvesse as bases teóricas da Pedagogia Terapêutica.

Sempre curioso e insatisfeito e entendendo que seus conhecimentos de patologia orgânica não abrangiam com profundidade as problemáticas infantis, achou indispensável fazer uma formação em psicanálise por acreditar que a aquisição desse novo referencial lhe possibilitasse estabelecer os princípios da psicanálise como base para a formação e a atuação das equipes de trabalho que coordenava para a execução dos projetos concebidos em parceria com esses profissionais, cujas formações eram de várias outras áreas.

Do ponto de vista clínico, o médico e psiquiatra João dos Santos procurava dedicar aos problemas que as pessoas lhe relatavam uma atenção cuidadosa, minuciosa, buscando enxergar nas origens afetivas e emocionais o que as palavras buscavam comunicar. Amparado, portanto, nesse modelo de análise, empregava seus conhecimentos sobre desenvolvimento infantil e os conceitos psicanalíticos relacionados aos mecanismos do desenvolvimento, de origem racional ou simbólica.

Assim, alicerçando seus estudos e a prática psiquiátrica dentro de uma visão humanista e inovadora, João dos Santos passou a concentrar sua atenção às doenças de ordem emocional, pois, para ele, aí residiam grandes mistérios a serem desvendados. Com essa

disposição investigativa, Santos buscou operar a aproximação entre pesquisa e prática clínica, na tentativa de cada vez mais vislumbrar nas pessoas o núcleo emocional que traziam consigo mesmas, através do qual seria possível desenvolver doenças psicossomáticas.

Fundamentado, pois, no diálogo entre a Psiquiatria e a Psicanálise, resultado de seus estudos, João dos Santos passou a negar as experiências profissionais baseadas no simples diagnóstico de sintomas físicos e a análise dos resultados oferecidos pelos testes psicométricos de inteligência e de habilidades. Mais do que isso, ele compreendia ser indispensável aprofundar-se nos aspectos relacionais, nos afetos, nas expectativas e nas fantasias envolvidas nos processos de aprendizagem, a nível inconsciente.

A abrangência da obra de João dos Santos alcança, portanto, as áreas da saúde mental e da educação com ênfase na infância, constituindo uma base de extrema relevância, por compreender que a família, a escola, a educação formal e a sociedade influenciavam os processos de subjetivação das pessoas. Sobre esse interesse e investimento intelectual e profissional, Coimbra de Matos (1994) ressalta:

Foi a escola, essa importante segunda matriz do desenvolvimento social, que mais entusiasmou a vida profissional de João dos Santos. Ele era, por excelência, um grande pedagogo. A sua observação de uma criança em idade escolar era um espetáculo de arte e perícia; via-se de fato “o psicanalista na escola”. Não foi por acaso que depois da reforma do serviço público continuou a orientar os seminários psicopedagógicos da “Casa da Praia” (externato médico-pedagógico do Centro de Saúde Mental Infantil e Juvenil de Lisboa) (MATOS *apud* LOBO; CRUZ, 1994, p. 8).

Ser considerado “um psicanalista na escola” ou ser um pedagogo nato deu a João dos Santos grande perícia para observar as crianças nas escolas, dar orientação e dar sequência às experiências desenvolvidas com os professores e técnicos, revela a importância que suas ideias tiveram para a pedagogia portuguesa, e, de maneira mais ampla, para uma nova visão e compreensão da criança, de modo que essas ideias foram e ainda são impactantes para a psicologia, assim como para a educação.

Do ponto de vista prático, podemos dizer que a criação de uma rede de proteção às crianças, ancorada em seus conhecimentos e experiências, com base no educar e no cuidar resultou, justamente, na conexão estabelecida entre a psiquiatria, a psicanálise e a educação.

Alicerçado, portanto, em uma visão moderna e humanista de pensar e promover a relação entre a educação e a saúde mental, João dos Santos se deparou com dificuldades de toda ordem quando retornou a Lisboa no ano de 1950. A sociedade portuguesa ainda vivia sob a força do regime salazarista (1933-1974), contexto político que marcou sua vida, sobretudo

no início de sua trajetória profissional, e o levava a participar de grupos de resistência política ao referido regime, notadamente ao projeto de educação nacionalista voltado ao controle e à dominação da população e que, além disso, o fizera sair de Portugal.

A esse período, meados do século XX, vivia-se, ainda em Portugal, um tempo que Maria Eugénia nomeou de “a grande depressão”. Nesse contexto sociopolítico, a infância não era privilegiada nas políticas que regiam as formas de fazer educação, assim como, de maneira mais ampla, no tratamento e nos serviços destinados aos cidadãos de modo geral.

As concepções de criança e de família que fundamentavam tais políticas não levavam em consideração a importância de uma atuação profissional voltada à saúde e à educação na fase inicial de desenvolvimento, bem como para dar uma maior atenção a esses campos, por serem formas preventivas de evitar futuras dificuldades.

Entre as muitas dificuldades enfrentadas no seu regresso à capital portuguesa, João dos Santos precisou lidar com a ausência de psiquiatras e psicoterapeutas que tivessem formação e experiência específica com as crianças, além da falta de investimento público em políticas essenciais para a infância, fato por ele denunciado. Diante desses inúmeros desafios, traçou estratégias que o levaram a realizar a formação de profissionais de diversas áreas para atuar ao seu lado nos projetos e ações.

João dos Santos, já em solo português, ousadamente continuou a clamar a atenção dos colegas para os problemas que atingiam as crianças, a partir de sua história, de seu desenvolvimento e segundo as bases psicodinâmicas dos aspectos integrados pelas relações entre fatos biológicos, psíquicos e sociais, como lembra de forma contundente sua filha, Paula, embora denuncie que havia médicos que fizeram a formação psicanalítica e ficaram em seus consultórios vivendo da psicanálise, mas João dos Santos precisava trabalhar e queria levar esse atendimento aos hospitais públicos.

Ele foi, então, a pessoa que vem de fora, vem trazendo essas ideias e promove essa onda. E outra coisa importante, que acho que aconteceu, é que os médicos que fizeram formação psicanalítica fora, estou dizendo aqui minha opinião, os primeiros psicanalistas ficaram em seus gabinetes a fazer psicanálise e o meu pai, tinha que trabalhar porque não tinha dinheiro!⁴²

Falando também sobre a importância do período em que João dos Santos esteve em Paris, Manuela Cruz, por sua vez, ressaltou que foi na capital francesa que esse teórico

⁴² Paula Santos Lobo, entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

pode amadurecer suas ideias e rever seus projetos educacionais que ele queria e imaginava fazer, quando voltasse a Lisboa.

Olhe, como já se sabe, a ida pra Paris, não foi de sua vontade primeira. Foi uma perseguição, pois, da parte das pessoas do governo do Salazar. Mas, na minha opinião, foi muito bom que isso tenha lhe acontecido. Ele teve muito sofrimento em deixar os filhos e família, mas lá ele encontrou muitas ideias que eram parecidas com as suas. Foi uma grande oportunidade de conhecer pessoas importantes e trabalhos que ele aqui imaginava fazer. Então, quando aqui volta, vem cheio de sonhos e com mais vontade de mudar. Mais seguro e aprofundado na psicanálise. Me ensinou muito. Me ensinou a olhar o que estava por detrás de, muitas vezes, tristeza, agitação. Aprendi a ler o significado escondido, quando a criança não-diz, o não-consciente.⁴³

Embora reconheça a dor e o sofrimento vivido por João dos Santos quando decidiu partir de Lisboa para Paris, deixando seus filhos e sua família, Manuela Cruz ressalta as consequências positivas da escolha feita por Santos, pois, na capital francesa, durante quatro anos em que lá esteve, de 1946 a 1950, ele iniciou um processo de análise e aprofundou seus estudos sobre a psicodinâmica, através das experiências ao lado de renomados psicanalistas que alcançavam resultados positivos com a utilização da psicanálise no tratamento de crianças.

Manuela Cruz ressalta que João dos Santos voltou mais maduro e consciente da importância da psicanálise no trabalho e no olhar para o outro, a ler nas entrelinhas o significado oculto das palavras, do não dito, e sente-se agradecida por ele ter lhe ensinado tudo, a ver o sentido e o significado oculto da alegria, inquietação ou tristeza para a criança. “Voltou mais seguro e aprofundado na psicanálise. Me ensinou muito. Me ensinou a olhar o que estava por detrás de, muitas vezes, tristeza, agitação. Aprendi a ler o significado escondido, quando a criança não-diz, o não consciente”.⁴⁴

João dos Santos, fundamentado nos princípios da Psicanálise, construiu sua teoria, a Pedagogia Terapêutica, para lidar e tratar problemas que emergiam no contexto da educação, considerando, sobretudo, aquelas crianças que não tinham oportunidades de desenvolver, plenamente, sua capacidade de aprender e de estar no mundo, seja em razão de questões comportamentais ou por não se encaixarem nas formas predeterminadas de aprender ou de viver.

No contexto histórico em que João dos Santos passou a atuar profissionalmente, meados das décadas de 1940, 1950 e 1960, as crianças que eventualmente apresentavam

⁴³ Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

⁴⁴ Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

dificuldades de adaptação permaneciam nas escolas e instituições, mas em grande desvantagem, pois eram rotineiramente exigidas em termos de comportamentos e aprendizagens que, muitas vezes, não conseguiam apresentar por julgarem estar aquém de suas capacidades.

Por essa razão, João dos Santos, em suas obras teóricas (1982, 1982, 1990, 1991, 2014, 2016, 2017), construídas com base no estudo, no esforço e nas experiências de trabalho demonstrava, através de críticas e observações, a nossa sociedade adultocêntrica e suas falhas no que concerne ao desenvolvimento pleno das crianças. Nessas obras, ao mesmo tempo em que refletia sobre a negligência aos direitos das crianças, buscava, através de seus escritos, sensibilizar os pais, os profissionais e os adultos sobre essa necessidade.

Para Holanda (2016), João dos Santos passou a estruturar suas ideias tendo por base a noção de “família alargada”, compreendida como aquelas pessoas que eram mais próximas da criança. Ele imaginava que, no ambiente escolar, cada profissional e especialmente cada criança, com suas particularidades e dificuldades, compunham essa “família alargada”, através do estreitamento dos laços afetivos e da responsabilidade que devem sustentar às práticas educacionais, diluídas no tecido das relações cotidianas que envolvem os adultos no papel de professores e as crianças na condição de alunos.

Para João dos Santos, toda essa sinergia era fundamental para a constituição do sujeito, matéria preventiva para o tratamento de problemas psicológicos por meio da sensibilização dos atores educacionais. Além da escola, a noção de “família alargada” deveria espalhar-se aos campos da saúde e da sociedade como um todo, principalmente no que concerne ao amparo e ao cuidado para com essas crianças.

Assim, pensando o lugar da criança na sociedade nos anos de 1950 e 1960, João dos Santos demarca a família como sendo a primeira sociedade na qual a criança se insere e recebe uma série de influências e com a qual, também, estabelece relações de amor, aprendizados e, por vezes, resistências. A família é, sem sombra de dúvidas, o berço das relações fundamentais para o desenvolvimento da criança, como ele mesmo nos informa:

Todos sabemos que o indivíduo adulto sofre influência direta da sociedade em que vive e que a criança a sofre indiretamente através de sua família e depois através da escola. Mas a família é justamente a primeira sociedade com a qual a criança toma contato, que actua diretamente sobre ela, com a qual aos seus interesses pela primeira vez se chocam e, portanto, são os traços da sua influência que ficam mais profundamente marcados. A família é, principalmente para a criança pequena, o seu mundo (SANTOS, 2014, p. 29).

Entretanto, a situação das crianças que se distanciavam dos resultados esperados em contextos educacionais e de saúde, no contexto de meados do século XX, era muito delicada e, na maioria das vezes, se buscavam justificativas para as inaptações que poderiam ser atribuídas a problemas de ordem biológica, psicológica, sociais, de modo que toda projeção e responsabilização pelos insucessos eram destinadas aos próprios sujeitos, as crianças.

Quanto às famílias, estas raramente recorriam a abordagens psicológicas e/ou educacionais que questionassem a responsabilidade do próprio sistema escolar, de seus métodos ou de suas ações, de maneira que a criança não fosse unicamente culpada por seus insucessos. Essa situação findava por construir na escola um muro de exclusão das crianças que apresentavam problemas e que interferiam em seus resultados acadêmicos ou na própria adaptação à escola.

Em muitos casos, com o passar do tempo ia ocorrendo um agravamento das situações de desadaptação, desencadeando dificuldades que muitas vezes se tornariam crônicas ou de difícil superação. Na realidade, muitas vezes os problemas poderiam ter sido solucionados ou bem administrados através de intervenções conjuntas e encaminhamentos para serviços e para profissionais especializados e mais sensíveis que poderiam colaborar com o desenvolvimento da criança e seus processos de aprendizagem, além da ajuda dos próprios professores e dos profissionais da escola.

Assumindo uma postura empática, e trabalhando de forma diferente da que era então adotada, João dos Santos procurava refletir sobre a relação da criança com seu entorno na tentativa de compreendê-la além da doença e de seus sintomas, porque ele acreditava que essa atitude diante dos problemas seria muito mais justa e ajudaria mais a criança e a própria família.

Essa forma de agir e pensar tinha por base, além das teorias que seguiu, a sua própria história, pois João dos Santos era motivado pelas suas próprias experiências e histórias de vida, pois ele próprio experimentara dificuldades para a aprendizagem de línguas, por ser disléxico e porque desejara se tornar professor quando jovem, como explicou em seu livro *A caminho de uma utopia*, publicado no ano de 1982.

Voltando a minha problemática escolar, ela foi certamente o fator dinamizador do meu interesse pela educação e pela pedagogia. Por volta dos quinze anos, apesar da persistência de certas dificuldades, de tipo disléxico para o estudo das línguas, pensei em fazer o curso do Magistério Primário (SANTOS, 1982, p. 13).

Para João dos Santos, um dos princípios fundamentais da educação deveriam ser a construção e manutenção de um ambiente rico e estimulador para o desenvolvimento das potencialidades das crianças. No entanto, na cidade de Lisboa, entre os anos 1950 e 1960, a prática de educação existente tinha, segundo ele, uma visão errônea, pois atribuía padrões de desenvolvimento e aprendizagem que negavam as vivências da criança de forma que ela não conseguia obter bons resultados.

Por essa razão, estavam fadadas a ficar à margem dos processos educacionais, passando a serem rotuladas como crianças portadoras de déficits, dificuldades, dentre outros problemas, que precisavam ser diagnosticados e tratados. Na maioria das vezes, essas crianças eram subestimadas em suas possíveis conquistas e potencialidades.

Sendo assim, as críticas de João dos Santos em relação às práticas reducionistas de educação partiam de sua visão de que a escola valorizava erroneamente o problema que a criança apresentava em detrimento das possibilidades que ela podia concretizar em termos de aprendizado e desenvolvimento. Esse modelo de abordagem representava, no entendimento de Santos, uma injustiça para com as crianças e com as suas famílias.

Em toda a sua prática clínica e pedagógica, João dos Santos acreditava no potencial humano e buscava fortalecer o papel da educação no desenvolvimento do sujeito, na prevenção da saúde mental e no tratamento de problemas relacionados a esse aspecto.

A escola, portanto, deveria ser um ambiente no qual a relação entre cognição e afeto deveria estar sendo sempre privilegiada, favorecendo, dessa maneira, a aceitação das diferenças, estivessem elas relacionadas ao desenvolvimento infantil, às condições físicas ou psicológicas. Desse modo, seria mais fácil procurar formas de integrar essas necessidades em seu cotidiano de uma forma positiva, tanto para a própria criança como também para a sua família e a sociedade onde viva.

Conforme Holanda (2016), por volta da primeira metade do século XX, sobretudo em Portugal, a dimensão afetiva ainda não era vista como objeto de conhecimento e de prática entre a maioria dos educadores.

Naquela época, pode-se afirmar que a grande maioria dos educadores não tinha conhecimento da presença da dimensão afetiva no processo de ensino-aprendizagem, da mesma forma que os médicos, psicanalistas e psicólogos, uma vez que atribuía pouco valor à influência da ambiência familiar e escolar na constituição da subjetividade da criança e no seu desenvolvimento mental e emocional, mesmo que essa apresentasse dificuldade de aprendizagem. Eis que surge em Portugal um médico que demarcava o lugar da saúde mental infantil (HOLANDA, 2016, p. 47).

Embora a educação já sofresse influências das ideias psicogenéticas, tais teorias ainda não fundamentavam as práticas educacionais e de saúde em Portugal e em outros países da Europa. O que se observava eram sistemas educativos tradicionais, centrados nos conhecimentos formais, com uma condução unilateral do professor para o aluno e com oportunidades concentradas, com raras exceções, nas camadas financeiramente dominantes.

João dos Santos, através de suas contribuições no campo educacional e da saúde mental infantil em Portugal, tornava imperioso considerar os aspectos sócio-históricos e afetivos no desenvolvimento infantil, valorizando assim uma abordagem mais humana em relação às formas de manifestação e de controle das doenças. Ao mesmo tempo, ele incentivava a criação de redes de apoio públicas, com profissionais conscientes de sua importância para o desenvolvimento das crianças e dos cuidados necessários às suas dificuldades.

A entrada da criança na escola é um marco para o desenvolvimento humano, pois esta instituição representa a primeira extensão do ambiente familiar. Por ser um local de convivência fora do contexto afetivo doméstico primeiro constituinte do sujeito, no espaço da escola estão contidas experiências de limites que são importantes para a educação da criança, do sujeito social. Sendo assim, as experiências escolares devem levar em consideração o desenvolvimento integral do ser humano, com destaque especial para os aspectos cognitivos e afetivos.

O aprendizado das regras e valores do sistema sociocultural do qual faz parte e no qual vive a criança, assim como dos conteúdos que compõem à sua aprendizagem cognitiva, acontecem de forma diferente para cada criança. Os ritmos e estilos de aprendizagem dependem das experiências pessoais, da história de vida, do lugar social que ocupam e, também, das condições em que se processa o desenvolvimento. A criança, quando inserida no ambiente escolar, leva consigo a bagagem dos saberes já conquistados, passando a experimentar novas relações que passam a ser fundamentais para a formação da identidade do autoconceito e, por assim dizer, da sua subjetividade.

Compreendemos que a identidade, o autoconceito e a subjetividade influenciam, de diferentes maneiras, a forma como a pessoa irá se comportar diante das experiências ao longo de toda a sua vida. Em uma sociedade ainda marcada pelo *ethos* do preconceito, pluralmente expresso nas relações cotidianas, ser aceito, valorizado, poder se expressar de forma livre, sem permitir ser subjugado ou desvalorizado em suas experiências, representa, para o indivíduo, ocupar um lugar social, qualquer que seja ele, orientado pelo sentimento de alteridade.

A escola necessita, dessa forma, encontrar caminhos para atuar de forma positiva nesse campo, entendendo que um de seus objetivos consiste em ensinar a criança a valorizar o que faz, fazendo-a compreender que é capaz de conviver harmonicamente com outras pessoas, de tornar realidade seus talentos, de vencer, enfim, as barreiras que a vida lhes impuser dentro dos processos e conflitos sociais.

Distanciado da natureza, sem reconhecer-se como parte integrante desta, assim como do sentimento de humanidade, o indivíduo na sociedade contemporânea, vive quase sempre embriagado pela obsessiva ideia do ter, fazendo-se, cada vez mais, prisioneiro das ferramentas tecnológicas que pauta todos os campos do seu viver, conectando-o a um mundo interativo de possibilidades, de relações que lhe desperta curiosidades, ao mesmo tempo em que faz brotar sementes de vazios nas zonas do sentimento, no campo da personalidade, no sentido da vida.

Diante dessa realidade, é razoável pensarmos que a educação necessita de teorias e práticas psicopedagógicas que apoiem a criança na superação de suas dificuldades mais amplas e não apenas aquelas de aprendizagem, através de ações que valorizem o cuidado e contribuam para uma pedagogia humanizada e que deverá ser voltada, especialmente, para os processos de conhecimento de si e do mundo, na infância.

Nesse sentido, podemos dizer que João dos Santos, durante toda a sua vida profissional pautou seus interesses e experiências na compreensão e valorização da importância da infância para o desenvolvimento e a formação de um adulto equilibrado. Ao voltar seu interesse para crianças com deficiência, pôs em prática uma perspectiva positiva através da qual passou a atribuir mais ênfase nas potencialidades das crianças e não em suas deficiências e limites.

Ao propor esse saber inovador e visionário, voltado especialmente para crianças com necessidades educativas especiais, João dos Santos também valorizava a educação dita convencional, tendo, dessa forma, conferido importância às experiências infantis para a vida e a constituição da subjetividade da criança, quaisquer que fossem elas.

Referindo-se ao legado de João dos Santos, Lobo e Cruz (1994, p. 05) ressaltam: “a patologia nunca o fez esquecer a procura do lado saudável de cada um e a criação de condições favoráveis à prevenção da doença mental, do sofrimento psíquico e da marginalização social”.

Ao nos debruçar sobre as referências bibliográficas que, de diferentes maneiras, nos apresentam o legado do pensamento e ideário de João dos Santos, observamos que a sua contribuição teórico-prática contempla conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil, visto

como base para os processos de ensino e aprendizagem mediados pelas relações constituídas nessa trajetória.

Nesse curso, ele ressalta a importância das relações com os outros, compreendendo-as como sendo fundantes na vida, além de dar relevância à fase de escolarização como vivência importante para a sedimentação da personalidade através das interações e das experiências vividas.

O percurso, que também podemos chamar de caminhos práticos entre saúde mental e educação está presente ao longo da obra de João dos Santos na medida em que apresenta formas e meios para ajudar a criança a superar seus problemas emocionais e de aprendizagem. Para Maria Eugénia Carvalho e Branco (2010), as ideias de João dos Santos constituíram-se em mola propulsora à emergência de um novo paradigma.

Com efeito, partindo da criação de um novo paradigma científico capaz de articular indissociavelmente saúde geral, saúde mental, educação e pedagogia, João dos Santos constrói um *corpus* teórico que se consubstancia na inauguração em Portugal da Saúde Mental moderna, que tem na sua base, João dos Santos sublinha-o, a Saúde Mental Infantil, e na criação de uma Obra institucional em prol da proteção à maternidade e à primeira infância e da prevenção e intervenção na área da deficiência (BRANCO, 2010, p. 54).

Ao operar a articulação entre saúde geral, mental, educação e pedagogia no contexto educativo, João dos Santos ancorou seu trabalho no campo da esperança e da crença na pessoa humana, procurando ver as potencialidades e capacidades de superação das crianças, não obstante as suas necessidades específicas.

Essa nova perspectiva possibilitou que os profissionais da escola refletissem sobre a responsabilidade que tinham pela igualdade de direitos e a qualidade da educação, por pensar o desenvolvimento infantil a partir de uma perspectiva global. Nesta concepção a escola passa a ser um espaço propositivo e acolhedor, capaz de nutrir as potencialidades cognitivas, afetivas, a formação cultural e a subjetivação das crianças.

João dos Santos, a partir de suas incursões teórico-práticas, nos apresentou um vasto campo de possibilidades no campo educacional, cujo foco principal reside na emancipação do sujeito e no desenvolvimento de suas potencialidades, tendo por premissa básica o respeito às diferenças.

As teorias psicogenéticas e de aprendizagem de Jean Piaget (1896-1940) e de Henri Wallon (1879-1962) ressaltam a importância da participação do aprendiz nos processos de ensino e aprendizagem, no respeito aos ritmos individuais, na relevância de um ambiente

rico em estímulos e pleno de afetividade, necessários aos processos de desenvolvimento e de subjetivação.

Esta rede, cujo tecido resulta da integração de conhecimento e valor afetivo, é absolutamente contrária aos modelos tradicionais de ensino e aprendizagem, fundamentados no acúmulo de saberes. Noutra perspectiva, para a formação e fortalecimento do sujeito dever-se-á levar em consideração o aprendizado forjado em suas experiências de vida. A partir desta perspectiva, os projetos de caráter educacional passaram a levar em consideração as potencialidades da criança.

Branco (2010, 2013) ressalta, também, que em toda a sua trajetória, João dos Santos buscou construir um campo de estudo voltado para a compreensão da criança, sobretudo dos desafios de natureza subjetiva que a envolviam, assim como as condições de desenvolvimento que a cercavam.

Na condição de médico, psicanalista e educador, Santos soube se beneficiar de diferentes posições teórico-profissionais que pudessem facilitar o acolhimento e tratamento das pessoas que mais necessitavam de atenção terapêutico-pedagógica, sem, no entanto, condicioná-las a qualquer tipo de distinção social, étnica ou de outra natureza.

Para Maria Eugénia Carvalho Branco, a ampla formação construída por João dos Santos fora de suma importância para que ele mesmo pudesse ampliar a dimensão humana de suas ideias e de seu trabalho médico e educacional, tendo por pressuposto o fato de que toda prática necessita de intervenções variadas e promovidas por diferentes profissionais. A interdisciplinaridade, portanto, tornou-se uma prerrogativa em sua trajetória profissional, conferindo ao seu trabalho grande inovação e marcante diferença.

Esse movimento de reflexão sobre as formas de educar e cuidar, através de novas concepções, princípios, e métodos, a exemplo daqueles desenvolvidos por João dos Santos, fez surgir e se desenvolver uma nova forma de abordar as situações de desequilíbrio apresentadas por algumas crianças.

Assim, nas instituições que João dos Santos ia criando e em que ia trabalhando foram se organizando novas formas de acolher e atender às necessidades particulares de crianças que demonstravam comportamentos diferenciados, através de metodologias voltadas para favorecer na criança o desejo de saber e aprender, assim como lidar com as suas próprias dificuldades.

Essa forma de pensar e atuar demonstra uma visão de mundo e de educação muito mais humana e holística, voltada para o acolhimento dos sujeitos observando sempre suas dificuldades e potencialidades ao longo do seu desenvolvimento, observando sua origem

familiar, social e suas experiências e vínculos de amor, de afeto, ou seja, o investimento psicológico efetuado e os desafios diante da vida.

Nesse ensejo, a psicanálise passou a oferecer a João dos Santos, em termos conceituais, uma proposta psicodinâmica pautada em um processo de investigação das situações de dificuldades que emergiam tanto no ambiente clínico como educacional, a exemplo dos sintomas ligados aos conflitos ou dificuldades emocionais da ordem do desenvolvimento.

Quando no fim dos anos 1940, me iniciei como psicanalista de crianças, aprendi a compreender os movimentos, os gestos e o comportamento como formas de exprimir o que de mais fundo havia na sua mente, quer dizer, o conteúdo latente de seus discursos ou de seus atos (SANTOS, 2017, p. 95).

Santos defendia a ideia de que esses eventos estariam ligados a conteúdos psíquicos que poderiam ser trabalhados através de intervenções profissionais apropriadas e que buscassem encontrar caminhos que possibilitassem o alívio das perturbações sentidas, através da expressão das angústias de forma produtiva como, por exemplo, através da arte. Essas possibilidades de intervenção foram desenvolvidas e aprofundadas por ele com a ajuda de outros profissionais como Manuela Cruz, Cecília Menano, Alice Gomes, Isabel Pereira, que com ele trabalhavam, tornando-se as bases fundamentais da Pedagogia Terapêutica.

A partir do trabalho realizado nos centros de internação psiquiátrica, João dos Santos fomentou como profissional médico o interesse pelas questões psíquicas relacionadas diretamente aos sintomas clínicos. Nesta oportunidade ele já era adepto de uma orientação baseada na psicodinâmica, corrente que surgiu com a sistematização da Psicanálise por Sigmund Freud, no final do século XIX e início do Século XX, que era uma novidade na Europa, especialmente na França, mas que não reunia tantos adeptos em Portugal.

Foi com essa disposição, portanto, que Santos passou a desenvolver uma trajetória de trabalho no âmbito da educação, atuando em diversos ambientes voltados para os ciclos de vida infantil. Sobre essa relação de João dos Santos com a educação, Barahona Fernandes ressalta:

Sempre soube imprimir ao seu trabalho um claro e penetrante sentido pedagógico – não só pela ensinância direta da psiquiatria infantil e psicoterapia, que foram as suas especialidades, mas muito em particular, pelo exposto cultivo dos problemas da educação e formação da criança – com senso pragmático excepcional e a elevada intenção de promover a Saúde Mental e o melhor desenvolvimento físico e psicológico das crianças (FERNANDES, 1984, p. 19-21 *apud* BRANCO, 2013, p. 52).

As contribuições de João dos Santos no campo da educação foram sempre baseadas no seu interesse mais genuíno, traduzido no bem-estar da criança, razão pela qual propôs uma rede de apoio à infância, através da qual se buscava reunir diversos setores profissionais, além da própria sociedade, em prol da saúde integral de todas as crianças, considerando, desde a saúde da mãe, até os atendimentos relacionados às diferentes fases de desenvolvimento.

Extremamente inovadora para seu tempo, a proposta de João dos Santos alertava para a importância da sensibilização da sociedade para o seu dever de cuidar da criança como sujeito, contextualizado em seu ambiente e pensado a partir das necessidades psicológicas, sociais e econômicas, materializadas no âmbito da educação e da saúde. Para dar curso à sua moderna visão, Santos propunha, através do trabalho interdisciplinar, à prevenção da saúde infantil.

A sua grande dedicação ao estudo e defesa da infância, dentre as etapas de desenvolvimento, refletia mais uma vez sua formação e apreciação pela psicanálise, abordagem segundo a qual o período da infância se constitui o alicerce para a vida psíquica e traz experiências fundamentais para a personalidade e o desenvolvimento ao longo da vida. Para João dos Santos, a sensibilização dos profissionais e toda a sociedade para a importância do cuidado com a infância era de extrema importância para se alcançar uma sociedade mais saudável e equilibrada. Sobre esse aspecto, o autor acentua:

A motivação para os problemas da criança reside, segundo pensamos, na própria infância de cada um. A experiência infantil acompanha-nos pela vida afora e, assim, podemos admitir que tal como toda a obra tem uma estrutura de base e toda a construção um alicerce, também, toda a personalidade tem uma base ou alicerce que é a infância (SANTOS, 2016, p. 642).

Essas ideias, fundamentadas na psicanálise e nas relações entre os processos de desenvolvimento e a aprendizagem, foram compartilhadas, aprofundadas e adaptadas de acordo com a realidade das diferentes instituições em que esteve presente a atuação do Psicanalista de Lisboa, como ele era chamado.

Além disso, nessas experiências de João dos Santos podemos observar uma diversidade de aplicações dos conhecimentos psicanalíticos que também eram oferecidos e trabalhados por ele nas formações que oferecia a médicos e profissionais da área da saúde e nas intensas sessões de supervisão junto aos profissionais que acompanhava, e nesses grupos buscava-se compreender os caminhos trilhados pela criança e as dificuldades encontradas em seus diversos contextos de saúde, de família e de educação.

João dos Santos tornou-se um agente propulsor de mudanças na forma de pensar a criança, considerando seu desenvolvimento, a educação que lhe é oferecida e a forma de abordagem dos problemas que a envolve. Considerando, pois, a complexidade que envolve o processo de desenvolvimento da criança, Santos fez da sua atuação uma prática diversa que transpôs, por assim dizer, os muros da clínica psicanalítica, inscrevendo-a nos meandros da política na medida em que buscou construir frentes pela democracia do atendimento à criança, baseado nos pilares do respeito à individualidade, na relação entre o profissional e a criança e na orientação das intervenções pautadas nos conceitos da psicanálise.

Quando da sua estada em Paris (1946-1950), João dos Santos encontrou um movimento de intelectuais que buscava estabelecer o vínculo prático entre a psicanálise e a educação. Foi, portanto, com um dos articuladores desse movimento, o psicanalista André Berger, que Santos começou a estabelecer parcerias e essas parcerias sempre eram marcadas pela identidade de ideias e de ideais humanistas.

Berger participou de maneira efetiva do movimento Escola Nova da França, tendo sido um dos precursores do projeto Escola de Pais, uma ação de destaque que aconteceu no período da expansão da Escola Nova. Paralelamente, Berger participou ainda da divulgação e do fortalecimento da psicanálise na França.

André Berge esteve em Portugal em junho de 1970, convidado especialmente por João dos Santos para participar de um seminário organizado por um grupo de profissionais interessados na democratização da Saúde e da Educação de Portugal. Santos (1990) destaca a satisfação de receber Berge e, ainda, a exímia colaboração de outros profissionais envolvidos nessa organização como os integrantes do Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa, além Maria Adelaide Pinto Correia, Rui Grácio e Bairrão Ruivo.

O referido seminário foi realizado com o objetivo de atender aos anseios de médicos dos serviços de saúde escolar de Lisboa, que comunicaram a João dos Santos o interesse em se aprofundar sobre a temática “Higiene Mental na Escola”⁴⁵. Essa ação consistiu em uma das muitas oportunidades incentivadas e organizadas por Santos em Portugal que

⁴⁵Higiene Mental na Escola corresponde a uma nomenclatura utilizada nessa época para designar a Saúde Mental, conforme compreendemos atualmente em sua concepção abrangente, incluindo a educação. A expressão Higiene Mental na Escola consistiu na origem da movimentação dos educadores, profissionais de saúde e de outros atores do contexto educativo para a importância da consideração dos aspectos de saúde e especificamente de saúde mental, assim como psíquica e emocional na educação. Essa expressão foi adotada no título do livro escrito por João dos Santos e André Berge, *A Higiene Mental na Escola* (1990), que contemplou o registro desse Seminário.

mostrava sua vontade em sensibilizar outros médicos interessados na integração entre a saúde e a educação.

Nessa ocasião, ele aproveitou para compartilhar uma vez mais a experiência que teve em Paris ao lado de André Berge. Em reconhecimento da importância do trabalho do psicólogo parisiense, Santos convidou-o como palestrante desse encontro, apresentou-o e ao seu lado coordenou discussões teóricas com médicos, educadores e diversos profissionais que participaram desse seminário.

Através das muitas discussões de grupo ocorridas no Laboratório Wallon, no serviço de Heuyer, na seção de Psicologia da Associação dos Trabalhadores Científicos e noutros locais em que os métodos e objetivos do nosso trabalho eram postos em causa, pude apreciar o labor, as qualidades profissionais e a simpatia pessoal de André Berge (SANTOS, 1990, p. 23 e 24).

Como resultado desse evento, foi publicado um livro com artigos dos dois autores, João dos Santos e André Berge, com o título *A higiene Mental na Escola (1990)*. Nesse livro, João dos Santos, o psicanalista de Lisboa, ressalta a admiração que tinha pelo amigo André Berge. Essas palavras apenas reiteravam a admiração e a amizade que se firmou entre João dos Santos e André Berge.

Segundo Maria Eugénia, João dos Santos possuía como estratégia de divulgação de conhecimentos e das ideias importantes para a saúde e educação de Lisboa convidar pessoas com quem havia trabalhado e gostaria de tornar público as ideias e projetos. Esse evento organizado por ele e tendo a participação de André Berge foi um dos quais ele realizou com esse propósito. Santos propôs-se a sensibilizar a comunidade de médicos e profissionais a trabalharem em equipe, respeitando os saberes e as especialidades de cada um, mas observando como ponto central o processo terapêutico e a saúde das crianças.

Figura 6– André Berge e João dos Santos no Seminário Higiene Mental na Escola⁴⁶



Fonte: Duarte e Cruz (1994, p. 104).

João dos Santos faz extensas referências à postura teórica, a compreensão e a visão holística da criança destacando as contribuições de Berge e dando grande ênfase a sua capacidade de trabalho, sua dedicação e o compromisso em relacionar e aproximar sempre a psicologia, a psiquiatria e a educação. Desse modo, ele se refere assim ao companheiro de trabalho e amigo:

[...] a orientação de Berge baseia-se mais na dinâmica da interioridade (freudiana) que na psicologia tradicional (do comportamento). Interessa-lhe mais compreender o desenrolar dinâmico das vivências intra-psíquicas do que explicar as atitudes e comportamentos individuais só pelos conflitos externos. Para além desta posição clínica, Berge é, em todo o caso, um pedagogo, não só pelo que nos ensina da sua experiência através dos seus escritos e lições orais, como pela atitude pragmática face à Escola e ao ensino, que ele define e equaciona para ser o melhor, segundo os interesses da criança. Não é, pois, um simples espectador dos desvios da norma nem um investigador de laboratório ou um clínico em sentido tradicional, é um interveniente no processo educativo escolar. Berge coloca-se no campo da luta por uma “pedagogia por medida” (SANTOS, 1990, p. 25).

Com essa apresentação, João dos Santos demonstra a sua admiração ao trabalho de André Berge realizando uma contextualização das experiências do amigo e sua importância para a história da educação na França, nomeando-o como pedagogo atuante e interveniente no ambiente escolar e destaca as ideias fundamentais que pautam esse trabalho, como as vivências psíquicas que influenciam as atitudes e os comportamentos individuais, mas sem considerar as dificuldades pessoais como desvios da norma.

⁴⁶ André Berge ao centro e João dos Santos à direita, reunidos no Seminário Higiene Mental na Escola, em julho de 1970.

Santos demonstra também a sua identificação com uma educação pautada nos interesses da criança e conectada à saúde, na medida em que compreende as dificuldades manifestas das crianças, consideradas desvios, como oportunidades de compreender as situações de enfrentamento ao longo de seu crescimento e, sobretudo, de sua adaptação à experiência educacional. Esses princípios aparecem fortemente nas bases teóricas da Pedagogia Terapêutica e nas ideias e trabalhos de João dos Santos.

Entrementes na França, a relação entre a psicanálise e a educação não foi marcada apenas pela perenidade de ideias e parcerias, tendo ela mesma percorrido um caminho de altos e baixos, de grande descontinuidade, provocada pelas disputas de poder entre as injunções de saberes em torno da infância, além é claro, das dificuldades que marcaram o contexto europeu do pós-guerra.

O fato é que, entre os anos de 1940 e 1960, a sociedade burguesa e sua proposta de educação rígida eram atravessadas pelas dificuldades em lidar com a diversidade de problemáticas e uma infinidade de características particulares que passaram a ser observadas nas crianças francesas e a chamar a atenção dos profissionais.

Entre as instituições que surgiram especializando-se no acolhimento das crianças que apresentavam dificuldades de adaptação à escola ou apresentavam outras queixas comportamentais, o Liceu Claude Bernard foi pioneiro. Para a fundamentação do trabalho a ser realizado, houve preocupação em estabelecer uma relação entre a psicanálise e a educação para a concretização do atendimento das crianças que apresentavam problemas psicológicos, através do Centro Psicopedagógico, criado por iniciativa de Georges Mauco, cujo serviço era integrado por uma equipe formada por psicanalistas, psicopedagogos e professores, articulados em uma perspectiva de trabalho interdisciplinar.

Essas práticas terapêuticas consistiam em intervenções destinadas às crianças que apresentavam problemas de aprendizagem que não puderam ser resolvidos ou contornados nas escolas de ensino formal. Além das crianças, também eram contemplados, do ponto de vista terapêutico, os familiares das crianças. Na referida instituição, estiveram presentes psicanalistas da estirpe de Juliette Bouttonier, André Berge, Françoise Dolto, Maria Bonaparte, personalidades que fizeram parte do cotidiano de João dos Santos em Paris e foram mencionadas por ele em suas incursões profissionais.

André Berge, Françoise Dolto, Maria Bonaparte estiveram em destaque na história desses movimentos de vanguarda na Paris dos anos 1930, pois, nessa década, esse grupo de psicanalistas e alguns outros menos conhecidos participou ativamente da divulgação e da defesa da psicanálise, especialmente na cidade de Paris. Nesse contexto, em algumas

ocasiões o grupo interagiu com o Movimento Escola Nova, enquanto em outras lhe fazia oposição.

A relação entre psicanálise e educação também rendeu frutos no campo da produção bibliográfica, a exemplo do Livro *Psicanálise e Educação*, de Georges Mauco, cujo prefácio foi escrito por André Berger. O referido livro integra à coleção “A Criança e o Futuro”, organizada por Berger. Em seu texto de apresentação do livro, Berger registra importantes aspectos referentes à articulação entre a psicanálise e a educação na França.

André Berge (1992, 1968, 1990) destacou, por exemplo, a importância da aproximação com os conhecimentos da psicanálise criada por Freud, embora reconhecesse, também, a dificuldade no tocante à aplicação desta teoria ao considerar um público mais amplo. Reitera, ainda, a ampla gama de conhecimentos a serem explorados em prol da educação e da saúde mental, nos níveis individual e social.

O médico psiquiatra atuou largamente na educação das crianças e adolescentes em uma perspectiva humanizada e com o desenvolvimento de equipes multidisciplinares como foi o caso da experiência do Centro Psicopedagógico Claude Bernard. Ficou conhecido, ainda, por sua participação ativa no desenvolvimento da “Escola de Pais e Educadores” em Paris. Sua atuação profissional e seus projetos visavam o apoio à educação de todos e de todas as crianças e adolescentes, sem qualquer tipo de exclusão. Nessa perspectiva, colaborou e reconheceu sobremaneira o trabalho de João dos Santos, de quem foi amigo e admirador.

Na seção seguinte, apresentaremos as experiências práticas e as incursões teóricas da Pedagogia Terapêutica que foram se delineando desde a sua concepção até o movimento de sensibilização e de criação das instituições que adotaram seus princípios, sua filosofia e suas práticas.

4 A PEDAGOGIA TERAPÊUTICA EM AÇÃO

A minha conclusão no fim de todos estes anos, é a de que realmente o que mais me interessa, no sucesso ou insucesso das crianças é a inteligência-qualidade; qualidade do que é afetivo ou afetivo, do que é fantasma ou fantasia, do que é imaginário ou mítico no pensar da criança e, sobretudo, do que é sonho e *atividade* simbólica (SANTOS, 2017, p. 4).

Nesta seção, temos por objetivo apresentar, subsidiados, sobretudo, nos relatos de memórias colhidos a partir da metodologia da história oral, as bases teóricas e práticas da Pedagogia Terapêutica. Para isto, a seção foi dividida em três subseções: na primeira, apresentaremos a educação, a saúde mental e a cidadania como eixos orientadores da Pedagogia Terapêutica; na segunda, faremos uma narrativa das novas experiências educacionais (re)construídas na cidade de Lisboa após o retorno de João dos Santos a Portugal no ano de 1950; na terceira, abordaremos a contemporaneidade das ideias de João dos Santos e a necessidade de continuar divulgando e discutindo suas ideias tão audaciosas e inovadoras.

4.1 Educação, saúde mental e cidadania: horizontes da Pedagogia Terapêutica

Ao voltar para Lisboa no ano de 1950, João dos Santos chega revigorado e tem seus ideais renovados e passa a colocá-los em prática através de um trabalho intenso e que resultou na fundação de diversas instituições por ele coordenadas, todas criadas em prol da saúde mental e da educação das crianças com dificuldades.

Sua consciência política de médico e educador fez com que João dos Santos não se limitasse às demandas clínicas do seu consultório particular, mas optasse também pelo trabalho em instituições públicas de maneira que lhe fosse possível dedicar grande parte de seu tempo cuidando daqueles mais necessitados, especialmente das crianças que precisavam de atenção clínica e/ou passavam por dificuldades de convivência ou de aprendizagem na escola.

Paula Santos, falando a esse respeito, observou que, em Paris, Lebovici, André Berge e outros profissionais que conviveram com João dos Santos também foram psicanalistas que tinham a mesma preocupação e uma grande disposição para dedicar a sua atuação ao grande público, notadamente para os mais carentes e totalmente desprovidos de

condições financeiras para buscar serviços clínicos particulares, que sempre foram bastante onerosos.

[...] o que aconteceu também na França com Lebovici, que era o Diretor de um dos Centros onde meu pai esteve a trabalhar. Os desafios foram muitos, mas ele nunca foi um psicanalista e psiquiatra só de consultório! Tinha muito trabalho com a educação e a educação pública! Queria fazer um trabalho para as crianças que não tinham esse acesso, que tinham problemas.⁴⁷

João dos Santos fizera, pois, do seu trabalho no serviço público e prestado à população pobre de Lisboa, um amplo e diversificado consultório no qual praticava sua medicina, baseado nos fundamentos da psicanálise, cujo objetivo era, inicialmente, possibilitar recursos financeiros para sua própria sobrevivência e a de sua família.

Fizera ele, então, de sua formação psicanalítica um instrumento de atuação, de engajamento, em um contexto sociopolítico marcado pela falta de políticas públicas que atendessem às necessidades da população mais carente. Nesse sentido, João dos Santos, através do seu trabalho ímpar e do lugar social que ocupava, lutava em prol da melhoria da qualidade dos serviços públicos prestados à população socialmente desprovida de recursos, como Paula Santos nos explica tão bem:

[...] e ele começou a trabalhar nos serviços do Estado para ganhar dinheiro e começou a ter contato com as necessidades do país. As necessidades dos meninos, das famílias, das escolas, que não sabiam o que fazer com aquelas crianças e o que era preciso fazer para dar as respostas a esses problemas todos que apareciam... E ele esteve mesmo ligado à realidade pública. Não ficou só no consultório. Nunca deixou de atender, mas sempre esteve no serviço público.⁴⁸

De acordo com nossas cinco professoras entrevistadas, João dos Santos era um homem que detinha uma habilidade especial para lidar com as pessoas, um grande incentivador das potencialidades, que ele sabia enxergar muito bem. Nas oportunidades de convívio e de trabalho junto às pessoas, João dos Santos, com um olhar que comunicava e exercitava seu afeto, facilmente cativava e despertava nas pessoas a vontade de trabalhar com a sua grande paixão, que era a infância, e todos os desafios que a cercavam, com uma grande sensibilidade e grandeza de espírito, como recorda Maria Eugénia Carvalho e Branco:

⁴⁷ Paula Santos Lobo, entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

⁴⁸ Paula Santos Lobo, entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Era a alma dele, essa sensibilidade humana de agregar, em todas as instituições que ele criou! E ele ia em busca de que? Por exemplo, na Associação dos Surdos, ia em busca dos pais das crianças surdas. Na Associação dos Cegos, fazia questão de tratar dos pais das crianças cegas. Ele, embora não precisasse aprender, aprendia com esses pais. Aprendia com os pais das crianças deficientes qual era a função deles.⁴⁹

Nessa declaração Maria Eugénia sublinha a postura humilde de João dos Santos, que em seu trabalho se abria para ouvir e valorizar o que os integrantes da família tinham a comunicar sobre a criança e seu possível problema. Assim, ele agia e convidava a equipe de profissionais a fazer no cotidiano. Os pais que a historiadora menciona são os pais que fizeram parte dos projetos ligados às crianças que possuíam deficiência visual ou dificuldades como cegueira progressiva que foram beneficiados pela criação dos serviços através de parceria com órgãos sociais e instituições que apoiavam o desenvolvimento dos trabalhos. Os dispensários ligados ao Helen Keller eram compostos de escola e outros serviços de saúde e sociais, que acabaram por melhorar a situação de vida das crianças cegas e de suas famílias, em Portugal.

Assim, na busca de encontrar pessoas que pudessem fazer um trabalho diferenciado nos processos de crescimento das crianças, Santos foi conquistando pessoas e trazendo-as para junto de si, a exemplo de Maria Amália Borges, que sendo como ele, era igualmente possuidora do desejo de trabalhar em prol do desenvolvimento das crianças portuguesas, como nos esclarece Maria Eugénia Carvalho e Branco, nossa entrevistada:

Ele sabia se aproximar e buscar as melhores qualidades e características das pessoas. Como ao conhecer a Maria Amália Borges, sabia que ela era boa profissional! E ele foi buscá-la para trabalharem juntos! Ele sabia reconhecer imediatamente a potencialidade da pessoa! Diferente dos médicos da época e até de hoje, ele sabia e queria trabalhar de uma forma interdisciplinar. João dos Santos é a alma por trás dos grandes trabalhos registrados: a Casa da Praia, o Centro Infantil Helen Keller, a Liga.⁵⁰

Maria Amália Borges e João dos Santos possuíam ideais de democracia e visões de mundo semelhantes, em relação ao lugar social da criança, ao projeto de sociedade que buscavam construir e nas lutas para ajudar a construir um país livre e humano onde pudessem viver assim como aos profissionais que com eles trabalhavam.

⁴⁹ Maria Eugénia Carvalho e Branco, entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

⁵⁰ Maria Eugénia Carvalho e Branco, entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

Desse modo, acabavam participando de núcleos de amizades comuns, assim como também trabalhavam nas mesmas instituições, como exemplo, atuavam como professores no curso de Higienistas da Infância na Escola João de Deus. Circulando nos espaços onde se respiravam ideias modernas sobre arte, educação e cultura, os dois acabaram por se aproximar.

A parceria efetiva entre os dois profissionais aconteceu de fato no Colégio Eduardo Claparède, do qual constam como sendo seus fundadores e ambos são considerados como peças fundamentais para a criação e a história do Jardim Infantil Pestalozzi. Pode-se ainda destacar a colaboração dos dois no Centro Infantil Helen Keller.

Por manter uma capacidade empática de compreender os meandros da alma humana além de ter uma grande disponibilidade para trabalhar com as outras áreas de conhecimento, João dos Santos também se diferenciou pelas frutíferas trocas de conhecimento, não apenas com suas equipes mais próximas de trabalho, mas com os pais das crianças que eram por ele atendidas, como Maria Eugénia nos relata com extrema beleza e grande emoção, ao lembrar-se de seu amigo, mentor e mestre, ao definir o que ela chama de “Paradigma da Conectividade”:

Dessa forma de trabalhar ele vai fazer o que eu chamo de conectividade. Vai buscar todos os conhecimentos sobre o funcionamento do ser humano. Ele vai buscar a pedagogia, a sociologia, a psicologia... Tudo que ele encontrava de valor para compreender o ser humano, ele ia buscar.⁵¹

Em seus livros, Maria Eugénia Carvalho e Branco procura descrever, através de pesquisas fundamentadas em exemplos, textos e construções teóricas do próprio Santos, o sentido de *Paradigma da Conectividade*, que para ela define as propostas teóricas e práticas desenvolvidas por ele, ao conseguir agrupar princípios e concepções diversas do ser humano, através de várias óticas e olhares, diferentes teorias, diferentes profissionais, diversas áreas do conhecimento, como tentativa de ver o homem por inteiro, em conexão com todos os seus matizes e nuances de personalidade, várias partes de uma totalidade, ao abordar todas as questões que são prioridade para o desenvolvimento na infância e na vida adulta.

Conforme podemos evidenciar nos relatos de memória colhidos das entrevistas por nós realizadas, a formação humanista e a consequente sensibilidade para buscar perceber

⁵¹ Maria Eugénia Carvalho e Branco. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

e extrair o melhor de cada pessoa representa o diferencial de João dos Santos e a sua Pedagogia Terapêutica, como traduz o emocionado depoimento de Maria Eugénia:

Ele [João dos Santos], em um de seus textos, aponta a angústia dos pais de filhos deficientes. Cita o sentimento desses pais de medo de morrer antes dos filhos. O que aconteceria a estas crianças? Se perguntam os pais... Então ele vai buscar aquilo que é mais profundo na identidade, na emoção e no pensamento do ser humano. O quê que um pai e uma mãe de um filho deficiente pensam? Ele chegava perto desses sentimentos através da empatia. E pelo fato de ter uma formação médica com sensibilidade para as pessoas.⁵²

Para João dos Santos, um exímio educador, médico, psiquiatra e psicanalista sensível à importância da visão e conhecimentos dos pais sobre os seus filhos defendia com veemência que os pais das crianças, especialmente as mães, eram quem mais conheciam e sabiam dizer a respeito do desenvolvimento e da autoimagem dos seus filhos. Portanto, para Santos a mãe seria a maior fonte de conhecimentos sobre a criança a ser tratada e, com ela, é que os pediatras deveriam aprender a examinar as crianças que eram suas pacientes, assim nos explica Maria Eugénia:

João dos Santos era um profundo entendedor da mente humana do comportamento humano, do ser humano. Para ele um ser humano, todos nós, temos um potencial infinito de possibilidades. Possibilidades maravilhosas! Um é poeta, o outro é artista, uma é uma mãe admirável, outra é uma mãe sábia! É o que ele diz em um texto seu aos pediatras: tens que saber uma coisa o maior especialista de uma criança é a mãe! Escute a mãe da criança! Aprenda com ela! A mãe é que sabe.⁵³

Apoiado fortemente na teoria psicanalista, João dos Santos reiterava que a qualidade da relação entre mãe e filho exerceria influência direta nas experiências da criança por toda a sua vida. A partir dessa compreensão, que é uma das afirmações basilares da psicanálise, ele chamava a atenção dos profissionais que se deparavam com crianças que apresentavam condições especiais de desenvolvimento ou dificuldades emocionais, pois, para ele, fazia-se necessário investigar e trabalhar a relação de aceitação e vivência das dificuldades de desenvolvimento no ambiente familiar da criança, como ele próprio vivenciou, como lembra Maria Eugénia Carvalho Branco:

⁵² Maria Eugénia Carvalho e Branco, entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

⁵³ Maria Eugénia Carvalho e Branco, entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

João dos Santos teve a grande experiência de ser disléxico e ainda tinha um dom especial de ser reflexivo. Passar por essas desgraças todas e ter sido brilhante. Tem também a parte da família. O pai dele era um gênio! Quando João dos Santos tinha dificuldade de ler ele dizia: venha cá, você é capaz de ler! Leia a natureza, as estrelas!!! Também colocava ele para falar com as pessoas.⁵⁴

Para que este processo de aceitação avançasse e fosse bem-sucedido, tornava-se imprescindível a construção de uma relação de empatia com vistas a fortalecer o trabalho de parceria entre profissionais da saúde e da educação e as famílias das crianças, haja vista serem as pessoas que compõem o ambiente doméstico as responsáveis mais imediatas no que concerne à educação da criança, sobretudo das que apresentavam diferenças marcantes de ordem biológica e/ou emocional.

Assim, inspirado pelas concepções que levavam em consideração o respeito à criança em todas as etapas de seu desenvolvimento auxiliando-a em seus processos de formação da identidade e autoafirmação, que seguramente seria resultado do investimento do amor que os pais a legariam, ou de outros membros familiares que a eles pudessem se somar, para de fato poder representá-los na constituição da identidade do sujeito, como prega a psicanálise.

Para João dos Santos, era necessário sensibilizar o maior número de pessoas para a importância de se acreditar nas capacidades humanas e, assim, trabalhar para que cada um consiga trilhar seus caminhos de forma saudável através do amor e da aceitação.

Ele considerava que o tratamento ideal para as crianças que eram “diferentes” e que apresentavam problemas emocionais, psiquiátricos, ou biológicos seria, a princípio, dar-lhes a oportunidade de serem consideradas capazes de aprender e de conviver em sociedade. Nessa direção, defendia a existência de empatia por essas crianças e um tratamento baseado no afeto e na positividade.

Por acreditar nesse pressuposto, João dos Santos destinava grande atenção aos cuidadores, aos pais, outros familiares e aos profissionais, que eram os responsáveis pelos cuidados e pela educação dessas crianças procurando construir caminhos e pontes em defesa da não exclusão das crianças, propondo diversas formas de incentivá-las, destacando que as possibilidades de ler e escrever são habilidades e aprendizagens que sempre serão essenciais e poderão proporcionar inúmeras outras descobertas às crianças.

⁵⁴ Maria Eugénia Carvalho e Branco, entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

Em seus projetos de trabalho, nas instituições que criou e coordenou e nos meios de comunicação aos quais tinha acesso como os programas de rádio, João dos Santos procurou veicular conhecimentos sobre educação, desenvolvimento infantil, saúde da criança e tratamentos de problemas que afetavam sua evolução, em uma linguagem cotidiana e interessante, destinada ao público em geral. Desta forma, Santos combatia a “psiquiatrização” na infância e procurava não reduzir a criança apenas ao seu problema, mas trabalhava na construção de possibilidades de acesso e convivência com as pessoas, com os conhecimentos e com a sociedade.

Maria Eugénia Carvalho e Branco destaca com paixão aquilo que movia Santos e era compartilhado por aqueles que com ele trabalhavam, como as formas brilhantes de pensar a educação, os cuidados médicos e os melhores caminhos para as crianças portuguesas, que puderam privar das iniciativas encetadas pelo grande “Psicanalista de Lisboa”, como ela mesma o denominava.

O que o ser humano está destinado nesse mundo a fazer? Somos seres racionais, somos seres intuitivos. Então! O que as crianças do mundo devem fazer? Socializar-se, aprender, ter *insights*, se desenvolver, se inserir na cultura da humanidade. E uma criança não é capaz de fazer isso se é ostracizada. Privada de conviver com os outros. Então João dos Santos acreditava que todos nós deveríamos aprender a cultura da humanidade e, para ela, colaborar de uma forma crítica, criticando-a e criando coisas novas.⁵⁵

Durante toda a entrevista, Maria Eugénia reitera o interesse de João dos Santos, enquanto médico psiquiatra e psicanalista, pela dimensão humana que deve envolver todo o processo de manutenção da saúde e da educação dos indivíduos, especialmente das crianças, por ainda estarem formando suas principais características de personalidade.

Nesse sentido, Branco destaca a imensa sensibilidade que Santos possuía para perceber a criança para além das características demarcadas pelo próprio corpo físico ou pelos comportamentos que ela mesma comunicava. Mas, muito mais do que isto, para nossa entrevistada, Santos trabalhava no sentido de fazer as pessoas compreenderem que essa forma de ver e compreender a criança cabia principalmente aos adultos, muito embora fosse papel de todo e qualquer cidadão.

⁵⁵ Maria Eugénia Carvalho e Branco, entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 21 de maio de 2018.

Paula Santos também destaca a visão que João dos Santos tinha sobre a criança, como médico e educador, que a considerava como um todo sistêmico, sendo a mesma dotada de afetos, subjetividades e vivências socioculturais, que precisava ser vista e levada a sério.

Certamente, para as crianças que apresentassem dificuldades e problemas de desenvolvimento, Santos chamava a atenção para não nos limitarmos a uma visão restrita às suas doenças ou sintomas. Por ter uma compreensão excepcionalmente avançada da infância, na cidade de Lisboa, ele já realizava esse modelo de abordagem sistêmica desde as suas primeiras incursões profissionais, mas que foram sendo enriquecidas e sendo mais bem estabelecidas, a partir das experiências de trabalho obtidas na cidade de Paris.

Essa orientação...visão das situações problemas através da teoria psicodinâmica da psicanálise em Paris, era completamente diferente da que se tinha cá em Lisboa. Eu tenho a impressão, que meu pai já tinha essa percepção... de que as coisas aqui não funcionavam bem. Não “chegavam”, não eram suficientes... fazer um teste cognitivo e ver se a criança era mais ou menos inteligente! Ou ver muito o sintoma, tratar o sintoma! Ele já tinha essa apreciação porque já tinha trabalhado aqui no Instituto Costa Freire. E era isso o que se fazia, não era? Era o que existia nessa altura, mas era muito isso que se fazia aqui... E essa ida para Paris deu-lhe uma perspectiva completamente diferente, que veio de encontro a ele, porque a gente também só encontra aquilo que já tem dentro de si...⁵⁶

Falando sobre o pai, Paula Santos se expressa maravilhosamente na frase “a gente só encontra aquilo que já tem dentro de si”, ao explicitar o quanto João dos Santos, sendo um médico-psiquiatra e dotado de grande sensibilidade, já sabia e realizava intuitivamente em seu trabalho cotidiano em Lisboa.

Para ele, a medicina psiquiátrica não deveria levar em consideração somente os sintomas e descrições das doenças mentais, e sim deveria ver o indivíduo em todas as suas facetas, peculiaridades, deveria conhecer todas as suas vivências e experiências, suas relações afetivas, seus projetos de vida.

Por outro lado, a colocação de Paula sugere que pensemos também que a busca de novos conhecimentos, de novas experiências, que o tornasse ainda mais perspicaz, que o fizesse ter maior sensibilidade na profissão, de perceber o outro em sua integralidade e sem atender apenas aos sintomas clínicos, já faziam parte dele, já estavam dentro dele, através da sua forma de compreender o humano e de agir.

⁵⁶ Paula Santos Lobo, entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Na época em que João dos Santos fez seus estudos de medicina e realizou as primeiras experiências profissionais na área da saúde, a maioria das intervenções de saúde que eram ensinadas na universidade e endereçadas aos novos profissionais seguia os moldes tradicionais de atuação focadas nos conhecimentos, na aplicação de testes para diagnosticar problemas de saúde e no uso de medicação para tratar e eliminar os sintomas.

Os médicos de sua época, por sua vez, atuavam debruçando-se sobre os sintomas das doenças e na sua nosologia, o que, usualmente, ocasionava a prescrição de medicações, internações e tratamentos longos e pouco eficazes. Nesse contexto, João dos Santos diferenciava-se dos outros profissionais por ter uma maior compreensão e melhor percepção da pessoa, vista como um ser único, um todo integrado e não somente pelos sintomas ou problemas por ela apresentados.

Através dos relatos colhidos sob a metodologia da história oral, vimos que João dos Santos era possuidor de grande sensibilidade para entender a subjetividade dos pacientes, indo além das regras clássicas de diagnóstico e tratamento, pois, diante de seus pacientes, sabia exercer uma escuta próxima, que lhe permitisse construir uma relação de ajuda efetiva.

Isabel Pereira, ao narrar as recordações que guarda de João dos Santos, revelou que o conheceu quando ela ainda “fazia o curso de Jardineiras de Infância na Escola João de Deus”, onde Santos era professor. Isabel Pereira lembrou que o referido curso era voltado à formação e habilitação de professoras para atuar nas classes iniciais do ensino de crianças ou em outras atividades que envolviam o cuidado das crianças, para as quais se exigiam conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil. E ela ainda alerta que “atualmente, nesse colégio, existe um museu onde há uma estátua em homenagem a João dos Santos. Ali aprendemos sobre as técnicas de trabalhar com as crianças”⁵⁷.

O Curso de Jardineiras da Infância representava ação política e educacional da época, que podia ser considerado um representante da Concepção Higienista de educação da infância, porque defendia a necessidade de as instituições voltadas ao atendimento de crianças deveria proporcionar a elas cuidados de higiene e de saúde básica, por acreditarem que esses aspectos influenciavam diretamente no desenvolvimento infantil.

Essa fase foi também marcada pela atuação de médicos na formação de técnicos que deveriam trabalhar nas instituições destinadas a esses cuidados e voltadas às crianças das classes econômicas desfavorecidas. Essas instituições, em muitos casos, eram administradas pela Igreja Católica e outras organizações que tratavam do bem-estar infantil.

⁵⁷ Isabel Pereira entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

De acordo com Isabel Pereira, desde os primeiros contatos que ela teve com seu professor João dos Santos, passou a nutrir por ele profunda admiração. Para ela, João dos Santos “**sabia ler almas**”, sabia ver o que havia dentro das pessoas, além de ser “um grande contador de histórias, histórias muito engraçadas sobre ele mesmo, suas lembranças, sobre as crianças e tudo que acontecia ao redor delas”⁵⁸.

Nos fragmentos acima, dois aspectos relacionados à sabedoria e à personalidade de João dos Santos nos chamam a atenção. Conta-nos Isabel Pereira que Santos “sabia ler almas” e era um exímio contador de histórias, às quais narrava sempre com bom humor, tornando-as interessantes e inesquecíveis.

Podemos inferir, pois, que João dos Santos possuía uma especial habilidade de transformar suas vivências e situações vividas em oportunidades para educar ou comunicar seus sentimentos e, por isso, fazia de suas próprias lembranças uma fonte de aprendizados.

Ele narrava as histórias e lembrava de cenas de sua infância e de seu trabalho cotidiano de médico, educador e ilustrava cada história através de ensinamentos teóricos. Esses aspectos também podem ser observados em seus textos e livros. Continuando a falar sobre sua admiração e sobre as muitas histórias do educador e mestre, Isabel Pereira ressalta que

[...] Tenho muitas histórias sobre João dos Santos. Ele era impossível, não era comum! Falava e compreendia as pessoas só com o olhar! Em fevereiro de 1955 foi inaugurada a Clínica de Reeducação de Amblíopes e foi feito o convite a todas as alunas do curso, as Jardineiras da Infância! Eu, de minha parte, comprei um ramo de flores e pus-me a oferecer a ele, sem assinar, sozinha, mas em nome de todas as alunas.⁵⁹

Isabel Pereira revelou ter ficado surpresa quando, ao final do evento, João dos Santos dela se aproximou para agradecer as flores, embora não tivesse ela própria lhe entregado. Assim, ela ressalta a perspicácia e a capacidade do médico e professor de perceber e conhecer as pessoas, como ela mesma nos disse, “só pelo olhar”, lembrando como isso ocorreu:

Fizemos toda a visita e eu vi que tinham ido entregar as flores para ele e, no final, quando todos já estávamos para ir para casa ele veio ao pé de mim, dizer que agradecia as flores e para eu agradecer as colegas do curso. Eu fiquei surpreendida, mas ele era assim, conhecia as pessoas só pelo olhar! Tinha então percebido que a ideia da homenagem tinha sido minha!⁶⁰

⁵⁸ Isabel Pereira entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

⁵⁹ Isabel Pereira entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

⁶⁰ Isabel Pereira entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Essa característica particular e que nos parece ter sido uma das marcas da personalidade de João dos Santos, foi possível constatar em diversos relatos das nossas entrevistadas como uma das formas de expressão da sensibilidade, da perspicácia e do jeito cativante do médico e professor.

Isabel Pereira, em meio às histórias que narrou a seu respeito, falou, por exemplo, das reuniões em que João dos Santos conduzia suas intervenções com os seus grupos de trabalho. De maneira geral, foi possível observar, em vários relatos das pessoas que conviveram com ele, que ao nomear uma pessoa de sua confiança como responsável por uma atividade, ele a concedia autonomia, confiando-lhe a condução de todo o processo.

Para João dos Santos, essa era uma das formas de perceber o alcance de seu próprio trabalho como formador de outros profissionais. Sem utilizar como metodologia críticas e reprovações, Santos colocava em prática o método psicanalítico através do qual, muitas vezes, fazia a sua intervenção e deixava no ar certos conteúdos, para que o grupo pudesse refletir e pensar soluções para as demandas postas na pauta das discussões.

Ainda colocando em suas narrativas quem foi João dos Santos, Isabel Pereira nos fez ver outros aspectos que permeavam as relações de trabalho que eram construídas com João dos Santos. Podemos perceber que se tratava de um homem extremamente perspicaz e que conseguia mobilizar as pessoas para colaborar, mas sempre em uma relação horizontal de reciprocidade, para aquilo que acreditava e realizava.

Aquele a quem Isabel Pereira chamou de “mestre psicanalista” demonstrava nas entrelinhas desse título, além de profundo encantamento, que também existia uma relação de hierarquia nos espaços de trabalho, certamente uma característica sociocultural de meados do século XX. Certo dia, contou-nos Isabel: “fui de propósito ao consultório de João dos Santos e sentei-me à frente dele a agradecer”⁶¹.

Aparentemente, através dos contatos com as pessoas com as quais trabalhava e mantinha relações de escuta, a exemplo da professora Isabel, João dos Santos era atencioso e dedicado quando era procurado por alguém do seu círculo de trabalho ou de amizade.

Durante toda a entrevista, Isabel Pereira demonstrou sempre satisfação e entusiasmo para narrar um pouco da sua trajetória de vida e de suas experiências como educadora. Em cada relato de suas memórias transmitia-nos uma certeza de que a sua felicidade residia nas suas próprias vivências, no trabalho voltado à educação de crianças e nos ricos detalhes compartilhados conosco entre sorrisos e lágrimas emocionadas.

⁶¹ Isabel Pereira entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Além das narrativas orais de nossas entrevistadas, os próprios relatos de João dos Santos acerca da apresentação de seus estudos de caso clínicos mostram que eram discutidos com respeito e ética embora fossem sempre colocados como exemplos das problemáticas emocionais em seus livros (2017, 2016). São muitos os exemplos como o do bebê Luis, do menino Carlos, da menina Joana (SANTOS, 2017) e tantos outros que traziam ao leitor a compressão sobre as situações vivenciadas e a forma cuidadosa com que João dos Santos e sua equipe realizavam as intervenções necessárias para cada caso, e como eram o desenrolar do problema e sua administração. Esses aspectos elucidados sobre a sua forma de trabalhar e compartilhar conhecimentos e agir naturalmente fazem compreender as características que o fizeram ser tão reconhecido e admirado, nos campos da psiquiatria, da psicanálise e da educação.

Estava eu um dia no meu gabinete a trabalhar com *dossiers* quando uma professora de iniciação musical me veio perguntar o que havia de fazer com uma criança cuja mãe não tinha conseguido que fosse para a escola e que ela agora não a conseguia separar da mãe [...] Portanto, expliquei, expliquei-lhe: primeiro leva lá para a sala onde a mãe e o menino estão, um grupo grande de meninos que vão pôr-se à brincar a volta dele, a fazer desenhos ou coisas assim, e depois eu vou lá conversar com os meninos todos. Fui de *facto* lá quando supus que o cenário estava montado e vi as crianças, que já estavam na nossa escola, a fazerem pinturas em papéis estendidos no chão e um menino muito agarrado a uma mãe que muito afetuosamente o protegia. Conversei com todos os meninos mas não consegui meter conversa com o menino fóbico da mãe ternurenta. E como tenho opinião que só se pode observar uma criança se nos deixarmos primeiro observar, tentei arranjar qualquer coisa que me tornasse mais notado naquela circunstância. Saí da sala, fui dar uma volta pela escola e entrei na cozinha onde a cozinheira estava a descascar nabos e cenouras para fazer uma sopa. Pedi-lhe dois nabos e duas cenouras e fui para o pé do menino fóbico comer ruidosamente os legumes. O menino ficou interessado na minha figura, que ele achou curiosa, e acabou por ficar na escola e por aderir à brincadeira dos outros meninos. Devo dizer que, entretanto, lhe tinha oferecido *directamente*, um nabo e uma cenoura, que ele não aceitou.

Entretanto, passaram-se semanas e eu fui tendo notícia de que o tal menino inibido, bloqueado e que não queria ir à escola, se tinha tornado num diabrete falador e brincalhão. Um dia, quando eu ia entrar na escola, ele chamou outro menino: *-Anda cá, anda cá Joaquim (o Joaquim era um aluno novo). Olha este é o senhor que come cenoura e nabos crus* (SANTOS, 2017, p. 77).

Esse acontecimento, publicado no livro *A casa da Praia e O Psicanalista na escola*, demonstra o estilo peculiar de dialogar de João dos Santos, essa forma natural e simples de compartilhar conhecimentos através de seus próprios exemplos narrados sobre os fatos do cotidiano.

Como demonstram os comentários e registros sobre suas falas ao público e seus escritos, ele dominava a arte de ilustrar relatos de caso, o que atraía a atenção daqueles que

com ele conviviam e assim incentivava os profissionais a desenvolverem segurança e autonomia para interagirem com as crianças de uma forma autêntica ao tentar administrar e tratar suas dificuldades.

Nessa direção, destacamos as afirmações de Maria Eugénia Carvalho e Branco, quando ao historiar o percurso trilhado por João dos Santos, ressaltou o quanto se torna necessário continuar divulgando suas ideias e sua teoria, pois, em sua opinião, são conhecimentos que precisam romper as fronteiras geográficas de Portugal, inscrevendo-se na realidade médico-educacional de outros países, de maneira a balizar novas redes de conhecimento, sobretudo entre os psicólogos, psiquiatras e psicanalistas.

Para a historiadora, esses profissionais, somando-se, ainda, os educadores, são os que lidam mais diretamente com o universo da criança, seu desenvolvimento, aprendizagens e suas relações familiares, além dos enfrentamentos peculiares ao crescimento, desenvolvimento e organização da subjetividade da criança.

4.2 Inovações através da educação e da arte em tempos de repressão na cidade de Lisboa

No campo da educação, durante o regime salazarista era possível se observar concepções e práticas próprias da educação dita tradicional segundo a qual era exigida dos profissionais e durante a realização de suas atividades formas rígidas de ensinar e centradas no conteúdo, na autoridade do professor, nas longas e exigentes avaliações e nas cobranças de comportamentos considerados adequados.

Esse modelo tradicional de ensino e que não respondia mais aos anseios de muitos educadores portugueses passou a ser contestado a partir de um conjunto de experiências inovadoras que adotavam práticas modernas de educação, alinhadas às correntes de pensamento já em voga em outros países da Europa, como já destacamos, o movimento Escola Nova.

João dos Santos, imbuído de sua inquietação profissional e na busca de realizar ações que possuíam funções sociais que se tornavam políticas, por serem diferentes do que havia como prática em Lisboa e, portanto, proibidas e perseguidas, uniu-se a um grupo que compartilhava das mesmas ideias e buscava mudanças, por reconhecer essa qualidade comum ao grupo.

A acção voluntária e benévola de todos os companheiros destas lutas foi apenas movida por uma ideologia de solidariedade social que todos compartilhávamos e pelo dever de projectar os nossos conhecimentos e técnicas para além do campo estrito das nossas obrigações profissionais. Eram tarefas políticas (SANTOS, 1982, p.16).

Para Manuela Cruz, outra de nossas entrevistadas, as experiências vivenciadas junto a seu grupo de trabalho constituído por profissionais-intelectuais da educação com diferentes formações a impulsionaram a uma prática política de ações de resistência ao regime político opressor que imperava em Portugal durante a ditadura de Salazar, período no qual Manuela Cruz iniciou sua atuação profissional.

Nesse contexto de repressão, Cruz afirmou ter presenciado a perseguição e a punição de vários profissionais que lhe eram próximos, em razão deles mesmos desposarem ideias e projetos educacionais que não se encaixavam nos projetos políticos oficiais, cujo foco estava voltado à manutenção de uma ordem social favorecida pela alienação política. Por essa razão, qualquer pressuposto de ideias e práticas educacionais inovadoras e voltadas à liberdade e à construção da autonomia dos sujeitos era abertamente rechaçado e perseguido.

A respeito das dificuldades vivenciadas no contexto do regime ditatorial salazarista, Manuela Cruz nos falou que, em meio a toda sorte de dificuldades, muitos resistiam e procuravam reagir, seja através de reuniões semanais, de seminários de estudo ou de formação, cada um apoiando e dando força aos outros, como forma de resistência.

Tinham muitas dificuldades, mas resistíamos! Tínhamos todas as semanas uma reunião, no próprio Centro Helen Keller. Tínhamos também os seminários psicopedagógicos com João dos Santos. E era a nossa força que buscávamos sempre em reuniões! Primeiro os seminários, que ocorriam com todos nós juntos e depois é que ele, João dos Santos, foi estruturando-os mais, já sem a Maria Amália!⁶²

Segundo relata Manuela Cruz, o contato com pessoas que compartilhavam ideias democráticas e tinham posições contrárias ao regime de Salazar antecederam ao grupo de profissionais com quem trabalhava sob a liderança de João dos Santos. Embora a condição financeira da família não lhe tivesse possibilitado continuar uma formação no ensino superior, após concluir o sétimo ano do Liceu, Manuela Cruz teve oportunidade de frequentar e conhecer pessoas que já compartilhavam as mesmas ideias democráticas e tinham posições contrárias ao regime de Salazar.

Esse círculo de pessoas com ideais libertários comuns lhe foi apresentado por seu irmão que na época era universitário e se relacionava com pessoas mais intelectualizadas e politizadas. Assim, na companhia do irmão, Cruz passou a frequentar diversos lugares onde essas pessoas se encontravam, dentre os quais ela destacou a Tertulha do Saldanha, a Casa de Gelados Monte Branco, a Monte Carlo e o Monumental, todos em Lisboa.

⁶² Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Dentre as figuras de destaque que pode conhecer por ocasião dos encontros intermediados pelo irmão quando ainda era muito jovem, Manuela Cruz lembrou a oportunidade que teve ao conhecer Nikias Skapinakis, um renomado artista plástico que era reconhecido por utilizar em seu trabalho conceitos modernos relacionados à pintura e à educação estética da criança.

Para Manuela Cruz, trava-se de uma forma de trabalho diferente da empregada na escola portuguesa durante o Estado Novo, na qual se destacava o ensino de desenho através do incentivo à cópia fidedigna da figura de determinados objetos, predefinido e para os quais eram utilizados, geralmente, réguas e linhas retas. Nesse modelo buscava-se, tão somente, desenvolver na criança a perícia de reproduzir determinadas figuras, a exemplo de uma bola, de um copo ou de um jarro de flores e nessa metodologia educacional a criança não tinha a liberdade estética para criar seus próprios desenhos através dos quais poderia expressar seus desejos, sonhos, seus sentimentos e a maneira como percebia e sentia a vida e o mundo.

Manuela Cruz enfatiza que a resistência a essa perspectiva conservadora foi iniciada por alguns grupos de pedagogos que realizavam projetos e experiências em escolas que se posicionavam contra essa prática formal e ofereciam como possibilidade uma forma inovadora de educação, pautada na liberdade e na criatividade baseadas nas tendências modernas de educação.

Nessas ações, Manuela Cruz destacou a importância da atuação de Alice Gomes, pedagoga que seguia as ideias modernas de educação em âmbito internacional e atuava como professora do Liceu Francês em Lisboa e integrava também a Associação Portuguesa de Educação pela Arte.

Alice Gomes e Manuela Cruz tornaram-se amigas e compartilharam diversas experiências de trabalho em arte e educação. As educadoras se conheceram através de um amigo em comum, o psiquiatra Mário Casimiro, que identificou semelhanças na forma de pensar e praticar o ensino da arte no trabalho de ambas.

Alice Gomes foi-me apresentada por um médico psicanalista, que era o Mário Casimiro. Nesta ocasião, ele me havia dito que eu precisava conhecer Alice Gomes, pois conhecia meu trabalho e achava que havia identificação com o que ela fazia. Ela era professora do ensino público e ela também conhecia Maria Amália Borges. Aliás, conheciam-se todos, pois faziam parte de um grupo que desenvolvia e organizava o trabalho com arte e educação em Lisboa!⁶³

⁶³ Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Alice Gomes era professora integrante do Grupo de Mulheres que utilizava a arte nas escolas, em clínicas de trabalho e atendimento e que utilizava a Pedagogia Terapêutica como uma forma inovadora de resistência ao regime salazarista. Ela fazia parte da Associação Portuguesa de Educação pela Arte, entidade que era reconhecida internacionalmente.

Por intermédio dessa apresentação e através da aproximação com Alice Gomes, Manuela Cruz realiza o curso de Arte e Educação e, posteriormente, assume o posto de professora em uma das classes da escola anexa a esse curso, na qual os concludentes realizavam a parte prática. Assim, o seu gosto pela arte e pelo ensino, somada à sua facilidade para se relacionar com as crianças, a guiaram para a carreira de professora de educação infantil.

Em sua primeira experiência nessa escola de ensino regular, Manuela Cruz torna-se professora responsável por uma sala de aula com aproximadamente cinquenta alunos do sexo masculino, com idade entre sete e doze anos. Durante a realização desse trabalho a educadora relembra grandes desafios, tais como a falta de material pedagógico para a realização das atividades. Recorda-se, também, que se tratava de um grupo de crianças que pertencia a uma classe socioeconômica desfavorecida, para as quais, aparentemente, a escola representava um conjunto de exigências e experiências diferentes das encontradas em seu cotidiano.

Manuela Cruz explicou-nos que, em seus primeiros trabalhos, já utilizava como ponto de partida as escolhas do aprendiz e a utilização dos temas geradores que, mais tarde, passaram a ser observadas nas práticas modernas de educação inspiradas nas teorias sobre o desenvolvimento humano e a aprendizagem.

Sua metodologia de trabalho tinha origem nas experiências de Célestin Freinet, desenvolvidas nas colônias em Vence, uma região da França. Essa referência também fazia parte da metodologia de trabalho de Maria Amália Borges que, desde a sua primeira formação como educadora em Lisboa era admiradora e estudiosa dos métodos de Freinet. Segundo Manuela Cruz, a psicóloga e pedagoga se tornou a grande responsável pelo seu aprofundamento sobre as ideias de Freinet.

Manuela Cruz teve a oportunidade de conhecer Maria Amália Borges através de Alice Gomes, em uma reunião da Associação Portuguesa de Educação pela Arte, da qual também participaram outras personalidades de um grupo de intelectuais e educadores que, cada um a seu modo, criaram um projeto de resistência ao atraso ocasionado pelo regime ditatorial, que originou vários outros movimentos educacionais e políticos, nos anos de 1950 e 1960, como ela mesma nos esclarece,

Alice Gomes convidou-me para participar de uma reunião da Associação Portuguesa de Educação pela Arte da qual fazia parte e que iria acontecer em uma Escola da “Voz do Operário”.⁶⁴ Nessa ocasião, conheci Maria Amália Borges. Além dela estavam: Cecília Menano, Lucinda Atalaia, Calveto Magalhães, Niquias Capinak que era pintor e foi inovador para a educação da criança pela arte. Estava também Rosa Bemfeito, a dona do Colégio Eduardo Claparède, que é a mãe de Isabel Vaz Pereira, que ainda hoje administra o colégio. Todas estas pessoas estavam reunidas e cada uma trabalhava no seu ponto específico.⁶⁵

A trajetória inicial da vida profissional de Manuela Cruz a trouxe para um campo de ideias compartilhadas por João dos Santos, Maria Amália Borges e outros profissionais que também atuaram na construção da Pedagogia Terapêutica, a partir de seus diferentes modos de atuação e ao lado desse grupo, a educadora passou a fazer parte de um legado que diferenciou a educação portuguesa à época.

Essa forma de trabalho foi o resultado da comunhão de ideais em prol da criação de projetos e métodos alinhados com a qualidade da educação e a liberdade das pessoas. Buscavam, portanto, a concretização de ousados sonhos, através de um compartilhado trabalho interdisciplinar e de muito aprendizado, a nível individual e de equipe, como ela mesma explica:

Eram pessoas que não estavam contentes com o tipo de educação que se tinha em Portugal aquela época e decidiram se unir para fazer diferente. Em sua pequena escola na Vila Maria, a continuação dela junto com outros corajosos e sonhadores que faziam uma educação diferenciada, moderna e que empregava os métodos ativos, as técnicas de Freinet.⁶⁶

Em seu percurso pedagógico, Manuela Cruz destacou as parcerias com Maria Amália e Alice Gomes que resultaram no aprofundamento de conhecimentos relacionados às novas metodologias em educação, bem como do ensino através das artes. Ela desenvolveu, ainda, um importante trabalho ao lado de Paula Santos Lobo, com quem publicou livros e aperfeiçoou estudos sobre a educação especial e a psicanálise.

Essas parcerias e as instituições que foram criadas a partir de 1950 formaram um grupo de referência que acreditou na importância de uma educação voltada à criança com dificuldades físicas, cognitivas e psicológicas, pautada no respeito, na liberdade e na apropriação das teorias da Educação Nova, da Psicanálise e da Pedagogia Terapêutica.

⁶⁴ Sociedade de Instrução e Beneficência de Lisboa, da qual João dos Santos foi membro e realizou importantes trabalhos em prol da educação e da saúde de trabalhadores de Portugal.

⁶⁵ Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

⁶⁶ Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Foi, portanto, no curso desse movimento de novas práticas educacionais, que, na cidade de Lisboa, profissionais de diferentes áreas atuaram na construção de várias instituições educacionais (BRANCO, 2010, 2013; SANTOS, 1982, 2017), como a Seção de Higiene Mental no Centro Materno-Infantil de Campo de Ourique, mais tarde Centro Sofia Abecassis (1952); os Centros Psicopedagógicos de A voz do Operário e do Colégio Moderno (1953); o Colégio Claparède e Escola de Pais (1954); e, o Centro de Recuperação Visual e Classe de Amblíopes (1955).

Inspirado por uma concepção de educação absolutamente contrária a qualquer rigidez, João dos Santos depositava na criança todo respeito, pois a entendia como um sujeito em processo de formação e de autoafirmação, devendo a criança ser auxiliada em todos os seus espaços de vivências, sobretudo, no ambiente escolar.

A teoria proposta por Santos, segundo Maria Eugénia Borges, compreendia e entendia a criança como um sujeito eminentemente social que deveria ter a garantia de plenos direitos e acesso aos bens culturais que pudessem contribuir para o desenvolvimento pleno de suas potencialidades motoras, cognitivas e psicológicas.

Na entrevista, Paula Santos Lobo ressaltou a importância da convivência de João dos Santos com o psicanalista André Berge em Paris, especialmente pelo trabalho que ambos realizaram de prevenção e atenção à saúde de adolescentes que apresentavam problemas de comportamento, delinquência e inadequação à escola. Esse trabalho despertou em Santos um grande interesse, inspirando-o, mais tarde, ao retornar a Lisboa, para a criação da Casa da Praia e para o trabalho de prevenção e busca de saúde mental na educação. Paula lembra também que, em seu retorno a Lisboa, ainda em tempos de Salazar, João dos Santos apresenta indícios desse protagonismo:

[...] ele voltou cheio de novas ideias e novas experiências, coisas novas que viu, porque Paris, nessa altura, não podemos esquecer, era muito desenvolvida! Volta para Portugal e as expectativas são postas nele, com certeza, com razão, porque ele já tinha trabalhado aqui. Portanto, já não era uma pessoa tão conhecida, tão famosa, mas já tinha mexido ali com várias experiências, já tinha uns incômodos, vários, relacionados à maneira de trabalhar a saúde mental. Ele era ousado nisso! Estou eu agora a romancear... Acho que acreditaram nele como a pessoa que poderia mudar alguma coisa em Portugal e, em Portugal, nessa altura, havia o fascismo e todo um paradigma e ninguém dizia nada, porque era muito perigoso!”⁶⁷

⁶⁷ Paula Santos Lobo, entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Paula Santos, se referindo sobre a ousadia de seu pai em relação ao atual conceito de inclusão, reitera que a fundamentação dessa concepção já estava presente no ideário e nas ações da Pedagogia Terapêutica de João dos Santos. Para melhor empreender a sua proposta de inclusão efetiva criou o Centro Helen Keller, onde crianças visuais e crianças cegas estudavam juntas, compartilhavam os mesmos espaços e tinham as mesmas chances e experiências.

Ele sempre foi ousado. Não se baseava nas dificuldades, mas no que a criança podia fazer e se tornar. O conceito de inclusão que se fala agora, para mim, já existia há muito tempo nas ideias da Pedagogia Terapêutica. Agora não sei lhe dizer, pois já faz muitos anos que foi criado o Helen Keller, que nessa altura era uma ideia revolucionária. Foi a primeira escola em Portugal, e acho mesmo que no mundo, com essa experiência das crianças visuais junto com as crianças cegas.⁶⁸

Para Paula Santos, a fundação no Centro Infantil Helen Keller (1954) foi, sem sombra de dúvida, uma experiência revolucionária levada a efeito em meados do século XX, pela ousadia e coragem de João dos Santos, Maria Amália Borges, Henrique Moutinho, Isabel Pereira, dentre outros profissionais.

O referido Centro fazia oposição ao modelo assistencialista oferecido às crianças que apresentavam deficiência visual, crianças com cegueira progressiva, denominadas em Portugal de ‘amblíopes’. Tais crianças eram internadas em instituições chamadas na época, de ‘asilos para cegos’, que não ofereciam estímulos adequados à leitura ou para empregar as capacidades que possuíam em atividades outras, que poderiam contribuir para o seu desenvolvimento cognitivo. Esse modelo de assistência favorecia apenas, com o passar do tempo, o agravamento dos problemas da visão.

O Centro Infantil Helen Keller realizava um trabalho junto às crianças pautado em intervenções que tinham por base o respeito à própria condição de desenvolvimento de cada uma delas e inovação dos métodos pedagógicos que incentivavam o desenvolvimento de aprendizagens, da expressão artística das crianças, por acreditar no potencial que cada uma delas possuía.

De tão inovador e avançado para a época, esse trabalho foi premiado em várias ocasiões, inclusive fora de Lisboa, por ser reconhecidamente revolucionário na perspectiva da

⁶⁸ Paula Santos Lobo, entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

educação especial e da inclusão, já que, de forma inusitada, organizavam-se classes mistas de crianças com deficiências visuais, com deficiências progressivas de visão e crianças “visuais”.

Essas propostas inovadoras foram apresentadas por João dos Santos, em 1982, com a publicação do livro *A caminho de uma Utopia: um Instituto da Criança*, no qual apresenta como essas propostas eram realizadas na prática e como eram fundamentadas nas modernas bases teóricas sobre a criança, vista a partir de uma concepção que, em uma nova perspectiva, compreendia o desenvolvimento educacional da criança dentro de três pilares conectados entre si: os processos de aprendizagem, de saúde mental e de cidadania.

Manuela Cruz, por sua vez, na entrevista relata como João dos Santos, enquanto psicanalista e educador, tinha uma visão extremamente abrangente sobre a criança e seus processos de aprendizagem que se concretizavam nas experiências vividas pela criança. Para João dos Santos, a aprendizagem deveria ser construída através das interações que proporcionariam à criança experiências significativas para a busca e construção dos seus conhecimentos.

Assim, o ponto de partida para as intervenções de aprendizagem era a própria realidade da criança, tanto nos aspectos relativos ao contexto social, como físico e psicoemocional. Essa concepção estava alicerçada nas propostas da Psicologia Evolutiva que relacionavam desenvolvimento e aprendizagem em franca reciprocidade.

Considerando que os processos de ensino e aprendizagem deveriam ser observados a partir da realidade de cada criança, João dos Santos contrapunha-se à forma reducionista adotada nos manuais e nas práticas tradicionais de ensino, pois dentre outros aspectos, a Pedagogia Terapêutica era um diferencial das ideias vigentes nas escolas de Lisboa em meados do século XX.

Ele acreditava que a leitura de mundo e de imagens deveriam permear todas as intervenções planejadas na relação com a criança, tornando, assim, o processo de aprender enriquecedor e prazeroso, diferentemente do que se encontrava nas práticas que ele próprio vivenciara e que ainda persistiam em alguns projetos educacionais de Lisboa e do mundo.

Para Santos, a educação deveria estar voltada para a vida ao enfatizar a importância de se considerar os acontecimentos da infância como aspectos importantes para o fortalecimento de uma percepção positiva de si mesmo, fato que, segundo ele, influenciaria as aprendizagens ao longo do crescimento da criança e em todas as fases posteriores de sua vida.

Essa fonte de experiências e vivências emocionais, advindas das relações de cada criança com seus pais e parentes em seu contexto original, seria um importante registro de informações sensoriais, físicas, emocionais e individuais que, para João dos Santos, deveriam

ser consideradas pelas escolas para fundamentar as intervenções e projetos destinados à criança e ao seu universo subjetivo.

Além dessas características, a ênfase na teoria psicanalítica transformou a forma de pensar e trabalhar de João dos Santos que permaneceu demarcada nos atendimentos às crianças com deficiência, com as quais ele tinha contato nos hospitais em que trabalhava, assim como, posteriormente, com aquelas que despertavam a sua atenção por não seguirem um curso convencional de aprendizagem e manifestarem problemas comportamentais que exigiam uma forma de lidar diferente das usuais, nos serviços de educação.

Manuela Cruz, juntamente com João dos Santos e Maria Amália Borges, cujo trabalho na Clínica de tratamento de Crianças do Hospital Júlio de Matos, na instituição Casa da Praia e, posteriormente, com Paula Santos, filha de João dos Santos, gerou e produziu pesquisas e muitos trabalhos publicados. Manuela explica que também foram frutos da experiência no Jardim Infantil Pestalozzi, escola da qual Paula Santos é hoje a Diretora.

Manuela Cruz trabalhou ainda no Colégio Eduardo Claparède, onde foi professora de arte das crianças com problemas de aprendizagem e atualmente vive em Lisboa ao lado de sua filha, com quem reside. Para ela, as instituições acima mencionadas representam um importante marco na história da educação de Lisboa e, por extensão, de Portugal.

Segundo essa educadora, essas experiências tiveram uma enorme influência sobre a sua própria trajetória profissional, pois lhe permitiram estar inserida em um movimento de ideias e práticas que resultaram na construção de inúmeros conhecimentos sobre a educação da criança e a fizeram aprender uma nova forma de atuar adquiridos através da convivência e da participação em projetos com outros educadores, especialmente com João dos Santos, a quem Manuela Cruz chama de ‘mestre’.

Isabel Pereira nos descreve suas experiências de trabalho realizadas com João dos Santos e a Pedagogia Terapêutica, especialmente no Centro Helen Keller. Ela recordou que havia uma grande preocupação com a avaliação das crianças em relação aos marcos de desenvolvimento, a forma como esse aspecto era vivenciado por suas famílias e a importância de suas histórias de vida. Os profissionais que trabalhavam nesse Centro eram incentivados a visitar as residências das famílias para observar, no próprio contexto de vida das crianças, as condições e os cuidados encontrados nesse ambiente.

Tem um outro trabalho que fizemos, muito importante que começou como esse, com as experiências que tivemos no Keller. Começamos a visitar e atender as famílias dos meninos com deficiência visual... Porque começamos a reparar que recebíamos os meninos no pré-primário com deficiência visual, que se desenvolviam e aprendiam mais do que quando começavam apenas mais velhos, já na adolescência.

Observamos que aquilo ocorria porque com o passar do tempo, eles tinham mais deficiências, além da visual, e isso acontecia por que os pais não estimulavam! Eu me lembro de um menino cego, que só comia comidas passadas, liquidificadas. Por que isso? Porque era cego e então os pais só davam comida passada. E outro, que era de um meio pobre e que só comia batatas. Ele gritava: - Só como batatas! Pois é, coisas assim [...] ⁶⁹.

Esse importante trabalho de acompanhamento técnico-pedagógico descrito acima tinha como propósito, para Isabel Pereira “ensinar às famílias, que as crianças podiam aprender, viver e fazer diversas coisas”. Essa prática de realizar visitas nas residências das crianças, encontradas no Centro Helen Keller, era algo extremamente inovador para a época e seu objetivo era conhecer e, quando possível, realizar intervenções também no ambiente familiar, buscando compartilhar com a família conhecimentos práticos capazes de suprir as necessidades da criança e da família.

Ao se reportar ao trabalho realizado com as famílias das crianças, a professora Isabel Pereira compartilhou duas breves citações de João dos Santos que ela conserva guardadas em sua memória: a primeira nos faz pensar acerca da relação adulto-criança - “A maturidade não consiste precisamente em aceitar aquilo que o indivíduo tem de infantil?”; e, a segunda se refere à importância do professor - “A propósito da Educação Infantil, penso que é mais importante aquilo que o mestre é, do que aquilo que ele sabe”.

Isabel destaca a importância de o professor não perder a capacidade de sentir-se criança e de mostrar-se inteiro e verdadeiro no trato com os alunos e sem deixar que o seu saber seja mais importante que a relação/interação com o aluno. No curso do processo de rememoração de suas experiências vividas, Isabel Pereira lembrou-se de um relatório escrito por Maria Amália Borges sobre o trabalho no Centro Helen Keller. Nesse documento, que foi publicado no ano de 1962 na Revista Strabismus,⁷⁰ estão descritos os princípios, as propostas e a situação em que foi encontrada a referida instituição.

Vou procurar esse relatório que Maria Amália fez [...] dos oito anos de trabalho, no qual ela conta em que o Centro Hellen Keller teria que ter evoluído e o que não evoluiu, evidentemente. Lucinda Ataiala e Maria Amália Borges defendiam que o Centro Helen Keller passasse a atender multideficientes de classes baixas, mas o Centro não foi por aí, infelizmente.⁷¹

⁶⁹ Isabel Pereira entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

⁷⁰ Revista Portuguesa de Oftalmologia Social, nº 1. Trata-se de uma publicação Única que teve texto escrito por João dos Santos e Maria Amália Borges, tendo como editor Henrique Moutinho, subsidiada pelo Instituto de Alta Cultura de Lisboa.

⁷¹ Isabel Pereira entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Ela enfatiza a ousadia da proposta realizada por Maria Amália Borges, João dos Santos, Lucinda Ataiala e os demais profissionais que lá trabalhavam à época, porém, lamenta que, atualmente, não estivesse sendo realizada a preservação desse trabalho como deveria, pois, segundo sua avaliação, pouco evoluiu e parece ter sido abandonado tudo que foi feito no passado, o que prejudicaria as crianças em relação às oportunidades de aprender e de se tornarem autônomas. Porém, destaca que esse movimento gerou uma lei que integrou os deficientes a escolas regulares.

[...] O que é certo é que foi a partir dali, e graças a toda a equipe, que começou a luta por uma educação para os deficientes e que acabou aí por sair uma lei em que os deficientes eram integrados na escola inclusiva. A partir daí tinham direito a educação!⁷²

A salvaguarda desse direito, pelo qual as crianças deficientes e não deficientes tivessem a mesma qualidade no atendimento, uma escola única, fazia parte do ideário da Pedagogia Terapêutica e alimentava os profissionais engajados nestes mesmos ideais que procuravam acolher os mais fracos, mais pobres e os deficientes, dedicando a eles toda a sua energia e proporcionando-lhes uma educação para autonomia e a cidadania.

Durante a entrevista, Isabel Pereira procurou preservar a força idealista que movia esse grupo de pessoas e do qual ela própria fizera parte. João dos Santos, Maria Amália Borges e tantos outros educadores e sonhadores que desejavam uma educação verdadeiramente inclusiva, forjadora da autonomia das crianças, onde cada um buscava fazer a diferença e lutar pelo que acreditavam em termos educacionais, sem medir as consequências da opção pelos mais frágeis.

O que eu digo a propósito daquelas três pessoas, eram sonhadores, não eram? Porque sem dinheiro, com muita força e coragem, atiraram-se assim para fazer coisas... (risos). O que é certo é que fizeram! Atiraram uma pedra no “chat” (expressão que significa mexeu na situação, chamaram a atenção). Acreditavam na capacidade das pessoas!⁷³

Embora destituídos de condições estruturais propícias, sem recursos financeiros e sem apoio governamental, o que acalentava e movia esse grupo de profissionais educadores era, justamente, o sentimento humanista através do qual balizavam suas concepções de mundo.

⁷² Isabel Pereira entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

⁷³ Isabel Pereira entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Vivendo um contexto de pós-guerra, no qual as imagens de terror ainda povoavam os interstícios da sociedade europeia e o sentimento de desesperança parecia cada vez mais forte, João dos Santos e Maria Amália Borges mobilizavam seus companheiros a acreditarem no amanhã, a elegerem a criança como investimento para um futuro no qual elas viessem a viver, em um mundo mais feliz e humano.

Tomando-se como parâmetro a época em que viveu e atuou profissionalmente, podemos asseverar que as ideias e o legado de João dos Santos apresentavam-se como um referencial teórico que era, ao mesmo tempo, moderno e vanguardista. Santos, como intelectual, foi um homem que esteve sempre em movimento, transitando e estabelecendo relações entre vários campos do saber, ligados às áreas da saúde e da educação.

Assim, com seu espírito inquieto e obstinado em contribuir com o bem-estar do ser humano, Santos teve, sobretudo na cidade de Lisboa, uma marcante atuação profissional nos campos da saúde mental, especialmente da saúde mental infantil, pensando-a integrada a uma abordagem psicanalítica e educacional. Alicerçado, portanto, nos conhecimentos em que associava a psiquiatria, a psicanálise e a educação, ele contribuiu de forma marcante para a inovação e a atualização de métodos educacionais compartilhados nas instituições e ambientes em que atuou.

Aos 62 anos de idade, no alto de sua maturidade intelectual, clínica e educacional, João dos Santos criou, no ano de 1975, na cidade de Lisboa, o Centro de Pedagogia Experimental - Casa da Praia,⁷⁴ que fora a concretização de um projeto fundamentado na relação entre a psicanálise e a educação, bem como na utilização de métodos e ideias da Escola Nova.

Essa instituição representou uma das experiências educativas baseadas diretamente nos princípios propostos pela Pedagogia Terapêutica e na qual João dos Santos dedicou-se a formar novos profissionais, cuja fundamentação era baseada em princípios que privilegiavam a atenção individual à criança.

Como ele considerava que os processos de aprendizagem careciam da reunião de práticas pedagógicas e psicológicas que se somariam a outras especialidades, essa

⁷⁴ Assim como visitamos o Colégio Eduardo Claparède, tínhamos, também, a intenção de conhecer a Casa da Praia. Porém, em função do nosso limite de permanência na cidade de Lisboa não tivemos a oportunidade de fazer essa visita. Contudo, foi possível acompanharmos a organização do evento de lançamento da quinta edição do livro “A Casa da Praia - O psicanalista na Escola”, que retrata a história dessa instituição. Não obstante as atividades de preparação do referido evento e ao clima de expectativas, conseguimos realizar com sucesso as entrevistas planejadas e que foram apresentadas nessa tese.

metodologia de ação deveria fortalecer a humanização e a atenção aos que necessitavam ao possibilitar o desenvolvimento integral do sujeito e todas as suas potencialidades.

O historiador Justino Magalhães (2000, p. 9) foi um dos que reconheceu a importância das ideias e do legado de João dos Santos, pois em um texto, publicado no site *João dos Santos no Século XXI*, destacou a relevância da Pedagogia Terapêutica essencialmente praticada e desenvolvida na Casa da Praia, por ser uma experiência diferenciada em educação, na qual as crianças eram vistas com sensibilidade e delicadeza, sendo consideradas o centro do processo educativo.

Para a criança, em particular, a família, a escola e a sociedade são as instâncias que tornam possível e dão sentido à relação entre vida e educação. Aí começa a experiência vivida de cada um. Há um gesto pedagógico que encontro simbolizado na vida e na obra de João dos Santos, que é o de dar a mão, que é como quem diz, cuidar educando (MAGALHÃES, 2000, p. 9).

Essas concepções assentam-se nas propostas encontradas no movimento de renovação da educação, a Escola Nova, aqui já descrita. Esse grupo de educadores possuía como referência ideias da psicogenética do desenvolvimento, no qual o aprendiz era o objetivo e o foco principal do processo educativo.

Ao longo das atividades desenvolvidas na Casa da Praia, João dos Santos percebeu que muitas crianças levadas a essa instituição apresentavam quadros de instabilidade ou de bloqueios, além de depressão, muitas vezes eclipsada por diversos sintomas comportamentais. Quanto aos pais das crianças, ele percebera também que grande parte das mães apresentava idênticos quadros de depressão, ao passo em que os pais, geralmente, se encontravam ausentes fosse por doença, invalidez ou por não residirem no lar junto à família.

No livro *“A Casa da Praia - O Psicanalista na Escola”*⁷⁵ João dos Santos nos dá indícios do quanto fora um atento pesquisador da realidade das crianças que apresentavam problemas de adaptação escolar, mas que não poderiam ser consideradas “débeis mentais”, rótulo que a época costumava ser atribuído às crianças que apresentavam particularidades em seu desenvolvimento, características que as diferenciavam do curso convencional, destacado pelos profissionais que interagiam com a criança nos serviços de saúde e educação, como ele tão sabiamente explica no livro:

⁷⁵ SANTOS, João dos. **A Casa da Praia: o psicanalista na escola**. 5. ed. Lisboa: Product Solutions Catalysis, 2017.

De certa forma, poderá parecer ao leitor que nós fizemos uma dedução lógica e que, a partir da constatação de que todas as crianças com problemas de adaptação escolar, sem deficiências objetivas, eram tristes, optamos por essa sugestão de fazer um externato de Pedagogia Terapêutica para as curar da tristeza. De facto, não foi assim, antes pelo contrário, o nosso ponto de partida foi o de uma psicologia mais técnica, mais acadêmica e mais psicométrica, e foi a experiência destes 10 anos de trabalho que nos fez abandonar a nossa primeira hipótese, a de que as dificuldades de iniciação a leitura e escrita de crianças não débeis mentais, poderia ser um problema instrumental. A festa na escola foi uma consequência pedagógica e didática do ambiente escolar que vivemos (SANTOS, 2017, p. 4).

A ideia de promover uma festa no ambiente da escola com as crianças significava transformar o espaço educacional em um espaço festivo, entendido como sendo também um espaço pedagógico e propulsor de experiências antidepressivas. Com essa prerrogativa, a Casa da Praia tornava-se um ambiente de vivência coletiva, pois passava a agregar os familiares das crianças e, portanto, a comunidade na qual a escola estava situada. O ambiente de festa era, na Casa da Praia, uma forma terapêutica de subjetivação das circunstâncias vividas pelos sujeitos que nela estavam integrados.

Por essa razão, a Casa da Praia tornou-se uma imensa inovação no tratamento de crianças com problemas comportamentais em sua vida diária, o que interferia em suas relações nos contextos de socialização familiar e escolar. Através do trabalho de acolhimento, proposta de atividades planejadas e direcionadas à criança e aos adultos que com ela conviviam se buscava estabelecer uma relação de apoio, respeito e ajuda para desenvolver suas potencialidades e compreender a criança, para que aprendesse a conviver com suas particularidades sem perder oportunidades de interação com outras crianças e com o mundo à sua volta.

Considerando, pois, a experiência vivenciada na Casa da Praia, podemos inferir que João dos Santos utilizou-se dos fundamentos da psicanálise como ancoragem para tratar e prevenir problemas que emergiam no contexto da educação escolar, porque entendia que o movimento e a atividade livre contribuía para o desenvolvimento mental e para a compreensão da atividade simbólica da criança.

Suas ideias sobre a psicanálise ofereciam-lhe uma proposta psicodinâmica, uma oportunidade de investigar os comportamentos e ações considerados problemáticos, como os sintomas de conflitos ou dificuldades emocionais da ordem do desenvolvimento. Para Santos, esses comportamentos estariam ligados a conteúdos psíquicos que poderiam ser trabalhados por meio de intervenções profissionais apropriadas, que deveriam possibilitar às crianças e aos adultos encontrar alívio para as suas tensões e a expressão de angústias, fosse através da arte ou do processo terapêutico.

Na educação tradicional, até então, as crianças que não se adaptavam eram submetidas à imposição de regras, a busca de resultados, que se não eram obtidos, ensejavam justificativas médicas, familiares, sociais, dentre outras, que levavam à responsabilização dos sujeitos e de suas famílias pelos insucessos apresentados. Não se recorria, então, a uma abordagem voltada à análise do próprio sistema escolar, dos seus métodos e ações. Nesse contexto de ‘silenciamento’ acerca das responsabilidades da escola, a não reflexão sobre a forma de educar, de seus princípios e métodos foi abominada por João dos Santos e condenada por ele, seus parceiros de trabalho e colaboradores.

Falando sobre o que havia influenciado a Pedagogia Terapêutica, Santos destaca que tivera como inspiração a obra de Sigmund Freud (1856-1939), porque queria ressaltar a importância do estudo das neuroses e asseverar a sua relevância para a compreensão da emergência dos sintomas. Em sua opinião, esse processo possibilitava a administração ou mesmo a resolução das experiências traumáticas ao longo da vida.

João dos Santos acrescenta, ainda, que o contato com as obras das autoras Anna Freud e Melanie Klein, ambas psicanalistas, possibilitaram que aprofundasse os estudos sobre a neurose infantil, propriamente dita, por considerar que Freud havia tratado mais especificamente dos processos neuróticos em adultos fazendo, porém, uma transposição para a realidade das crianças e dos adolescentes. Por essa razão, João dos Santos aprofundou seus estudos psicanalíticos fundamentado nas ideias e nas obras das citadas psicanalistas, em razão do detalhamento e classificação das neuroses infantis e dos atendimentos de crianças realizados pelas duas.

As ideias apreendidas pelo psicanalista eram colocadas em prática em seus trabalhos clínicos e educacionais e inovavam na abordagem dos sintomas que passaram a ser investigados como resultado da comunicação de conteúdos inconscientes. Do mesmo modo, ele apresentava, também, avanços na relação entre profissional, criança e família, por buscar maior envolvimento e a consequente criação de vínculos terapêuticos. Sobre essa questão, João dos Santos defendia o estabelecimento de uma relação de cuidado e acolhida aos familiares, buscando respeitosamente conhecer as origens da criança, ambiente familiar e os conhecimentos adquiridos antes da idade escolar.

Desta forma, ele considerava ser preciso investir na formação dos profissionais da educação, os professores, os quais deveriam ser incentivados ao estudo e à compreensão da teia de movimentos e subjetividades que envolviam a criança e que deveriam agir a partir da compreensão dessa multiplicidade de questões que envolvem as pessoas.

Por causa da visão sistêmica de João dos Santos na educação e suas contribuições serem inúmeras e todas marcadas pela inovação e por princípios holísticos, propostos e por ele incentivados, além de sua profunda humanidade, encontramos o registro de inúmeras publicações de renomados psicanalistas portugueses, a exemplo de Vidigal (2014), que referindo-se a João dos Santos, nos lembra de sua importância e originalidade:

[...] também nos devolveu um novo olhar sobre o valor da arte no desenvolvimento da criança e sobre a educação na família, na escola e na comunidade, criando concepções originais para a formação de pais e professores [...]. Criou uma obra que ainda hoje ajuda a compreender as causas mais profundas do sofrimento psíquico da criança, do adolescente e do jovem. Foi ele que introduziu a modernidade na maneira de ver e de estar com a criança, e que ainda mantém actualidade, esperando que nada disto se perdesse, porque faz parte do nosso património científico e humano.⁷⁶

Todo esse conhecimento, “esse patrimônio científico e humano”, citado por esse psicanalista português, foi compartilhado, aprofundado e adaptado às realidades das diferentes instituições fundadas ou apoiadas por João dos Santos, e ainda mantém sua atualidade e, realmente, não se perdeu e nem se perderá, como profetizou Vidigal (2014), citado acima.

Podemos observar uma diversidade de aplicações e caminhos relacionados à criança em seus diversos contextos, tendo por base a saúde, a família e a educação, cuja relação foi pensada e aprofundada por João dos Santos a partir da fecunda conexão entre a psiquiatria, a psicanálise e a educação.

Manuela Cruz, assim como as demais educadoras por nós entrevistadas em Lisboa, foi uma personagem importante para a história da Pedagogia Terapêutica. Seu desempenho profissional foi marcado, e ainda hoje o é, por uma atuação alinhada às modernas concepções de educação construídas a partir do conhecimento, muito estudo e das experiências que desenvolveu como educadora, especialmente aquelas ao lado de João dos Santos e seus colaboradores, como ela própria lembrou.

Para encerramos essa subseção, gostaríamos de narrar a singularidade que marcou o contexto da entrevista com Manuela Cruz. Em sua residência, antes de iniciarmos a entrevista, Manuela mostrou-nos várias obras que refletiam as posições pedagógicas de pessoas como Dias Agudo e seu livro sobre o Sincretismo Infantil na Experiência Pedagógica:

⁷⁶ Texto apresentado por Maria Vidigal durante a cerimônia em homenagem póstuma ao centenário de nascimento de João dos Santos em Lisboa, no qual estiveram presentes familiares, amigos e profissionais estudiosos das ideias de João dos Santos. Disponível em: <https://joaodossantos.net/Cf>. Acesso em: 29 de março de 2020.

“Isso foi muito importante, porque era a introdução para o nosso trabalho. Estudávamos essas obras e íamos criando e fazendo nossas rotinas de trabalho”⁷⁷.

Ela ainda mencionou os livros de um autor Antônio Sérgio⁷⁸, e mostrou-nos livros e fotos de materiais pedagógicos sobre as Modernas Tendências para a Educação em Lisboa, e folheava os livros e materiais antigos que estavam sobre a mesa, e apontava exemplos de atividades desenvolvidas com as crianças e que faziam parte de seu acervo pessoal, alguns com folhas mimeografadas e outros com fotografias das atividades que continham as respostas das crianças, desenhos e outros tantos registros históricos.

Percebemos que essa riqueza de materiais era resultado de um longo período de trabalho em equipe, com a elaboração de atividades que demonstravam cuidado com as crianças e atenção a suas capacidades de aprender. Eles procuravam criar novas e melhores experiências e muitas formas de trabalhar, que motivassem as crianças a realizar suas produções e a usar suas observações sobre o mundo, as pessoas, as histórias e as imagens a sua volta.

Esse material nos foi apresentado intercalado por sorrisos e muita empolgação, porque Manuela demonstrava prazer em apresentar essas atividades propostas que faziam parte de um conjunto de memórias que reuniu a partir dos trabalhos que realizou no Centro Helen Keller, no Jardim Infantil Pestalozzi, no Colégio Eduardo Claparède, dentre outras tantas valiosas experiências.

Nesse passeio pelos saberes e imagens resgatados da memória, Manuela Cruz revisitou lembranças que acabaram por levar às contribuições de Agostinho da Silva, professor e filósofo português, punido pelo regime salazarista, assim como muitos outros educadores e intelectuais, por não aceitar as imposições do governo ditatorial de Portugal.

Ele conseguiu ser professor em Aveiro, só que o Salazar obrigou cada funcionário público a assinar uma declaração que não pertencia a nenhuma associação secreta e depois isso evoluiu para o repúdio ao comunismo. Tínhamos todos que assinar isso! Mas o professor Agostinho da Silva recusou-se a assinar isso e perdeu o seu lugar. Era um professor extraordinário! Ele era do Porto e nasceu em Barca D'alva. [...]. O Agostinho era mais velho que a Maria Amália Borges e tinha em comum o tipo de trabalho, essa forma de pensar a educação com a participação das crianças e a valorização do que trazem de experiências para a escola.⁷⁹

⁷⁷ Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

⁷⁸ Educador português ligado ao movimento Escola Nova, autor de livros e referências nas primeiras décadas do século XX.

⁷⁹ Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Ao final da entrevista, pudemos perceber a grandeza das experiências narradas através dos fios da memória e apresentadas, com tanto carinho, na materialidade de tantos projetos registrados em fotos ou nas produções didático-pedagógicas utilizadas, como por exemplo, na alfabetização das crianças de baixa visão.

Durante toda a entrevista, tive a plena convicção de que não estava ali somente colhendo informações para minhas necessidades acadêmicas de pesquisadora. Com muita alegria pude também proporcionar a Manuela Cruz revisitar seu passado, agora ressignificado pelas injunções do tempo presente.

Completamente atenta e presente na entrevista, numa agradável e produtiva relação dialógica, Manuela Cruz, em alguns momentos fazia pausas em sua narrativa para continuar “falando” através de sorrisos e em outros momentos víamos seus olhos lacrimosos, demonstrando que eram lembranças carregadas de emoções.

Ela falava das experiências vividas pontuando sentidos sociopolíticos, culturais e educacionais, mas, acima de tudo, parecia querer falar mesmo de tempos saudosos. Assim, em cada história narrada, embarcávamos em uma viagem pelas ruas de Lisboa, espreitando seus prédios históricos, suas vielas, imaginando um tempo de lutas e realizações de um grupo de profissionais dedicado e apaixonado pela educação das crianças, partindo da valorização de seus espaços de convivência, de seus saberes, de seus potenciais, independentemente de sua origem socioeconômica.

Os relatos de memória de Manuela Cruz nos fizeram compreender que aquelas memórias representavam uma aliança que instituía seus significados para além da vida profissional. Cada relato expressava, sobretudo pelo tom de voz e pela linguagem do corpo, seus elos de amizade, cumplicidade e de admiração construídos ao longo de anos de convivência, de aprendizados, de trabalho, principalmente quando se referia a João dos Santos e a Maria Amália Borges.

Toda a sinergia do ambiente e das histórias a nós relatadas por Manuela Cruz, seu estado de total entrega e presença na entrevista, nos fez partir de sua casa com ânimo renovado para a vida, para a necessidade do trabalho em prol do bem comum, acreditando que cada pessoa, sobretudo as crianças, tem potenciais que precisam ser respeitados e valorizados como ponto de partida para seu progresso educacional e emocional. Acolhê-las com afeto e respeito parece um meio seguro para transformá-las em pessoas adultas sensíveis e maduras.

A partir dos relatos e memórias de nossas cinco professoras entrevistadas, pudemos compreender a Pedagogia como atividade que se emprega não somente para ensinar, mas para compreender, trabalhar e desenvolver conhecimento que seja destinado à relação da

criança com a educação, com o mundo, com a sociedade e com o público a que se destina. Essas reflexões são realizadas por Libâneo (2001, 2018) e Giraldeleli (2006) ao mencionarem os paradoxos que acompanham a história da Pedagogia e seu desenvolvimento enquanto ciência.

Ao pensarmos sobre a Pedagogia Clássica no decorrer de sua história, percebemos que ela sofreu mudanças em paralelo às correntes de pensamento e ideias do mundo moderno, como acentua Ghiraldeleli (2006). Se compararmos a Pedagogia Clássica à Pedagogia Terapêutica, podemos afirmar a força e o potencial dessa teoria que foi criada e desenvolvida a partir das concepções de criança e de infância tão modernas e avançadas para a época de João dos Santos, porque designam o fato marcante do trabalho educativo ser fundado não apenas nos cuidados cognitivos e afetivos, mas também na visão global do aluno, que é fruto de um nascimento em determinado núcleo familiar, em certo espaço geográfico e cultural e que sofre variadas influências de todas essas relações, e que ao mesmo tempo, necessita receber um olhar mais apurado e sensível, daí ser preventivo e, porque não dizer, mais humano e diligente.

Concluimos que uma prática contextualizada à sociedade que vislumbra a educação como caminho de mudanças e é ainda sensível ao potencial terapêutico do trabalho realizado pode ser designada como uma Pedagogia Terapêutica no sentido de prevenir e de ajudar a tratar os problemas emocionais das crianças, que funcionam como entraves para o seu desenvolvimento e a sua aprendizagem. João dos Santos chama atenção para a sua compreensão acerca da sua Pedagogia, definindo-a com base nas influências que recebeu de Wallon.

O ponto de vista genético. que aprendi a equacionar e desenvolver com meu mestre Henri Wallon, levou-me a introduzir em todos os esquemas terapêuticos e didáticos a compreensão das etapas evolutivas que precedem as situações de crise, as fixações e os atrasos que se verificam nas crianças com problemas de iniciação à aprendizagem escolar. Do estudo das teorias de Wallon e da prática que adquiri em seu laboratório, pude deduzir que pedagogia era a filosofia ou a teoria da educação escolar (SANTOS, 2017, p. 87).

Por fim, podemos concluir que a Pedagogia Terapêutica nos apresenta como desafio a tarefa de refletirmos acerca dos pressupostos fundantes da educação infantil, estimulando-nos a repensar as nossas práticas pedagógicas, de maneira a podermos ver as possibilidades de superação das dificuldades relacionadas aos processos de ensino-

aprendizagem, tendo como ponto de partida, uma visão cuidadosa em relação aos marcos subjetivos e emocionais das crianças.

4.3 A contemporaneidade das ideias de João dos Santos

A Pedagogia Terapêutica se constitui em uma sistemática de trabalho de natureza teórica, metodológica e prática, através da qual a escola deve representar um espaço fundamental de desenvolvimento do ser humano em todas as suas dimensões, cognitiva, afetiva, psicológica e social. Portanto, um dos princípios da Pedagogia Terapêutica é tornar a experiência escolar uma fase significativa e feliz da vida, especialmente para aqueles que tenham menos possibilidades de vivenciá-las em seu cotidiano.

Com seu olhar de educador investigativo, João dos Santos depositava na criança toda a sua sensibilidade e empatia, sobretudo naquelas que possuíam problemas de aprendizagem, pois acreditava em uma prática voltada à educação integral dos sujeitos sem, contudo, deixar de respeitar as diferenças próprias dos processos individuais de aprendizagem.

A proposta da Pedagogia Terapêutica rompe, portanto, com qualquer forma fatalista e negativista endereçadas à criança e ao jovem, principalmente àqueles que possuem algum tipo de dificuldade. Para tanto, é necessário que exista uma relação harmoniosa entre os atores educacionais, condição primeira para favorecer no aluno todas as suas possibilidades, em função do pleno desenvolvimento dos indivíduos.

Ao descrever o trabalho realizado na Casa da Praia, instituição fundada por João dos Santos que representa a totalidade da proposta de Pedagogia Terapêutica, o próprio educador enfatiza seu diferencial em termos de filosofia e metodologia de trabalho.

A nossa escola que designámos por Casa da Praia, adoptou medidas que, como dissemos inicialmente, têm que ver com a competência dos pedagogos que fazem dela uma instituição maternal e festiva, uma espécie de remédio ou terapia para estas crianças deprimidas (SANTOS, 2017, p. 76).

Essa forma de pensar a educação levando em consideração os aspectos afetivos, individuais e sociais demonstra o caráter científico e contemporâneo dos escritos e do trabalho de João dos Santos. No entanto, tal paradigma, na atualidade ainda representa uma utopia, pois o que vimos na realidade das escolas atuais se distancia enormemente dessa proposta, pois na prática, os ambientes escolares continuam, em sua grande maioria, reducionistas,

massificadores, com pouco espaço para a vivência das diferenças em todas as suas expressões, e, de maneira mais ampla, para experiências educativas democráticas e libertadoras.

Manuela Cruz⁸⁰ destacou ao longo da entrevista a contemporaneidade das ideias de João dos Santos, embora reconheça que, ainda hoje, na cidade de Lisboa, os projetos de educação priorizam formas rígidas de ensinar e englobam apenas os conteúdos em detrimento da liberdade de escolha, da expressão estética plural, das diferentes formas de aprender, princípios esses adotados em todos os projetos pensados e transformados em experiência prática por João dos Santos.

Para reforçar nossa compreensão, por ocasião de nossa visita ao Colégio Eduardo Claparède, foi possível ver que os princípios norteadores da prática pedagógica da escola estão coadunados à proposta da Pedagogia Terapêutica de João dos Santos, conforme pudemos perceber no período em que estivemos em Lisboa.

Por ocasião de nossa estadia em Lisboa, Portugal, no mês de maio de 2018, tínhamos como objetivo realizar nossa pesquisa empírica, a qual compreendia a produção de entrevistas com cinco educadoras que trabalharam com João dos Santos, e, também, iríamos fazer uma visita aos locais onde teria atuado João dos Santos.

Assim, dando curso ao nosso projeto de visita aos locais de atuação de João dos Santos, foi possível visitar o Colégio Eduardo Claparède, onde tivemos o prazer e a alegria de termos como anfitriã Isabel Beirão, que trabalha no colégio há 23 anos. Psicóloga de formação, ocupa um cargo ligado à direção geral do Colégio na condição de coordenadora pedagógica, juntamente com Isabel Vaz Pereira, diretora geral da instituição, educadora que conheceu e trabalhou ao lado de João dos Santos e que se tornou uma de nossas entrevistadas.

Por estar muito ocupada devido às atividades que estava desenvolvendo na hora que chegamos, Isabel Vaz respondeu a algumas de nossas perguntas e nos deixou na companhia de Isabel Beirão, que nos recebeu com muita simpatia e demonstrou satisfação em nos apresentar, através de uma visita guiada, às propostas de trabalho desenvolvidas na escola.

Durante nossa caminhada conhecendo os espaços físicos do colégio e suas respectivas funções, foi possível observar que, a todo instante, Isabel Beirão parava para dar atenção aos funcionários e atender as demandas que eles lhe apresentavam. Do mesmo modo, destinava atenção para os alunos que chegavam para mais um dia de aula e a cumprimentavam com naturalidade. Essas relações entre os vários segmentos que

⁸⁰ Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

compunham o ambiente escolar representaram para nós, naqueles instantes, indícios de um regime de convivência pautado em uma relação de um diálogo fluido entre a direção, professores, funcionários administrativos e os alunos, o que fazia da escola um ambiente alegre e democrático.

Fundado no ano de 1953, por João dos Santos, Rosa Bemfeito e Afonso Gouveia, o Colégio Eduardo Claparède funciona em um prédio histórico, dividido em três pavimentos, com acesso através de escadas, situado em uma pequena colina na Praça Andrade Caminha. Ao entrar, pudemos constatar que a escola era muito organizada no que concerne à sua estrutura física, representada pelo cuidadoso zelo com a decoração e o mobiliário do prédio, assim como no que concerne ao desenvolvimento de projetos pedagógicos. A propósito, logo na entrada nos deparamos com um cartaz que apresentava o projeto pedagógico da escola para o ano de 2018.

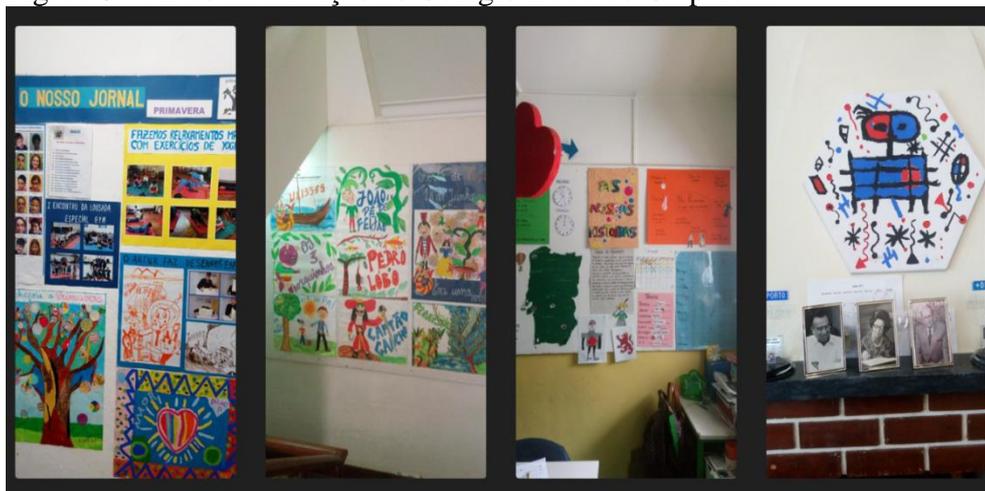
Figura 7 – Visita ao Colégio Eduardo Claparède⁸¹



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora.

⁸¹ Da esquerda para a direita, temos Isabel Beirão, psicóloga, coordenadora da escola; Isabel Vaz de Pereira, Diretora da Instituição, Karine Borges, pesquisadora, Regiane Alves, pesquisadora e Sílvia, integrante da equipe administrativa do colégio Eduardo Claparède. Visita em maio de 2018, Lisboa.

Figura 8 – Artes de crianças do Colégio Eduardo Claparède⁸²



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A fachada colorida da escola nos parecia um convite para registrar o quanto sua proposta pedagógica se pautava no acolhimento da diversidade e nos valores que se buscava trabalhar e disseminar naquele ambiente educacional. Neste colégio, a arte, a poesia e a cultura constituíam-se em instrumentos pedagógicos no processo de construção do saber e da emancipação dos sujeitos.

Nesse sentido, procuramos curiosamente observar a participação dos estudantes na própria decoração do prédio, cujas paredes se achavam preenchidas de pinturas e desenhos realizados pelos próprios alunos, o que, para mim, representava indícios do espírito de autonomia que a escola pretendia gestar em cada um deles.

As salas de aula e as atividades pedagógicas eram marcadas por uma grande diversidade de cores e organizadas conforme as atividades para as quais se destinavam: ateliê de artes, de leitura, sala de trabalho com utilização de música e um pátio para recreação e a prática de esportes. Nos vários ambientes da escola, nos deparávamos com uma variedade de trabalhos de arte expostos.

Isabel Beirão, ao nos guiar na visita à escola, explicou que havia um projeto geral que demarcava e guiava todos os trabalhos a serem produzidos a cada ano. A proposta exigia que diferentes áreas ou especialidades fossem se encaixando, de acordo com suas próprias exigências e especificidades. Isabel expressava um grande orgulho, e explicava qual era a metodologia adotada pelo grupo gestor e os professores, enquanto nós caminhávamos nos

⁸² Registro de comunicações dos projetos pedagógicos desenvolvidos na escola e de momentos especiais com a participação dos alunos, na última imagem à direita, vê-se as fotos de João dos Santos, Rosa Bemfeito e Afonso Gouveia, fundadores do Colégio.

corredores e áreas da escola: “agarramos um projeto e vivemos com ele durante todo o ano... Não saltamos de um tema para outro, como observo na educação atual! Muitos saltos, a cada hora um assunto e, as crianças nem lembram, parecem ter muita pressa, o que fica muito improdutivo”⁸³.

Ela continua explicando: “aqui trabalhamos de uma forma interdisciplinar, que é realmente uma marca muito forte deixada pelo Dr. João dos Santos”. O trabalho em equipe funciona realmente, como no exemplo dado por Isabel Beirão:

[...] se o miúdo tem exercícios de terapia da fala a fazer, não faz só com a terapeuta, mas ela ensina aos outros profissionais e aos funcionários que convivem com a criança o que e como fazer, para que o miúdo se desenvolva nos outros momentos nos quais a própria profissional não está com ele... Dessa forma, todos os profissionais, ao estarem com os miúdos, vão empregando o que é para fazer e da forma que aprenderam! Assim fica melhor, pois não recebem as intervenções para ajudá-lo somente durante os atendimentos, mas a equipe toda se envolve com cada um⁸⁴.

Ela evidencia os princípios da educação diferenciada que balizam a proposta pedagógica do Colégio Eduardo Claparède, ao mesmo tempo em que estabelece um contraponto ao modelo de educação por ela nomeado de convencional. Para ela, a educação nos moldes tradicionais não possibilita, de forma satisfatória, o desenvolvimento saudável e ajustado das crianças que não atendem aos padrões convencionais da sociedade.

No modelo de educação tradicional, à medida que a criança demonstra alguma diferença no curso de seu desenvolvimento e de sua aprendizagem, ou mesmo déficits cognitivos ou intelectuais, passa a receber olhares e formas de tratamentos que, na maioria das vezes, comunicam uma visão negativa. E as crianças, então, acabam “aprendendo” que não conseguem atingir o nível de aprendizagem exigido, ou, ainda, que não são/estão “adequadas” ao que a escola propõe.

Essa forma de tratar a criança acarreta, muitas vezes, problemas emocionais nos alunos que vão se avolumando e agravando sua situação. Assim, quando a escola reforça as fragilidades da criança, geralmente, os problemas que existem no próprio lar da criança que apresenta uma deficiência se agravam, pois, em muitos casos, as famílias não têm conhecimento, nem tampouco estrutura emocional para lidar com as dificuldades de socialização, educação e desenvolvimento das pessoas com deficiência.

⁸³ Isabel Beirão em visita guiada ao Colégio Eduardo Claparède em de maio de 2018.

⁸⁴ Isabel Beirão em visita guiada ao Colégio Eduardo Claparède em de maio de 2018.

Isabel Beirão destaca que o Colégio Eduardo Claparède costuma receber crianças que não possuem apenas déficits cognitivos, mas, sobretudo, trazem a marca profunda de problemas emocionais agravados por experiências vividas em ambientes adversos, em famílias disfuncionais, as quais não apresentam condições de acolher ou de colaborar de modo positivo, com o desenvolvimento da criança.

Ela então relatou o caso de um menino de 12 anos que a escola havia acolhido cerca de dois anos antes, o qual estava progredindo nas atividades e nos processos de socialização. Ela lembrou que a criança era portadora de um diagnóstico de psicose, cuja mãe não mais vivia com o pai do menino. A mãe havia se consorciado com outro homem que resolvera suspender a medicação que o menino usava para minimizar seu transtorno, por acreditar que poderia tratá-lo através de seus próprios métodos, pautados em castigos, ameaças e na utilização de força física, pois ele acreditava que seriam suficientes para o controle do menino e do transtorno.

A escola, porém, havia observado as mudanças negativas no comportamento do garoto e acionou o poder público, denunciando os maus-tratos e abuso de autoridade por parte de seu padrasto. O garoto passara a apresentar em sala de aula um comportamento estranho ao habitual, e, de forma descontrolada, passara a mastigar e ingerir as folhas do próprio caderno.

Isabel Beirão e a professora passaram, então, a analisar a situação do garoto observando-o ao longo das atividades na escola, e ambas constataram que todos os comportamentos manifestos pela criança eram sinais evidentes da angústia que ele vivenciava em casa.

A mãe foi chamada à escola e compartilhou com as professoras a situação problemática do companheiro em relação a seu filho e, por essa razão, solicitou que a sua medicação fosse administrada pela escola. Diante desse problema, Isabel Beirão conversou sobre a situação delicada com a mãe informando-a que somente a medicação ministrada na escola não seria suficiente para auxiliar o comportamento do filho, mas a escola pensaria com ela como resolveriam a situação de forma adequada e segura para a criança.

Esse exemplo serve para ilustrar e nos dar ciência do quanto a escola compreende que suas ações não dizem respeito apenas aos conteúdos formais, disciplinares. Essas ações vão muito além do campo educacional, quando a escola procura cuidar e proteger as crianças e adolescentes que estão sob a sua guarda e com as quais estabelece vínculos não apenas profissionais, mas também emocionais e afetivos.

O público atendido no Colégio Eduardo Claparède é proveniente tanto da rede escolar particular quanto de instituições públicas que dão acolhida e proteção à criança. Isabel

Beirão acredita que existem muitas dificuldades na percepção, na ajuda e no encaminhamento dessas crianças, fato que corrobora, em sua opinião, para tornar mais agudos os problemas das crianças e adolescentes, o que amplia, sobremaneira, suas dificuldades no ensino regular. Portanto, sem o devido tratamento, as crianças e adolescentes chegam à escola tardiamente e quando já apresentam grandes dificuldades e muitos comprometimentos.

No Colégio Eduardo Claparède existem dois currículos, um regular para as crianças que possuem transtornos e problemas que “suportam” intervenções formais sem tantos prejuízos, e outro especial, que parte do que eles têm “condições” de fazer e pensar em termos de autonomia e profissionalização, o que para Isabel Beirão, corresponde a um processo de aprendizagem significativa.

Frequentemente, as crianças vêm do ensino regular com graves prejuízos na sua autoestima, fato que atrapalha bastante seus processos de desenvolvimento e de aprendizagem. Nesses casos, o colégio procura oferecer pedagogicamente, possibilidades de superação, de emancipação, através da crença de que eles podem aprender, de que cada um é dotado de importância, de talento e de bons sentimentos. Como estratégias pedagógicas utilizam a arte, trabalhos nas oficinas e exercícios com o corpo e incentivo à prática de esportes.

Isabel Beirão ressaltou a importância da organização espaço-temporal na escola e nos exemplificou mostrando a linha de condução das atividades e os projetos ao longo do ano, tais como a festa da primavera, do verão, de inverno, do padroeiro e todas as atividades que são diversificadas em função das datas comemorativas.

Durante nossa visita, observamos o quanto a arte constitui-se num importante elemento pedagógico e aglutinador no Colégio Eduardo Claparède, haja vista as atividades que estavam sendo realizadas, assim como as exposições de trabalhos e projetos expostos nos ambientes da escola e transformados pelo traçado das mãos e pelo colorido dos trabalhos de artes produzidos pelas crianças.

No ateliê dos alunos mais velhos, com a faixa etária de 15 a 20 anos e com maior nível de comprometimento, vimos a construção de cestos, números e dinheiro. Enquanto transitávamos, observamos as atividades que estavam sendo desenvolvidas por alguns alunos que mostravam suas atividades e anunciavam em voz alta o que estavam fazendo: “olha, estou trabalhando com dinheiro!”; “e eu com números!”; “e faço um cesto!”; “eu vou fazer um cachecol!”; “é tudo para vender na exposição!”

Demonstravam satisfação e desinibição ao mostrar o que estavam produzindo, e pudemos perceber que eles conheciam o objetivo da tarefa que estavam realizando. Isso

confirmou o que Isabel havia nos falado sobre a satisfação que os alunos sentiam de demonstrar suas habilidades na produção artística e para realizar uma feira na frente da escola, da qual a comunidade de pais e vizinhos costumava participar.

Na perspectiva de maior integração com a comunidade, o Colégio Eduardo Claparède realiza ainda festas culturais na vizinhança do bairro, através de danças, exposições e de feiras, nas quais há uma efetiva participação dos pais. Isabel Beirão acha importante a participação das famílias, destacando, especialmente, o trabalho de apoio aos pais e relembra a riqueza do trabalho realizado através das exposições da escola que são abertas à comunidade.

A psicóloga nos explicou as etapas de planejamento e todo o capricho e empenho da equipe e das crianças e adolescentes nesse trabalho. Para ela, o envolvimento de cada profissional e a sensibilidade de valorizar a produção das crianças influenciam o bom resultado do trabalho, citando que os profissionais já incluem nos seus planejamentos atividades como de mobilização e congraçamento desses momentos.

Pudemos ver que havia no planejamento das atividades registros sobre a feira cultural que acontecia em frente à escola. Para resguardar a memória desses eventos havia fotos e trabalhos de arte e pintura afixados nas paredes da escola. No site da instituição também pudemos conferir vídeos e registros dessa rica interação entre os profissionais do Eduardo Claparède, dos alunos atendidos, das famílias e das pessoas da comunidade.

Essa interação entre os grupos representou para nós, um aspecto valioso e importante que representa o alcance do trabalho da instituição e o envolvimento da comunidade alargada que contribui, conhece e participa das ações promovidas pelo colégio, refletindo uma postura de valorização da identidade das famílias e dos grupos que formam a escola.

A música também fazia parte das estratégias cotidianas de aprendizagem do Colégio Eduardo Claparède. Na ocasião da nossa visita, a escola estava realizando um projeto, cuja estratégia era o resgate do “fado”, um maravilhoso gênero musical único e típico de Portugal, através de pinturas e músicas. Eles estavam explorando a história, os principais cantores e autores e tantas outras atividades relacionadas a esse gênero de música. Os alunos produziam cartazes com pinturas e trabalhos como resultado dessas pesquisas e de atividades realizadas nas salas de aula sobre o tema.

Na dinâmica educacional da escola, a prática esportiva também tem significativa importância e despertou nosso interesse ver um pouco da preparação para as Olimpíadas Especiais (*Special Olympics*). Dentre as modalidades esportivas, pudemos observar o tênis de

mesa e a ginástica rítmica. Os professores responsáveis e Isabel Beirão nos falaram que essas atividades envolviam a colaboração de um clube de futebol tradicional em Lisboa, o Benfica, que atraía grande interesse dos alunos e vinha se constituindo em uma excelente parceria.

Em relação à equipe de trabalho do colégio, Isabel Beirão nos apresentou uma equipe mista e composta por professores do sexo masculino e feminino, dentre os quais alguns com formação em arte, em música e educação física, além dos profissionais específicos das áreas da psicologia, fonoaudiologia e duas pessoas responsáveis pela alimentação e os cuidados com o local. Ela ressalta o empenho da equipe na acolhida dos alunos e na integração das intervenções de forma a acolher e incentivar a adaptação dos alunos as rotinas e ao ambiente escolar.

Para Isabel Beirão, é importante haver no trabalho da equipe os fundamentos como o respeito à diferença, a vontade de participar da vida das crianças e adolescentes que buscam a escola e com as intervenções planejadas e aprofundadas através do estudo e da prática acerca das teorias sobre desenvolvimento humano, que focam no protagonismo e na autonomia dos sujeitos.

Segundo ela, essa sintonia da equipe com os fundamentos do trabalho acontece de diversas formas no cotidiano do trabalho coletivo, desde o estudo dos livros e produções de João dos Santos até as atualizações sobre os assuntos que atravessam o contexto de trabalho, buscando sempre as melhores formas de propiciar o avanço e o desenvolvimento das crianças e adolescentes que apresentam condições especiais de aprendizagem, que são o foco do Colégio Eduardo Claparède, como Isabel nos esclarece:

Alcançar o crescimento e o desenvolvimento integral de cada um é a nossa prioridade. O sentimento de envolvimento que se sente no colégio, leva a uma cultura de participação. O facto de termos turmas bastante pequenas e uma equipa a funcionar em conjunto e em sintonia, de forma inter e transdisciplinar, permite-nos uma forma de abordagem muito diferente da escola regular (BEIRÃO, 2013, p. 05).⁸⁵

Através de nossa observação e da fala de Isabel Beirão, acreditamos que o processo de acolhimento dos alunos/as no colégio é realizado de forma contínua, pois, segundo a psicóloga, o ponto de partida é buscar que os alunos aprendam a estar no colégio e

⁸⁵ Essa passagem faz parte do registro da participação de Isabel Beirão com a comunicação: Os Nós e os Laços por ocasião da Conferência que aconteceu em Lisboa com o título: João dos Santos no Século XXI: Saúde, Educação, Cultura, Sociedade. Centenário do nascimento de João dos Santos. Disponível no site João dos Santos no século XXI (joaodossantos.net).

a se sentirem seguros. Ao chegar eles precisam compreender o ritmo da escola, ou seja, a lógica que determina a noção de tempo dentro do cotidiano escolar, a exemplo do tempo destinado para cada uma das atividades.

Para facilitar o processo de adaptação, a escola designa um professor de referência para cada aluno, mesmo que haja atividades diversas. Assim, na medida em que vão circulando pelas diversas atividades, paulatinamente, passam a estabelecer um processo de interação, de comunicação, que culmina na construção de vínculos.

Isabel Beirão relatou o caso de um aluno, com idade de 13 anos, que possuía um diagnóstico de autismo e frequentava o colégio há cinco meses e ao chegar o garoto não sabia como se relacionar com o ambiente e nem com os colegas. Na adaptação inicial ele não permanecia nas atividades que lhe eram propostas bem como não acompanhava seu grupo de referência. Reagia com ansiedade e violência às tentativas de incluí-lo, ao passo que os demais integrantes do grupo que o acolheu passaram a se incomodar com os comportamentos de agressividade marcados por eventos nos quais a criança autista batia e mordia os colegas que passaram a lhe revidar. Confessa Beirão que aquela foi uma situação difícil por trazer tensão ao grupo e exigir o acompanhamento de toda a equipe.

Os profissionais começaram as intervenções através de brincadeiras e momentos coletivos e o próprio grupo foi construindo a ideia de que era preciso ensiná-lo a brincar, tarefa que cabia também a todos eles. Enquanto conversávamos com Isabel Beirão uma aluna se aproximou e falou: - “Olha lá o Gustavo! Temos que ensinar ele a brincar e que não pode bater!”. Nossa interlocutora afirmou então que o garoto ainda estava em processo de adaptação, mas já demonstrava muitos avanços que podiam ser percebidos em seus desenhos, muito evoluídos e detalhados, que retratavam personagens de desenhos animados, recurso que também foi utilizado como veículo de comunicação entre ele, a equipe e os colegas do grupo.

A experiência vivida por toda a equipe profissional do Colégio Eduardo Claparède e pelo conjunto de seus alunos possibilita inferir a importância do trabalho realizado a partir de uma perspectiva interdisciplinar, com o engajamento de todos os saberes e cujo contributo facilita vencer os desafios que se apresentam no ambiente escolar diante da diversidade de crianças com demandas específicas, a exemplo da criança diagnosticada como portadora do espectro autista.

Devemos ressaltar o protagonismo assumido pelas outras crianças e adolescentes nos processos de ensino e aprendizagem em função dos relacionamentos com as diferenças. Esse envolvimento demonstrava como as crianças e adolescentes iam se familiarizando com as rotinas da escola ao mesmo tempo em que demarcavam a autonomia já conquistada no que

tange à resolução dos desafios que a relação com o outro nos impõe e os princípios que se acham alicerçados no respeito às características individuais de cada pessoa.

Ao apresentar aspectos da estrutura organizacional do Colégio Eduardo Claparède, ressaltando alguns aspectos do ambiente e da vivência escolar, tivemos por intenção mostrar em que medida os princípios norteadores da escola e de suas práticas educacionais estavam integradas à proposta da Pedagogia Terapêutica de João dos Santos, haja vista esta instituição ter sido criada a partir dos esforços de Rosa Bemfeito, João dos Santos e Afonso Gouveia.

Mesmo compreendendo que qualquer pressuposto teórico não se torna plena realidade, porque se faz necessário considerar o contexto sociocultural no qual essas práticas sociais e educacionais têm como alicerce, é possível concluir que os princípios, a forma de funcionamento e as experiências didático-metodológicas demonstram que havia verdadeiro alinhamento com a Pedagogia Terapêutica de João dos Santos.

Dentre outros aspectos que demonstram a filiação aos pressupostos da Pedagogia Terapêutica, percebemos forte atuação interdisciplinar voltada à observação cuidadosa na preparação das atividades que proporcionavam o desenvolvimento de potencialidades nas crianças que apresentavam transtornos mentais, deficiências e necessidades específicas, público-alvo da educação dita especializada.

Outra importante característica residia nos projetos educativos que tinham a arte como instrumental e campo de possibilidades na construção dos conhecimentos e dos processos de socialização das crianças e dos adolescentes e demarcar os avanços terapêuticos manifestos nas habilidades criativas e nas atitudes comportamentais.

Não podemos deixar de pontuar igualmente, o trabalho desenvolvido para reabilitar a autoestima das crianças e adolescentes e de suas famílias através de projetos de integração comunitária como, por exemplo, as feiras e mostras culturais. Todos esses aspectos somados a um ambiente escolar vivo, autêntico, alegre e repleto de afetos demonstram a contemporaneidade da obra de João dos Santos e sua enorme contribuição para a educação especial e a escola de modo geral.

5 A PARCERIA ENTRE JOÃO DOS SANTOS E MARIA AMÁLIA BORGES

E Maria Amália?
 Era a mãe de família.
 O elemento sereno nas horas calmas em que discutíamos com os pés na terra.
 Era a idealização personificada do bom senso e do saber.
 Era a exigência da responsabilidade, face ao concreto.
 A crítica que conduziu a prática.
 O *factor* estabilizador desse barco de aventura (SANTOS, 1991, p. 274).

A finalidade desta seção é apresentar, a partir dos relatos orais, dos livros de Maria Amália Borges (1975, 1970), João dos Santos (1982), além dos trabalhos e publicações de Fernandes (2016) e Berthelet (1977), a exitosa parceria entre João dos Santos e Maria Amália Borges. Os relatos aqui compartilhados registram o que aconteceu, especialmente, no Centro Helen Keller, e também em outros projetos que foram importantes no fortalecimento da Pedagogia Terapêutica. A seção foi dividida em duas subseções: na primeira, buscamos apresentar um pouco do percurso pessoal e profissional da educadora Maria Amália Borges na cidade de Lisboa, suas origens, seus anseios e desejos em Portugal e em suas incursões internacionais, como a viagem a Paris na busca de aprofundamento e alcance de seus objetivos; na segunda, damos destaque à experiência vivida por Borges no Canadá, seus momentos de conquistas e desafios na cidade de Montreal e seus laços e legado construídos.

5.1 A educadora Maria Amália Borges

Todo o trabalho realizado por João dos Santos e Maria Amália Borges, dentre outros profissionais que tiveram a honra de com eles trabalharem, representou uma importante inovação na educação de crianças com dificuldades na aprendizagem e no desenvolvimento, quando os dois construíram uma nova forma de pensar, compreender e trabalhar a educação a partir de uma pedagogia não diretiva, de um trabalho inter e transdisciplinar, através da crença incondicional no potencial criativo do ser humano, como destaca Manuela Cruz, uma de suas colaboradoras e admiradora.

Paula Santos Lobo ressalta o trabalho realizado pelos dois amigos e parceiros e a sinergia que envolvia todo um grupo de intelectuais que contribuiu, sobremaneira, para a educação e a saúde na cidade de Lisboa, tendo esse grupo construído um importante legado para a história da educação infantil, através da prevenção e da atenção à criança com

necessidades educativas especiais, que apresentavam transtornos mentais leves ou de qualquer outra ordem.

Entre esse grupo privilegiado de intelectuais portugueses, teve destaque a fértil parceria entre João dos Santos e Maria Amália Borges. Em seus relatos e memórias afetivas, Paula Santos relatou-nos a ocasião na qual os dois intelectuais se conheceram.

Eles foram se encontrar no Colégio Eduardo Claparède, e foi daí, dessa ligação de duas personalidades militantes e de áreas diferentes, pois ela era psicóloga e ele médico, que surgiu essa parceria... A ligação deles foi de duas pessoas que tinham esse pensamento, de mudar e de fazer algo pelo público. Lembro que ela foi uma das pioneiras da Educação de Freinet em Portugal.⁸⁶

João dos Santos e Maria Amália Borges foram importantes expoentes desse grupo de trabalho que possuía interesses comuns e buscava proporcionar uma educação de qualidade tendo por premissa o respeito à criança e o interesse por suas particularidades, por seu ritmo de aprendizado e por suas formas de se expressar. Eles trabalhavam incansavelmente e Maria Amália se destacou por estar presente em todas as iniciativas ousadas e inovadoras por desejar mudar a situação educacional que havia à época em Portugal, continua explicando Paula Santos:

[...] Ela trabalhou aqui no Pestalozzi, trabalhou no Claparède, depois no Centro Infantil Helen Keller, cuja orientação pedagógica foi muito dela, mas também de outras pessoas, mas ela foi muito importante na criação e nos primeiros tempos do Centro... Ela tinha uma escolinha em sua própria casa e foi para Montreal depois de um período. E, depois teve um convite para ir dar aulas em Montreal e, finalmente, ela aceita porque cá, já não podia trabalhar.⁸⁷

Sensibilizados sobre a importância de Maria Amália Borges para o desenvolvimento teórico e prático da Pedagogia Terapêutica e diante da impossibilidade de entrevistá-la, haja vista ela ter falecido no ano de 1971, recorreremos, então, à pesquisa bibliográfica com o intuito de melhor compreendermos o percurso da parceria de estudos e trabalhos construída por Maria Amália Borges e João dos Santos.

Com a mesma finalidade, durante a realização das entrevistas na cidade de Lisboa em maio de 2018, buscamos conhecer com mais profundidade a história da educadora Maria

⁸⁶ Paula Santos Lobo, entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018

⁸⁷ Paula Santos Lobo, entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Amália Borges, cujo nome se destacou tanto na história da educação em Portugal e no Canadá, assim como também na concepção e disseminação da Pedagogia Terapêutica.

Queríamos apresentá-la através de uma foto, pois seu rosto era para nós desconhecido e sentíamos necessidade de saber como ela era.

Figura 9 – Maria Amália Borges de Medeiros



Fonte: Site Antifascistas da Resistência.⁸⁸

Apresentamos aqui uma pequena biografia dessa educadora, por julgarmos ser relevante tornar público o seu rosto e o seu trabalho, que são praticamente desconhecidos no Brasil.

Maria Amália Borges nasceu no dia 14 do mês de fevereiro de 1919, na cidade de Lisboa em Portugal, tendo falecido em agosto do ano de 1971, na mesma cidade. As fontes as quais tive acesso não revelavam o dia exato de sua morte.

Ressaltamos através desses escritos a imensa relevância do trabalho realizado por Maria Amália Borges e sua contribuição para a Pedagogia Terapêutica e, conseqüentemente,

⁸⁸ Site Antifascistas da Resistência. Disponível em: <https://antifascistasdaresistencia.blogspot.com/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

para a educação de Lisboa e do Quebec. Uma mulher que demonstrou ser forte, na forma como resistiu a situações de perseguição injustificada de um governo autoritário e repressor. Sua condição de mulher, que naquele período representava uma dificuldade suplementar à vida e a seus projetos, talvez tenha sido um agravante de sua pouca visibilidade nas referências sobre educação em Portugal. Procuramos aqui realizar o resgate de sua relevância como educadora na tentativa de registrar seu nome nessas experiências e reconhecer seu brilhantismo e a sua importância nesses projetos.

Pesquisando sobre sua história de vida constatamos que teve acesso à escolarização em casa sob a orientação de professores particulares. Ainda que seja registrada a sua origem de classe social abastada, ela sempre esteve à frente de movimentos democratas, pois possuía um pensamento considerado moderno, sobretudo no tocante à educação, sua área de atuação profissional.

No ano de 1943, Maria Amália obteve o diploma de licenciatura em Letras pela Faculdade de Letras de Lisboa e, passados três anos, em 1946, o Instituto Aurélio da Costa Ferreira lhe confere o Diploma de Ensino Especial de Crianças Deficientes.

Durante o período de licenciatura em Letras, Maria Amália exerceu a atividade de professora em diferentes estabelecimentos de ensino em Lisboa, sempre engajada em grupos que compartilhavam ideias modernas de educação aliadas à defesa da educação para todos os cidadãos como força de conscientização e emancipação dos cidadãos.

Ao conhecer as ideias de Celestin Freinet, intermediou e incentivou Isabel Pereira a realizar um estágio com o próprio Freinet, o que trouxe bastante incentivo e avanços ao trabalho a partir das experiências adquiridas nesse período. A partir desse momento, como relatou-nos Maria Isabel Pereira,⁸⁹ teve início a sua larga aproximação com a Pedagogia de Freinet, teoria que defendia uma escola baseada na educação centrada na criança, vista como sujeito ativo em seus processos de desenvolvimento e conhecimento.

A atuação profissional de Maria Amália Borges no campo da educação teve início na sua própria residência,⁹⁰ quando ela mesma fez do ambiente doméstico uma escola que tinha por base a Pedagogia de Célestin Freinet.⁹¹ De acordo com Manuela Cruz e Isabel

⁸⁹ Maria Isabel Vieira Pereira. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, Portugal, em maio de 2018. Na oportunidade, a professora Maria Isabel nos apresentou um texto de sua autoria, no qual narra a experiência do seu estágio na própria Escola de Freinet, na cidade de Vence, França: “ Não foi estágio na Escola Freinet. Chamar-lhe-ei: Vivência numa Comunidade Educativa onde todos éramos alunos e professores, discípulos e mestres.”

⁹⁰ Rua Maria, localizada no Bairro da Graça, na cidade de Lisboa, Portugal.

⁹¹ A Pedagogia de Freinet integra o movimento Educação Nova na França, Célestin Freinet (1896-1966) defendeu uma proposta de educação pautada em experiências significativas que favoreceriam os processos de

Pereira, amigas e companheiras de trabalho de Borges, a escola tinha um caráter de clandestinidade, funcionando com apenas quinze alunos, pois não possuía autorização do governo para funcionar legalmente.

Em publicação sobre as ações modernas de educação em Portugal, Rui Fernandes escreveu sobre a importância de Maria Amália Borges e sua escolinha, que, para o autor, transmitiam, além do esforço e dedicação, a característica de profundo sentimento de amor pela educação, presente nos relatos encontrados em pesquisa realizada por ele. Esses relatos tratavam de textos elaborados por alunos da escolinha que refletiam a prática pedagógica fundamentada nas técnicas de Freinet.

As técnicas Freinet despontavam nessa escolinha do sótão da casa de Maria Amália, na Rua Maria, e prosseguiram no Centro Infantil Helen Keller. Muito haveria para dizer sobre Maria Amália e o seu legado pedagógico. Educadora situada politicamente à esquerda (a sua escola foi recomendada por psiquiatras como Fernando Medina, figura conhecida nos meios médicos do tempo e João dos Santos, foi posteriormente recomendada, pelo próprio Freinet, para um posto no Canadá, onde foi permitido, a ela e a seu marido, abandonar a pele de perseguidos políticos que eram em Portugal (FERNANDES, 2016, p. 28).

Aqui mais uma vez nos deparamos com o reconhecimento de Maria Amália Borges, de sua história e de seu trabalho, que deixou importantes marcas na formação de pessoas em uma época em que a educação pretendia ser um meio de alienação e dominação, prática exercida pelo ditador Salazar. As ações registradas pela educadora possuíam motivações políticas no sentido de demonstrar a força da educação centrada no protagonismo da criança e da construção de seu gosto por aprender para assim exercer a liberdade em suas escolhas. Esse era o projeto de sociedade que Maria Amália buscava construir e, não por acaso, encontrou nas ideias do revolucionário Freinet grande admiração e identificação intelectual.

aprendizagem. Freinet, no ano de 1920, desenvolvia como práticas educativas a edição de um jornal escolar, uma espécie de correspondência entre alunos, e a modalidade de aula-passeio. As ideias de Freinet consideradas inovadoras para a época, sendo, as mesmas, até os dias atuais, ainda bastante valorizadas nos cotidianos escolares.

Figura 10 – Casa que pertenceu a Maria Amália Borges, localizada em Lisboa, onde funcionou a “Escolinha”⁹²



Fonte: Duarte e Cruz (1994, p. 155).

Possivelmente, por ser crítica do Regime, Maria Amália não recebera a permissão oficial para manter sua escola e desenvolver suas ideias e práticas pedagógicas fundamentadas em ideias libertárias e na valorização da criança, porque ela sempre assumia posições políticas contrárias ao regime político de inspiração fascista, liderado por Antônio de Oliveira Salazar. Ademais, foi perseguida, a ponto de não encontrar trabalho na cidade de Lisboa.

Em 1954, Maria Amália Borges e João dos Santos estreitam a relação profissional e iniciam suas parcerias. Trabalharam juntos na fundação da seção de Higiene Mental do centro de assistência Materno Infantil Sofia Abecassis. A psicóloga colaborou também com a fundação dos dois primeiros Centros Pedagógicos em Portugal na Voz do Operário e no Colégio Moderno, respectivamente. Esteve também ao lado de João dos Santos na fundação do Colégio Eduardo Claparède, instituição que tivemos o prazer de visitar em 2018 e que registramos aqui nessa tese.

Ela participou ainda da fundação de Liga Portuguesa de Deficientes Motores, instituição onde trabalhou como psicóloga e que, no ano de 1955, fundou juntamente com o

⁹² Primeira escola em Portugal baseada nos métodos de Freinet, que foi fundada e organizada por Maria Amália Borges.

então parceiro de trabalho e médico oftalmologista, Henrique Moutinho o Centro Infantil Helen Keller, se destacando aí como diretora durante oito anos.

Falando sobre suas experiências conjuntas, João dos Santos (1982) destaca a importância de Maria Amália Borges para as crianças e pelo conhecimento didático-pedagógico que ela mesma possuía para lidar tanto com crianças que não apresentavam qualquer tipo de dificuldade, quanto com aquelas que eram portadoras de deficiências, a exemplo dos cegos, amblíopes, dentre outras especificidades, como o próprio João dos Santos destaca.

[...] o papel do Centro na inovação do ensino de cegos e do ensino feito em conjunto dos cegos, com amblíopes e visuais – experiência inédita no Mundo – e a inovação dos Métodos da Escola Moderna deve-se essencialmente ao mérito pedagógico de Maria Amália Borges. Foi o quadro que fundou a Secção de Higiene Mental do Centro Materno-Infantil, do Colégio Eduardo Claparede, da Liga dos Deficientes Motores, do Centro Helen Keller e dos primeiros Centros Psicopedagógicos portugueses. Foi aí que Maria Amália Borges iniciou sua importante obra de renovação pedagógica (SANTOS, 1982, p. 20).

O trecho acima citado representa um importante indício da parceria que envolveu diretamente João dos Santos e Maria Amália Borges. Mas, foi entre os anos de 1950 e 1963 que, de maneira mais fecunda, teve início a parceria intelecto-profissional entre eles. A importância de Borges reside, dentre outros aspectos, das funções que desenvolveu tanto na coordenação como nas atividades de apoio pedagógico em diferentes instituições como o Centro Infantil Helen Keller (1956) que, por volta de 1955, correspondia ao Centro de Recuperação Visual e Classe de Amblíopes, criado para receber deficientes visuais totais e para aqueles com perda progressiva da visão, ditos amblíopes, além de crianças sem danos na visão.

A experiência de João dos Santos e Maria Amália no Centro Infantil Helen Keller foi pioneira no mundo, tendo sido amplamente destacada justamente por ter sido a primeira vez, na história da Educação, que crianças cegas e em processo de cegueira crônica conviviam e estudavam com crianças que não apresentavam problemas de visão, verdadeiros primórdios do que hoje se conhece como inclusão.

Maria Amália Borges, nessa ousada e inovadora experiência, também se destacava através da forma como, pedagogicamente e psicologicamente, considerava as crianças, suas famílias e mesmo os profissionais com os quais trabalhava e formava, concedendo protagonismo e autonomia aos próprios sujeitos e a seus familiares, nos processos de ensino e aprendizagem.

Essa forma de trabalhar foi e ainda é reconhecida pelos princípios teóricos e a importância do grupo de profissionais que, conjuntamente, trabalhava pela inovação dos métodos educacionais, de modo a promover uma educação inclusiva que viesse a superar as dificuldades e barreiras socialmente construídas em torno desses indivíduos, no curso da história.

Maria Amália Borges participou de muitos projetos pedagógicos ao lado de João Santos, dentre eles a fundação do Colégio Eduardo Claparède no ano de 1954, escola voltada para o atendimento de alunos com transtornos psiquiátricos. Ela foi ainda membro fundador da Liga Portuguesa de Deficientes Motores no ano de 1956, tendo trabalhado na elaboração do estatuto da referida instituição, além de ter atuado nessa mesma instituição como psicóloga. Destacamos ainda a sua atuação no Jardim Infantil Pestalozzi, trabalho realizado em parceria com João dos Santos.

O trabalho conjunto entre Maria Amália e João dos Santos foi documentado em jornais e relatado em livros e trabalhos realizados por outras pessoas que também trabalharam nas instituições já mencionadas. Em seu conjunto, essas obras nos informam que Borges e Santos estabeleceram parcerias de estudo, pesquisas e trabalho, além de terem participado, em Portugal, de movimentos de renovação nos campos da educação e da saúde mental.

A respeito das contribuições da psicopedagoga Maria Amália Borges, Paula Santos (1994), Manuela Cruz (1994) e Maria Isabel Pereira (1989), todas concordam e enfatizam que ela foi uma das pioneiras e mais importantes impulsionadoras e divulgadoras da Pedagogia de Freinet em Portugal, tendo atuado na coordenação pedagógica do Centro Infantil Helen Keller, ao lado de João dos Santos, da professora Cecília Menano (1926-2014), e de Rosa Bemfeito, dentre outras personalidades da época.

De acordo com nossas entrevistadas, Maria Amália Borges buscou aprofundar o ideário do movimento da Escola Moderna, liderado por Freinet. Assim, ao lado de João dos Santos, Borges procurou impulsionar o projeto de uma educação mais democrática e que pudesse proporcionar experiências de afeto, de aprendizagem e pleno desenvolvimento às crianças que frequentavam a escola e as instituições nas quais trabalhava.

Ela defendia, portanto, através de suas práticas educacionais e produções intelectuais, a importância de uma aprendizagem genuína, porque entendia que a experiência de aprender não estava relacionada apenas aos métodos aplicados, mas também com os cuidados que se deveria ter com aquilo que se ensinava. Essa prática envolveria a participação de todos os envolvidos no processo de aprendizagem, alunos, pais, professores e outros profissionais.

Maria Amália acreditava que a aprendizagem devia sempre ser impactante, ser fecunda, profunda e provocar no indivíduo o desejo de saber e de aprender mais, despertando nele sentimentos de amor e desejo pelo que fazia, de maneira que esse conhecimento pudesse integrá-lo ao mundo, a partir de uma ação mutuamente transformadora, como ela mesma traduz de forma tão clara e sabiamente.

Educativa é aquela aprendizagem que implica o indivíduo na ação de tal forma que esta última é desejada e amada e conduz à criação, ou seja, à integração, do eu no mundo e a transformação recíproca do mundo pelo eu e do eu pelo mundo (BORGES, 1975, p. 10).

Essa concepção, que identificamos como pertencente às correntes modernas de educação, já integrava o pensamento e o trabalho de Maria Amália Borges, cuja formulação pode ser percebida na crítica à escola tradicional que concebia o aluno apenas como uma “matéria inerte” uma “tabula rasa” em que se “despejariam” os conhecimentos que seriam somente reproduzidos, como ela mesma nos explica:

Isso que os técnicos da Organização Mundial da Saúde verificaram ser verdade no decurso da sua *ação*, que a experiência dos modernos pedagogos preconiza e que os psicólogos notaram, ignora-o completamente a escola tradicional para a qual o aluno continua a ser matéria inerte, sobre o que se procura inscrever conhecimentos como sobre a folha branca se imprimem os caracteres da tipografia (BORGES, 1962, p. 11).

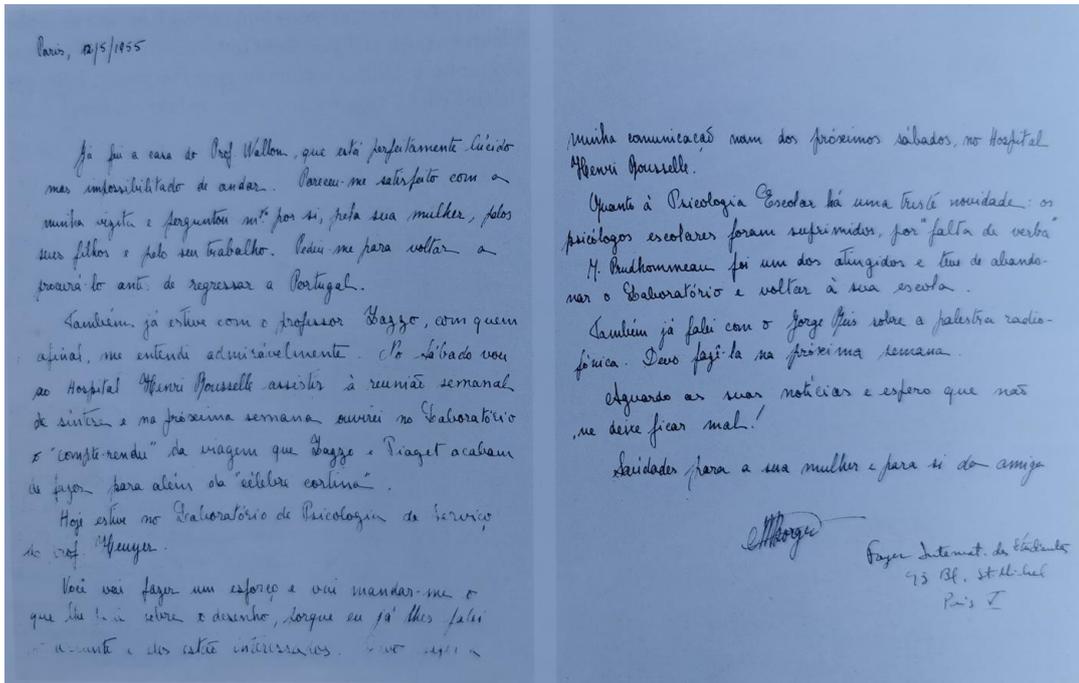
Ao nos debruçarmos ao estudo da Pedagogia Terapêutica e às ações e trabalhos empreendidos por João dos Santos, podemos identificar o quanto foi marcante a participação da mulher e psicóloga Maria Amália Borges, cuja atuação como intelectual e como profissional, sobretudo no campo educacional, ainda hoje é relembrada por seus parceiros e colaboradores como alguém extremamente sensível e muito mobilizada para o bem comum, a partir do cuidado com o outro, respeitando-o em suas características e acreditando em suas potencialidades.

Nos encontros na cidade de Lisboa em maio de 2018 encontramos as educadoras Paula Santos, Manuela Cruz, Maria Isabel Pereira e, ainda, Isabel Vaz, que nos proporcionou visitar o colégio Eduardo Claparède, visita essa que foi guiada por Isabel Beirão, psicóloga e atual coordenadora geral da instituição. Cada uma das entrevistadas, ao falar sobre sua experiência profissional e seu trabalho, destaca o engrandecimento adquirido através da convivência e as referências teóricas e práticas de Maria Amália Borges e João dos Santos.

Durante suas entrevistas, as educadoras que conviveram com Maria Amália ressaltaram com grande ênfase a importância que a psicóloga e educadora ocupou na construção da Pedagogia Terapêutica. Do mesmo modo, deram relevo às características que se destacavam na sua personalidade uma grande dedicação e capacidade de trabalho e de estudo e seu espírito de luta em prol de uma educação mais próxima da realidade das crianças para nelas poder despertar o prazer de aprender.

Muito estudiosa, ela enfrentava com coragem os desafios em suas empreitadas de conhecimento e à medida que coordenava projetos e compartilhava seus saberes ia em busca de seus próprios interesses intelectuais e se aprofundava nas ideias que acreditava cooperarem com o seu fazer. Era, ao lado de João dos Santos, uma exímia pesquisadora, e através dos contatos do amigo também esteve em Paris apresentando o trabalho que estava sendo desenvolvido no Centro Hellen Keller. Uma correspondência entre a psicopedagoga e João dos Santos em 1955, na época em que ocorria um desses intercâmbios de estudo e aprofundamento, ela escreve ao amigo relatando sua visita a Wallon, o contato com Renne Zazzo e dando outras notícias dessa estadia em Paris. Essa carta foi mantida por João dos Santos e compartilhada por Manuela Cruz e Paula Santos Lobo, no livro *João dos Santos- O Prazer de Existir*.

Figura 11 – Carta de Maria Amália Borges à João dos Santos enviada de Paris em maio de 1955



Fonte: Duarte e Cruz (1994, p. 156).

Datada de maio de 1955, essa carta mostra a realização do intercâmbio de Maria Amália Borges em Paris como uma continuidade da convivência de João dos Santos com os companheiros de trabalho na referida cidade. E ainda demonstra o companheirismo e amizade de João dos Santos que, através de sua experiência e contatos com pesquisadores em Paris, empenhou-se em abrir espaço para Maria Amália Borges.

No conteúdo da carta ela refere-se a um material sobre o trabalho científico que produziram com os desenhos em alto-relevo das crianças do Centro Infantil Helen Keller. Esse trabalho teve grande destaque e relevância entre a comunidade de pesquisadores de Paris por apresentar aspectos de expressão artística e percepção das crianças cegas que frequentavam a instituição que se tornou um ícone da Educação Especial e por sua inovação metodológica na utilização da arte e da estética no trabalho com as crianças cegas.

Em suas narrativas, Isabel Pereira se lembrou de experiências vividas ao lado de Maria Amália Borges, quando trabalharam com jovens adolescentes que necessitavam superar as dificuldades escolares que apresentavam, pois careciam de condições para trabalhar com vistas a prover seu próprio sustento. Essa fantástica experiência, segundo o relato de Isabel Pereira, conseguiu engajar alguns desses adolescentes no mundo do trabalho, como ela mesma nos conta:

[...] e ainda tive aí uma outra experiência muito boa com adolescentes que faziam a quarta classe e que não tinham capacidade de continuar os estudos. E para eles tínhamos lá uma experiência de pré-profissão. Faziam lá os ensinamentos e alguns chegavam a ser integrados no mundo do trabalho. Então, o que ela propôs lá!!!!... Ah, como tudo, tem andado para trás! É... São épocas! Deixou muitos sentimentos.⁹³

Nesse momento da entrevista, Isabel Pereira mostrou-se muito emocionada por constatar que havia uma ruptura entre o passado de ideários, projetos e trabalhos de toda uma vida de Maria Amália, em prol das crianças e jovens, ao verificar o estado atual da educação nas escolas. Isabel Pereira considera que não mais existem projetos como aquele e que tenham obtido tantos avanços ou inovações pedagógicas no campo da educação.

Ao reconhecer a importância do trabalho realizado por João dos Santos e por Maria Amália Borges, foi possível perceber a evidência de certa memória saudosista, nos relatos de Isabel Pereira. Essas constatações deixam claro que, através de suas práticas psicopedagógicas, Maria Amália Borges destacou-se por ser uma pessoa inovadora e até mesmo visionária, na implantação e no desenvolvimento de ações com base nas pedagogias ativas e voltadas para uma perspectiva integral de valorização da aprendizagem significativa, em Portugal.

Assim como fizera Isabel Pereira, ao ser indagada a respeito do trabalho desenvolvido em parceria com Maria Amália Borges, Manuela Cruz também demonstrava imensa satisfação ao apresentar as metodologias de trabalho que desenvolveram na experiência desafiadora do Centro Hellen Keller. Na referida instituição como já mencionamos, o grupo realizou uma experiência pioneira no mundo inteiro ao incluir crianças que não apresentavam problemas de visão em salas de aula com crianças com “baixa visão e ainda que apresentavam cegueira.

Nessa empreitada, esse grupo desenvolveu métodos únicos inspirados na “imprensa” utilizada por Celestin Freinet, mas usando outros materiais, conteúdos e atividades totalmente inéditas. Ao apresentar suas memórias sobre esses episódios Manuela Cruz chamava a atenção para o material superinteressante que utilizavam à época para ensinar as crianças a ler e produzir textos, nos mostrando como “estás a ver como trabalhávamos ... os meninos tinham a imprensa, escreviam e depois que escreviam eles liam livremente... Era um texto livre, que era a valorização da expressão livre oral e que depois se passava à escrita”.⁹⁴

⁹³ Isabel Pereira entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

⁹⁴ Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Manuela, então, nos mostrou e leu em voz alta um trecho que havia no material que pusera sobre a mesa para mostrar-nos: “Eu vi uma vaca muito gorda... Porque tinha dentro um filho”.⁹⁵

E continua explicando como era o método utilizado:

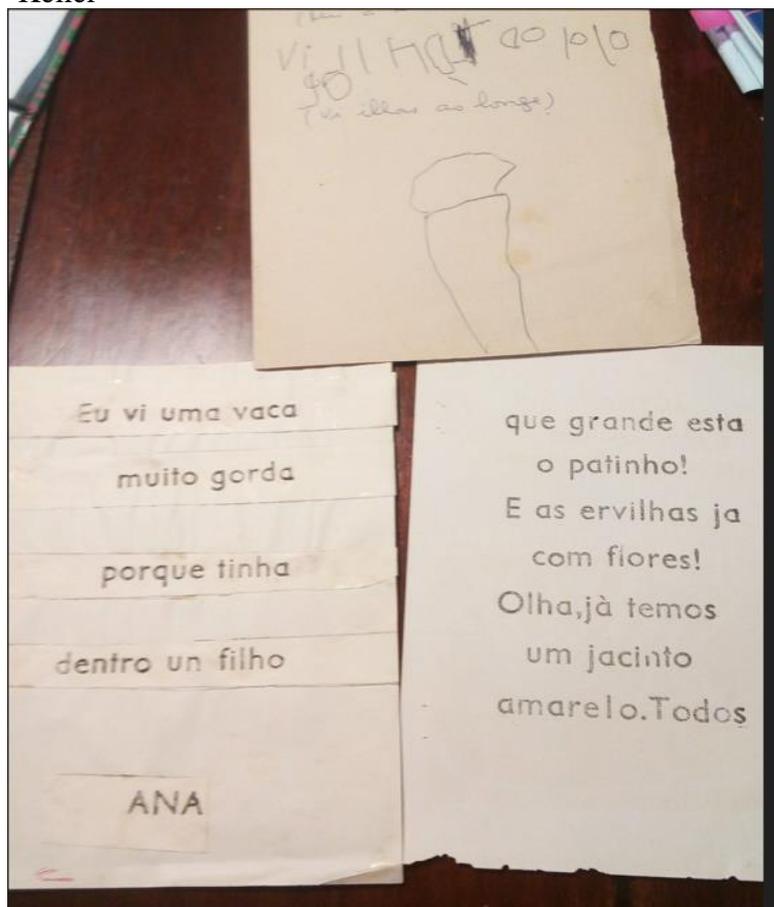
“Isto era um texto, em que eles metiam as letrinhas dentro de umas formas como um computador. E depois carregávamos e a letra saía no papel... Alguns ensaiavam com sua letra e escreviam o que observavam em nossas “aulas passeio”. Aprendíamos e víamos que eles aprendiam mais e gostavam muito de fazer excursões fora da escola. Era um desafio, pois tínhamos muito cuidado, com os que viam pouco e os que não enxergavam. Envolvia muita gente e muito cuidado.”⁹⁶

Nesse relato, observamos a utilização de técnicas inspiradas nas metodologias utilizadas nas produções de Freinet que tratam da imprensa escrita e das aulas de campo que tanto marcaram o trabalho do educador e de sua esposa Elise nas Escolas de Campo francesas. Em Lisboa, as educadoras realizavam atividades nesses moldes, mas com desafios potencializados, pois estavam diante de classes mistas de crianças que não possuíam problemas visuais e outras que possuíam cegueira progressiva e tinham dificuldades para caminhar e sair em grupo e, ainda, as crianças “não visuais” e que também participavam, mas com a ajuda de familiares e de uma grande equipe, pois faziam o reconhecimento dos locais dos passeios através dos relatos daqueles que acompanhavam o grupo e iam narrando as imagens vistas.

⁹⁵ Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

⁹⁶ Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Figura 12– Texto utilizado no Centro Infantil Helen Keller⁹⁷



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Nessa explicação e demonstração da forma de trabalharem, Manuela nos mostrou os fundamentos que guiavam as práticas utilizadas pelas profissionais e que faziam parte dos estudos e das discussões do grupo. Eles trabalhavam com intervenções centradas nos interesses das crianças e respeitando o nível de desenvolvimento e de aprendizagem de cada uma. Havia a preocupação de propor a construção de textos que partiam da realidade deles e assim trabalhavam com atividades de exploração dessa realidade, através da realização de desenhos e com muitas conversas sobre os assuntos do cotidiano.

Manuela Cruz também revelou outra curiosidade que nos chamou bastante a atenção que foi o fato do próprio esposo de Maria Amália ter sido o fabricante da placa utilizada na imprensa pelas crianças e lembrou que ele trabalhava com peças de metais, pois era proprietário de uma espécie de metalúrgica.

⁹⁷ Registro realizado em maio de 2018, na residência de Manuela Cruz de um texto guardado carinhosamente por ela em seu acervo pessoal, que utilizou como exemplo para demonstrar como trabalhavam no Centro Infantil Helen Keller.

Ela conta que seu marido havia desenvolvido esse material com muito cuidado e capricho produzindo as formas das letras em tamanho maior para atender aos alunos com cegueira em progressão. E lembra ainda que esse material foi pensado e proposto pelas educadoras e fabricado por ele para atender às necessidades do projeto em que elas estavam envolvidas.

Essa revelação de Manuela Cruz nos leva a perceber o envolvimento mútuo dessas mulheres e a plena valorização do seu trabalho pelas pessoas mais próximas, que também se envolviam pela especialidade e majestosa especificidade desse projeto. Falando ainda sobre a adaptação dos materiais usados e as aplicações das ideias inspiradas no teórico Celestin Freinet, mas voltadas ao público do colégio, Manuela lembra que

[...] os assuntos eram escolhidos segundo os interesses deles. Um poderia estar a estudar um assunto diferente do outro. Era como se fosse uma enciclopédia! Hoje está aí toda a internet! Portanto, eram as BTs⁹⁸ com que nós montávamos o currículo, com os interesses deles. Ainda hoje eu sempre trabalho assim com as crianças, com o que é que eles têm o interesse de saber.⁹⁹

Manuela Cruz considera que Maria Amália Borges, por suas atividades e qualidade do trabalho, poderia hoje ser classificada como psicopedagoga, embora este profissional ainda não existisse à época e esclarece que

[...] a experiência dela na escolinha utilizando Freinet foi a primeira! Como é que ela foi chegar a isto? Aliás, foi através da Isabel Pereira que foi estagiar na escola de Freinet, em Vence, que era uma coisa espantosa! Inclusive, ela escreveu há pouco sobre isto. Maria Amália de fato, seguia isto, ela seguia todos os passos de Freinet e, então, estudava, investigava, e, daí, portanto, ela veio a escrever as Três Faces da Pedagogia, falando sobre os vários tipos de atitudes pedagógicas.¹⁰⁰

Falando a respeito do livro “As Três Faces da Pedagogia” (1975), de Maria Amália Borges, Manuela Cruz fez questão de ler um trecho da apresentação desse livro escrita por Matilde Rosa Araújo, amiga que homenageou a autora com essas palavras: “Foi esta mulher que teve antenas para o abismo de existir, que nos entregou uma chave maravilhosa de liberdade, de esperança e de confiança na formação do Homem” (BORGES, 1975, p. 10).

Manuela Cruz continua sua explanação sobre a importância da pessoa e da profissional Maria Amália, que de tão empenhada em divulgar as ideias de Freinet, estudava,

⁹⁸ Exemplos de material individual de planejamento utilizado para registrar e detalhar como seria realizada a aula ou o projeto durante aquele período. Havia vários exemplos com atividade que envolvia textos e desenhos destinados às crianças sobre temas variados.

⁹⁹ Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

¹⁰⁰ Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

interpretava e repassava essas ideias e metodologias às colegas que com ela trabalhavam e que também compartilhavam os mesmos interesses e objetivos pedagógicos e educacionais.

[...] essa escritora, Matilde Rosa Araújo era muito amiga da Maria Amália Borges e ela também pertencia ao grupo de Educação pela Arte. E depois Maria Amália toma a interpretação pessoal da Teoria de Freinet, ela própria! E isso é muito importante. É por isto que ela é tão extraordinária, para nos ensinar e, porque tinha estudado, ela interpretava e devolvia-nos já as coisas trabalhadas por ela, não é? Eu devo-lhe muito!¹⁰¹

Em seguida, Manuela Cruz nos mostrou vários livros e manuais sobre as tendências modernas de educação, dentre os quais livros em francês de Freinet e sua esposa Elise, que foram, segundo a educadora, compartilhados por Maria Amália Borges nas formações com o seu grupo de trabalho e utilizados como apoio teórico e pedagógico na construção do planejamento de seus projetos e aulas.

Enquanto a educadora mostrava esses livros, falava dos momentos de partilha e conagração desse grupo de trabalho, que à época era coordenado por Maria Amália Borges, referindo-se à exímia capacidade de compartilhar conhecimentos da educadora, além do grande interesse que sua forma de trabalhar despertava na equipe e o quanto esses materiais eram considerados como uma espécie de tesouro para ela.

Ressaltamos que as ideias modernas de educação à época eram proibidas e consideradas uma forma de subversão para a ditadura Salazar. Segundo Manuela Cruz, havia um clima de clandestinidade nos momentos em que se reuniam, estudavam e compartilhavam essas fontes de conhecimento e quando as colocavam em prática.

¹⁰¹Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Figura 13- Livros exibidos por Manuela Cruz em sua residência durante a entrevista em maio de 2018



Fonte: Acervo pessoal de Manuela Cruz.

Maria Amália, a partir do conhecimento que tinha sobre as ideias de Freinet desenvolveu uma identificação muito forte com esse pensador e, a partir desse momento, assumiu o desafio de aprofundar, praticar, ensinar e compartilhar as ideias originadas no pensamento e no trabalho dele, como foi relatado em seus escritos e nos de seus amigos e companheiros. Por ser uma extraordinária professora, como assim a considera Manuela Cruz, Maria Amália primeiro estudou e aprendeu a teoria, para depois ensiná-la a suas companheiras de trabalho.

Tendo por características de personalidade a simplicidade, a modéstia e a leveza no trato com as pessoas, Maria Amália Borges ao lado de João dos Santos, ministrou diversas formações nas instituições em que trabalhavam, dando, cada um deles, a sua contribuição pessoal para o grupo de profissionais.

Manuela Cruz lembra, ainda, a importância de Maria Amália desde o começo desse incansável grupo de trabalho, comparando-a a um fermento que fez crescer e alimentava o trabalho de todos. Mostra-nos que, embora fosse muito reservada, era simples, modesta, tinha pouca vaidade e era muita calma, embora tivesse muita garra e vontade de fazer o que julgava certo e aquilo em que acreditava.

Mas ela participou desde o princípio e é todo o fermento de tudo isto! Esse período lá, para ela, foi muito importante, mas isso não mexeu com o jeito próprio dela. Era uma mulher muito simples! Sempre com uma saia, uns sapatos baixos! E no inverno andava assim, mas com umas meias de lã! Ela era de uma modéstia enorme e tinha um olhar muito penetrante! Muito calma sempre, muito calma, mas ela sabia aquilo que devia fazer, tinha muito para ensinar sempre!¹⁰²

Nessas formações buscava-se efetivar um modelo de educação fundamentado na liberdade e valorização de saberes significativos para a convivência em sociedade e, portanto, para a vida. Voltada para o interesse das crianças, através da utilização de métodos ativos de ensino, como as aulas de campos e a própria imprensa escolar, Maria Amália Borges representava, no dizer de Manuela Cruz, “o fermento de tudo”, pois se tratava de “uma pessoa especial dotada de humildade, sem nenhuma vaidade e toda simplicidade, conseguia imprimir em todos sua marca”¹⁰³.

As ações e ideias compartilhadas por Maria Amália apresentam semelhanças com as propostas de Freinet que ressaltava a estreita associação entre a reforma escolar e a reforma social. Ao pensar a educação como ponto de partida para este imbricado processo de reformas, ele demarcava sua formação política e sua prática militante. Diferentemente da coerção e do castigo, Freinet defendia a construção de uma pedagogia que teria como objetivo, possibilitar a liberdade da criança e a transformação social.

Às afirmações de Maria Manuela Cruz acrescentam-se as palavras das demais entrevistadas sobre a força e a extrema relevância das contribuições teóricas e práticas de Maria Amália Borges, para esse projeto educacional, realizado na cidade de Lisboa.

¹⁰² Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

¹⁰³ Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

Gostaríamos também de enfatizar aqui a importância, a coragem e a sensibilidade dessa mulher que construiu um projeto especial de educação e, de sua bondade e altruísmo, ao ensinar e compartilhar suas ideias sobre a importância da liberdade e da crença na capacidade do “outro”, um projeto visionário e único para a educação portuguesa.

Maria Amália era quem, através de suas palavras e partilhas de sensibilidade e ousadia, plantou em suas companheiras de trabalho a força de batalhar e trabalhar por uma educação mais justa e que atingisse todas as crianças que necessitavam. Esse “outro”, por ela evocado na relação de aprendizado, eram aqueles profissionais que ela mesma formava e coordenava em seus trabalhos nas instituições em Lisboa, mas também era a criança que, para essa educadora, deveria ser respeitada em suas escolhas e investida de confiança em sua capacidade de aprender e desenvolver-se.

Esses princípios estão presentes em seu livro: *As Três Faces da Pedagogia* (1975), que foram sendo desenvolvidos e compartilhados ao dar ênfase a atitude dos profissionais imbricadas na relação ensino e aprendizagem. Através dessa forma de pensar e atuar, Maria Amália mostrava e, deixava muito claro, sua face humanista, forte, destemida e corajosa como as grandes mulheres que por nós foram entrevistadas, que com ela conviveram e a tiveram como inspiração.

Destacamos também, aqui, a parceria concreta entre Maria Amália Borges e João dos Santos, sempre mencionada nas entrevistas realizadas na pesquisa empírica com as educadoras em Lisboa, como o Centro Infantil Helen Keller, espaço no qual ambos ao lado de larga equipe e da qual fizeram parte Maria Isabel Vieira Pereira e Manuela Cruz, lembraram as experiências vividas nessa instituição.

Todas as conquistas alcançadas e a imensa amplitude do trabalho que tinha como alicerce a psicóloga e educadora Maria Amália Borges, atuando junto à equipe e trilhando caminhos ousados e visionários compostos de ideias, estudo e grandes inovações na educação, inexistentes à época, são vistos hoje como uma experiência prática e real de inclusão educacional de pessoas deficientes.

5.2 A perseguição do regime salazarista e a emigração para Montreal

Assim como João dos Santos, Maria Amália Borges também teve grande participação no cenário político português, lutando em prol da democracia e contra o regime ditatorial imposto por António de Oliveira Salazar, entre os anos de 1932 e 1968. Por essa razão, mesmo depois de finalizar sua formação de licenciatura em Letras, foi impedida por

esse regime ditatorial de exercer suas atividades profissionais em qualquer ambiente público de Portugal.

A respeito do trabalho de Maria Amália Borges e das razões que a obrigaram sair de Portugal, Manuela Cruz ressaltou, mais uma vez, os imperativos políticos da ditadura salazarista que a perseguiram, impediram de trabalhar e continuar exercendo suas funções profissionais na área da educação.

Maria Amália Borges foi para Montreal convidada para trabalhar, pois ela não podia trabalhar aqui em Lisboa. Só podia trabalhar no serviço privado. E o que ela ganhava aqui era sempre muito pouco e, enfim, cortavam constantemente a ação dela, estava sempre sendo vigiada pela polícia.¹⁰⁴

Vivendo em um regime de exclusão e proibição, Borges sentiu-se motivada, no ano de 1963, a deixar seu país de origem e buscar trabalho em outros países. Nessa ocasião, recebeu um convite e transferiu-se para o Canadá, passando a residir e trabalhar na cidade de Montréal.

[...] portanto, ela teve uma oferta e o próprio marido teve uma promessa de trabalho e, aí foram para lá com os filhos e tudo. Desmanchou a casa toda, aquela casa da Rua Maria, e por isso é que eu tenho estas cadeiras. Porque eu estava para me casar e ela me disse: olhe Manuela, eu tenho estas cadeiras e me deu! E eu adoro estas cadeiras porque foram as cadeiras da Maria Amália! Sim, então ela foi para lá, para Montreal e fez um doutorado, não sei dizer ao certo se foi na Alemanha ou lá na França. Depois ela veio aqui fazer comunicações na Calouste Gulbenkian.¹⁰⁵

Em Montréal iniciou suas atividades profissionais como conselheira técnica e titular da redação de uma revista de Psicopedagogia. Em seguida, exerceu a docência como professora do curso de Pedagogia da Universidade de Montréal, especificamente na Faculdade de Ciências da Educação, tendo sido, ainda, membro fundador, vice-presidente e presidente da *Association Québécoise pour l'Éducation Active*.

Em uma coluna de jornal no Canadá, de março de 1968, época na qual Maria Amália atuava na Associação em Prol da Educação Ativa, a psicóloga e educadora escreveu

¹⁰⁴ Maria Manuela Cruz. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

¹⁰⁵ A fundação Calouste Gulbenkian foi criada em Lisboa em 1956 por testamento do filantropo, Armenio que viveu em Lisboa Calouste Sarkis Gulbenkian e representou para João dos Santos, Maria Amália Borges uma importante fonte de apoio pois apoiava através de bolsas e recursos financeiros, iniciativas e projetos de educação e cultura que não conseguiam apoio e espaço na plataforma formal dos governos. Trata-se de uma fundação cultural que continua realizando um trabalho importante de apoio à arte, cultura e educação em Portugal. (site da Fundação Calouste Gulbenkian <https://gulbenkian.pt/>).

sobre os fundamentos da educação ativa, explicando seus princípios e sua importância para a educação. No texto publicado no jornal, *Le Devoir*, Borges busca sensibilizar os leitores sobre o papel do professor em uma escola que se baseie nos métodos ativos e enfatiza a importância dele incentivar as crianças a desenvolverem interesse por pesquisas sobre o seu cotidiano e a liberdade dada ao professor para que mantenha um ambiente rico de experiências, em prol da aprendizagem.

As aprendizagens vão se transformar para a criança em uma necessidade que corresponderá aos seus interesses. Nós, educadores, apresentamos a ele situações práticas de sua vida, respeitamos sua curiosidade e o seu desejo de conhecer. Nós os deixamos livres para se expressar diante dos problemas com que se depararem, nós concedemos a eles a possibilidade de procurar e encontrar por si mesmos suas soluções (BORGES, 1968, p. 13, tradução nossa).

Nessa publicação, assim como em seus livros e em sua atuação no Canadá e em Portugal, Maria Amália Borges atuou em defesa da educação fundamentada nos métodos modernos, comuns à Escola Nova e as teorias humanistas de aprendizagem e da psicologia. Sua história de vida, suas experiências e seu legado foram regidos por ideias que exigiam a busca pelo interesse dos alunos e a atenção de professores, pais e comunidade para que a educação pudesse exercitar a liberdade de escolhas, que para ela seria o caminho dos aprendizados significativos e que marcariam a vida das crianças, não só nos aspectos cognitivos, mas em seu desenvolvimento psicológico e emocional, sobretudo em relação à formação da autoimagem, que seria influenciada pelas experiências e relações estabelecidas no ambiente escolar.

Dissertando sobre a professora Maria Amália Borges, da qual foi aluna e depois companheira de trabalho e amiga, Isabel Pereira reputou ter sido “uma grande mulher”, que assumiu o trabalho como uma lei na sua vida.

Maria Amália foi uma grande mulher. Ela continuou sempre trabalhando até o fim! Fez seu trabalho de doutorado no Canadá. Ela não acabou a tese, veio para Portugal, porque teve um agravamento da sua doença e acabou morrendo.¹⁰⁶

Na entrevista que Isabel Pereira nos concedeu, ao falar da doença que maltratou e vitimou sua grande amiga, fez referência ao trabalho de tese que Maria Amália Borges havia

¹⁰⁶ Maria Isabel Pereira. Entrevista realizada na cidade de Lisboa, no dia 21 de maio de 2018.

produzido durante o período em que viveu em Montreal, mas não havia podido finalizar a escrita dessa tese de doutoramento em virtude do agravamento de seu estado de saúde. Maria Amália se achava acometida por um câncer, o que a fez regressar do Canadá para Portugal muito doente no ano de 1971, com o intuito de estar próximo da família e dos amigos, tendo falecido nesse mesmo ano na cidade de Lisboa.

Por essa razão, em virtude de Maria Amália Borges ter falecido antes de concluir sua tese de doutoramento na universidade de Montreal, ela foi finalizada por Claire Berthelet e Francine Nadal, como forma de homenagear a psicóloga e professora, com a qual tiveram a ventura e oportunidade de trabalhar, como suas auxiliares de pesquisa.

Uma última homenagem que foi rendida a Maria Amália Borges, consta no prefácio de sua tese, que foi escrito por Michel Carbonneau, colega e professor da Universidade de Montreal, do qual transcrevemos aqui um pequeno trecho:

A fim de prestar uma última homenagem a uma colega que trabalhou nessa Universidade desde o seu início e a qual o interesse pela educação vem de muito tempo antes desse trabalho, e ainda igualmente de tornar acessível ao público o fruto de seu trabalho de pesquisa, surgiu a ideia de transformá-lo em objeto de estudo em uma tese. Nesse sentido foi dedicado um longo e delicado trabalho de compilação de textos e análise das anotações originais de Maria Amália Borges de Medeiros (BERTHELET, 1977, p. 10).

Consta, ainda, no prefácio da tese, a explicação de seu antigo colega de trabalho que para a publicação dos dados da pesquisa iniciada por Maria Amália havia sido solicitada a autorização ao professor Dr. Michel Tardy, que trabalhava na Universidade de Strasbourg e era o orientador da professora. Tardy finalizou o prefácio, anunciando que se tratava de um valioso trabalho que, em sua opinião, seria propulsor de importantes reflexões acerca da educação, não só do Canadá, mas de todo o mundo.

Procurando, pois, seguir o curso da trajetória de vida profissional de Maria Amália Borges, em agosto de 2018, viajamos para o Canadá, especialmente para a cidade de Montreal, na qual Maria Amália viveu de 1963 a 1971. Nesta cidade canadense, realizamos uma busca renhida por registros que fizessem referência a Maria Amália Borges. Nossa pesquisa estendeu-se às principais bibliotecas da cidade e universidades e foi assim que encontramos a tese de Maria Amália Borges na *Bibliothèque de Science et Education*, situada no pavilhão *Jean Brillant*, da Universidade de Montreal. Solicitamos o acesso para consulta e podemos, assim, manusear e realizar a leitura desse trabalho, que para nós foi um grande achado.

Iniciada no ano de 1967, a tese de Maria Amália Borges propunha como problema central avaliar a relação entre professor e aluno. Como desdobramento do processo investigativo, Borges elaborou a seguinte hipótese de pesquisa: a relação entre professor e aluno era balizada pelas percepções que o professor tinha de si mesmo, dos alunos e dos objetivos do trabalho docente em toda a sua amplitude de significados?

Seu orientador e colega, o professor Dr. Michel Tardy, destacou durante a apresentação da tese de Maria Amália Borges o grande valor científico da produção, que para ele havia se constituído em um rico trabalho de análise, porque colaborou com a reflexão fundamentada sobre os significados da relação entre profissional e alunos, na construção dos aprendizados.¹⁰⁷

No ano de 1968, ainda residindo em Montreal, Maria Amália Borges recebeu convite para voltar a Portugal, oportunidade na qual proferiu, na cidade de Lisboa, duas conferências no Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Calouste Gulbenkian,¹⁰⁸ respectivamente nos dias 22 e 29 de abril de 1968. Os conteúdos de ambas as conferências foram publicados com o título: “O Papel e a Formação dos Professores”.¹⁰⁹

Nessa ocasião, o Dr. Rui Grácio, encarregado da organização desses eventos e amigo de Maria Amália Borges, realizou a apresentação da então conferencista. Em sua fala destacou a profunda admiração que sentia por Maria Amália, ressaltando a sua importante contribuição para a educação, reconhecida em âmbito internacional, além “da humildade, simplicidade e bondade no trato, que os seus amigos conhecem”.¹¹⁰

Com essas palavras, Grácio finalizou a fala de apresentação de Amália Borges na Fundação, cujo espaço recebera uma excessiva presença de público, fato que ressalta a admiração e a importância de sua presença nesse evento, assim como também para os profissionais da educação de Lisboa que ali se encontravam reunidos, em torno de uma pessoa tão especial e emblemática.

Durante a primeira conferência, intitulada “O Papel do Professor segundo certos aspectos da Psicologia de Allport, Combs, Maslow e Rogers”, Maria Amália explicou que não

¹⁰⁷ Tese iniciada por Maria Amália Borges de Medeiros, que foi finalizada por Claire Berthelet e Francine Nadal em 1976. Foi apresentada como homenagem e reconhecimento do trabalho de Maria Amália Borges na formação de professores na província do Quebec no Canadá. Traduzido pela autora.

¹⁰⁸ Associação de apoio às causas e instituições educacionais de Portugal durante o governo de Salazar.

¹⁰⁹ Maria Amália Medeiros. O Papel e a Formação dos Professores. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa 1970.

¹¹⁰ Rui Grácio pronunciou essas palavras por ocasião da abertura da conferência realizada por Maria Amália Borges publicada no livro: O Papel e a Formação dos Professores. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa 1970.

se deteria na repetição teórica dos conceitos dos referidos autores, pois para ela não faria sentido e não haveria tempo para uma explicação de tamanha profundidade.

Assim, diante do público que ali se encontrava, Maria Amália Borges proferiu sua fala, narrando o seu próprio percurso de descoberta e de encontro com as ideias dos autores citados. Em sua explicação referiu-se ao aprendizado genuíno que, para ela, foi o que lhe acontecera, ao mesmo tempo em que confidenciou que fora transformada pelo conhecimento dessas ideias, que passaram a compor sua personalidade e serviram de reflexão para a sua forma de ser, agir e viver.

Aspectos esses que, porque respondiam a problemas que eu mesma me punha como professora se radicaram em mim. Aspectos que eu verdadeiramente aprendi, se aprender no sentido do termo, é integrar na própria personalidade informações. Conhecimentos ou forma de agir e de ser. E por integrar, entendo senti-las como nossas, como fazendo parte de nós, de tal maneira que, ao integrá-las nos transformamos e o nosso conhecimento se modifica. E assim aprender será no sentido dinâmico da palavra evoluir (BORGES, 1960, p. 14).

Essa declaração representa a grande lucidez e sensibilidade de Maria Amália Borges em relação aos conceitos sobre a aprendizagem de Carl Rogers, dos quais destaca com muita clareza o construto de aprendizagem significativa e a importância da experiência autêntica que, segundo Rogers, seria o caminho possível para a concretização da educação.

Em sua obra “Educação Centrada no Aluno”, Rogers, que já era um célebre autor nos Estados Unidos, propõe em sua teoria as atitudes necessárias que deviam ser praticadas pelo professor para o alcance dos objetivos da educação. É possível identificar o quanto as ideias de Maria Amália Borges foram permeadas por essa influência.

Ao revelar a sua motivação inicial para trabalhar com educação Maria Amália mostra que o seu interesse pela educação se tornou uma fonte fecunda de felicidade e satisfação pessoal e dessa busca inicial, sucederam-se novos estudos, outros interesses e outros trabalhos voltados à educação da criança com e sem dificuldades, buscando novas abordagens que levassem em consideração as particularidades, a liberdade e os desejos da criança.

Após a conclusão de seu curso universitário, ela teria trabalhado com a educação de crianças portadoras com variadas formas de deficiências e durante esse período, Amália recordou que as correntes da Escola Nova a encantaram e lhe forneceram um norte para a atuação com esse público.

Narrando seus próprios percursos pedagógicos, Maria Amália Borges tentava deixar explícito que permanecia insatisfeita, ainda que tivesse obtido sucesso ao utilizar os métodos globais de aprendizado da leitura, ao usar jogos no ensino da aritmética e nos exercícios que envolviam as habilidades motoras. A educadora em questão observava que, mesmo utilizando esses métodos, havia uma grande energia acumulada na criança que era necessário extravasar em cada oportunidade que encontravam durante as aulas e as atividades na escola.

Tal insatisfação tornou-se um motor de busca para uma prática educativa que realizasse esses desejos e que tornasse possível uma conexão emocional com os sujeitos aos quais ensinava. Assim, Maria Amália Borges compartilhou seu encontro com as ideias de Alport, Combs, Maslow e Rogers, ressaltando o quanto o pensamento de tais autores impactou em suas ideias, suas práticas, seu ser, enfim.

Do mesmo modo, eu compreendo e integro o pensamento de Alport, de Combs, de Maslow ou de Rogers, na minha experiência passada, porque eles exprimem preocupações que são minhas e me ajudam a ultrapassá-las, isto é, a realizar-me, a actualizar-me e a revalorizar-me na medida em que experimento potencialidades que desconhecia em mim (BORGES, 1970, p. 23).

Como desdobramento das abordagens de cada um dos referidos autores, Maria Amália Borges reiterou o que para ela seria a função prioritária do ensino, seguindo os fundamentos da ética e do respeito à individualidade e particularidade das pessoas.

Em nossas pesquisas, constatamos que essas conferências foram as últimas atividades relatadas sobre a psicóloga e educadora Maria Amália Borges em Lisboa. Após essas apresentações em que estiveram presentes um grande público de educadores e profissionais de Lisboa, além dos amigos e antigos companheiros de trabalho, pois deixou grandes lembranças em todos.

Na sua tese encontrada em Montreal, foi publicada uma seção em forma de apêndice com o texto integral escrito por Maria Amália Borges em que ela deixou registrado seus anseios em termos de educação fundamentada nas ideias dos psicólogos Carl Rogers, Maslow e tantos outros autores, destacando a própria interpretação a respeito da importância da democracia para a existência de uma educação positiva aos cidadãos.

Nesses escritos, pudemos identificar suas qualidades, descritas por suas amigas e companheiras de trabalho entrevistadas na pesquisa dessa tese, que a consideravam uma mulher à frente de seu tempo, apaixonada pela educação e com um senso de justiça e democracia pujante, em sua forma de trabalhar e se expressar. Assim, Maria Amália espargiu

por onde passou, ideias que possuíam uma qualidade técnica e teórica indiscutível e o poder de tocar os profissionais e pessoas que a ela tiveram acesso, em cujas palavras a relação entre democracia e educação se tornam inseparáveis.

Para responder ao problema da revalorização do espírito democrático fragilizado pela problemática do mundo atual, o objetivo da educação é: desenvolver o senso de colaboração e de responsabilidade, de autenticidade e aceitação do outro, qualidades em si, que são capazes de permitir o estabelecimento de um verdadeiro diálogo entre os homens (BORGES *apud* BERTHELET, 1977, p. 196, tradução nossa).

As marcas de uma vida que teve como desafio resistir e lutar contra um governo ditatorial e repressor permaneceram sendo reivindicadas por Maria Amália Borges. Essa foi uma das características comuns ao trabalho dela e de João dos Santos, ambos, revolucionários e com esperança de construir uma educação capaz de possibilitar conscientização e mudanças na sociedade.

Sobre a relação e a efetividade da educação como caminho de prevenção e tratamentos das questões de saúde mental em uma perspectiva integral, Maria Amália também deixou registrado em sua tese:

Um dos objetivos da educação é de permitir ao indivíduo de florescer e evitar a neurose em um universo no qual a técnica pode desumanizá-lo excessivamente, criar um clima no qual o sujeito possa se realizar plenamente seus potenciais, um contexto no qual ele possa se atualizar e se revalorizar, um clima no qual a ênfase não será dada a uma capacidade em detrimento de outra e onde o aspecto intelectual, afetivo e estético se fundam e se entrelacem (BORGES *apud* BERTHELET, 1977, p. 197, tradução nossa).

Aprofundando a pesquisa sobre a história profissional e as experiências de Maria Amália Borges, pudemos verificar a amplitude da parceria entre a psicóloga e educadora e João dos Santos e acreditamos que por sua partida precoce, aos 53 anos, Maria Amália Borges não tenha tido tempo e oportunidade de publicar livros ao lado de João dos Santos sobre suas experiências de trabalho em Lisboa, que duraram nove anos.

A partir de 1963, com a partida para Montreal, Maria Amália atuou na educação de adultos e deixou uma grande contribuição para a formação dos professores de Québec, província do Canadá, onde residiu, sobre os métodos não diretivos de educação e as ideias subjacentes à Escola Nova, além das experiências práticas inspiradas nas ideias de Freinet.

Ela também deu grande importância à relação professor e aluno para a construção de uma educação livre e engrandecedora, analisando a formação do autoconceito das crianças

que através de atenção e afeto poderiam desenvolver habilidade na escolha das formas de aprender, através do envolvimento em atividades práticas do cotidiano, pesquisas e outras estratégias contextualizadas ao universo da criança, que devem ser centralizadores aos processos de aprender.

Na tese finalizada em homenagem à Maria Amália, nos deparamos com a carta de informação ao seu orientador à época, na qual ela lhe apresenta as páginas já escritas, sua proposta de percurso e comunica a ele o seu estado de saúde, que a impedia de continuar os planos traçados anteriormente. Mesmo diante da triste situação e vivência do próprio adoecimento, a psicóloga manifesta sua coragem e persistência, quando revela o desejo de finalizar seu projeto de tese e sua imensa vontade de registrar para os colegas profissionais que pretendia continuar ajudando a formar, com seus ensinamentos, a relação com os alunos que propiciaria oportunidades de aprendizagem, além da noção que a sociedade poderia ser modificada e construída através da educação, pautada em empatia, respeito e liberdade.

Maria Amália também marcou as pessoas com quem trabalhou seduzidas por sua delicadeza, competência e profunda dedicação à educação, as que a conheceram em Lisboa, cidade onde nasceu e viveu, até a partida para Montreal. Essa marca pode ser confirmada na homenagem prestada à educadora por estudantes que acompanharam seu trabalho e pelos colegas que apoiaram seu projeto que, embora fosse suspenso, teve seu objetivo ser finalizado e tornar-se importante registro para a sensibilização de professores e demais profissionais que se interessam pela educação.

Bertelhet (1977) compartilhou a carta escrita por Maria Amália, em 25 de março de 1971, para Michel Tardy, seu orientador:

« Malheureusement j'ai eu encore des problèmes de santé ce qui m'a empêchée de poursuivre mon travail au rythme prévu. Je vous remets ci-joint le plan général de ma thèse telle que conçue actuellement. Les chapitres soulignés sont ceux que j'ai déjà travaillés et dont je vous envoie par le même courriel recommandé, un premier brouillon. Je vous prie de bien vouloir considérer plutôt le fond que la forme car la rédaction et, éventuellement, la présentation des résultats, ne sont pas encore définitives...» (BORGES *apud* BERTHELET, 1977 p. 3)¹¹¹.

¹¹¹ Como homenagem, mantivemos o texto e idioma original aqui traduzido. “Infelizmente eu ainda me encontro com problemas de saúde que me impediram de seguir meu trabalho no ritmo previsto. Estou enviando em anexo o plano geral da minha tese como encontra-se atualmente. Os capítulos sublinhados são aqueles nos quais já trabalhei e que enviou no mesmo correio registrado, em formato de rascunho. Eu te peço por favor que considere mais o conteúdo do que a forma, pois eventualmente, a redação e a apresentação dos resultados não são definitivos”.

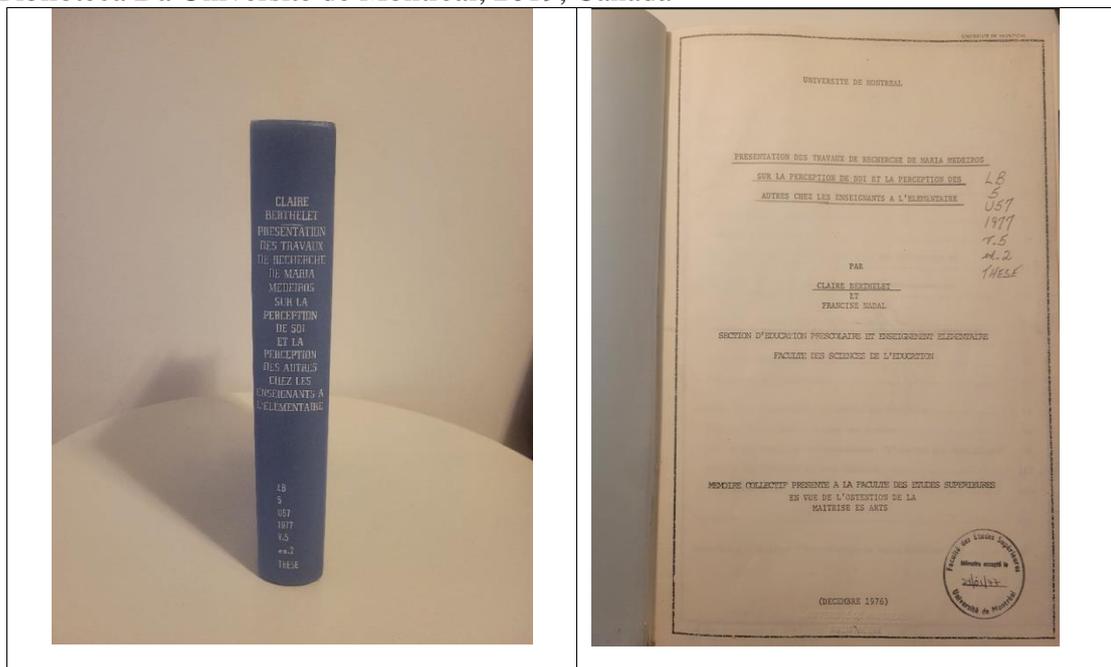
Essa correspondência comunicava que ela não conseguiria naquele momento seguir o objetivo planejado para a tese de doutorado, mas reafirmava ao orientador seu compromisso e a coragem de seguir deixando suas marcas entre aqueles que com ela viveram e trabalharam. Como já foi mencionado, a tese foi registrada por sua aluna e auxiliar na pesquisa e encontra-se na seção de honra de *Université de Montreal*.

Mesmo partindo precocemente, Maria Amália Borges deixou um importante legado de conhecimentos e pioneirismos para a educação em Lisboa, especialmente nas práticas inspiradas nas ideias de Freinet, por sua contribuição para a educação e para a formação de tantos profissionais através da parceria com João dos Santos e outros profissionais que fizeram parte das experiências práticas da Pedagogia Terapêutica. Um texto em homenagem a Maria Amália destaca a admiração que uma de suas amigas expressou em forma de palavras e para nós demonstra a importância de sua trajetória e de suas ideias,

Foi esta Mulher que teve antenas para o abismo de existir que nos entregou uma chave maravilhosa de liberdade, de esperança, de confiança na formação do homem. Dir-me-ão: justamente por isso mesmo. Mas creio ser muito raro um Prometeu agrilhado (Ela própria num belo poema assim se confessou) e possuir a lucidez de umas asas nítidas ser a exemplaridade livre de voo. É muito raro estremecer o canto solidário. Canto de emigrante com palavras a abrirem portas sobre cercas muradas, e abandonar a expressão poética do poema para encontrar as linhas do pedagogo verdadeiro- o que se apaga, apaga a própria voz. E apaga, apaga-se numa dissecação quase científica do que se deve fazer na infância e na juventude do homem para não o deixar mais solitário em si mesmo, para o construir livre, fraternalmente livre. Sem paternalismos circundantes. Numa liberdade inteligente, fecunda. Ela própria o diz ao correr destas páginas: “Dar a uma criança que desenha ou pinta, em nome da liberdade de escolher, a régua que ela reclama para fazer traços bem direitos não é agir no sentido de desenvolver nela a liberdade autêntica de deixar correr o seu lápis ou o seu pincel sobre o papel, é pelo contrário, dar-lhe um quadro rígido- a linha recta- que entravará sua espontaneidade de expressão.” Ela nos ensinou a não entregar a régua e que tinha as mãos abertas, a sentir o latejar do mundo, entregou-nos, entre tantas outras, estas páginas para aprendermos a merecer tais mãos. Com lucidez poderosa, com verdade, com a força de quem livremente viveu, apesar de tudo: e com a asserena esperança e quem não tivesse enxugado a face com tais mãos, a própria face amargurada e solitária que ninguém acusou, porque o seu tempo era só de amar, de construir. Como pedagoga autêntica que foi. (ARAÚJO in BORGES, 1975, p 8,9)

Ao ler e contemplar essas palavras que descrevem com detalhes a personalidade de Maria Amália Borges de Medeiros podemos reiterar a imensa importância que essa mulher, grande educadora e batalhadora, que defendia a liberdade acima de tudo as crianças através do acesso a uma educação que possibilitasse seu desenvolvimento pleno em toda e qualquer condição’. Esse é o grande legado de Maria Amália à pedagogia terapêutica.

Figura 14– Exemplar da Tese em Homenagem à Maria Amália Borges, localizada na Biblioteca Da Université de Montreal, 2019, Canadá



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.¹¹²

Figura 15 – Texto de Maria Amália no jornal *Le Devoir* de Montreal¹¹³

LE DEVOIR, MONTREAL, SAMEDI 26 FEVRIER 1966

L'univers féminin

Parents, savez-vous vraiment ce qu'est

L'ÉCOLE ACTIVE

par Maria BORGES-GUTIERREZ

Le Rapport Parent en préconisant l'emploi des méthodes actives a lancé dans le désarroi un grand nombre de maîtres et de parents insuffisamment informés au sujet de ce courant pédagogique soi-disant nouveau. Un climat d'insécurité s'est créé. Et il y a ceux qui craignent toute transformation et il y a aussi ceux qui veulent changer, ceux qui se rendent compte que quelque chose ne marche pas dans l'enseignement traditionnel : des professeurs soucieux de leur métier et qui veulent être capables de préparer des hommes de demain, susceptibles de faire face à la rapide évolution de notre époque, et des parents qui sont conscients du fait que leurs enfants ne se développent pas comme il faut dans certains régimes scolaires trop stricts, et qu'ils n'y acquièrent pas les connaissances et les

N.D.L.R. — Une lectrice qui participera le 28 février prochain à un colloque sur les principes psychologiques de la pédagogie active, Mme Maria Borges-Gutierrez, a bien voulu nous décrire ce qu'est vraiment l'ÉCOLE ACTIVE. Professeure de pédagogie à l'école normale de l'enseignement technique et vice-présidente de l'Association québécoise pour l'éducation active, Mme Borges-Gutierrez met également les parents en garde contre certains aventuriers de la pédagogie nouvelle qui, pour attirer des élèves et faire des sous, n'ont pas scrupule à afficher "école active" pour camoufler un enseignement sans bases pédagogiques solides. Ce colloque auquel participera Mme Gutierrez aura lieu à l'auditorium de l'école d'Arcy McGee, à 8h. du soir, le 28 février prochain. Le public est cordialement invité à y assister.

contexte, la nouvelle tâche du professeur malaise se prolonge, il deviendra indispensable d'en découvrir les causes, l'inverse

Fonte: Biblioteca Nacional de Montreal.

¹¹² Imagem registrada pela pesquisadora em Montreal, 2019.

¹¹³ Matéria do jornal *Le Devoir* de Montreal em 26 de fevereiro de 1966 com texto de Maria Amália que em Montreal devido à adaptação do nome à forma usual no país, era conhecida como Maria Borges Gutierrez.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que os homens que existem aqui e agora,
criem para os que vão nascer a circunstância única que
queriam para si.
Sem o estrondo das explosões de cólera dos homens.
Que os homens que guardam da sua infância a
experiência inédita,
que interiorizam o movimento, o sentir, o amor,
que construam um mundo seu,
o abram aos outros,
que o abram às crianças.
Para que haja amor,
para que haja diálogo.
(SANTOS, 1991, p. 317).

Através da realização da presente tese, chegamos ao final do trabalho com a plena convicção que a Pedagogia Terapêutica trouxe imensas inovações para a educação das crianças portuguesas. E mesmo tendo sido pensada, elaborada e implantada, em meados do século passado, conserva ainda hoje a sua atualidade, sua dimensão interdisciplinar, afetiva e a marca da subjetividade e das motivações inconscientes que interferem nos processos de ensinar e de aprender.

Imbuído por suas modernas concepções acerca da infância, por sua cosmovisão de mundo e de educação, João dos Santos nos deixou um legado que permite que sonhemos e que acreditemos que é possível ter uma escola que incida na formação plena do sujeito, de forma cuidadosa e afetiva, de modo que suas infinitas possibilidades sejam vistas e consideradas.

Definimos como cuidado e afeto o que o psicanalista e educador realizou em todos os seus projetos e ações. Embalado por um sonho de tornar sua pátria um lugar melhor para as crianças que, como ele próprio havia sido, eram diferentes e estariam destinadas a trilhar caminhos muitas vezes sinuosos, pois as instituições da época possuíam uma visão rígida da criança, modelo para as suas intervenções.

Por essa razão, as ideias e projetos que envolviam a Pedagogia Terapêutica trabalhavam de forma integrada para que todas as crianças, em especial as diferentes, tivessem oportunidade de acesso a contextos semelhantes de aprendizagem e as mesmas condições de saúde, de forma acolhedora e democrática.

A Pedagogia Terapêutica tem em suas referências teóricas e práticas o afeto. Esse aspecto tem, em nossa concepção, influência das referências que João dos Santos adotou dos pressupostos teóricos do colega de trabalho e amigo, Henri Wallon, enriquecidas através das

experiências que o médico e psicanalista português, realizou ao lado dele em Paris, durante os anos de 1946 a 1950.

Estas concepções tornaram-se práticas de trabalho e de acolhimento, através do interesse pelo conhecimento e respeito à origem da criança, desde a sua concepção. Além disso, a atenção à proposta de diferentes caminhos para o aprendizado, guiados pela crença de que a criança é capaz de se desenvolver e, ainda, que suas expressões e movimentos, muitas vezes, são o único recurso possível para que ela possa comunicar suas emoções, suas vivências e conhecimentos.

Guiados por essas referências, os profissionais que buscavam trabalhar, e foram muitos, segundo as propostas da Pedagogia Terapêutica acreditavam na importância de que acessar todos esses campos significava adentrar nesse conteúdo exímio que é a própria pessoa humana.

Percorremos os caminhos da Pedagogia Terapêutica em busca de suas inovações ligadas aos aspectos de ensino e aprendizagem e nos deparamos com um legado de ideias que nos inspira como profissional que acredita no potencial da educação, para além da formação, mas como fonte de prevenção de problemas emocionais e como uma fonte de alegria, de crescimento individual e realização de possibilidades.

Através de sua obra extraordinária, João dos Santos nos mostra como encantar pessoas e torná-las mais sensíveis a observar o que não é dito, mas pode ser expresso em ações e emoções, carregadas de significado. Quando conhecemos e entrevistamos cinco mulheres lutadoras e sonhadoras, que se mostraram felizes por possuírem lembranças de um trabalho conjunto, permeado por relações de amor e amizade, percebemos suas trajetórias de vida e os ideais de todas elas, lutando por liberdade e boas condições de trabalho, e a crença que podiam mudar o mundo, a educação e a história de seu país.

Por intermédio dessas histórias, conhecemos personagens que viveram ao lado de João dos Santos e conseguiram com ele aprender e ver que essas experiências representavam possibilidades de realizar projetos capazes de mudar a vida das crianças, de suas famílias e de pessoas que aprendiam com os desafios, considerados, muitas vezes, impossíveis de vencer. Havia olhares que aguardavam ajuda para serem descobertos e desfrutados, através da colaboração de pessoas que acreditavam ser possível realizá-los em um projeto comum e compartilhado.

O Paradigma da Conectividade, assim nomeado e destacado por Maria Eugénia Carvalho e Branco, consiste em uma das maiores inovações teóricas de João dos Santos. Esta atribuição no corpo teórico do autor, pode ser entendida como a articulação entre as ciências

da educação, da saúde e da psicanálise, integradas e interligadas, em mútua ajuda, na visão e compreensão de todos os aspectos individuais que nos tornam humanos e, ao mesmo tempo, em seres de sociedade.

Em nossa forma de entender, trata-se de um modelo de trabalho transdisciplinar evidenciado através das experiências realizadas por João dos Santos e com aqueles que com ele trabalharam em Lisboa, no qual todas as evidências, todas as injunções, todas as vivências e experiências da pessoa que está sendo avaliada ou atendida devem ser consideradas como fonte de informação e de ajuda para a redução das dificuldades ou do sofrimento por que passa.

Nenhum sintoma deveria ser observado fora do contexto familiar, escolar ou social e nessa direção foram destacados os projetos das instituições já citadas na presente tese como: Um instituto da Criança¹¹⁴, Colégio Eduardo Claparède¹¹⁵, Centro Helen Keller, Liga dos Deficientes Motores, A casa da Praia e tantos outros projetos que levavam as concepções do médico, educador e psicanalista sobre a criança, sua saúde, seu desenvolvimento cognitivo e afetivo, seus problemas e as melhores formas de tratá-los e/ou preveni-los.

Há registros que evidenciam os efeitos que esses conhecimentos compartilhados e que eram uma marca registrada de João dos Santos tinham grande poder sobre as pessoas, pois ele era um comunicador brilhante que atraía o foco sobre ele, o interesse sobre o tema e porque sabia traduzir de forma clara e interessante os conceitos e os conteúdos que seriam de difícil abordagem e entendimento pelos leigos no assunto.

Muitas realizações foram também importantes marcos no percurso intelectual e na atuação de João dos Santos, como as formações destinadas à sociedade em geral e que eram publicadas em cadernos especiais de jornais e impressos, fornecendo informações e conselhos aos pais sobre as crianças e, sobretudo, seus programas de rádio sobre temas variados que eram produzidos e transmitidos para a sociedade em geral e envolviam situações cotidianas de interesse público.

Essas ações eram formas de comunicar suas ideias e visão sobre problemas da sociedade e esclarecer conceitos importantes a partir de acontecimentos de rotina que atraíam

¹¹⁴ Projeto de um Instituto concebido e proposto por João dos Santos que consistia em uma rede de apoio a criança com ações interligadas de prevenção e tratamentos dos problemas que atingiam a infância envolvendo uma ampla participação dos setores da sociedade. Essa proposta foi registrada no livro escrito pelo autor - A caminho de uma Utopia – um instituto da criança (1982).

¹¹⁵ Colégio voltado para a educação especial fundado em Lisboa em 1953 por Rosa Bem-feito, João dos Santos e Afonso Gouveia. O trabalho realizado na instituição era baseado na Pedagogia Terapêutica e evidencia a prática dos princípios desenvolvidos por esta teoria até os dias atuais.

a atenção do grande público ao despertar a curiosidade sobre a importância dos cuidados que estavam ao alcance de toda a população lisboeta.

A colaboração de Maria Amália Borges esteve presente em sua vida de trabalho de uma forma complementar, sobretudo sobre a condução das questões pedagógicas ligadas ao projeto geral de educação a que se propunham. A psicopedagoga e o psicanalista de Lisboa possuíam em comum desejos de luta, que alimentavam um ideário de liberdade, competência e plenitude, em busca dos sonhos e das capacidades possíveis.

Os dois não se conformaram diante do estado em que a sociedade portuguesa se encontrava através do controle e da adequação das crianças e dos adultos a um projeto imposto pela ditadura, com pouca ou nenhuma oportunidade de ser questionado. A educação requer, sem dúvida, liberdade e necessita de espaço onde seja possível escolher, questionar, fazer e refazer caminhos herdados, novos ou inusitados.

Essa era a realidade da educação portuguesa em tempos de Salazar, como aconteceu em outros países do mundo e que ainda hoje acontece cotidianamente nas ocasiões em que os governos ditatoriais pautam seus projetos em mecanismos de terrorismo, dominação e manutenção do poder.

As contradições entre a realidade e a teoria, entre o cognitivo e o emocional são revisitadas constantemente através das experiências educacionais que se fundamentam nas liberdades individuais e sociais que, por vezes, são confundidas com ausência de fundamentação teórica ou fragilidade no saber. Os debates entre os aspectos que formam o ser humano a nível consciente, inconsciente ou cognitivo e afetivo se reescrevem, ao buscarmos atualizar-nos em um modo de vida que resulte em saúde física e mental e na obtenção de uma vida plena.

Como resultados dessas contradições, observamos atualmente o adoecimento da população agravado, em parte, pelos efeitos de uma pandemia na qual predominou o distanciamento social por muitos meses, a paralização do trabalho, das aulas e as perdas de familiares e amigos causados pelo Covid-19, testou nossa fragilidade emocional e saúde mental. Além disso, vivemos em um país dominado pelas gritantes desigualdades sociais sob um (des)governo fascista e corrupto, que desconsiderou a saúde e a educação em seus projetos governamentais e conclama seus aliados políticos à realização de suas metas megalomaniacas.

É necessário, pois, que a educação seja um caminho fortuito nessa caminhada, e é por isso que cada vez mais compreendemos a urgente necessidade da escola defendida por João dos Santos, Maria Amália Borges e as educadoras de Lisboa, uma escola que dê destaque e atenção à subjetividade da criança e na qual haja espaço para a expressão das

emoções e, que sejam acolhidas com afeto e os cuidados necessários ao fortalecimento da pessoa, de sua capacidade de criar, aprender e viver em sociedade. Uma escola que prioriza a socialização para o ajustamento e a autorregulação, fundamentos que tornam possível uma escola que é sonhada e desejada por todos os educadores e que exigem práticas de empatia e de liberdade, tão necessárias nos dias de hoje.

A pesquisa de campo realizada por ocasião da confecção dessa tese nos trouxe valiosos conhecimentos. Foi uma experiência rica que reiterou a crença no potencial da educação como fonte de saúde e na formação de pessoas que possam utilizar seus saberes para melhor viver, compreender e buscar o real sentido de suas ações no mundo.

As experiências de vida cadenciadas através das relações e que são possibilitadas pela vida escolar trazem registros importantes que deverão nortear os caminhos entre as conquistas e os desafios da vida e trazem as marcas adquiridas na caminhada que são fontes importantes de saúde emocional e servem de aparato psicológico para lidar com os ganhos, perdas, dificuldades e os desafios. A escola precisa estar a par disso. É preciso lembrar-se da junção equilibrada entre saber, sentir e agir que serão necessárias para toda a vida.

Ao retomarmos os objetivos da presente tese para a qual demarcamos analisar a contribuição da Pedagogia Terapêutica de João dos Santos para as práticas didático-pedagógicas e os processos de ensino-aprendizagem, compreendemos que conseguimos analisar grande parte das contribuições que essa teoria alcançou em Portugal e ainda hoje alcança em outras partes do mundo, especialmente no Brasil, onde está sendo a cada dia mais estudada e se tornando fonte inesgotável de pesquisas em programas de graduação e pós-graduação, como é o caso da Faculdade de Educação- FACED da Universidade Federal do Ceará.

Em relação aos objetivos específicos, destacamos analisar a contribuição de Maria Amália Borges de Medeiros na constituição da Pedagogia Terapêutica de João dos Santos e na criação de instituições e espaços educativos em Lisboa, o que ficou bastante claro ao estarmos em contato com as pessoas que seriam nossas entrevistadas e conhecermos algumas das maravilhosas instituições criadas pelos dois teóricos e pesquisadores. A força da personalidade de Maria Amália foi sendo desnudada à medida que ela foi sendo dada a conhecer através de seus escritos e das memórias afetivas de suas amigas e companheiras de trabalho, considerada uma mulher reservada, modesta simples e calma, mas extremamente segura acerca daquilo que fazia e daquilo que almejava em termos de educação e sociedade.

No aprofundamento dos estudos sobre a Pedagogia Terapêutica, em seus fundamentos teórico-práticos procuramos compreender a importância dessa teoria para a

educação portuguesa embora tivéssemos noção que suas ideias já traziam o germe da inovação, criatividade e da enorme humanidade na visão da infância e adolescência e do indivíduo situado e datado historicamente. A ampliação e a circulação das ideias pedagógicas de João dos Santos saíram de Portugal, passearam por Paris no período de 1946 a 1950 e foram até o Canadá, levadas por Maria Amália Borges.

Os objetivos traçados nessa empreitada foram alcançados e colaboraram para a nossa formação profissional e pessoal. Mudar de país, socializar-nos em termos geográficos e interagir com novas culturas nos fez perceber o quão importante são as referências fundamentais que adquirimos ao longo da vida e que vão sendo formadas nas relações com os outros e deixam importantes e indelévels marcas que ficam assentadas em nosso coração.

As bases teóricas e influências da pedagogia terapêutica foram demonstradas ao longo dessa tese através das aproximações das ideias de João dos Santos e Maria Amália Borges em seus livros, escritos e das experiências registradas e narradas por nossas entrevistadas que denotam uma perspectiva inovadora já nos anos 1950. Identificamos nesse percurso referenciais teóricos do Movimento Escola Nova com os quais João dos Santos, Maria Amália Borges e as educadoras entrevistadas nessa tese se identificavam, enfatizando seus aprendizados e aprofundamento das ideias através da convivência com João dos Santos e Maria Amália, no seu trabalho.

Destacamos as inovações relacionadas à educação especial, seus métodos e fundamentos, tão presentes nas práticas da Pedagogia Terapêutica que, embora tenha sofrido as influências das teorias que abordavam o desenvolvimento infantil de forma processual e contextualizada com a sociedade, tais como Piaget e Wallon, e ainda com a força das ideias de Freud e da psicanálise, a Pedagogia Terapêutica é absolutamente inovadora, visionária e profundamente humanizadora, por recorrer aos cuidados e ao afeto, baseada na compreensão de que cada indivíduo é único, diverso, complexo e dotado de sensibilidade e subjetividade, e que as crianças com deficiências merecem ter direitos e métodos diversificados para que possam ter experiências escolares livres de preconceito, desrespeito e possam aprender e apreender-se na autonomia e na liberdade.

Podemos afirmar, ainda, que Maria Amália Borges colaborou significativamente para a construção do legado da Pedagogia Terapêutica, confirmada a partir dos registros históricos encontrados e das revelações nas falas das professoras entrevistadas nessa pesquisa. Destacamos o intercâmbio frutífero entre Maria Amália Borges e João dos Santos em trabalhos, nos quais colaboraram diretamente, tais como na seção de Higiene Mental do Centro Sofia Abecassis, nos centros psicopedagógicos da Voz do Operário e do Colégio

Moderno, na fundação do colégio Eduardo Claparède, na criação do Centro Helen Keller, na orientação e no apoio ao Jardim Infantil Pestalozzi e tantos outros trabalhos em conjunto. Ele emprestando a sua visão humanista e psicanalítica, e ela enfatizando as metodologias ativas e a organização cotidiana dos espaços escolares ligadas às questões de aprendizagem. Ambos complementavam sua atuação através de ideais, lutas e ações, deixando um vasto repertório de conhecimentos baseado nessa conjunção de espíritos livres em prol da educação.

Constatamos através dos caminhos teóricos e práticos que esses dois educadores buscavam mudanças radicais na educação ao priorizar a construção do sujeito através da valorização das potencialidades, realizando o que hoje consideramos processo de inclusão, mas uma inclusão real e plena, alicerçada na liberdade de aprender e no desenvolvimento da autonomia, marcas da passagem de Maria Amália Borges inspiradas nas teorias que estudou, divulgou e exerceu em seu trabalho diário.

Mesmo vivendo em uma época em que não havia registros de educação escolar com um modelo de inclusão, os dois já praticavam essa forma de educar, aceitando a inserção de crianças com condições especiais de desenvolvimento, como foi o caso do Centro Helen Keller, que acolhia crianças visuais, crianças com cegueira progressiva e crianças totalmente cegas, permitindo e incentivando o compartilhar de experiências e vivências educacionais através da arte, da cultura e da inserção na sociedade portuguesa.

Partindo desse arcabouço teórico, a Pedagogia Terapêutica destacou-se em Portugal pela capacidade de despertar mudanças sociais através das instituições que promoveram e até hoje promovem o acesso à educação e à cidadania de crianças e suas famílias que anteriormente eram ignoradas pelos promotores da saúde e da educação, permanecendo excluídas da sociedade e limitadas em seu desenvolvimento, sendo desconsideradas suas potencialidades e vivências sociais como cidadãos de direito.

Maria Amália Borges e João dos Santos seguem representando importantes fontes de conhecimento e pesquisa por terem adotado uma postura educacional que defendia os mais necessitados, mais desprotegidos e carentes com atitudes que visavam o desenvolvimento integral, afetivo e emocional de toda e qualquer criança e em toda e qualquer condição de desenvolvimento. Suas inovações destacam-se na perspectiva da relação entre desenvolvimento e aprendizagem, representando a crença na capacidade de superação do ser humano e da educação pautada na liberdade e na cidadania.

Ambos possuíam uma grande capacidade de ensinar e reunir profissionais para sensibilizar a sociedade, as famílias e o entorno escolar em prol das ações de acolhida e desenvolvimento das atividades das crianças ao proporcionar um contexto rico de estímulos,

de arte e sensível à importância de cada uma delas para a sociedade. Os dois também investiam nas formações das equipes de trabalho, discutindo as teorias de desenvolvimento e a educação da criança, promovendo discussões, seminários e aprofundamento dos métodos pautados na centralidade dos aprendizes, seus direitos e necessidades e, como foco, a importância de educar baseados na relação entre o adulto e a criança.

Foi possível perceber a qualidade interdisciplinar dos grupos de trabalho que compuseram as instituições criadas e descritas aqui nessa tese. A organização do trabalho, as atividades cotidianas, o clima instituído, os desafios e limites foram muito bem detalhados pelas entrevistadas e documentados em registros dos trabalhos desenvolvidos por esse grande grupo ligado à Pedagogia Terapêutica.

A teoria também agregara à educação escolar uma perspectiva preventiva de problemas de saúde mental e de tratamento das dificuldades através de intervenções baseadas nas particularidades de cada uma das crianças que atendiam e faziam parte dos projetos que valorizavam suas potencialidades e tentavam compreender as nuances do vivido e demonstrado através dos comportamentos e dos sintomas apresentados no cotidiano, como a angústia, recusa de aprender, comportamentos atípicos e todo um universo de sentimentos e emoções que não era falado, mas comunicado através das ações e que envolvia os laços familiares, as histórias pessoais e as relações que se firmavam entre as crianças e os adultos. A capacidade de superar adversidades, o desejo de ser feliz e amado e ser exatamente como queriam ser levava à conquista de objetivos que eram celebrados conjuntamente.

Esperamos que esse trabalho seja aprofundado em outras experiências e pesquisas sobre João dos Santos e Maria Amália Borges, cuja grande contribuição para a Pedagogia Terapêutica poderá ampliar a visão da infância e oferecer aos educadores e às escolas estratégias de ação voltadas para a importância e a potencialidade de educar para aprender a ser gente, mantendo ainda a saúde física, psicológica e mental, em um momento em que essa necessidade é essencial para a vida.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru (SP): Edusc, 2007.
- AMADO, Janaina; FERREIRA, M. de Moraes (org). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- ARAÚJO, Regiane Rodrigues. **A dimensão estética na pedagogia terapêutica em João dos Santos e Cecília Menano**: contribuições de Augusto Rodrigues para a criação das escolinhas de arte no Brasil e em Portugal. Orientadora: Patrícia Helena Carvalho Holanda. 2020. 234 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.
- ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução de D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- BERGE, André; SANTOS, João dos. **A Higiene Mental na Escola**. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.
- BERTHELET, Claire. Présentation des travaux de recherche de Maria Medeiros sur la perception de soi et la perception des autres chez les enseignants. **Sciences et éducation**, Université de Montréal, 1977.
- BIBLIOTHÈQUE ET ARCHIVES NATIONALES DU QUÉBEC. **La revue de gatineau**, le 20 mars 1968, p. 7. Disponível em: <https://numerique.banq.qc.ca/>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- BIBLIOTHÈQUE ET ARCHIVES NATIONALES DU QUÉBEC. **Le Devoir, Montreal** le 26 février 1966, p. 13. Disponível em: <https://numerique.banq.qc.ca/>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto-Portugal. Porto Editora, 1994.
- BORGES, Karine Moura de Farias. **Dificuldades de Leitura e autoconceito Infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, 2008.
- BORGES, Maria Amália Medeiros. **As Três Faces da Pedagogia**. Livros Horizonte: Lisboa, 1975.
- BORGES, Maria Amália Medeiros. **O Papel e a Formação dos Professores**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.
- BORGES, Maria Amália. Pedagogia, Vida e Reeducação de Inferiorizados Visuais – A Obra Pedagógica do Centro infantil Helen Keller. **STRABISMUS Revista Portuguesa de Oftalmologia Social**, nº único, 1962.
- BOTO, Carlota. “Farias de Vasconcelos e a Escola Nova em Portugal: do self government à educação científica”. **Revista Brasileira de História da Educação**. v. 19, 2019.
- BRANCO, M. E. C. e. **João dos Santos: a saúde mental infantil em Portugal- uma revolução de futuro**. Lisboa: Coisas de Ler, 2013.
- BRANCO, M. E. C. e. **João dos Santos: Saúde mental e Educação**. Lisboa: Coisas de Ler, 2010.
- BURR, V. Social constructionism. Routledge. **ProQuest Ebook Central**, 2015. Disponível em: <http://ebookcentral.proquest.com/lib/uqam/detail.action?docID=165681>. Acesso em: 15 jan. 2020.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, v. 48. (Coleção Pensamento Crítico)

COSTA, A. C. G. **Brasil criança urgente**: a lei 8069/90. São Paulo: Instituto Brasileiro de Pedagogia Social / Editora Columbus Cultural, 1990.

CORBIÈRE, M.; Larivière, N. (2014). Méthodes qualitatives, quantitatives et mixtes: Dans la recherche en sciences humaines, sociales et de la santé. **PUQ. ProQuest Ebook Central**, 2014. Disponível em: <https://ebookcentral.proquest.com/lib/uqam/detail.action?docID=4797068>. Acesso em: 10 jan. 2020.

DEL PRIORE, M. **História da infância no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

ENGELS, F. **A origem da família, da sociedade privada e do Estado**. Tradução de Leandro Konder. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 224p.

DOSSE, François. **O Império do Sentido**: a humanização das Ciências Humanas. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

DUARTE, Paula Taborda; CRUZ, Manuela. **João dos Santos**: O Prazer de Existir. Lisboa: Artes Gráficas, Ltda, 1994.

FERNANDES, Rogério. Cultura de Escola: entre as coisas e as memórias. **Pro-posições**, v.16, n.1, p.19-39 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br>. Acesso em 20 jan. 2022.

FONSECA, Pedro Cezar D. (org.). **A Era Vargas**: desenvolvimentismo, economia e sociedade. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 78.

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. 8. ed. São Paulo, SP: Ática, 2003.

GROUX, Dominique; VOULGRE, Emmanuelle; COMBEMOREL, Christelle et LANGOUËT, Gabriel. **Réformer l'école? L'apport de l'éducation comparée**. Paris : L'Harmattan, 2017.

GUTIERREZ, Laurent; BESSE, Laurent; PROST, Antoine (org.). **Réformer l'école**: L'apport de l'Éducation nouvelle (1930-1970). Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 2012.

FORTIN, M. F.; GAGNON, J. **Fondements et étapes du processus de recherche**: Méthodes quantitatives et qualitatives: 3. ed. Montréal: Chenelière Éducation, 2016. 518p

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HOLANDA, P. H. C.; MORATO, P. J. (org.). **Pedagogia Terapêutica**: diálogos e estudos luso-brasileiros sobre João dos Santos. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

HOLANDA, P. H. C. João dos Santos: a Psicologia, a Psicanálise e a Pedagogia. In: CAVALCANTE, M. J. M.; HOLANDA, P. H. C.; LUSTOSA, F. G.; DIAS, R. B. (org.). **História de Pedagogia, Ciência e Religião**: discursos e correntes de cá e do além-mar. 1. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2016, v. 1, p. 71-89.

HOLANDA, P. H. C.; TORRES, A. L. M. M.; SERRA, R. F. F.; BORGES NETO, H. (org.). **Diálogos com João dos Santos Pelo Jardim das Amoreiras**: porque ainda há crianças e borboletas. 01. ed. Woking, Reino Unido: Producto Solutions Catalysis Ltda, 2017. v. 01. 170p

- INTERNATIONAL D'ÉDUCATION NOUVELLE. Disponível em: <http://www.unicaen.fr/recherche/mrsh/pen?num=62>. Acesso em: março de 2020.
- JAQUET-FRANCILON, François; D'ENFERT, Renaud ; LOEFFEL, Laurence. **Une histoire de l'école**: Anthologie de l'éducation et de l'enseignement en France XVIIIe- XXe siècle. Paris: RETZ editions, 2010.
- JARDIM INFANTIL PESTALOZZI: <https://www.jardiminfantilpestalozzi.pt>. Acesso em: 23 de agosto de 2018.
- JOÃO DOS SANTOS, MÉDICO PSIQUIATRA, PSICANALISTA, PEDAGOGO. Disponível em: <https://joaodossantos.net/>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.
- LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR. Curitiba: Disponível em: Artigo 10.pdf (scielo.br). Acesso em: 10 jan. 2022.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 2012.
- MAGALHÃES, Justino. Prefácio. In: BRANCO, Maria Eugénia Carvalho e. **Vida, Pensamento e Obra de João dos Santos**. Lisboa: Livros Horizonte, 2000. p. 9
- MAUCO, Georges. **Psychanalyse et Éducation**. Paris: Editions Aubier Montaigne, 1968. Colletion L'enfant et L'avenir
- MERCADANTE, Jefferson. "O discurso médico-higienista no contexto educacional brasileiro do século XX: Arthur Ramos, Escola Nova e higiene mental". **Intellèctus**, ano XIV, n. 2, 2015, p. 288-303.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO QUÉBEC. Disponível em: <http://www.education.gouv.qc.ca>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- MOURA, M. M. **As relações entre cognição e afeto, escola e família na sociabilidade e aprendizagem de adolescentes da atualidade**: uma análise à luz da pedagogia terapêutica de João dos Santos. 2019. 172f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2019.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. In. **Projeto História**, n. 10, PUC - São Paulo: 1993.
- NÓVOA, António; CANDEIAS, António; Manuel Henrique Figueira. **Sobre a Educação Nova**: Cartas de Adolfo Lima a Álvaro Viana Lemos (1923-1941). Lisboa: EDUCA, 2008. ISBN 9789728036102
- OHAYON, Annick; OTTAVI, Dominique; SAVOYE, Antoine (org.). **L'Education nouvelle, histoire, présence et devenir**. Bern, Allemagne: Peter Lang SA, 2007.
- PINTASSILGO, J.; ALVES, L. A. M. (Coord.). **Roteiros da inovação pedagógica**: Escolas e experiências de referência em Portugal no século XX/ Itineraries of pedagogical innovation: reference schools and experiences in Portugal in the twentieth century. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2019.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique (orgs.). **Sensibilidades na história**: memórias

singulares e identidades sociais. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 14.

PROST, Antoine. **Regards Historiques sur l'éducation en France XIXe – XXe siècles.**, Paris: Éditions Belin, 2007.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. A pergunta de Partida. In: **Manual de Investigação em ciências Sociais**. Lisboa, Ed. Gradiva, 1996.

SANTOS, João dos. **A Casa da Praia: o psicanalista na escola**. 5. ed. Lisboa: Product Solutions Catalysis, 2017.

SANTOS, João dos. **Ensaio sobre educação I: a criança quem é?** Lisboa: Livros Horizonte, 1991.

SANTOS, João dos. **A caminho de uma utopia: um instituto da Criança**. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

SANTOS, João dos. **Ensaio sobre educação II: O falar das letras**. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

SANTOS, João dos. **Prevenir a doença e promover a saúde**. Lisboa: Coisas de Ler, 2014

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

VIDAL, Diana Gonçalves. 80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 577-588, jul./set. 2013.